869.05
9R32

REVISTA LUSITANA

VOL. XXV 1923 a 1925 N.os 1-4

# HISTORIA DA LINGUA PORTUGUESA

## ORIGEM E VIDA EXTERNA

**SUMÁRIO:**

**Palavras prévias.**

**I. Civilização da Peninsula Iberica em geral, e da Lusitania em particular.**

**II. Romanização. — Implantação do latim na Peninsula Iberica: testemunho epigrafico; um texto de Estrabão. — Cultura literaria da Lusitania. — Latim literario, e latim popular em geral. — Latim popular da Iberia, e da Lusitania em especial.**

INICIADA a conquista da Peninsula Iberica pelos Romanos no seculo III a. C., e dominada esta pelos mesmos até o seculo V p. C., implantaram nela o latim, que depois se transformou em varios idiomas, entre os quais um, que de modo geral e teorico chamaremos *gallaico-portugalense*, e se fala ao Sul e ao Norte do rio Minho: ou *português*, como fórma principal, na margem esquerda, e *galego*, na margem direita.

Eis aqui um postulado que se torna necessario admitir desde já. Assim pensaram os nossos antigos filologos. Falando da gramatica latina, diz Barros: *cujos filhos nós somos* (1); e referindo-se aos Galegos, diz Duarte Nunes: *cuja lingoa e a nossa era toda quasi hũa* (2). E tem sido essa, com excepção dos celtómanos dos seculos XVIII-XIX, e de um ou outro individuo insulado, a opinião dominante entre nós até hoje, não só em gramaticos ou filologos, mas em historiadores, etc. A demonstração cabal, porém, de que o português (com o

619618

galego) é mera evolução ou continuação do latim (vida interna da nossa lingua) poderá sòmente dar-se comparando-se entre si as duas gramaticas. Por agora vamos considerar as circunstancias historicas que explicam a produção d'esse fenomeno glotologico, e estudar a vida externa da lingua portuguesa: constituição do seu lexico, uso que se tem feito d'ela no trato quotidiano e como orgão de literatura, suas relações com a civilização e com o ambiente social, sua expansão no mundo. Ao galego far-se-hão aqui e além algumas referencias, pois a vida externa e interna d'este dialecto ou co-dialecto tem de estudar-se separadamente.

O que aconteceu no Ocidente da Iberia, aconteceu semelhantemente em grande parte do resto da Romania ([3]), onde o latim se transformou nestas linguas: hespanhol, francês, provençal, sardo, italiano, reto-romanico, dalmatico (hoje extinto) e rumeno ([4]). Ao conjunto das linguas provindas do latim dá-se o nome de *romanço*, *romance*, ou *romanico*. Tais linguas chamam-se genericamente *romanicas*, *romances*, *novi-* ou *neolatinas;* as expressões mais usadas são a primeira e a última ([5]). Idioma romanico da Peninsula Iberica é também o catalão, que está muito aparentado com o provençal. Deixo de lado varios falares de restrita importancia.

Voltando ao nosso caso, convém, antes de tudo, dizer alguma cousa da civilização que os Romanos encontraram na Iberia quando cá chegaram, e principalmente da que se lhes deparou na Lusitania, — região em que está incluido quasi todo o territorio que ao presente se denomina PORTUGAL ([6]). Depois se falará da romanização.

## I

A Peninsula Iberica ou Hispanica ([7]) é habitada desde os mais remotos tempos prehistoricos (periodo da pedra lascada ou periodo paleolitico), embora dos primitivos habitadores não saibamos o nome (ou nomes), e só os conheçamos pelos restos da sua civilização, conservados *in loco*, e em museus. Descabido seria aqui discutir o problema das origens das populações da Peninsula; basta observar que esta, por causa da vizinhança do mar, das suas grandes riquezas naturais, e do seu clima benigno, atraiu em todos os tempos povos de diversas procedencias, que vieram ou como colonizadores, ou como conquistadores ([8]). Na aurora dos tempos historicos os

habitantes da Peninsula aparecem-nos mencionados nos autores classicos como *Iberos* ou *Hispanos* (vid. nota 7). O seu territorio invadiram-no na antiguidade, em diversas epocas, Fenicios, Ligures, Gregos, Celtas, Africanos, e por fim Romanos.

Quem diz *Iberos*, diz *Lusitanos*, e quem diz *Peninsula Iberica*, diz *Lusitania*. Quando os Romanos entraram na Iberia (sec. III a. C.), havia no territorio lusitanico muitas tribus, conhecidas da literatura greco-romana e das inscrições latinas por nomes tais como: *Cunei*, no Algarve; *Turdetani*, no Algarve e Alentejo (este povo dilatava-se pela Andaluzia); *Celtici* entre Guadiana e Tejo; *Turduli veteres*, entre Tejo e Douro; *Transcudani* e *Igaeditani*, na mesma região, para o Nascente; *Paesuri* ou *Paesures*, *Aravi* e *Colarni*, ao Sul do Douro; *Callaeci* e outros *Celtici*, do Douro para o extremo Norte da Galiza. Entre os ultimos distinguem-se os *Grovii*. Na região bracarense demoravam os *Bracari*; por Trás-os-Montes os *Zoelae*. Ao Norte do Minho, fóra pois do territorio português, viviam os *Coelerni*, os *Cileni*, os *Tamarci*, os *Neri*, os *Arrotrebae*. Havia ainda outras tribus cuja menção por brevidade se omite; além d'isso nem de todas as que deviam existir chegou notícia até nós.

O que sabemos da civilização da Lusitania é-nos revelado por autores antigos e pela Arqueologia. Ela não era uniforme: umas tribus parecem-nos mais civilizadas do que outras. As das regiões montanhesas, que são sobretudo o Minho, Trás-os-Montes e a Beira, habitavam em montes muralhados, onde as casas, agrupadas em bairros, eram por vezes redondas, como na Galia, no Norte de Africa, e noutras regiões antigas, e com as ombreiras graciosamente esculturadas; mas as coberturas eram de colmo ou de pedra. Um monte d'esta especie chamou-se na lingua dos Celtas da Lusitania *briga*, como se deduz de textos de Plinio e Ptolemeu. Com este vocabulo concorria, com analoga significação, **dunon*, latinizado em *dunum*. Algumas gentes do extremo Norte (*Callaeci*, etc.) tinham costumes muito primitivos: dormiam no chão duro, fabricavam pão de landes torradas, e comiam em loiça de pau.

Com esta barbarie contrasta a relativa civilização do Sul (Turdetanos), em que se fazia uso de escrita, como consta de Estrabão, e de espécimes lapidarios conservados no Museu Etnologico, e noutros. De enfeite do corpo serviam, tanto no

Norte, como no Centro e no Sul, braceletes e diademas de ouro, e fibulas de bronze e de prata, e bem assim colares de contas de vidro lisas ou oculadas. Os guerreiros, no Norte, traziam escudo redondo, e espada curta ou punhal. Na mesa dos ricos, á hora das refeições, ou nas cerimonias cultuais não faltava vasilhame de argila artistico, pintado ou gravado, e tambem de prata.

Na religião mais antiga descobrem-se elementos de caracter naturalistico, o que igualmente acontece noutras partes da Iberia: veneração de ágoas, montes, etc., em que se reconhecem espiritos que depois se elevaram á categoria de deuses e deusas locais (rudimentares), com os nomes de *Mirobieus, Nabia, Endovellicus, Ataegina*...

Praticava-se muito a agricultura: emquanto os homens andavam na guerra, á caça, ou á pesca, as mulheres trabalhavam pacificamente o campo, que produzia cevada, trigo, vinho. A par com a agricultura exerciam os Lusitanos o pastoreio, e tanto, que um dos seus herois mais notaveis foi Viriato, pastor ou senhor de gados, e em actos de culto religioso sacrificavam um bode a um deus marcial.

Da lingua ou linguas dos Lusitanos nos dá amostras (além do que fica mencionado), a Epigrafia, em nomes de pessoas, como: *Amminus, Arquius, Camala, Coronerus, Lovesus, Medamus, Tongius*, e a Geografia, em nomes de povoações e rios, como: *Abelterium, Aeminium, Balsa, Bracara, Caladunum, Cales, Conímbriga, Collipo, Equábona, Longóbriga, Miróbriga, Munda, Myrtilis, Ossónoba, Talábriga, Vácua.* O vocabulario usual continha, em comum com o resto da Iberia, por exemplo (de várias origens): *arrúgia, baca, barca, cantus*, ou *canthus, córrugus, cuniculus, lancea, láusia, páramus, sarna.* Os nomes proprios indigenas apresentam ás vezes em inscrições mais de uma fórma como: a) *Endovellicus*, já citado, que tem as variantes *Endovelicus, Endovollicus, Endovolicus, Enobolicus, Indovelicus;* b) *Lovesus*, a par de *Lobessa* e de *Lobesa.*

Pelo que toca á organização social, já vimos que os Lusitanos estavam distribuidos em tribus. Cada uma tinha verosimilmente seu régulo, e todas eram muito valentes e aguerridas (9).

Referindo-se quer á Lusitania, quer á restante Peninsula, onde havia tribus semelhantes ás d'ali, diz Herculano em seu estilo magestoso: «Ajudada pela superioridade da sciencia militar, a superioridade da civilização romana devia ter

acção immensa nessas sociedades imperfeitissimas dos indigenas, aos quais faltava o vinculo da unidade nacional, e que, misturados com as raças phenicia, grega e carthaginesa, tinham tomado costumes, *vocabulos* e ideias de cada um d'estes povos, sem que esses elementos adventicios tivessem tempo sufficiente para se incorporarem no elemento celtico e formar com elle um todo compacto e homogeneo capaz de resistir á influencia civilisadora de Roma» ([10]). Consoante mostra a Arqueologia, as sociedades ibericas, apesar de imperfeitas, não o seriam tanto como Herculano supõe; o que havia, sim (por natureza), era falta de unidade, e isso já Estrabão o notara ([11]).

## II

Se os Romanos chegaram á Iberia, como se disse acima, no sec. III a. C., isto é, em 218, o seu contacto com os Lusitanos, segundo as memorias escritas, data só de 193. A conquista da Lusitania começou do Sul para o Norte. A luta entre os dois povos foi tenaz, e a resistencia dos Lusitanos heroica. Varios periodos podem estabelecer-se na historia da conquista.

Em 189 a. C. os Cuneos estavam já submetidos aos Romanos. De 147 a 139, traça Viriato com a folha da sua espada uma das páginas mais brilhantes dos anais da antiguidade: a valentia que mostrou em resistir aos Romanos só pôde ser vencida por traição. D'ele canta o nosso Poeta:

> .. de homem forte os feitos teve,
> Cuja fama ninguem virá que dome,
> Pois a grande de Roma não se atreve ([12]).

Decimo Junio Bruto avassalou os «castros» ou *brigae* do Minho e da Galiza, de 138 a 84 a. C. Os Lusitanos, vendo-se sucessivamente dominados pelos Romanos, voltaram-se para Sertorio, na esperança de obterem alguma libertação: a guerra sertoriana contra Roma durou de 89 a 72. Sertorio prestou serviços á civilização peninsular; todavia eles manifestaram-se apenas na parte hespanhola da Iberia, pois o que se conta da acção de Sertorio em Evora não passa de pura fábula. Do ano de 61 ao de 25, Cesar e Augusto terminaram a conquista: Augusto estabeleceu na Peninsula uma colonia para recom-

pensa dos reformados ou *emeriti*, pelo que esta se chamou *Emerita Augusta*, a que hoje corresponde Mérida, na Hespanha.

Com a conquista romana afluiram á Iberia, e entende-se, á Lusitania, novas gentes, não só de Italia, senão das mais desvairadas terras: Germanos, Bizantinos, Capadocios (segundo uma emenda epigráfica de Hübner). Nessa epoca aparecem-nos testemunhados na Peninsula, pela primeira vez, os Judeus, que, como é sabido, tanta influencia exerceram na constituição etnica e na historia social e economica de Portugueses e Hespanhois.

Os Romanos, ao mesmo tempo que conquistavam, iam administrando o territorio, implantando nele a sua civilização, para o que fizeram da Peninsula várias divisões, a mais importante das quais se efectuou nos primeiros tempos do imperio, em tres provincias: Tarraconense, Betica, e Lusitania, a primeira e a última administradas pelo imperador, a Betica pelo senado. Cada provincia subdividia-se em circunscrições chamadas *conventus*. Á Lusitania correspondiam tres emeritense com séde em Emerita (Mérida); pacense, com séde em Pax Julia (Beja); escalabitano, com séde em Scalabis ou Scallabis (Santarem). Na Tarraconense contavam-se sete, um d'eles, o bracaraugustano, com séde em Bracara Augusta (Braga). Na Betica havia quatro: ao hispalense pertencia a nossa região de além Guadiana.

As povoações importantes (municipios, colonias) tinham administração propria: *ordo decurionum*, *aediles*, *praetores*. Havia na Lusitania povoações de origem indigena; as já em parte citadas acima, *Myrtilis*, etc., que realmente conhecemos por documentos da epoca romana; havia outras, que, pelo menos quanto aos nomes, datavam d'esta epoca, por exemplo: *Aquae Flaviae*, *Pax* ou *Pax Julia*, *Salacia*; ou que, embora provindas de tempos pre-romanos, tiveram então certo brilho, pois receberam epitetos honorificos latinos, por exemplo: *Ebora Liberalitas Julia*, *Olisipo Felicitas Augusta*. Várias povoações cunharam moeda sua, como as já mencionadas *Ebora*, *Myrtilis*, *Pax Julia*, *Salacia*. Além d'isso todo o territorio se cobriu de quintas ou *villae*, mais ou menos ricas, e atravessavam-no muitas estradas militares ou *viae*, cuidadosamente construidas. Tanto das *viae* como das povoações *(oppida, urbes, vici)*, e das *villae* restam ainda muitos vestigios.

Sob o dominio do povo-rei certas industrias que data-

vam de epocas antigas floresceram muito, como a das minas, a olaria, a ferraria, e industrias domésticas. As casas, que eram d'antes colmadas ou lousadas, cobriam-se agora de telhas *(tegulae, imbrices)*, e pavimentavam-se de mosaicos, como em Tralhariz, Braga, Condeixa, Leiria, Santa Victoria do Ameixial, Faro, de alguns dos quais se guardam belas amostras no Museu Etnologico. Activava-se o comércio de exportação, e importação: exportavam-se, por exemplo, frutas e minerios, importava-se ceramica e objectos de vidro e de bronze. A lingua latina, como vimos das palavras citadas ha pouco, derramava-se por toda a parte. Leis especiais, escritas nela, regulamentavam certas empresas, como a *lex metalli Vipascensis* (Aljustrel). Davam-se espectaculos publicos, testemunhados por um teatro em Lisboa e um *circus* em Tavira.

Á religião indigena sobrepôs-se a romana: ao lado de divindades de aspecto barbaro principia a adorar-se longa lista de divindades romanas, de um canto ao outro da Lusitania, como: *Aesculapius, Juppiter, Mercurius, Minerva, Serapis, Venus*, que por fim suplantam as outras, e ficam, por assim dizer, senhoras do campo. No entanto o coração nunca se aquieta, nem o dos homens, nem o dos povos. Crenças que ha pouco eram vencedoras, são para logo abaladas e vencidas: com o paganismo, após quatro ou cinco seculos de existencia, concorre na Hispania romana o cristianismo, do qual ha provas na Lusitania desde o sec. II ([13]).

Insistamos agora no elemento civilizador que para o nosso intuito mais significa: a propagação da lingua dos Romanos na Peninsula. Que a propagação foi muito lata o mostra imediatamente o grande número de inscrições latinas d'esse tempo, encontradas a esmo por quasi toda a Iberia, e gravadas em pedra, metal, barro cozido, etc. As inscrições hispano-lusitanas conhecidas dos arqueologos andam por 7.000 ou 7.000 e tantas ([14]). As de Portugal não são menos de 1.100; e só o Museu Etnologico, que existe apenas desde os fins de 1893, possue para cima de 280 ([16]). E ha-de entender-se que muitissimas se perderam, e que outras estão ainda por descobrir. Nas inscrições, que, segundo se vê dos nomes das pessoas que aí figuram, se referem a Romanos (de modo geral), e a indigenas ou Ibero-Romanos, revela-se tudo o que constituia o viver, ainda o mais íntimo, das populações peninsulares: trato familiar e trato social *(pater, mater, filius, filia, avus, avia, avunculus, consobrinus, socer, cognatus, cognata,*

*conlactia, servus, serva, vernaculus, vernacla, domestici, libertus, sodalis, hospes, heres);* declaração de sentimentos de afecto reciproco, e de ventura *(amo te,* num anel; *salve tu,* num vaso de argila; *annum novum faustum felicem mihi hunc!* numa candeia — entende-se que foi mandada fazer para ser estriada no dia 1.º do ano, acaso num santuario); legados ou deixas *(ex testamento);* trajos e enfeites do corpo *(annulus aureus gemma meliore,* de uma inscrição religiosa; *tunica, indusium);* a casa *(domus),* com seus utensilios *(mensa, scamnum)* e seu vasilhame *(amphora, phiăla argentea, patera),* ás vezes aberta para um jardim *(hortus);* os animais domésticos (.. *qui mulos mulas asinos asinas caballos equas sub praecone vendiderit,* numa tabula aenea da mina de Aljustrel; *scrofa cum porcis triginta);* o celeiro *(horreum* e *horreus;* cfr. *tabernas et posthorreum);* a cidade, com seus *aedificia,* guarnecida de *muri,* e adornada de *arcus;* a praça *(forum),* onde se erguem *statuae* de pessoas bemquistas da localidade *(ob merita in coloniam),* ou de deuses *(signum aeneum Martis in foro positum),* e por onde o *patronus* passeia acompanhado de *clientes* submissos; aqueductos *(aquam ducere),* canais *(fistulae),* e *pontes;* o mercado *(macellum),* rico de comestiveis, que o escravo vai comprar para a sua senhora *(domina);* industrias de toda a especie, como o mostram estes nomes de mesteirais: *serrarius, caelator, marmorarius, fullo; margaritarius, architectus; auriga; navicularius, piscator; musicarius; aquilĕgus* ou vèdor; profissões liberais *(grammaticus, medicus);* banhos *(balinea, thermae),* muito freqüentados e concorridos, com salas de distracção e santuarios; festas e espectaculos *(ludi; circus; theatrum; proscenium et orchestra cum ornamentis; certamen barcarum);* banquetes públicos *(epulum populo datum),* e generosidades de gente rica *(sportulae civibus datae);* instituições militares *(exercitus, legio, cohors, ala, eques, signĭfer, imaginĭfer, tribunus militum);* todas as relações municipais e sociais: tribus, cargos públicos, govêrno de consules, memorias de imperadores *(Publius Cornelius Macro a divo Claudio civitàte donatus, quaestor, duumvir; Quintus Antonius Galeriā Celer; imperatori Caesari Lucio Domitio Aureliano respublica Ossonobensis dedit dedicavit);* respeito das divindades *(dii, deae),* testemunhado em suplicas e em efusivos agradecimentos *(vota animo libenter posita);* temor da morte, e saudade deixada pelos que se foram do mundo *(sit tibi terra levis! coniugi rarissimae et sanctissimae; servo benemerenti; mater*

*infelicissima; filius suavissimus suis)*, ideias que são sempre tão tristes, que ás vezes se atribue ao morto uma frase, como esta, dirigida ao viandante que lhe passa perto do sepulcro, e arrancada do peito com a dor de quem já não vive, e gostaria ainda de viver: *ave et vale!* ([16])

A expressão, em lingua latina, de tantas particularidades da vida doméstica e da vida colectiva bem deixa ver, como disse, que essa lingua se tornára geral. Com efeito a necessidade de os naturais se entenderem com os conquistadores, imposta pelas multiplas relações usuais; o periodico ir e vir de comerciantes, que traziam produtos agrarios e industriais da Italia, e levavam outros da Iberia; o funcionamento de escolas, como a de que se dá conta numa inscrição vipascense (sec. II); casamentos; fundação de colonias *(Emerita, Pax Julia, Scallabis)*; o desejo, freqüente nos Barbaros ([17]), de se aproximarem da classe de cidadãos romanos (quando as povoações recebiam distinções honorificas, — vid. supra, — como não as ambicionariam simples individuos?); o constante esfôrço da Igreja para alcançar prosélitos, a quem prègava, e ensinava a rezar em latim: tudo isso fazia que a lingua falada em Roma, no Lacio, na Italia, se espalhasse o mais possivel em terras ibericas. Existe a este respeito um precioso texto de Estrabão, pelo qual sabemos que os Turdetanos, principalmente os da margem do rio Betis, hoje Guadalquivir, já no tempo em que escreveu o geografo, sec. I da era cristã, estavam de tal modo identificados na civilização romana, que até haviam esquècido a sua linguagem, substituida, entende-se, pela latina ([18]). Com excepção das provincias Vascongadas, cujo idioma, o biscainho (vasconço, vasco, ou basco) proveniente, como se crê, de eras remotissimas, dura ainda agora ([19]), podemos supor que a mesma substituição se iniciaria cêdo na restante Peninsula, ainda que não levada a cabo de uma vez, pois até o primeiro quartel, ou primeira metade, do sec. II, aparecem vagas notícias de outros falares nacionais ([20]). Para a pronta romanização dos Turdetanos contribuiu sem dúvida o estado de civilização em que eles viviam, e a que ha pouco se aludiu. Quando um povo pertende conquistar outro, a civilização d'este influe muitas vezes no modo da conquista, ora facilitando-a, como aqui, ora retardando-a ou repelindo-a ([21]).

Visto que a Lusitania é a região que sobretudo nos importa, — *abiere tandem in Romanorum mores Lusitani, et civi-*

*litatem linguamque Latinam, sicut et Turdetani, accepere* ([22]), — vai aqui transcrever-se na íntegra uma inscrição latina de Portugal *(carmen* epigrafico), que, apesar de breve, serve de complemento ao que fica exposto, e de exemplificação mais concreta de como ao afastado Ocidente da Europa chegou um eco de cultura literaria. Esta inscrição, que está em uma lapide encontrada em Idanha-a-Velha, ora existente no Museu Etnologico Português, constitue o epitafio de um *Igaeditanus*, e diz:

*Pubescens ego nec veritus miserabile funus*

ANCEITVS CELTI:

*Fata tulei brevia: heic situs: heic cineres este quietei!* ([23])

Dos progressos da instrução geral promovidos pelo derramamento do latim resultou que a Iberia honrasse a literatura romana com muitos nomes ilustres; entre nós mesmos, segundo todas as probabilidades, nasceu ou viveu um na Lusitania, de nome *Cornelius Bocchus*, que se ocupou de historia natural: não obstante haverem-se perdido os seus escritos, conserva-se menção d'eles, ou trechos, em obras de autores antigos, Plinio, por exemplo ([24]).

Em todas as nações, porém, onde se cultivam as letras, usa sempre o povo, e com ele, em certas circunstancias, as classes cultas, ou um idioma patrio, que nada tem com o oficial, ou uma fórma especial d'este, ou emfim um dialecto. Assim, ao lado do alemão, lingua oficial do antigo imperio da Austria, falam os Boemios o txeque (cheque); ao lado do atico, ou grego propriamente dito, falavam outr'ora os Helenos, entre varios dialectos, o eolico, em que poetou Safo; ao lado do inglês dos *lords* usam os Cockneys expressões que são tidas por menos apuradas. Em Roma tambem no convivio familiar das pessoas cultas entre si ou com o povo urbano e suburbano, e na linguagem d'este, havia vocabulos, expressões, fórmas verbais, maneiras de pronunciar, que nem sempre eram exactamente o latim dos escritores, mas que em parte continuavam, com especiais modificações, o latim arcaico, do tempo em que não havia ainda literatura, pois só o aparecimento ou desenvolvimento d'esta fez que o primitivo falar do Lacio se scindisse sucessivamente em lingua literaria (ou escrita) e lingua popular ([25]), isto é, se definissem

duas fórmas de uma mesma lingua (e não duas linguas diversas, ou opostas uma á outra), fórmas que, como era natural, estiveram sempre mais ou menos em contacto entre si, exercendo acção reciproca. Á fórma popular, que era a unica realmente viva, chamaram os proprios Romanos: *sermo cottidianus*, *pedestris*, *plebeius*, *proletarius*, *rusticus*, *vulgaris* ([26]). Os filologos modernos costumam dizer «latim vulgar» ou «latim popular», e eles se têm empenhado em descortinar nas escassas fontes, em que esse latim se revela, quais os seus caracteres, e qual a influencia que recebeu das várias linguas e civilizações com que na vasta extensão do *orbis Romanus* esteve em relação, desde o comêço da conquista ([27]). O latim vulgar da Iberia, tal como o conhecemos pelas inscrições que nos ficaram do passado, nas quais os canteiros ou os gravadores deixaram marcados, ao lavrá-las, apreciaveis descuidos de linguagem, ou transcreveram vocabulos de cunho local, foi estudado sapientemente por A. Carnoy em *Le latin d'Espagne* ([28]), onde se ocupa sobretudo da fonologia, morfologia e vocabulario. Para este estudo serviu-se do vol. II do *Corpus inscriptionum Latinarum* de E. Hübner, e seu Suplemento e Aditamentos ([29]), e bem assim de artigos publicados em jornais de Hespanha, Portugal e França ([30]). No Suplemento do *Corpus* o epigrafista alemão indicára os principais fenomenos gramaticais; Carnoy ampliou e metodizou. A sintaxe serviu de objecto a outro bom trabalho: *Notes on the syntax of the Latin inscriptions found in Spain* por H. Martin ([31]), o qual depois escreveu um artigo, II — *Spanish inscriptions (Additional Comment)*, em que estudou alguns fenomenos de morfologia e de semantica ([32]). Tanto este autor como Carnoy mencionam abusivamente nos titulos apenas a Hespanha, mas tambem falam de Portugal.

Não encontram os filologos no latim peninsular particularidades grandes que lhe dêem lugar muito visivel no conjunto do *sermo cottidianus* da Romania: raramente aí surge um fenomeno a que não se descubram paralelos noutras regiões (os proprios Carnoy e Martin tiveram o cuidado de os indicar): o que pode observar-se é a maior freqüencia de um ou outro fenomeno, ou uma exemplificação mais especial. Mas, em suma, para se avaliarem algumas das feições da lingua que falaram os nossos antepassados da epoca romana, lingua que, em evolução ininterrupta, veio a ramificar-se, transformando-se, de um lado, em hespanhol, e do outro, em

português, convém que, conforme fizeram os AA. citados, se registe tudo. Pena foi que tão pouca cousa nos legasse a antiguidade! Faltam-nos textos lusitanicos ou hispanicos escritos completamente, ou quasi completamente, em vulgar, como os que Stolz incluiu na sua Historia da lingua latina (Göschen), p. 116-125. Os reflexos da lingua plebeia aparecem avulsos, como nesta inscrição de Viana do Alentejo: *D(iis) M(anibus) s(acrum). Maria Euprepia, quai Fate concesserunt vivere anis 45 (hic sita est). Benemerenti Modestus coniugi sue posuit.* Nela se nota *quai* por cui, *Fate* = Fatae, plural de *Fata* (divindade), *sue* = suae, *concesserunt vivere* em vez de oração infinitiva ou conjuncional, construções mais usuais ([33]). Os pedreiros ou inscultores, quando lavravam uma inscrição, não pertendiam escrever latim rustico, pertendiam escrever latim literario, segundo os modelos que os verdadeiros autores das inscrições lhes davam, ou segundo formularios que havia ([34]): os vulgarismos gramaticais do seu falar natural escapavam-lhes por falta de atenção ou por ignorancia; só os vocabulos dialectais ou de acepção dialectal eram introduzidos de proposito. Ás vezes os vulgarismos provinham dos redactores dos textos. Por estas razões, e tambem porque já não existem todos os letreiros que na epoca romana se fizeram, e os que existem estão cheios de fórmulas estereotipadas, ou pelo geral são pouco extensos, não conhecemos inteiramente o latim vulgar. O que digo, se se aplica em particular á Hispania, ou á Lusitania, de que estou falando, aplica-se de modo semelhante ás outras provincias romanas onde o latim foi lingua viva.

Sem ter de estudar aqui desenvolvidamente o latim vulgar que se falou na Hispania, vou contudo dar sumária ideia d'ele, exemplificando meia duzia de fenomenos respeitantes á Lusitania portuguesa (quem desejar desenvolvimentos leia os precitados trabalhos de Carnoy e Martin). — Os numeros que indíco adiante das palavras latinas são os dos §§ do vol. II do *Corpus*.

Começarei pela fonetica:

O adjectivo *Ulissiponensis* 124 denota que a cidade que é hoje capital de Portugal, e aparece na maioria dos textos antigos mencionada com o nome de *Olisipo*, se chamou algum tempo *Ulisipo:* cf. *Religiões da Lusitania*, II, 30.

Em *munimentum* 149 e 266, duas vezes (por *monumentum* ou *monimentum)*, que aparece tambem fóra da Iberia,

teremos influencia de *munimentum*, como quer Carnoy, p. 55. D'este plebeismo dá Georges, *Lex. der lateinischen Wortformen*, exemplos em inscrições de Napoles.

Em *dómenus* 5552, por *dominus*, e em *scaurea* 5181 = *scoria*, o *i* postonico atenua-se em *e*; em *Indovellecus* (nome de um deus) 6269, por *Endovelicus*, nota-se o mesmo fenomeno, e juntamente mudança de *en-* atono em *in-*. Observa-se sincope de *u* em *vernaclus* 369, e *vernaclam*, nas *Religiões*, II, 132; cf. a fórma classica *vernaculus*. São fenomenos muito gerais.

De duas vogais seguidas, em *cortis Lusitanorum* 5238 a par de *chortis* 403, 432, por *cohortis*, suprimiu-se a atona (Georges cita exemplos de *cors* e *chors* na propria literatura).

Em *Antistia* = Ἀνθεστία numa inscrição de Lisboa do sec. I, que creio inédita, teremos um protótipo de *Umlaut* (que depois veremos na Gramatica).

Ditongos: *e* por *ae* em *Gallecus* e *Galleci* 2551 e 2555 (cf. *aeius* 205 = *eius*), e por *oe* em *amena* 5570; *o* por *au* em *Clodius* 50, 51, e *O Arch. Port.*, V, 175 (mas *Clodius* é tambem fórma classica), e em *Oriclo* n-*O Arch. Port.*, VII, 246; ás avessas *scauria* e *scaurea* 5181 = *scoria*.

O desaparecimento do *h* em *cors* por *chors* ou *cohors*, já citados, deu-se igualmente em *Elvina* 136, *Elvia* 136, *osp[es]* 18: acêrca d'este fenomeno fonetico vid. *Revista Lusitana*, I, 73, ou os meus *Opusculos*, I, 200-201.

A fórma *Primitius* (em L. *Terentius Primitius*) 319 mostra quéda de *u* na terminação *-iuus*; quéda analoga se observa em *perpetum* 194 (*in perpetum*), e em *iuat* 5186 por *iuuat*; cf. *iuentuti* 45. Aqui *u* representa *uu*. D'estes fenomenos fonetico-ortograficos tratou Niedermann, *Phonétique hist. du latin*, Paris (Klincksisck), 1906, p. 86-87.

Em *qua* = *quam* 5185, *statua* = *statuam* 5175, *mense* = *mensem* (vid. *O Arch. Port.*, VII, 246), caiu o *m* final, fenomeno muito vulgar na epigrafia; em *faciendu* = *faciendum* 214, póde o *m* não ter sido gravado por falta de espaço, visto que a palavra está em fim de linha.

Fenomeno notavel, que tem já sido discutido por varios filologos, é o que se observa em *imudavit* 462, numa inscrição achada ao pé de Emerita, referida á deusa *Ataegina*, que tambem teve culto em terras hoje portuguesas (*Religiões da Lusitania*, II, 146-161). Se *imudavit* está por *immutavit*, temos

aqui simplificação de *m* duplo, e abrandamento de *t* intervocalico. Meyer-Lübke in *Zs. f. rom. Philol.*, XXXV, 244, pensa que em vez de *imudavit* seria *immundavit*, mas o sentido não é de mancha, é de roubo; Jud in *Romania*, XLV, 551-552, acha insolita, já no sec. II, a transformação de *t* em *d*, e sem recusar de todo como base o verbo *mutare*, pergunta se no espirito do autor da inscrição não haveria confusão entre *mutare* e *nudare*, pelo que o gravador poria *imudare* em vez de *innudare*, o que tudo é bastante complicado. A nenhum dos que se têm ocupado da inscrição ocorreu que *Ataegina*, nome da deusa, que, por causa da explicação etimologica (*Religiões*, II, 161), parece primitivo, se encontra algumas vezes com a forma *Adaegina*, onde está paralelamente *d* por *t*.

Exemplos como *adque* 2205 (Galiza) e 2314 (ibidem) = *atque*, *aliut* 5181 = *aliud*, *aput* 292 = *apud*, *quot* 144 = *quod* mostram que *t* final soava *d*; não sendo assim, não poderia ter-se confundido *t* com *d*, e *d* com *t*. É tambem corrente este fenomeno.

NS > s: em adjectivos geograficos, como *Colliponesis* 339, 353 = Colliponensis, *Eboresis* 339, *Laquiniesis* (vid. *Religiões*, II, 195), e cf. *Olissiponessis* 214, com *s* representado por *ss*; noutras palavras, como: *libes* 363 = libens, *mes[es]* 5150 = menses ou mensibus, *impesam* 34 = impensam, *mesuram* 5181 (linha 47 da p. 789: Aljustrel) = mensuram. Tão antiga era já em Roma a redução de NS a *s*, que a palavra *consul* se abrevia ordinariamente nas inscrições em COS, isto é, *cosul*.

NN > n: *ano* 20, *Hereniana* 5149 (Galiza).

Varios fenomenos: *quatri(du)um* 21 = quadriduum, por influencia de *quatuor* ou *quattuor*; *milis* (vid. *Religiões*, II, 229).

Minucias ortograficas: *c* por *g* em *Valabricensis* 5561, o que é freqüente; *ss* por *s* em *possit* 2601 (Galiza, cfr. *Religiões*, III, 205), por *posit* < > *posuit*; *pleps* 34, 53 (grafia muito usada na epigrafia geral), *opsequentissimus* 391; *scribtum*, por *scriptum*, na 2.ª tabula de Aljustrel; *conventuus* = conventus (*Religiões*, III, 342; e cf. Martin, p. 401); *uxsor* e *vixsit* n-*O Arch. Port.*, VIII, 164 e 171, as quais nada têm especial. Fórmas arcaicas, ou com ortografia arcaica: *clavom* 5181, *Flavos* 2502, *Calvos* n-*O Arch. Port.*, XVIII, 1. Aqui pertence *couos* (Varrão), que deu *côvo* em português: cf. Mohl, *Chronologie*, p. 24.

Morfologia:

Confusão de declinações: *dibus* M(anibus) na *Revista Archeolog.*, II, 172, e *dibus Successis* nas *Religiões*, III, 311-312, por *diis*, o que não é raro na epigrafia geral: cf. Georges, *Wortform.*, p. 210. Em *ex responsu* 6265, e *ex votu* 5136, houve permuta com a 4.ª declinação (cf. Carnoy, p. 220), ou mais provavelmente quéda de *m* em *ex responsum*, e *ex votum*, com falso emprêgo da preposição de ablativo com acusativo (vid. infra).

Mudança de genero: *hic munumentus* 266 = hoc monumentum.

Nos pronomes temos: *mi* (por mihi) 59, correntissimo nos poetas latinos; *ipse* (pronome enfatico) 159 por *is*, em *ex testamento ipsius* (cf. Mohl, *Chronologie*, p. 27, e Carnoy, p. 247); *quaei* 89 = *cui* (vid. supra, e cf. Carnoy, p. 245).

Nos verbos, além de *curarunt* 5214, *renovarunt* 2420, com *-arunt*, usual em latim literario, dá-nos a epigrafia *possit*, já citado acima. No texto do juramento dos habitantes de *Aritium Vetus*, do ano 57 da nossa era (*Corpus*, II, 172), lê-se o verbo *faxint*, onde Carnoy, p. 251, vê uma prova de arcaismo do latim iberico; mas, como ensina Madvig, *Gram. Lat.*, § 115 (trad. port. do S.or Epiphanio Dias, p. 105), «na lingua classica manteve-se de *facio* .. o futuro conjuntivo *faxim* nas phrases optativas, como presente do conjuntivo: *faxis, faxit, faximus, faxitis, faxint*». E optativo é de facto o juramento.

Formação de palavras:

Em *versuculus* 391, o sufixo *-culus*, como já diz Carnoy, p. 69, soldou-se directamente a *versus*, por este ter o tema em *-u*. Palavras que, quanto sei, só apareceram ainda na Lusitania são *laciculus* (de *lacus*), e *aedeolum* «ediculo» (de *aedes*): cfr. *Lições de Philologia*, p. 14, nota 1. Não proprio da Lusitania, mas aí bastante usado, é o sufixo gentilico *-icus*, por exemplo, em *Albius Albicus* 99 (cf. Cagnat, *Cours d'Épigraphie lat.*, 3.ª ed., p. 151, e Carnoy, p. 234). Em *coiug[i]* 110 observa-se redução do prefixo *con- (cum)* a *co-*, o que aconteceu noutras provincias romanas (vid. Georges, *Wortformen*, s. v.), e cf. em latim classico *coicio* = conicio. Mostram recomposição *conlato* 34, 53, = collato, *conlactia* (vid. *O Arch. Port.*, I, 253) = collactea. Em *maesolium* 214, *misolium* 5144, por *mausoleum*, não podemos ter *ĭ* por *e*, como quer Carnoy,

p. 58, porque o *e* de *mausoleum* é longo, mas teremos talvez troca de terminação: *-oleum* por *-olium*, o que julgo confirmado por *mesolum* ou *maesolum*, citado por Georges, *Wortformen*. Tanto a palavra *mausoleum* soava estranha ao ouvido dos povos latinos, que uma glossa (em Georges) apresenta *musoleum*, com o princípio da palavra modificado, segundo parece, por influencia de *Musa*.

Segue-se falar de Sintaxe, mas pouco póde respigar-se. Em *cum Pacatinum* 405, *pro salutem* 177 e 5207 tanto póde ver-se emprêgo de preposições de ablativo com acusativo, como com ablativo, visto que para o ouvido era indiferente escrever *Pacatinum* ou *Pacatino*, *salute* ou *salutem*. Exemplos da mesma especie são: *cum quam* n-*O Arch. Port.*, VII, 246 e *ara posuit* nas *Religiões*, II, 342. Cf. o que acima se disse do *m* final.

Em *Conimbrica natus* 391 está o ablativo (por locativo), segundo o que acontece com os nomes de cidades da 3.ª declinação, e ás vezes da 2.ª (cfr. Krüger, *Gram. der lat. Sprache*, Hanover, 1842 p. 519, e Draeger, *Hist. Syntax*, Leipzig, 1878, p. 519, que mencionam *Lavinio*, *Arimino*, etc.). Acusativo do plural por nominativo, fenomeno que no romanço iberico depois se tornou normal, temo-lo, se não houve êrro do lapicida, em *filias* 38, numa inscrição em que tambem se lê *marita* = *uxor*. De *concedere vivere* falou-se supra.

Lexico:

O lexico do latim lusitanico, ou melhor, do latim hispanico, era constituido de duas classes de palavras, conforme a proveniencia: palavras de origem pre-romana, isto é, pertencentes ás linguas locais, e adoptadas pelos Romanos; e palavras latinas, ou criadas consoante as normas da gramatica latina. O lexico dos Romanos era, por sua vez, formado de palavras de vária origem: latinas propriamente ditas, gregas, etc.), mas d'isso não me pertence aqui falar.

Palavras pre-romanas da lingua comum e do onomastico, vimos algumas supra, p. 8, quando me ocupei da civilização dos indigenas. Tanto elas entraram no vocabulario dos Romanos da Iberia, que só as conhecemos por intermedio de textos epigraficos, ou de citações feitas por autores latinos.

Palavras da segunda classe, isto é, palavras latinas, ou

formadas segundo normas latinas, vimos já tambem algumas no decurso do estudo que estou fazendo do *sermo vulgaris.*

Outras são, por exemplo:

*centuria*, se ○ em certos textos epigraficos oculta sentido geografico-etnico (cf.: *Religiões* III, 412, nota 1; Hübner, *Corpus*, II, 1064; e Martin in *American Journ. of Philology*, XXXV, 410, artigo já acima mencionado);

*mysticus* (em lingua religiosa: *Religiões*, III, 332);

*oppodum* por *oppidum*, num carme epigrafico (fragmento) do aro de *Pax Julia*, gravado numa pedra que hoje está no Museu Etnologico (Georges, *Wortformen*, cita outros exemplos colhidos no *Corpus*, I);

*quadrata*, de sentido especial *(Religiões*, III, 469-472);

*solutorius*, epiteto de *Juppiter (ibidem*, p. 226; aparece noutras inscrições da Peninsula).

E as seguintes, de caracter tecnico, que se lêem nas duas tabulas de Aljustrel, a primeira publicada no *Corpus*, II, 5181, a segunda estudada por R. Cagnat e Cuq ([35]): *occupator, ostilis, perculae, pittaciaris (pittaciaria), recisamen, rutramen, scaurarius, ternacus & ternagus*, algumas d'elas discutidas por Carnoy, p. 257-259. Na tabula 1.ª de Aljustrel lê-se tambem: *caballus* = equus; *calfacere* (fórma sincopada de *calefacere)*, vulgar na epigrafia geral; *lausiae*, adjectivo (de *lausa)* em concordancia com *lapides* (como feminino).

Aos poucos vocabulos, de cunho mais ou menos popular e local que ficam transcritos, adicionarei, por estarem documentadas, duas series de outros, colhidos em inscrições da Lusitania portuguesa, os quais, não obstante pertecerem ao latim literario, pertenciam juntamente ao vulgar, o que bem se vê. São vocabulos comuns e nomes proprios. Todos, como em ocasião oportuna se dirá, hão de passar á lingua moderna, ou com a mesma significação que tinham, ou com mudança de significação, ou de categoria gramatical.

Serie 1.ª, vocabulos comuns:

*a)* substantivos: *ager, aqua, causa, civitas, decretum, denarius, forma, hora, inimicus, lux, maritus, mors, mula, mulus, nox, ordo, pars, passus, puteus, salus, sanguis, sedes, sol, somnus, taberna, vena, vicus.*

*b)* adjectivos, participios e numerais: *beatissimus* (isto é, *beatus)*, *bonus*, *factus*, *malus*, *magnus*, *natus*, *primus*, *Romanus*, *sanctus*, *secundus*, *unus*.

*c)* pronomes: *ego*, *meus*, *sua*, *qui (quae)*, propriamente *quid & quem*.

*d)* verbos: *cadere*, *curare*, *dedit*, *est (sunt, fuerint)*, *fecit & faciat*, *lavare*, *praestare*, *ponit*, *vivere*.

*e)* particulas: *ad*, *contra*, *cum*, *de*, *et*, *ex*, *hīc*, *in*, *per*, *pro*, *si*, *sub*.

Serie 2.ª, nomes proprios:

*a)* de pessoas: *Albinus*, *Amanda* (isto é, *amare)*, *Amaranthus*, *Amoena*, *Calvinus*, *Claudius & Clodius*, *Festa*, *Flaccinus*, *Flavius*, *Flavinus* ou *Flavinius*, *Januarius*, *Junius*, *Laetus*, *Lares*, *Laurus*, *Lupus*, *Marinus*, *Martialis*, *Maurinus*, *Paternus*, *Primus & Prima*, *Priscus*, *Quintus & Quinta*, *Rectus*, *Saturninus*, *Severus*, *Sextus*, *Temporanus*, *Tertius*, *Valerius & Valeria*, *Valerianus*.

*b)* de divindades: *Diana*, *Fatae* (isto é, *Fata)*, *Fontanus & Fontana*, *Tutela*.

No que fica coligido até aqui descobre-se pouco, como já disse, que seja propriamente lusitano: quasi nada! apenas um ou outro vocabulo *(aedeolum)*, um ou outro testemunho local de fenomenos muito espalhados *(Endovellecus*, com *e* postonico por *i)*!

Contudo entendi que devia juntar o que juntei, pois de alguns d'esses e congéneres protótipos da nossa fala partirei quando estudar a gramatica historica. É claro que, como eles não bastam, hei-de recorrer muitas vezes para tal estudo, não só ao latim do resto da Peninsula, senão tambem ao do resto da Romania. Mencionarei, sempre que possa, o latim vulgar: d'ele, como organismo vivo, e não do latim literario, mais ou menos estereotipado, foi que se desenvolveram fundamentalmente as linguas romanicas, embora nem todo o *sermo rusticus* se conservasse, isto é, se transformasse em romanço. Grande parte deixou de existir ainda na epoca romana. Por

outro lado, como não existem documentos ou textos onde o latim, que oralmente se conservou, apareça por inteiro, precisamos, para o conhecer, de comparar aquelas linguas entre si, ou com o proprio latim literario: da comparação deduzem-se leis que permitem restaurar de modo teorico certos vocabulos ou fórmas.

## NOTAS

(1) *Grammatica da lingua portug.*, ed. de 1785 (de que sempre me servirei) p. 73. — A 1.ª é de 1540.

(2) *Origem da lingua portug.*, Lisboa 1606 (1.ª ed.), fls. 132.

(3) Da palavra *Romania*, no sentido de *imperium Romanum, orbis Romanus*, «monde romain», «civilisation romaine», tratou G. Paris: vid. *Mélanges linguistiques*, Paris, 1905, p. 18 ss. E cf. tambem: Crescini, *Romania* (opusculo), 1908, e Savj-Lopez, *Le origini neolatine*, Milão (Hoepli) 1920 p. 3 ss.

(4) Vid. Meyer-Lübke, *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft*, 3.ª ed., 1920, p. 17.

(5) Do adverbio *romanice* em *romanice loqui* «falar latim», «falar romanço», vieram os substantivos: *romance* em português e hespanhol, *romanz* em francês antigo, *romans* em provençal. Cf. *latim*, substantivo tirado de *latine*, por exemplo, tambem em *latine loqui*. De *romance* no sentido de «linguagem romanica» temos exemplos em varios textos: «como .. *Senhor* seja romance de *Dominus*», isto é, tradução romanica de *Dominus*, em Fr. A. Brandão, *Monarchia Lusit.* (sec. XVII), pt. III, liv. XI cap. 19.º p. 321. Ao S.cr Pedro de Azevedo devo a seguinte nota, tambem respeitante ao sec. XVII: «Meu Padre Mestre, *nunquid Saul inter Prophetas?* Poderão dizer os Padres da Escolla nesta ocasião por mim; mas David dá a descarga, com apontar a causa, dizendo: dize-me com quem tratas, dir-te hey as manhas que tens; que isto vem a ser em bom *romance*, o seu *cum sancto sanctus eris*». Carta que escreveu o D.or Fr. Luis de Sá ao Padre Antonio Vieira: *Cartas* d'este, III, 173. Nas *Prelecções Philosophicas* de S. P. Ferreira,

t. I, part. 1.ª, p. 147, fala-se tambem de *romance* e *lingua romance*. Para *romance*, como substantivo, no sentido de lingua provinda do latim, criaram-se dois verbos, *romançar* e *romancear*; de *romançar* tirou-se *romanço*, de que se fala no texto (cf. D. Carolina Michaëlis, *Estudos sobre o romanceiro*, Madrid, 1907-1908, p. 222, e nota 4); de *romancear* tirou-se *romancio*, que se lê, por exemplo, num texto medieval publicado por G. Pereira nos *Archivos de hist. da medic. port.*, VI, 169: o qual livro («hum livro de naturas») foi tirado de latim em *romancio*. Encontrei tambem *per romancium et latinum* na capa de um codice alcobacense da Biblioteca Nacional. No Algarve (Sotavento) diz-se ainda hoje *româncio* no sentido de romance tradicional em verso (vid. *Rev. Lusit.*, IV, 327; a p. 336 imprimiu-se por êrro, *romancío* em vez de *romãncio)*. De *româncio* veio na mesma acepção *romãiço*, que se usa em Barlavento. O verbo *romancear* lê-se, por exemplo, na *Monarchia Lusitana*, de A. Brandão (já cit.), part. III, liv. X, cap. 19.º, p. 220: «*dom* se deriva da palavra latina *dominus*, a qual romanceando-a nós, mal convertemos na de *senhor*, sendo assim que esta palavra *senhor* é vocabulo tambem latino, corrupto, que val tanto como *senior*, que quer dizer o mais velho». O verbo *romançar* não o posso agora documentar em português, mas ha em hespanhol *rromançar* (antigo) e *romanzar* (moderno), a par de *romancear*. Acêrca de *romanço*, e de *romance* (como substantivo e como adjectivo), ha outras noticias nas minhas *Lições de Philologia*, p. 14, e nota 2, e nos citados *Estudos* da Sr.ª D. Carolina Michaëlis, *ibidem*.

(6) A *Lusitania pre-romana*, segundo Estrabão, confinava, ao Sul, com o Tejo, e ao Ocidente e Norte com o Oceano. Ao Nascente, em territorio hoje hespanhol, eram indecisos os limites. A *Lusitania romana* ia do Douro ao mar do Algarve, e estendia-se para o Oriente, na Hespanha, um tanto além da actual fronteira portuguesa. Com excepção dos territorios situados na margem esquerda do Guadiana, a que correspondem os actuais concelhos de Mourão, Moura, Barrancos, Serpa, e parte do de Mertola, territorios que na epoca romana pertenciam á Betica, póde pois aceitar-se, coma já disse, que a nação chamada hoje Portugal ficava inclusa na Lusitania, englobando-se nesta designação tanto a Lusitania pre-romana, como a romana.

Quadro da Lusitania:

A. *Lusitania pre-romana:*

1. Lusitania do Sul { Cyneticum (Algarve); mesopotamia de Entre-Tejo-e-Guadiana.

(Foi depois incluida na Lusitania Romana: vid. infra).

2. Lusitania estraboniana ou primitiva (do Tejo para o Norte):

*a)* de entre Tejo e Douro, onde estão os Lusitanos de Ptolemeu;

*b)* *Callaecia*, do Douro para o Norte.

B. *Lusitania romana:* do mar do Algarve ao Douro, com inclusão do que costumo chamar *Lusitania hespanhola*. (O Norte de Portugal pertencia á Tarraconense; a nossa região de Alem-Guadiana pertencia á Betica).

Acêrca de tudo isto vid. *Religiões da Lusitania*, tomo I, p. XXI-XXIII; t. II, p. 7 ss.; t. III, p. 631.

Falando da Peninsula Iberica, considerada em geral, é grande abuso, ou grande êrro, cometido por muitos autores, dizer *España*, *Espagne* etc., pois *Hespanha* significa apenas «reino de Hespanha».

(7) Os mais antigos escritores gregos diziam *Iberia*, os mais antigos latinos *Hispania*. Cfr.: Hübner, *Monum. linguae Ibericae*, p. 232; e Schulten, *Hispania* (com um apendice de Bosch Gimpera), Barcelona 1920, p. 7-8.

(8) Vid.: Bosch Gimpera, *Etnologia prehist. de la Peninsula Ibérica*, Santander, 1922; e Mendes Corrêa, *Os povos primitivos da Lusitania*, Pôrto, 1924.

(9) Tratei da etnografia dos Lusitanos nas *Religiões*, II, 49-95, e para lá remeto o leitor. Acêrca dos idiomas indigenas vid. em especial Hübner, *Monum. linguae Ibericae*, Berlim, 1893.

(10) *Hist. de Portugal*, t. I (5.ª ed.), p. 21.

(11) *Geografia*, III, IV, 5.

(12) *Os Lusiadas*, III, 22.

(13) Acêrca de quanto atèqui tenho dito da conquista e romanização da Lusitania, vid. *Religiões*, III, 99-192 e 536-539, onde se citam as principais fontes. — A menção de Capadocios baseia-se num texto do *Corpus inscr. Lat.*, II, 224, embora a p. 1141 a palavra *Cappad[ox]* esteja precedida de um asterisco dubitativo (porquê?).

(14) Vid. o *Corpus*, II, e o seu Suplemento e Aditamentos. Já depois de publicados estes trabalhos se têm encontrado outras muitas inscrições, tanto em Portugal, como na Hespanha. — A respeito dos trabalhos de Hübner vid. *O Arch. Port.*, VI, 51-52.

(15) É este o numero que mencionei em 1915 na *Hist. do Museu Etnologico*, p. 196; d'então para cá tem entrado outras.

(16) Para a organização d'esta lista de palavras e frases servi-me principalmente das inscrições contidas no *Corpus* e seu *Supplementum*.

(17) *Barbaros* neste caso quer dizer: povos não pertencentes á civilização grega ou latina. É a significação que os Romanos deram á palavra.

(18) Estrabão, *Geografia*, III, cap. II, § 15.

(19) O vasconço fala-se tambem do lado francês dos Pireneus, em parte do departamento chamado *Basses-Pyrénées*: vid. J. Vinson, *Les Basques et le Pays basque*, Paris, 1882, p. 11.

(20) *Religiões*, II, 90.

(21) Á propagação do latim na Peninsula Iberica se refere Herculano, *Hist. de Portugal*, t. I (5.ª ed.), p. 26-27 e 32-36; F. A. Coelho, *A lingua portuguesa* (2.ª ed.), p. 110-113; M. Pidal, *Gramat. hist. españ.*, 4.ª ed., Madrid, 1918, p. 11 ss.; Diego, *Gramat. hist. castell.*, Burgos, 1914, p. 13-15; J. J. Nu-

nes, *Gramat. hist. portug.*, Lisboa, 1919, p. 1 ss.; e o autor da presente Historia na *Lições de Philologia* (vid. p. 483).

(22) A. de Rèsende, *De antiquitatibus Lusitaniae*, liv. III (sirvo-me aqui da ed. de Colonia, 1600, p. 168).

(23) Foi adquirida para o Museu Etnologico Português pelo seu ex-Conservador D.or Felix Alves Pereira, e interpreta-se e publica-se aqui a primeira vez. — Os versos formam dois hexametros, estando simetricamente o nome do morto entre eles. Traduzo-os assim: «Eu Angeito, filho de Celto (ou de Celtio = Celcio), ainda na mocidade, quando não receava pois a morte lamentavel, tive sorte pouco duradoura, porque já estou aqui sepultado. Cinzas minhas, repousai em paz!». — Observações ao texto:

*Anceitus:* cf. *Aunia Angeiti f(ilia)* em Cáparra: *Corpus*, II, 833. Falaram-me de outra inscrição romana da Beira-Baixa onde tambem se lê *Angeitus*, isto é: SILO ANGEITI.

*Celti* tanto póde ser genetivo de *Celtus*, como de *Celtius*, pois ambas estas palavras se encontram na Peninsula: vid. *Monum. linguae Iberic.*, p. 264.

Quanto ás palavras da lingua comum:

*quietei* = *quieti:* representação do antigo nominativo plural latino em *-ei:* cf. *virei, servei* em Sommer, *Hdb. der lateinischen Laut- u. Formenlehre*, Heidebergue, 1902, p. 378.

*heic* = *hīc*. Arcaismo, que aparece em inscrições do *Corpus*. E vid. tambem Georges, *Lexik. der lat. Wortformen*, s. v. «hic».

*tulei* = *tuli*. Mera representação analogica de *ī* por *ei*, sem justificação historica.

Todos estes arcaismos ou pseudo-arcaismos davam á poesia tom solene, d'acôrdo com a gravidade do assunto.

(24) Vid. *O Archeol. Port.*, I, 69-76, e V, 49.

(25) Stoltz, *Gesch. der lateinischen Sprache*, Leipzig (Göschen), 1910, p. 78.

(26) Vid. Schuchardt, *Vokalismus*, I, 102-103, onde junta outras expressões analogas.

(27) Acêrca do latim vulgar existem e conheço muitos trabalhos, por exemplo, de Schuchardt, Gröber, Mohl, Meyer-Lübke, Grandgent, etc., alguns dos quais irei citando nesta Historia; outros mencionei-os nas *Lições de Philologia* no cap. intitulado «Origem e evolução da ling. port.»

(28) Fiz algumas observações a esta obra nas *Lições de Philologia*, p. 14, nota 1.

(29) Vid. a nota 14.

(30) Por exemplo, no *Bolet. de la Acad. de la Hist.*, no *Archeologo Portug.*, no *Bulletin Hispanique*.

(31) *Baltimore*, 1909, opusc. de 5 páginas.

(32) Em *The American Journal of Philology*, vol. XXXV (1914), p. 400-420.

(33) Vid.: *Relig. da Lusitania*, III, 312-313; Carnoy, ob. cit., p. 227; Martin, in *Journal* já cit. na nota 32.

(34) Cf. Cagnat, *Épigr. lat.*, 3.ª ed., p. 257, nota 3.

(35) Cagnat, in *Journal des savants*, 1906, p. 441-443, e depois in *Revue des publications épigraph.*, mesma data, p. 12-14 (separata da *Rev. Archeólog.*, Junho-Dez. de 1906); e Cuq in *Mélanges Gérardin*, 1907 (esplendido estudo juridico). Vid. tambem Cantarelli in *Bulletino dell'Istituto di Diritto Romano*, ano XVIII, fasc. III-VI.

Lisboa, 17 de Janeiro de 1923.

*(Continúa).*

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

# TRADIÇÕES POPULARES

## I

## SUPERSTIÇÕES

### A. ANIMAIS:

**1. Aranha.** — Aranha vermelha, sinal de dinheiro; aranhão negro, testemunho falso.

**2. Cão que uiva.** — *a)* Para que se cale o cão, que uiva ou está ladrando a alguém, descalce-se o calçado do pé direito, — sapato, chinelo ou qualquer outro, ponha-se no chão com a sola voltada para cima e assente-se depois sôbre êle o pé que se descalçou; se o cão se não calou, faça-se outro tanto ao sapato do pé esquerdo, e assentem-se depois sôbre os dous sapatos ambos os pés em cruz (encruzados).

O cão que uiva chama pela morte.

*b)* — Se o cão nos foge de casa, ponha-se por cima da porta uma côdea de pão «rapada», e êle voltará.

**3. Cobra.** — Se uma cobra abraçar um homem pela cintura, abrir-se-lhe há logo de roda da cinta uma «ferida sem sangue» que se irá profundando pouco e pouco até o traçar. Não há remédios, esconjuros, talhos, etc., que obstem à marcha fatal desta doença. Se a cobra abraçar um homem em outra qualquer parte do corpo, num braço, numa perna, por exemplo, não há perigo.

**4. Cuco.** — A môça, quando consulta o cuco, para saber se casará ou não, deve dizer:

Ó cuco da carvalheira!
Quantos anos me dás de solteira?

Quantas vezes o cuco «cucar» depois d'isso, outros tantos anos estará a môça sem casar.

5. **Galinha.** — *a)* Para que as galinhas não danifiquem a hortaliça, faça-se o seguinte: Tome-se o fel de uma galinha, frango ou galo, que nunca hajam entrado no terreno que se deseja preservar (o que é essencial), meta-se o fel dentro de uma saquinha, e ate-se esta na ponta de uma pequena estaca; crave-se esta no chão, ficando a saquinha na parte superior; depois fure-se com um estreito buraquinho o fundo de uma panela de barro, e ponha-se a panela em cima da estaca, com a ponta desta metida no buraquinho e a panela de bôca para baixo, a cobrir a saquinha. Concluindo êste arranjinho, deem-se três voltas de róda da panela pelo lado esquerdo e outras tantas pelo lado direito, e a cada volta que se der diga-se:

«Galinhas, ide para o monte, que tem mel, e deixai a minha horta que tem fel».

Feito isto, assevera a mezinheira que forneceu a mirífica receita, as galinhas entram na horta, picam a terra, esgadanham, espolinham-se, mas na hortaliça não tocam.

*b)* — Quando a galinha que está chocando mexe muito os ovos ao nascer dos pintainhos, é para que estes saiam «muito videiros».

*(c)* — Se uma galinha canta de galo, é mau agouro. Não se coma, nem se mate; venda-se, e, com o dinheiro que der, compre-se um objecto de aço. Pode comer-se, se fôr degolada com uma fouce no chadeiro do carro.

— Deixará de cantar de galo, se lhe cortarem o rabo, com uma fouce, na soleira da porta da cozinha.

*d)* — Se aos ovos que se apanham na quaresma, para deitar galinhas, juntarem os que se colhem no *carnaz* (carnaval), não nascem (não geram).

Não nascem os que forem deitados na quarta-feira de cinza. Não nascem se não meterem uma faca de aço debaixo da galinha. Não nascem se forem deitados por mulher grávida. Não nascem, tendo passado um rio com êles, sem irem metidos em sal. Nascem todos, se os fôr deitar na galinha um homem em fralda de camisa e disser:

Em nome de S. Salvador!
Que sejam tudo frangas,
E um só galador.

**6. Galo.** — Para não fugir de casa, deve batizar-se. O batismo opera-se, urinando uma mulher em cima do animal, e dizendo ao mesmo tempo:

Eu te batizo, galo,
Com a água do meu fato.

**7. Môsca.** — Môsca varejeira, se entra em casa, é sinal de visita. Também é sinal de visita morrão na candeia.

**8. Rans.** — Não se matem as rans, «que são as galinhas do Senhor». É pecado matá-las.

**9. Sapo.** — Se tentamos matar um sapo, devemos dar cabo d'êle, porque, se não ficar bem morto, virá ter connosco, de noite, à cama, dá-nos três pancadas sôbre o coração e mata-nos.

## B. CALENDARIO:

**10. Ao meio dia.** — Quando bate o meio dia, diga-se:

O Senhor te reparta em bem
Por êsse mundo além;
Por minha casa também,
E os anjos do céu digam todos:
Amen! Amen!

**11. No Domingo.** — Crianças nascidas no Domingo, saem alegres e cantadeiras; nascidas ao meio dia, teem má sina.

**12. Reis.** — Dêem-se sempre os Reis a quem os cante, porque são para comprar incenso para incensar o Senhor.

**13. Para o Sol não crestar.** — No dia primeiro de Março ate se um paninho vermelho no dedo de uma das mãos, e traga-se assim todo o mês: durante todo o verão o sol não nos crestará.

**14. Na quarta-feira de «trévulas»** (trevas) não se pode cear, porque foi nesse dia que Nosso Senhor deu a ceia aos discípulos. Depois do sol posto não se pode fiar, porque se fiam as cordas para prender Nosso Senhor Jesus Cristo.

**15. Na quarta-feira da paixão** os Judeus, depois de terem enterrado Nosso Senhor Jesus Cristo, deram um banquete, no qual apareceu um galo, já cozinhado, que se levantou da travessa e cantou: — «Jesus é nado! nado é Jesus!»

**16. Cabelo.** — Atem-se uns tantos cabelos da cabeça no braço de uma silva, *na manhã de S. João:* ao passo que a silva crescer, cresce e medra o cabelo da cabeça.

**17. Dente esquècido.** — Quando a um animal falta um dente que não chegou a nascer, dizem: tem um dente esquècido.

**18. A pedra de era.** — Sempre que avistarmos a pedra de era (ara), deve-se dizer:

Deus te salve, pedra de era,
Que no mar foste criada
E na igreja consagrada!

**19. Ai Jesus!** — Quem disser «Ai Jesus!» anda bem com Deus; quem disser só «Ai!» traz o Diabo em si.

**20. Cantar.** — *a)*:

Quem canta em Agôsto,
É só p'ra desgosto;
Quem canta em Abril,
Leva a vida a rir.

*b)* — Quem canta antes do almôço, chora antes do jantar.

**21. Rosmaninho.** — Quem passou pelo rosmaninho e o não cheirou; quebranto trazia, quebranto levou.

**22. Dos meses:**

Maio pardo e Junho claroso
Fazem o ano formoso;
O centeio em Março
Bota o plumaço;
E em Abril
Bota o penduril

Em Junho
Vem de trás a foucinha no punho.

Vinho que nasce em Março
Não vai ao cabaço;
O que nasce em Abril
Pipas mil
O que nasce em Maio
Come-o o gaio.

**23. Cantiga:**

Amanhã é dia santo,
Dia santo de guarda.
Ó moças, guardai o santo,
Que o santo também vos guarda.

## C. CASA DE HABITAÇÃO:

**24. Cama.** — Quando um doente quer mudar de cama ou aposento ou simplesmente voltar a cabeceira para o lado dos pés é sinal de morte.

**25. A lareira.** — A lareira é «sagrada». — Por baixo da lareira é que se deve enterrar as crianças que não foram baptizadas. — Não se deixe cair sangue na lareira.

**26. A pá do forno.** — Quando estiver rôta, não se mande concertar, porque o dono da casa morre com certeza.

**27. Vassoura.** — Vassoura, voltada com a rama para o alto, é sinal de desordem.

**28. Varreduras.** — Deitar as varreduras fora de casa depois do meio dia, equivale a deitar fora a fortuna.

**29. Cisco.** — *a)* Deitem-se sempre no cisco, que se varreu depois do meio dia ou depois da meia noite, umas pedrinhas de sal, senão, vem o Diabo e mija no cisco.

*b)* — Na casa que se varreu, se ficou cisco nos cantos, pouco que seja, põe-se lá o Diabo a dansar.

**30. Muda de casa.** — Quando se mudar de casa, deixe-se o forno do pão roto com dois ou três buracos, que é para não deixar ficar a fortuna.

**31. Criada.** — Quando se toma nova criada e se deseja que ela fique e assente, ata-se um lenço vermelho na perna de uma cadeira.

## D. COISAS E FENÓMENOS DA NATUREZA:

**32. Lua nova.** — Quando se avista a *lua nova*, deve dizer-se — «Deus te salve, minha madrinha!»

**33. Arco-íris.** — O arco-íris é a arca de Noé ou da aliança; quando o mundo gira, ela sobe para o cimo de uma montanha e é então que a avistamos; em quanto ela aparecer, não há o fim do mundo, porque é sinal de que êste gira (Textual).

**34. Água.** — Quem beber água, depois da meia noite, pode ficar hidrópico, se antes de a beber não a tiver acordado. Acorda-se a água, gritando uma ou mais vezes: *Água! Água!*

## E. DOENÇAS:

**35. Cravos nas mãos.** — Como se curam? — Tome-se um pouco de sal da salgadeira, embrulhe-se numa fôlha de couve e ate-se com um negalho; depois, pega-se neste arranjinho e vá pôr-se à beira de uma fonte aonde diferentes pessoas costumam ir tomar água. A primeira pessoa que vier tomar água ou beber, levará os cravos comsigo, e o autor da receita ficará livre d'êles para sempre.

**36. Espinhos.** — Para que a picada de um espinho se não agrave, esmague-se êste, depois de extraído, com os dentes e, depois de desfeito, cuspa-se fora. Melhor ainda é enterrar o espinho na carne gorda da salgadeira, bem fundo, e deixar ficar.

**37. Ínguas.** — Para curar as ínguas, urine o paciente no chadeiro do carro, ou no coucilho da porta.

**38. Ougado.** — «Ougado» (aguado), se deseja «desougar» (desaguar), vá comer bôlo quente, saído do forno, atrás da porta da cozinha, «sentado numa vassoura de giesta».

**39. Sezões.** — Passam mastigando o doente pão; e ponha-se depois na cova de um sardão: se êste o comer, as sezões passam logo. (Nota — não se deve engulir nem uma migalha de pão — a cova do sardão deve ser aquela em que o animal habitualmente reside, o que é difícil de encontrar).

## F. ENTIDADES MÍTICAS:

**40. Bruxo.** — Quem tiver um olho maior do que o outro, é bruxo.

**41. Bruxas.** — Para evitar que as Bruxas venham chupar a criança, deve a mãe parir de joelhos e pregar um prego de aço no ponto, onde a criança caiu. Também não virão as Bruxas chupar a criança que está por baptizar, se se conservar ao lado da criança uma candeia de azeite, sempre acêsa, noite e dia, ou, metidas debaixo do travesseiro, uma tesoura e uma meada de linho «crua». É por debaixo da língua que as Bruxas chupam as crianças.

**42. Diabo.** — *a) Esmola ao Diabo.* — Dê-se sempre uma esmola ao Diabo, nunca se negue — porque com o Diabo não se deve estar, nem de todo bem, nem mal de todo.

*b) Cinco réis ao Diabo.* — No dia da função de S. Bartolomeu, em Campelo (Baião), os romeiros metem na bôca do Diabo, que está figurado na igreja, uma moeda de cinco réis.

## G. HOMEM E MULHER:

**43. Feitiçarias amorosas.** — *a)* Recolhe-se dentro de um frasco de vidro o sangue de dois morcegos, mortos, macho e fêmea, e um pouco de sal amoníaco; arrolha-se o frasco e e mete-se no bôlso. Quando se quiser encantar uma menina, basta dar-lhe o frasco a cheirar. Fica logo encantada e jámais poderá separar-se de quem lhe fêz o encanto.

*b)* — Metem-se debaixo do colchão da cama, três pés de malva, colhida num cemitério, e nove noites a seguir repete-se,

ao deitar, o seguinte: «F... (nome do enfeitiçando), assim como estas malvas foram colhidas num cemitério, e debaixo de mim estão metidas, assim tu, F..., a mim estejas prêso e amarrado pelo poder de Satanaz, e só possas separar-te de mim, quando falarem os corpos enterrados no cemitério, onde as colhi».

*c)* — Toma-se um sapo grande, macho, para enfeitiçar homem, fêmea, para enfeitiçar mulher, segura-se na mão direita, passa-se cinco vezes por baixo da barriga, e diz-se: «Sapo, sapinho! assim como eu te passo por debaixo do meu ventre, assim tu, F... (nome do enfeitiçando), não tenhas sossêgo nem descanso, emquanto não vieres para mim com corpo, alma, vida e coração». Depois cosem-se com uma agulha enfiada em retrós verde as pálpebras dos dois olhos do sapo, mas de modo que se lhe não ofenda a menina dos olhos, aliás ficaria cega a pessoa que se tenta enfeitiçar. Feita esta operação, diz-se: «Sapo, pelo poder de Lucifer te cosi os olhos, o que devia fazer a F... (nome do enfeitiçando), para que êle não tenha paz e sossêgo em parte alguma do mundo, sem mim, e ande cego para todas as mulheres, excepto para mim, e só em mim tenha o pensamento». Deita-se logo o sapo dentro de uma panela e diz-se: «F... (nome etc.) assim estás prêso e amarrado como êste sapo, sem que vejas sol nem luz; d'aqui te não soltarei emquanto me não amares».

A panela em que estiver o sapo, deve conter alguma água, que se reforma diáriamente.

*d)* — Toma-se um objecto qualquer pertencente ao namorado e prende-se à barriga de um sapo, atam-se com uma fita vermelha os pés dêste e mete-se assim dentro de uma panelá com terra e um pouco de leite de vaca. Feito isto, com o rosto chegado à panela, diz-se: «F... (nome do enfeitiçando), assim como eu tenho êste sapo dentro desta panela, sem que veja sol nem lua, assim tu não vejas mais mulher alguma, nem casada, nem solteira, nem viúva, só tenhas o pensamento em mim. Assim como êste sapo tem as pernas prêsas, assim tu tenhas as tuas, e não possas dar passadas, senão para a minha porta. Assim como êste sapo vive dentro desta panela, consumido e mortificado, tal qual vivas tu emquanto não casares comigo». Dito isto, tapa-se a panela de modo que o sapo não veja a luz do dia.

Depois de realizado o casamento, o sapo deita-se fora, mas que o não magôem, porque maguarão igualmente a pessoa infeitiçada.

**44. Consultar a sorte para casamento.** — Consultam-na os campónios solteiros no dia da romaria de S. Gonçalo de Amarante. O consultório é um giestal que lhes fica em caminho, na freguesia de Várzea de Ovelha. Quando passam pelo tal giestal, lançam a mão direita à haste de uma giesta e, num movimento rápido, dando à mão um certo geito, tratam de dar um nó cego na ponta da giesta. O nó, para ter valia, há de ser dado só com a mão direita, sem o auxílio da outra mão e a andar sempre a passo acelerado e sem parar. Se conseguem dar o nó nestas condições, o que requer certa habilidade e prática, casam nesse ano.

**45. Na rodeira do carro.** — A mulher que urinar na rodeira do carro, à hora das «trindades», fica grávida do Diabo; e só poderá parir depois de ter relações com um homem qualquer.

**46. Mulher grávida.** — Mulher grávida não serve para madrinha, porque o afilhado morrerá ou ficará mudo. — Não deve passar por cima ou por baixo de uma corda, porque o filho ou filha, que tiver, virá com as «voltas» enleadas no pescoço. — Não deve coser ou concertar, estando vestida, a roupa que traz no corpo, porque, depois, não poderá parir — «está cosida». — Não deve comer baço, nem tão pouco tocá-lo com a mão, porque, depois, lhe ficará impressa uma nódoa ou a marca do baço em qualquer parte do corpo onde puser a mão. — À cinta, não deve trazer prêsas chaves, estrigas de linho, flores, etc.; ou no regaço qualquer animal. Cada uma d'estas cousas virá a aparecer reproduzida de uma ou outra forma, no corpo do filho ou filha que tiver: assim, se fôr chave nasce a criança com um beiço rachado; se fôr estriga de linho, com uma malha branca na cabeça; se fôr animal, com o corpo revestido do pêlo do mesmo animal. — Mulher grávida, finalmente, se entrar no meloal, *areja* o fruto; se amassar o pão, êste não leveda.

**47. Lume.** — Não se vá pedir lume onde estiver uma mulher parida.

**48. Luz acesa.** — Crianças geradas com luz acesa saem muito bonitas.

**49. Recemnascida.** — A criança, apenas nasça, embrulhe-se logo numa manta, e, no primeiro banho que tomar, deitem-se umas tantas moedas de ouro e prata; as moedas, para que seja afortunada, a manta para que nunca lhe descubram os segrêdos.

**50. Secundinas.** — Quando depois do parto se não puderem expelir as secundinas, todo o embaraço se removerá, se a paciente soprar ao gargalo de uma garrafa vazia e disser:

Em nome de Santa Margarida!
Que nem está prenhe, nem parida.

**51. Umbigueira.** — *a)* Para que a criança venha a cantar bem, deite-se a umbigueira ao galo. Para que saia habilidosa, mate-se o primeiro piolho que lhe aparecer na cabeça, se é rapaz, no fundo de uma botija; se fôr rapariga, no fundo de uma cabaça.

*b)* — Guarde-se ou queime-se a umbigueira da criança; não se deite fora, porque podem fazer-lhe com ela feitiçaria. Se um animal a comer, a criança desaparecerá de casa e irá correr fado com a forma e figura d'êsse animal.

**52. Cueiros.** — Os cueiros não se lavem em lavadouro de pedra, pode a criança vir a sofrer da dor da pedra.

**53. Leite roubado.** — Quando uma mulher anda amamentando uma criança e tem de passar um rio, para que êste lhe não tome o leite, deve voltar-se para o rio e dizer: «Rio... (nome do rio), não me tomes o meu leite». O rio não lho toma. Se acaso lho tomou, volte lá e diga: «Rio..., dá-me o leite que me roubaste». E êle restitue-lho.

**54. Côdea de pão.** — A ama, que recolheu de noite para casa, com criança que amamenta, deve levar comsigo uma côdea de *brôa*, para preservar a criança do *mau ar*. Qualquer *coisa ruim* que tente impecer à criança mete-se na côdea de pão. Ao entrar em casa, a mulher lança a côdea fora e fecha

a toda a pressa a porta. A *coisa ruim* fica na côdea e não entra em casa.

**55. Falar.** — As crianças que falam no ventre da mãe, se a mãe guardar segrêdo e nada disser até que a criança tenha dez anos, ficam com o *dom da arte mágica:* «adivinham tudo».

**56. Beijos.** — A criança que beijar a sua imagem no espelho ficará gaga. Duas crianças que se beijem, se não teem a fala clara, tomam a fala uma à outra.

**57. Pentear.** — Se se pentear a criança com o pente de pentear os mortos, não lhes lembrando (provocando) ao mesmo tempo a fala, foge-lhe a fortuna.

**58. Cabelo.** — Não se deite fora o cabelo da criança, porque podem fazer-lhe feitiçaria com êle. Queime-se ou guarde-se, e o melhor é enterrá-lo, porque lhe cresce e medra assim o cabelo da cabeça.

**59. Água dos pés lavados.** — Sempre que haja mister de despejar, de noite, da janela para a rua, água dos pés lavados, deite-se primeiro umas pedrinhas de sal ou uns pingos de vinagre; e, não se fazendo isso, grite-se então ao despejar a água: «Fugi, diabos, que aí vai água dos pés lavados». Sem estas precauções, vem o diabo e mija na água, e incham os pés a quem os lavou.

**60. Unhas.** — Em quanto a criança não fala, não se lhe aparem as unhas com tesoura; cortem-se com os dentes, que é para que não venha a ser ladra.

**61. Crianças.** — As crianças que morrem afogadas ou queimadas no lume não intercedem pelos pais no outro mundo. — As que nascem mortas e as que morrem ao nascer roubam o leite às mães. D'êste leite é que elas se alimentam na escuridão para onde vão depois de mortas. — As que morrem *sem alma* (sem baptismo) vão viver na escuridão e ali ficarão até o fim do mudo, e findo o mundo, Deus há de formar com elas um mundo novo.

**62. Sedutor.** — A mulher que fôr agredida por um sedutor e não puder defender-se, invoque Santo Hilário, que êste acode logo em seu socorro.

**63. Camisa.** — Se a mulher trouxer vestida camisa do homem e êste cair ao rio, morre afogado.

**64. Urinar.** — Urinar com luz acesa na mão, urinam-se pedras. — Urinar no lume, dor de pedra. — Urinar no rêgo de água, fica-se a urinar constantemente.

## H. INDÚSTRIAS CASEIRAS:

**65. Pão no forno.** — Antes de meter o pão no forno, trace-se com a mão no ar uma cruz à boca d'êste e, depois de enfornado, diga-se:

Deus te acrescente
Dentro do forno
E fora do forno
Espalhado por êsse mundo todo.
Tu a crescer, nós a comer;
Que nunca te possamos vencer.

**66. O pão.** — O pão, que se calcou com os pés, levante-se, beije-se e ponha-se em sítio onde o não calquem. É pecado calcá-lo.

**67. Vinho.** — A escorralha ou resto do vinho que ficou no fundo dos copos, não se deite no balde dos porcos, que é pecado; deite-se no pé de uma videira.

**68. Na barrela.** — Na barrela não se assentem por cima das camisas do dono da casa as camisas da mulher, porque, se o homem trouxer demanda em juízo, perde-a.

## I. JUDEUS:

**69. Na mesa.** — Sempre que estiver um Judeu à mesa, ponha-se o pão do avêsso, isto é, com a côdea de baixo voltada para cima.

## J. LUZ E LUME:

**70. Luzes.** — Uma luz quando cae e fica acesa é sinal de morte.

**71. Luz na mão.** — Quem beber com luz acesa na mão, perde o juízo.

**72. Lume que chia.** — Quando o lume chia, ou bufa, é porque estão atrás da porta a murmurar de nós. Tome-se uma garfada de sal, ou de cinza da lareira, atire-se com ela ao lume, e diga-se:

Sarrisca! põe na brasa
A língua que está atrás da casa.

ou

Quem de mim está a murmurar,
Aqui se venha sentar.

ou

Quem de mim mal diz
Aqui ponha a cara e o nariz.

ou

Quem de mim mal fala
Ponha aqui o c... e a cara.

**73. Lume.** — Atiçar o lume com uma cana, dor de dentes.

**74. Brasas.** — Quem fôr tomar brasas a casa do vizinho, traga sempre poucas. Se forem muitas, foge-lhe a fortuna; se forem poucas, e tiver um filho, sai-lhe muito bonito.

## K. MORTE:

**75. Estremeção.** — Quando damos um estremeção, é a morte que passa por nós.

**76. Mortos, como devem ir?** — Os mortos devem ir lavados, barbeados, limpos e bem vestidos. Assim como forem, assim aparecerão no outro mundo. Se forem mal ataviados, serão mal recebidos e desacatados no outro mundo.

**77. A água, pente e bacia do morto.** — A água com que se lavou o morto e a bacia deitem-se em sítio, onde não passe ninguém, por causa dos maus ares. O pente parta-se em três — número pernão —, para o demónio não impecer ao morto.

**78. A cama do morto.** — A cama do morto queima-se no monte, longe de casa. Deita-se-lhe o fogo com as costas volta-

das e atira-se-lhe uma garfada de sal, por cima do ombro, depois desanda-se a fugir, sem mais voltar o rosto para a fogueira.

**79. Nas encruzilhadas.** — Sempre que um morto, que vai a enterrar, passa numa encruzilhada, deve o préstito parar e «encomendá-lo» ali. Se o não fizerem, a alma do morto virá depois divagar de noite na encruzilhada.

**80. Fumo da casa do morto.** — Se o fumo da casa onde alguém morreu sobe em direitura para o céu, é sinal de que se salvou; se abate e corre rasteiro com a terra, sinal de que se perdeu.

**81. Espírito do morto.** — Para que o espírito do morto que vai a enterrar não possa depois vir meter-se-nos no corpo, acompanhe-se o morto até à sepultura, lancem-se-lhe por cima as primeiras pás de terra e calque-se bem com os pés.

**82. Almas que falam.** — No ano de 1901 duas pessoas d'esta frèguesia (Rio de Galinhas) trazem metidas em si a alma de dois mortos que falam a pedir que se restituam furtos que fizeram, para assim puderem entrar no céu.

**83. Almas dos mortos.** — As almas dos mortos andam de noite à solta pela igreja, só de manhã é que recolhem. Quem fôr de manhã abrir as portas da igreja não entre logo; espere e dê tempo a que as almas que andam por fora se escondam, porque, se forem vistas, perdem-se.

**84. Mortos.** — Na noite de fiéis defuntos andam os mortos em procissão à roda da igreja com luzinhas acesas. Uma vez um d'êstes trazia na mão uma caneca cheia de água e, perguntando-lhe porque a trazia, respondeu «que era por castigo e em expiação das lágrimas que a mãe chorara por morte d'êle». É um grande pecado chorarem as mães a morte dos filhos. (Informação de uma velha).

**85. Almas que falam.** — As almas dos mortos que deixaram dívidas por pagar, furtos não restituidos, promessas a santos não cumpridas, voltam todas a êste mundo, metem-se na casa em que viveram e ali ficam, até que se lhes ofereça

ocasião de se introduzirem no corpo de uma pessoa qualquer, para dentro d'êle falarem e pedir que se paguem as dívidas, restituam os furtos e cumpram as promessas não satisfeitas.

O «espírito» pode meter-se no corpo de qualquer pessoa, da família, ou estranha, excepto o espírito do cônjuge falecido, que não pode entrar no corpo do cônjuge sobrevivente, e isto — «por causa do sacramento do matrimónio, que lho impede».

## L. PRESERVATIVOS DE MALES:

**86. Bocejos.** — Quando se está bocejando, diga-se:

Deus nos livre de bocas abertas
E de homem de mau recado.

De mulher de porta aberta
E de foles desatados.

**87. Ferradura.** — Pregada na porta de casa, livra do mau olhar, e faz que não nos impeçam as pragas dos nossos inimigos.

## M. SONHOS:

**88.** — Sonhar que estamos a cair de um muro abaixo, é sinal de que estamos a crescer.

Sonhar que estamos a matar uma cobra, conhecemos todos os que são nossos inimigos.

Sonhar três noites seguidas que num certo sítio está dinheiro enterrado e não dissermos nada a ninguém, ao terceiro dia iremos encontrar o dinheiro sonhado.

Se sonhando com mortos, sonhamos que estão vivos, é sinal de que se salvaram; se sonhamos que estão mortos, é sinal de que se perderam.

Sonhar com uvas pretas, letras (boas novas); com uvas brancas, bagadas (lágrimas).

Sonhar com roupa branca, lavada de fresco, molhada e torcida; doença.

Sonhar com açúcar ou doce, amargura.

Sonhar com flores, casamento.

Sonhar com água clara, fortuna.

Sonhar com tangerinas, dinheiro.

Sonhar com ovos, enredos.

Sonhar com cobra, ou aranhinha vermelha, dinheiro (ouro ou prata).

Sonhar com aranhão negro, dinheiro (cobre).

## N. VEGETAIS:

**89. Aipo.** — Plantado ao pé de casa, livra do demónio.

**90. Alho porro.** — Colhido na manhã de S. João, livra do mau olhar.

**91. Hortelã.** — À hortelã, que se colhe, deite-se o ôlho fora. É no ôlho da hortelã que o Diabo mija.

**92. Lenha.** — No princípio do mundo falava tudo. Falava o centeio e o milho, falavam os peixinhos do mar e do rio, falavam os passarinhos do ar, falavam todos os entes animados e inanimados; até a própria lenha falava; e, não só falava, que até ela mesma vinha, de motu próprio e por seu pé, ter-nos a casa quando nos era precisa: Não precisavamos ir por ela ao monte. E agora se não vem, foi porque uma mulher, que não tinha lenha em casa e a estava esperando e ela se demorasse, lhe rogou a seguinte praga: «Nunca tu cá ponhas os pés!» A lenha, d'esta vez, ainda veio, mas protestou que nunca mais voltaria. E não voltou. É por isso que agora é costume dizer-se: «Se não tiver lenha em casa, ninguém ma vem cá trazer».

**93. Salsa.** — Onde se dá a hortelã é a gente bondosa, onde se não dá e *avêce* a salsa, é a gente maldosa.

## O. VARIA:

**94. Objecto perdido.** — Ate-se um lenço vermelho á perna de uma cadeira quando se procura inutilmente um objecto qualquer que se perdeu e não aparece: e êle logo aparecerá.

**95. Testemunhas.** — As testemunhas que vão jurar falso no tribunal, aparta-se por vinte e quatro horas a alma do corpo.

*

Todas as superstições enumeradas até aqui pertencem ao concelho do Marco de Canavezes, excepto a que tem o n.º 43-*b*, que pertence ao de Baião. Isto não quer porém dizer que sejam exclusivas de lá.

II

## COSTUMES FUNERÁRIOS

**96. Frèguesia de Thuias (Marco de Canavezes).** — É costume meter no caixão dos mortos uma moeda de cinco réis — para a passagem na ponte de S. Tiago, um rosário *sem cruz*, uma bula de cincoenta réis, um raminho de flores das freiras e a agulha com que se coseu a mortalha.

Os mortos devem deixar na ponte, como *sinal:* a moeda que levam e um bago do rosário de contas. O *sinal* serve para mostrar que se salvaram e foram para o ceu. (Textual).

*Nota.* — Perguntei à minha informadora — uma ingénua e simpática velhinha — por que era que o rosário não devia levar *cruz*, pois me parecia que, indo o morto para a presença de Deus, era precisamente a *cruz*, — símbolo da redenção, — que convinha levar, como prova e testemunho da sua fé.

— Isso não!... Isso não!... — acudiu a boa velhinha. — A *cruz* não pode ir; por que aí é onde está N. S. Jesus Cristo.

E não pude arrancar d'ela outra explicação. Vid. porém §§ 97 e 99, *a*.

**97. Frèguesia de Santa Eulália de Constance (Marco de Canavezes).** — Os mortos levam no caixão uma moeda de dez réis, um rosário de contas e uma agulha enfiada.

A moeda é para dar ao *Diabo*, que está de guarda à ponte.

O morto que não levar moeda, não passa; porém, sempre que à ponte se encaminha qualquer morto que não leva moeda, S. Pedro vem a toda a pressa dar ordem a Satanaz para o deixar passar.

O dinheiro da portagem arrecada-o o Diabo para si.

Nesta freguesia corre a lenda de que Santo Hilário desflora as virgens mortas — com um chuço de ferro quente.

Referiram-me mais a seguinte lenda: «Antigamente, para os lados de Sôbre Tâmega, aqueles que, por muito velhos e estropiados (macróbios), já não podiam andar neste mundo, escavavam por suas próprias mãos uma furna onde se metiam, com tudo o que possuiam, panelas, púcaros, etc., depois, pediam aos parentes, se os tinham, ou às pessoas amigas, que os queimassem ali. Feita a cremação, tapava-se, com uma pedra, a boca da furna, e lá ficava tudo dentro». (Textual).

**98. Frèguesia de Campêlo (Baião).** — Nesta frèguesia metem no caixão dos mortos uma moeda de cinco ou dez réis, uma agulha, um alfinete e, na manga da mortalha, uma côdea de pão.

A moeda é para passar na *barca*.

**99. Frèguesia de Mancelos (Amarante).** — Os mortos levam no caixão uma moeda de dez réis, um rosário de contas e uma agulha enfiada.

Devem ir barbeados, lavados, limpos e bem vestidos. Os que forem mal vestidos são «desestimados» e mal recebidos no outro mundo.

Nesta frèguesia diz-se que Santo Hilário desflora as virgens mortas — com um ferro quente.

*Notas.* — *a)* A moeda que se mete no caixão dos mortos, não deve ter cruz na chapa — *por que o Diabo não a aceita.*

*b)* Em algumas frèguesias é costume meter a moeda na boca do morto.

Santo Hilário, no conceito popular, é o advogado dos amores atrevidos. É, também, o protector e defensor das donzelas e honestas. Quando agredidas por um sedutor audaz, acode em defesa d'elas, sempre que imploram o seu socorro. Na opinião do povo Santo Hilário não é um *verdadeiro* santo, um santo *religioso;* pelo contrário, é um santo muito *desaforado*, aliás não faria, no outro mundo, às donzelas, as *maroteiras* que faz. (Textual).

Cfr. o § 101.

## III

## LENDAS

**100. Lenda dos gémeos.** — Uma rapariga de Soalhães (Marco) era namorada por dois rapazes; a ambos correspondia. Um e outro a pretendiam para casamento. Indecisa, hesitando muito tempo na escolha, a rapariga decidiu-se a final por um dos pretendentes, com o qual casou, e deixou o outro.

Passados meses, andando ela num lameiro, à erva, sucedeu passar junto d'ela o namorado que ela desprezara, o qual, notando que ela se achava em adiantado estado de gravidez, lhe disse:

— Já que me não quiseste para marido, hás-de-me aceitar, ao menos, para padrinho do filho ou filha que tiveres.

— Nem para isso te quero! — respondeu ela.

— Pois que nem para isso me queres, — tornou êle —, sempre te hei-de *insimprar*.

E *insimprou-a*.

A rapariga veio a ter dois filhos gémeos, que morreram ao nascer; e, como não foram baptizados, foram enterrados numa horta.

Daí por diante, todas as vezes que o tal rapaz (o que a *insimprara)* por ali passava, ouvia uma voz que saía da horta, dizer: — «Ali vai o meu padrinho». Ao que uma outra voz, saída do mesmo sítio, acudia logo: — «E também meu».

O rapaz, atemorizado do estranho caso, foi ter-se com o abade da frèguesia e contou-lhe tudo, e êste respondeu-lhe: — «Pois que tu *insimpraste* a mãe, as crianças baptizadas estão. Agora o que falta fazer, é tirá-las da horta *em que estão* e dar-lhes sepultura em sagrado».

E assim se fêz.

*Nota*, — Perguntei à minha informadora, — uma fresca, viçosa e robusta moçetona —, o que vinha a ser aquela *história* de *insimprar*, e como era que o rapaz tinha *insimprado* a mãe dos gémeos.

— O rapaz — respondeu ela — agachou-se, colheu na palma da mão direita, enconchando-a, uma pouca da água que corria no lameiro, e depois, atirou com ela à barriga da mãe dos gémeos, fazendo com a mão um movimento em cruz, e ia

dizendo ao mesmo tempo: — «*Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo*». (AMEN, não disse, nem se pode dizer. Isso só aos padres).

— E, d'essa forma, já se vê — observei eu — as crianças, que ainda estavam no seio da mãe, ficaram baptizadas?

— Pois de certo. — rematou ela.

**101. Santo Hilário.** — Houve em remotas eras, na frèguesia de S. Simão de Gouveia, um moço ousado e impudente sedutor, que era o terror e a perdição das donzelas; insistentemente, e por muito tempo perseguiu uma rapariga de extremada formosura, mas muito honesta; ela não cedeu, e tão tenaz foi a resistência, que sempre opôs às solicitações do depravado rapaz, que êste, despeitado, lhe disse um dia que, se ela não cedia aos seus desejos, era por que se estava reservando para Santo Hilário.

Passado pouco tempo, a rapariga morreu, e transportado o seu cadáver para a igreja, ali foi depositado e permaneceu toda uma noite. Nessa noite o desalmado sedutor consegue penetrar a ocultas na igreja, e sem temor de Deus, nem dos homens, realiza no cadáver da desditosa moça o que em vida d'ela não podera conseguir. Quando estava, porém, consumando o nefando e abominável crime, eis que ouve uma voz tremenda, a voz de Santo Hilário, que lhe brada indignado: «Já que não deixaste passar essa rapariga virgem para o seu destino, hás-de ficar com *essa moléstia* para sempre». E contaminou-o de uma *moléstia ruim*. Foi d'ali que esta moléstia se espalhou por todo o mundo.

*Nota.* — Acêrca de Santo Hilário vid. o § 99-*b*.

**102. Imagem que foge.** — A imagem que representa o orago da frèguesia de Rio de Galinhas (S. Miguel o Anjo) foi encontrada por uma pastorinha na margem direita do mesmo rio, oposta à igreja, ao pé de um penedo, perto da Boavista. Duas vezes foi ela ali encontrada, escondida e retirada pelo povo para a igreja paroquial, e outras tantas desertou ela do seu altar, e fugiu para o tal penedo. À terceira vez, para que o não reconhecessem e não o recolhessem de novo à igreja de onde fugira, tomou a forma de um grande pássaro e voou para o sítio costumado. e foi empoleirar-se em cima de uma cerejeira a depenicar cerejas.

O povo deu com aquele estranho passarolo, e ignorando o que aquilo fôsse, deu em «esconjurá-lo» e atirar-lhe pedras; mas o pássaro não fugia. Nisto, um homem lembrou-se de mandar a casa buscar a arma caçadeira para lhe dar um tiro, e o pássaro, ouvindo isto, tomou medo, levantou vôo, e fugiu. Ninguém viu onde êle se recolheu, mas notou-se que por onde êle ia passando toda a gente se assustava, e até os próprios passarinhos se «agachavam».

No dia seguinte, aberta a igreja para se celebrar a missa, notou-se que o santo, que andava fugido, se havia recolhido de novo ao seu altar. Era, já se vê, o passarolo da véspera, que, tomado de susto do tiro com que o ameaçavam, recolhera de vez à igreja, e nunca mais fugiu.

Em comemoração d'êste caso, é que nesta frèguesia, se celebra a função anual do orago (S. Miguel), não no mês de Setembro, como devia ser, mas sim no mês de Maio, o mês das cerejas.

**103. Tesouros encantados e Mouras (Marco de Canavezes).** — *a)* Em Taboaço, no lugar de Vila-Maior, está um penedo com uma venta de boi pintada. Tem um letreiro que declara onde, perto, está um tesouro encantado.

*b)* — Na mesma frèguesia há a Fonte dos leões, com um letreiro também, que diz onde está outro tesouro.

*c)* — No sítio do Cruzeiro há três penedos, um com um *sansalimão* (= simo-saimão ou *signum Salomonis)*, outro com um barco e outro com três bacalhaus pintados. Entre o penedo do *sansalimão* e o dos tres bacalhaus, está uma trave de ouro.

*d)* — No sítio de *Boi-morto* (Manhuncelos), ao pé da Balsa, no lameiro, há um grande penedo, com um postigo (fenda). Está ali um tesouro encantado. De noite deitam «galos pretos» dentro do penedo para desencantar o tesouro.

*e)* — No *Rechão Grosso* (Taboado) está uma tulha de milho encantada. «Está «perdida» por uma pègada de cabra», isto é, quem der com a pègada, dá com a tulha. E quem der com a tulha fica rico. por que o milho, que tem dentro, dá para sustentar Portugal.

*f)* — No vale de cebolas (Taboado) está um penedo, com uma grade e uma cabeça de burro, gravadas. Tem dinheiro encantado. Aparece ali uma cobra. Se a deixarmos subir por nós acima e beijar-nos na boca, a cobra torna-se mulher, e o penedo despedaça-se e desfaz-se em dinheiro.

*g)* — Na *Chocal* (Taboado) há um penedo, com uma grande fenda. Aparece ali uma moura, mulher da cinta para cima, e cobra da cinta para baixo. Só aparece às pessoas «bonitas», que, apenas a avistam, fogem assustadas. É por isso que ainda está encantada. Se não fugissem, e se deixassem beijar, quebravam-lhe o encanto.

*h)* — Em *Chão de Igreja* (Taboado) está uma mina de dinheiro encantado. Foram lá uns homens excavar; mas apenas começaram a descobrir os primeiros «fios» de ouro, assaltou-os uma nuvem de mosquitos «a dar-lhes bofetadas». Os homens fugiram espavoridos.

*i)* — No sítio da *Pena* (Taboado), entre esta e a Mesquita, dentro de uma mina está uma trave de ouro encantado. É guardado por uma legião de diabos, que afugentam quem lá vai.

*j)* — Ao pé do *Freixo* estava um tesouro encantado. Foi desencantá-lo um homem «com um arado puxado por dois galos». Êle, sustentando o arado, a mulher, adiante, guiando os galos, foram lavrando até que o arado «pegou» e não andou mais. Era o tesouro onde o arado pegara.

*k)* — Por cima do *Poço* (Soalhães) está um grande penedo. Chama-se o *Penedo que fala*. Dentro, reside uma moura muito formosa, que está de guarda a um tesouro — dinheiro e moedas de ouro, — que vem assoalhar em cima do penedo na manhã de S. João.

Quando se chama por alguém ou se conversa em voz alta a breve distância do penedo, êste responde — «a arremedar a gente, e repete por escárneo o que a gente diz».

A voz sai de dentro do penedo.

*Nota.* — A informadora, uma ingénua e crédula velhinha,

assevera e jura que é pura verdade, e que o caso já se deu com ela.

*l)* — Nos *Prazis* (Sobrado) estão dois penedos, um de ouro, outro de peste. Apareceu ali uma doninha a um rapaz, subiu por êle acima e beijou-o na boca. Transformou-se logo numa princesa muito formosa, mas como vinha de todo nua, o rapaz embrulhou-a na jaqueta, levou-a para casa e ficou senhor do tesouro.

*m)* — No lugar de *Guidão* (Várzea de Ovelha), perto do rio, estão dois penedos, um maior, outro menor. O penedo maior chama-se o «Penedo da Moura». Quando se conversa perto d'êste penedo, ouve-se lá um estranho borborinho, um confuso rumor de vozes, como de muita gente junta a falar. Apareceu, ali, a um homem, uma Moura a pentear-se, e disse-lhe: — «Se cá voltares, hei-de entregar-te uma grande riqueza; mas não te assustes da forma em que eu te aparecer». — O homem voltou, e a Moura apareceu-lhe com cabeça de «gente» e corpo de serpente; depois, subiu por êle acima, «andou-lhe» à roda do pescoço e beijou-o na boca. O homem assustou-se, deu um violento estremeção e sacudiu a cobra. Esta caiu. Ouviu-se então um estâmpido medonho, como de um formidável trovão. Era o penedo que estalava, abria e patenteava o tesouro. A Moura sumiu-se. Nunca mais apareceu.

*n)* — Sempre que uma certa mulher casada ia preparar o caldo, vinha ter com ela à lareira uma cobra muito bonita e punha-se a «passear» (muito devagar e com o maior sossêgo) em volta da fogueira e à roda das panelas. A mulher escorraçava-a, mas a cobra, que era muito *mansinha e muito dada*, não fugia. Desesperada, a mulher, para se ver livre d'ela, escaldava-a, atirando-lhe, cheia de fúria, água quente da panela. — «O mafico da cobra! — bradava ela, acesa em ira — que me não larga!»

O homem, êsse, se estava presente, acudia sempre pela cobra; e dizia para a mulher: — «Não faças mal à pobre cobra! Que mal te fêz ela? Coitadinha! É tão bonita e tão mansinha!» — Resultou d'aqui que a cobra tomou amizade ao homem, e, à mulher, raiva entranhada. Premeditou vingar-se.

Um dia, andando o homem por fora de casa, apareceu-lhe, em certo sítio, uma donzela muito formosa, abeirou-se

d'êle, e disse-lhe: — «Toma lá esta prenda. Hás-de dá-la a tua mulher». — E entregou-lhe um preciosíssimo cinto de ouro muito rico e muito formoso.

O homem ficou deslumbrado. E, para melhor apreciar a riqueza e formosura do cinto, foi atá-lo no tronco de uma carvalheira; a carvalheira, porém, mal o homem lhe atou o cinto, «sem que ninguém lhe tocasse nem bulisse», arrancou-se de per si e desatou a fugir.

— «Olha se eu vou dar o cinto a minha mulher, que me fugia também!» — exclamou o homem, espantado e assustado do caso.

Passam-se uns dias e o homem torna a encontrar a mesma donzela. Esta abeira-se novamente d'êle e entrega-lhe outra prenda de ouro muito mais rica e mais formosa que a primeira. O homem aceitou-a; e, já esquecido do caso do cinto, foi todo jubiloso entregá-lo à mulher; mas apenas esta lhe lançou a mão, desatou a fugir por êsse mundo fora e nunca mais apareceu.

*o)* — Letreiros:

Na frèguesia de Passos de Gaiôlo há um penedo que tinha o seguinte letreiro:

Quem me virar,
Debaixo de mim grande riqueza há de achar.

Viraram-no, e êle apareceu com o seguinte letreiro:

Grande mercê me fêz
Quem para aqui me virou,
Que, de estar do outro lado,
Já eu cansado estou.

*p)* — Roteiro poético:

1

Entre o Freixo e a Mancela
Está o tesouro de Maria Manquela
Quem o desenterrar
Pode manter Portugal e Castela.

2

Entre o Freixo e a Mesquita
Uma trave d'ouro fica.
Uma pègada de boi a há de descobrir
Uma roda de carro anda a romper nela ([1]).

**104. Penedo dos casamentos.** — Na frèguesia de Várzea de Ovelha (Marco de Canavezes), não muito distante de Cotos, há um enorme megálito de forma arredondada e de grande altura. Chamam-lhe o *Penedo dos casamentos.* Consultam-no os lapónios para saber se casarão ou não. A consulta consiste em atirar com uma pedra de baixo para a corôa do penedo, com a ponta do pé, porque com a mão não vale nada. Se a pedra fica em cima, a resposta é afirmativa: casam.

Vêem-se muitas pedras em cima do penedo.

**105. Sinos.** — *a)* A primeira igreja que houve na frèguesia de S. João da Falada (Marco de Canavezes) reza a tradição popular que estava no sítio denominado *igreja velha.* Ali se vêem ainda, actualmente cavadas numa fraga de granito muito duro, sete sepulturas ([2]) com formas do corpo humano. Refere mais a tradição que de certo tempo em diante os sinos deram em fugir, de noite, da torre, indo pespegar-se entre uns penedos, lá para as alturas de um monte distante, e desatavam a tocar espontâneamente. Foram por uma e mais vezes transportados para a torre, e ali repostos, mas não houve ter mão neles: fugiam. O caso foi tido por milagre, e já se

---

([1]) [Por causa das rimas, estas duas linhas parece pertencerem ao n.º 1. Ou ha aqui falta. — J. L. DE V.]

([2]) Estas sepulturas de certo não pertenceram à tal igreja, se é que esta algum dia ali esteve, o que eu não creio. Também não está ainda bem averiguada a época *certa* a que pertencem as sepulturas d'êste tipo que aparecem em abundância, já isoladas, já em grupos, de duas, ou mais, por toda a área do concelho do Marco, — sempre com as mesmas formas, com a mesma orientação, cavadas em paredes, em fragas ou em saibro duro. Datam as mais antigas provavelmente dos fins da época lusitano-romana, ou começos do Cristianismo.

vê, tomado à conta de advertência superior para se mudar a igreja para os lados para onde os sinos pareciam chamá-la. Feita a remoção da igreja nessa direcção, e postos nela os sinos, lá sossegaram afinal, e lá pararam de vez.

Os sinos teem as vozes muito afinadas.

*b)* — O sino da igreja de Sôbre Tâmega, apareceu no rio, por baixo da ponte.

A imagem de Nossa Senhora, padroeira da mesma igreja, apareceu também no rio Tâmega, por baixo da ponte. Estava encerrada dentro de uma capelinha de transparente cristal, toda luminosa, muito bonita e toda guarnecida de flores. E lá está ainda ela, a capelinha, com o mesmo resplendor de luz celeste que a ilumina, com as mesmas flores que nunca murcham, e com a porta sempre aberta, mas sempre enxuta, *por que a água que a rodeia e cobre não penetra dentro.* A imagem da Senhora, essa, retiraram-a d'ali e levaram-a, no meio de geral alegria e grandes festas, para a antiga matriz da frèguesia, da invocação de S. Pedro, hoje ermida. Esta ficava lá para o alto, em sítio ermo e triste, na encosta desabrida da serra agreste. A Senhora deu em fugir d'ali, e, saüdosa da sua antiga morada, vinha entre a folhagem fôfa de uma frondosa e corpulenta árvore, sobranceira ao rio.

Três vezes é recolhida à igreja, três vezes de lá fugiu.

Afinal, a raínha Santa Mafalda, informada do milagroso caso, mandou que, no sítio tão predilecto à Senhora, se lhe erguesse um templo e nele se recolhesse a milagrosa imagem. E assim se fêz. Agora lá está ela, na sua morada predilecta, no seu templozinho singelo, todo caiado de branco, a reflectir na corrente prateada do rio a sua alvura de arminho, como um lírio imaculado.

E a lenda, para confundir os incrédulos, a repetir sem cessar, — que, quem, de cima da ponte, debruçado entre as ameias, fitar a corrente mansa do rio que lá em baixo vai deslisando como o mais puro cristal, lá avista distintamente atravez do claro veio de água a primitiva morada da Senhora toda guarnecida de flores.

*c)* — O sino da igreja de Paços de Gaiôlo apareceu no castelo de Fandinhães. Foi encontrado por uns pastores. Esteve primeiro nas igrejas de Penhalonga, Sande e S. Lourenço. Não tocava em nenhuma d'estas igrejas. Levado para

a igreja de Paços de Gaiôlo, começou a tocar, logo que deu entrada em terras d'esta frèguesia.

Chama-se o sino de Nossa Senhora das Dores, ou sino *bento*, e toca-se para as mulheres que estão de parto, para que tenham hora feliz. É eficaz!...

*d)* — O sino da igreja de Várzea de Ovelha apareceu no Cruzeiro.

Uma vez, andando uma pegureira a fiar, no monte do cruzeiro, escapou-lhe o fuso e caiu, e, ao bater no chão, tirou um som como de uma badalada de sino. Ao levantar o fuso, a pegureira viu, a sair da terra para fora, a asa de um sino. Era o sino, onde o fuso batera.

Está agora na igreja de Várzea de Ovelha.

No sítio donde foi tirado o sino, refere a lenda, apareceu depois uma panela cheia de dinheiro.

**106. Covinhas em penedos,** que os arqueólogos franceses chamam *fossettes.* — Diz-se que quando chovia, os pássaros iam lá beber e aí os esperavam os caçadores para os caçar. Segundo outros, as *fossettes* serviam para firmar covas de pastores.

IV

## LISTA DE VOCÁBULOS POPULARES

**amião.** — Cabo de mangual.

**assufiar.** — Rapar à sachola a orla do campo antes de dar comêço à lavra.

**choupinhar.** — Espezinhar. A um terreno muito calcado por um animal que ali divagou demoradamente, à solta, dizem: está todo *choupinhado.*

**cizoiro.** — Peça de ferro do feitio de gancho de cabelo de mulher, cravado na extremidade do cabo do mangual, pela qual passa o atilho de couro que prende a cabeça do mangual ao cabo.

**côche.** — Cesto grande ou vindimo.

**couçoeira.** — Atilho feito ou de uma tira de couro cru, que passando, pelo *cizoiro*, prende a cabeça do mangual ao cabo do mesmo. (Vid. *cizoiro*).

**insimprar.** — Tomar água na concha da mão e depois, com esta quási fechada, aspergir com ela outra pessoa, fazendo esta cerimónia movendo a mão em cruz. Quando se abre a mão para lançar a água que contém, a mão está de voltadas para a pessoa a quem se lança, e a água sai correndo ao longo dos dedos fora. É empregada esta cerimónia para baptizar crianças no ventre da mãe, insimprando-a, o que usam por gracejo fazer os aldeãos a mulheres grávidas. Cfr. § 100.

**pírtego.** — Cabeça ou toro de pau atado na extremidade do mangual, com que se malha o milho.

**prégoa.** — Espaço ou vão por cima do fôrro da casa, onde se recolhem e guardam várias cousas, tais como batatas, cebolas, etc.

**sóma.** — Pequeno relêvo que se nota entre duas bouças de mato contíguas e que resulta de se roçar o mato naquele ponto em direcções opostas. É em muitos casos a única demarcação entre duas bouças contíguas.

JOÃO DE VASCONCELLOS.

---

## NOTA DA REDACÇÃO

O autor do precedente artigo faleceu em 1913 no Marco de Canaveses, onde nascêra. Era Bacharel em Direito, e grandemente apaixonado das nossas vèlharias. Conhecia todas as antigualhas do concelho (castros, etc.), e com êle tive ensejo

de fazer algumas excursões arqueologicas, que foram um tanto rendosas para o Museu Etnologico.

A seu filho, o Médico Manuel de Vasconcellos, que continúa neste particular as tradições do pai, o que o não impede de se dedicar com afinco á nobre arte de Hipócrates, devo o o oferecimento do artigo para a *Revista Lusitana*, e aqui o insiro com todo o prazer, já pelo valor do mesmo, já como preito á memoria do autor. Embora nem tudo o que se lê no artigo seja já inédito, contém porém este muitas notícias valiosas que os cultores do *folk-lore* apreciarão. Se eu dispusesse de tempo para o fazer, teria anotado algumas.

J. L. DE V.

# VOCABULÁRIO ALENTEJANO

## (Subsídios para o léxico português) (1)

---

* **abagaceirado,** (ê), adj. — Sujo, emporcalhado, imundo.

— «Que ruas tão *abagaceiradas* que são as de Serpa!» (Conc. de Serpa).

**abaixar-se,** v. p. — *Pleb.* — (V. *agachar-se).*

* **abalancado,** adj. — Enfraquecido, alquebrado; abatido por doença.

— «Depois da doença ficou muito *abalancado*». — Dizem também *apalancado.* (Colhido em Montemór).

* **abastida,** s. f. — Barulho, ruído. (Serpa).

1. **abegão,** s. m. — Além da acepção já registada por C. Figueiredo, *Novo Dic.* — Carpinteiro de carros — no Alentejo significa também: o chefe da *gànharia;* o imediato ao feitor, que no «monte» dirige os *gànhões* nos trabalhos de lavoura (agrícolas). (Gavião, Fronteira — Dist. de Évora — Aljustrel).

2. **abegão,** s. m. — Aquele que dirige a *ocharia.* (Colhido em Móra).

* **àbeirão,** (ê), s. m. — O mesmo que *àbeiro.*

— «Já lá vai o tempo em que um *àbeirão* custava um *côrtinho!*» (Conc. de Portel, Évora — C. Maior).

**àbeiro,** (è), s. m. — Chapéu grosseiro e de abas largas usado pelos camponeses alentejanos.

— O *Novo Dic.*, de C. Figueiredo, regista *t. açor.* É também usado no Alentejo.

● **abelhudo,** adj. — Diz-se do indivíduo muito serviçal; incansável e cuidadoso no trabalho. (Colhido em Serpa).

---

(1) SINAIS CONVENCIONAIS:

— Os voc. antecedidos dêste sinal (*) não se encontram registados no *Novo Dic.*, de C. Figueiredo (3.ª ed., 1922).

— Os voc. antecedidos dêste sinal (●) encontram-se já registados no referido *Dic.*, mas com significação diferente.

* **aberrontar,** v. t. — *Pop.* — Dar notícia; ter conhecimento de.
— Deve ser alteração de *barruntar.* (Colhido em Mértola — Uusado em Moura, Serpa).

* **aberrundar,** v. t. — Apoquentar, afligir, atormentar. (Ferreira do Alentejo).

* **aberruntado,** adj. — Amuado, mal disposto. Zangado.
— « Não se pode brincar com êle hoje, fica logo *aberruntado.* (Cp. *aberrundar).* (Montemór).

* **abichôrno,** s. m. — Ar abafadiço; tempo quente.
— De *bochôrno.* (Conc. de Serpa).

* **abôa,** s. f. — (V. *aboínha).* (Serpa).

* **abôa-á-nova,** s. f. — Borboleta branca, que o povo na sua simplicidade rude crê ser portadora de felicidade.
Forma popular de *bôa-nova.* (Portel, Reguengos, Évora, etc.).

* **abóbora-branca,** s. f. — O mesmo que *colondro.* Variedade de abóbora comprida e de côr clara. (Colhido em Beja — Us. em Évora.

* **abóbora-de-água,** s. f. — O mesmo que *abóbora-branca.* (Beja).

* **aboínha,** s. f. — Pequena borboleta branca. O mesmo que *abôa.* (Dist. de Évora).

* **abrochadeira,** (ê), s. f. — Pregadeira (almofadinha, em que se pregam agulhas, etc.). (Montemór).

● **abrochar** *(os bois),* v. t. — O acto de jungir os bois à canga, pondo-lhe as brochas. (Montemór).

* **abrochilho,** s. m. — Usado na frase: *não ter abrochilho,* não ter onde abotoar, afivelar, etc. (Odemira).

* **abroncado,** adj. — Diz-se do indivíduo de modos grosseiros; rude. (De *bronco).* (Serpa).

* **abusinhão,** s. m. — Passagem mal dada na roupa. (Évora).

● **acabamento,** s. m. — Festa grande, no final do apanhamento da azeitona ou de qualquer outro serviço agrícola. O mesmo que *adiáfa.*
— Lembram as antigas festas pagãs em honra dos deuses protectores da agricultura. (Rev. *Terra Nova,* II-29). (Elvas, Borba, Extremôz, etc.).

* **acabantes,** conj. — Não só; em vista de; àlém de.
— « *Acabantes* pôrem-me com a casa, ainda me põem a tratar dos filhos ». (Colhido em Serpa).

* **acábo,** s. m. — (V. *acabamento).* (Colhido em Monsaraz — Conc. de Reguengos).

* **açafrado,** adj. — Azafamado, atarefado. Apressado. (De *açafrar?* ou de *açafroar?)* (Mértola).

* **acagaçar-se,** v. p. — *Pleb.* — Amedrontar-se, assustar-se.

— «Tantas coisas lhe disseram, que *acagaçou-se* todo...» (Portel, Reguengos, Évora).

* **acagular,** v. t. (e der.) — O mesmo que *acogular.* (Dist. de Évora — Serpa).

* **acais,** adv. — Forma pop. de *quási.* (Dist. de Évora e Beja).

* **acajadiça,** adj. — Diz-se da lavadeira que bate muito a roupa, na pedra do lavadouro.

— «Fique descansada, que eu não sou nada *acajadiça...*» (De *acajadar:* espancar? e daí, *bater?)* (Colhido em Montemór).

* **acajadiço,** adj. — Sujeito a; capaz de; propenso.

«... nem por isso sou *muito acajadiça* de partir loiça». — Corresponde ao voc. alg. *acajuadiço.* (Montemór).

* **acarradôr,** s. m. — O mesmo que *acarradouro* ou *acarro* (sítio aonde os gados no verão passam as horas da calma). (De *acarrar).* (Extremôz, Reguengos, Redondo).

* **acarreio,** s. m. — O mesmo que *acarrêto.* Acto de transportar em carradas (ou carrêtas) a semente para a eira. (De *acarrear).* (Pavía — Conc. de Móra).

* **àcasião,** s. f. — Forma pop. de *ocasião.*

— «Se *adregar* na *àcasião,* passo lá por monte».

**aceifa,** (ê), — Note-se a frase: *ter a sua àceifa,* auferir bons interesses; ter muitos ganhos.

— «Com tantas doenças neste tempo, *teēm* os médicos *a sua àceifa*». — «Pela Semana Santa é que os padres *teēm a sua àceifa*». (Colhido em Montemór — Us. em Évora, Extremôz, etc.).

* **aceifa-canhota,** (è), s. f. — *Pop.* — Confusão, desordem, balbúrdia.

— «Quando cheguei a casa, logo com os meus irmãos foi uma *aceifa-canhota*». (Reguengos).

* **aceifadôr,** (ê), s. m. — O mesmo que *ceifeiro.* (Pavía — Conc. de Móra).

**aceiro,** (ê) — Usado na *loc.: fazer aceiro,* dar ocasião; dar ensejo a; facilitar.

— «A tia Anica *fêz aceiro* para os dois namorados se encontrarem...» (Usado em quási todo o distrito de Évora).

* **aceitosa,** (ê), adj. — Diz-se da pessoa que gosta de aceitar; de pessoa metediça, que come aqui e acolá.

— «Aquela minha prima é muito *aceitosa:* mal se lhe oferece o cafèzinho, nunca diz que não». (Montemór).

● **acerêjar,** v. t. — Assar ou còrar no fôrno (galinhas, frangos, etc.). (Portel — Serpa).

● 1. **achêgas,** *(chê),* s. f. pl. — O conjunto de forros, botões, etc., precisos para um fato.

— «Trago só a fazenda, agora as *achêgas,* compre-as *vómecê,* e diga quanto é ..» (Us. pelos camponeses dos campos de Évora).

● 2. **achêgas,** *(chê),* s. f. pl. — O conjunto dos tijolos, cal, areia, etc., necessários para a construção de uma casa.

— «O teu *Antónho* comprou o terreno e as *achêgas:* mas agora não tem dinheiro para começar a obra». Nesta acepção é *t. ant.* (Cibôrro — Conc. de Montemór).

* **achôcho,** s. m. — O mesmo que *cabana.* (Vidigueira).

* **achumbrado,** adj. — Humedecido; meio enxuto.

— «A roupa não está bem enxuta, mas só *achumbrada*». — «A roupa está *achumbrada,* está mesmo bôa para passar a ferro». (Évora e Beja).

* **acilhar,** v. t. — Ficar bem; entrar bem; permanecer. (Odemira).

* 1. **acolheite,** (ê), s. m. — Acolhimento, pousada.

— «Quando fômos a Moira, deu-nos *acolheite* uma senhora muito rica que lá havia». (De *acolher).* (Serpa).

* 2. **acolheite,** (ê), s. m. — *t. caç.* — Lugar, onde a caça se acolhe. (Serpa).

* **acòlmado,** adj. — Acogulado; com cogulo (uma medida).

— «Leve os cinco litros de cevada, que êles estão bem *acòlmados*». (Colhido em Mértola).

● 1. **acomodar-se,** v. refl. — Colocar-se, empregar-se.

— «*Acomodou-se* êste mês no «monte» do padrinho». (Évora — Beja).

● 2. **acomodar-se,** v. refl. — Aquietar-se; sossegar.

— «*Acomoda-te* rapaz! nunca páras...» (Évora—Beja).

* **aconetar,** v. t. — Fazer *conêtas;* costurar mal. Remendar grosseiramente. (Serpa).

* **acontecido,** adj. — Em vez de *admirado.* (Fronteira).

* **açôrda-mõna,** s. f. — Diz-se *açôrda-mõna* a que não leva peixe, ovos ou outro acompanhamento. (Cabeça-Gorda — Conc. de Beja).

* **açôrda-solteira,** s. f. — O mesmo que *açôrda-mõna.* (Arraiólos).

● **açougue,** s. m. — Em vários jogos de rapazes, o local onde os jogadores podem estar sem perigo de perder. (Reguengos).

* **açouguice,** s. f. — Açougada, arruaça; vozearia. (Serpa).

* **adecóras,** s. m. pl. — Salamaleques; mesuras exageradas; cumprimentos afectados.

— «Eu com êles, não ando com tantos *adecóras*...» (Da *loc. adv. de-cócoras?)* (Serpa).

● **adérno,** s. m. — O mesmo que *alcornóque* (tronco velho). (Colhido em Mourão — Portel).

* **adevertimento,** s. m. — O mesmo que *adiáfa.* — Alteração de *divertimento.* (S. Marcos do Campo — Conc. de Reguengos).

* **adorminhado,** adj. — *Fam.* — Caindo de sono; sonolento, ensonado. (Reguengos).

* **adride,** adv. — Por *adrede* (de propósito; acintosamente). (Serpa).

**adufe,** s. m. — Além da acepção «*pandeiro quadrangular*», — no Alentejo significa, em sentido *fig.* — rapaz que apanha pancadas; que é muitas vezes sovado. (Colhido em Aviz).

* **afègação,** s. f. — O mesmo que o seguinte.

* **afègada,** s. f. — Acto de *ofegar.* (De *afègar).* (Dist. de Évora).

* **afègar,** v. int. — Respirar com ruído e dificuldade, devido isto a cansaço.

— Alteração de *ofegar.* (Dist. de Évora).

* **aferidar,** v. t. — *t. caç.* — Dar com intimativa ao cão a voz de «*ferido*», para êle ir cobrar a caça, isto é, buscá-la. (Serpa).

* **aferrunchado,** s. m. — O mesmo que *mascarado.* (Mértola).

* **aflaiteado,** ou * **aflauteado,** adj. v. — Rôto, esfarrapado; precisando concêrto (referindo-se a roupa).

— «Não sei como te arranjas, que andas sempre com a roupa *aflaiteada*».

— Só ouvi as formas participios, que registo. (Colhido em Serpa).

● **aflito,** s. m. — Enterite infantil. (Beja).

● **afronta,** s. f. — O mesmo que o seguinte.

● **afrontamento,** s. m. — Além das acepções registadas no *Novo Dic.,* — perturbações de cabeça, etc. — no Alentejo significa mais: ameaço de congestão; perturbação de ca-

beça sentida pelas mulheres que começam a envelhecer. O afrontamento é caracterizado pelo demasiado calor sentido nessa parte do corpo. (Colhido em Serpa).

* **afufos.** — Usado na expressão «*andar aos afufos*», andar em aflições; metido em trabalhos.

— «A *Estrudes anda* sempre *aos afufos*, por causa do filho». (Reguengos).

* **agácha,** s. f. — Diz-se que «*está de agácha*», a pessoa que está de cama, com doença leve, gripe, etc. (Évora).

**agachar-se,** v. p. — *Pleb.* — O mesmo que *abaixar-se.* (Dist. de Évora).

* **agárra,** s. f. — Acto de apanhar ou prender o gado vacum para diferentes fins (ferra, tenta, etc. (Montemór).

● **agente,** s. m. — *t. ant.* — Indivíduo que leva artigos de uma loja, para vender nas feiras, levando o preço marcado, ganhando apenas o que conseguiu do freguês, a mais dêsse preço. (Évora).

* **agravado,** adv. v. — Inflamado, inchado (referindo-se aos olhos).

— «Desde que andas ao sol, tens os olhos cada vez mais *agravados*...» (Serpa).

● **águàdas,** s. f. pl. — Pequeno descanso de um quarto de hora, que o manageiro dá aos trabalhadores para êstes beberem água, fumar, etc. (Dist. de Évora).

● **agulhas,** s. f. pl. — É como em Évora-Monte são conhecidos os dois ramos de piorno entrelaçados, que seguram e terminam a cobertura das *serras* de palha.

● **agulheiro,** s. m. — Canal (ou abertura) estreito e profundo, feito nos fornos de carvão, para a saída do fumo. (Portel — Viana).

* **aivécas,** s. m. — *t. deprec.* — Indivíduo de pés grandes. (Serpa).

● **ajoujar,** v. t. — *Fig.* — Diz-se do acto da pessoa que aproxima dois namorados, para namoro ou mancebia. Facilitar o *ajoujo.* (Serpa).

● **ajoujo,** s. m. — *Fig.* — União ilícita ou mesmo qualquer combinação com fins pouco confessáveis. Mancebia. (Colhido em Serpa — Us. em Évora — Beja).

● **ajuda,** s. m. — Auxiliar do *almocreve.* (Aljustrel).

● **ála,** s. f. — Impulso; movimento.

— «Vê se dás uma *ala* ao corpo para eu poder contigo...»

*Pl.* — Na frase: *estar em alas*, estar inquieto; ter desejo veemente de que alguma coisa suceda; impacientar-se.

— «Em não recebendo notícias de lá... já *estou em alas*. (Montemór — Évora — Portel).

* **alabação,** s. m. — Alabaça silvestre, que serve para alimento de animais. (Alandroal).

* **alaclára,** s. m. — (V. *alcrára*. (Beja — Mértola).

● **albano,** s. m. e adj. — Parvo, pàteta, pacóvio. (Serpa).

● **albarca,** s. f. — Vaso quadrangular e chato, de madeira. (Us. na Mina de S. Domingos — Mértola).

* **albardeirão,** (ê), *(ona)*, s. m. e adj. — Pessoa pouco cuidadosa nos serviços a seu cargo; que faz tudo à pressa e mal. (Serpa).

● **albórque,** s. m. — O mesmo que *almeirada*.

— «Quando lá passei, estava fazendo grande *albórque* para o jantar». (Beja).

* **alcaçarenhas,** adj. — Diz-se das nuvens, muito carregadas que veem trazidas pelo vento de oeste, portanto dos lados de Alcácer do Sal.

(Do n. p. *Alcácer)*. (Montemór).

* **alcácaro,** s. m. — Juízo; tino. * *Ter falta de alcácaro*, ter pouco ou nenhum juízo; ser doïdivanas. (S. Marcos — Conc. de Reguengos).

* **alcagaita,** s. f. — *t. deprec.* — Assim é conhecida, em Alter do Chão, a rapariga pobre que não vai aos trabalhos do campo.

* **alcalharázes,** s. m. pl. — Vestes de padre, e por extensão, saias.

— «O padre, logo que viu o boi, arregaçou os *alcalharázes* e desatou a fugir...»

(Provavelmente, alteração do *t. ant. algaravazes*, que significa «orla ou guarnição de vestido talar»). (Serpa).

● 1. **alcance,** s. m. — Intervalo compreendido entre a abertura dos braços.

— «Que bom lençol êste, que nem tenho *alcance* para êle...» (Serpa).

● 2. **alcance,** s. m. — O usual *copo de água* em dia de casamento: *servir o alcance*. (Pias — Conc. de Serpa).

* **alcandarês,** *(sapo)*, s. m. — Variedade de sapo grande. (Montemór).

* **alcanôco,** s. m. — (V. *alcornóque)*. (S. Marcos — Reguengos).

* **alcatear,** v. t. — Ter rodeios na conversação; misturar na conversa assuntos estranhos à mesma.

— «Para dizer, o que tinha a dizer, andou para ali a *alcatear*, que até aborrece...» (Serpa).

● **alcornóque,** s. m. — Tronco de árvore, velho e carcomido. (Reguengos).

* **alcrára,** s. m. — O mesmo que *alacrau*. (S. Teotónio — Conc. de Odemira).

* **alcuza,** s. f. — O mesmo que *almotolia*. (Mina de S. Domingos — Mértola).

* **aldravaz,** s. m. — Trapaceiro; aldravão. (Aviz).

* **alévio,** s. m. — Calúnia; falso testemunho. (Alt. de *aleive?)*

* **algalamassa,** s. f. — O mesmo que *algramassa*. (Portel — Reguengos).

● 1. **algarismo,** s. m. — Apontamento; nota; indicação.

— «Em me dando um *algarismo* do que querem, logo eu sei fazer as compras».

*Pl.* — Palavras enigmáticas, que constituem uma espécie de cifra, préviamente combinada entre duas ou mais pessoas: *falar por algarismos*. (Montemór — Beja).

● 2. **algarismo,** s. m. — Bulha; altercação.

— «Por coisas que não valem nada, faz ela logo um *algarismo!*» (Cabeça Gorda — Beja).

* **algarnaça,** s. m. e adj. — Homem grandalhão. O mesmo que *algrèvão*. (Portel — Redondo).

● **algibébe,** s. m. — *t. deprec.* — Indivíduo de corpo defeituoso e de fato mal arranjado. (Cabeça Gorda — Beja).

* **algramôjo,** s. m. — Sardinhas assadas com pimentos e tomates, de azeite e vinagre. (Serpa).

* **algrèvão,** s. m. — (V. *algarnaça)*. (Portel — Cuba — Beja).

* **alhas-palhas,** s. f. pl. — Lenha (ou carvão) que arde muito depressa e produz pouco calor. — *Fig.* — Comida que alimenta muito pouco. (Serpa).

* **alibrósque,** s. m. — Indivíduo com certos ares de parvo, sendo ao mesmo tempo muito bulhento e de modos abrutados. O mesmo que *labrêgo*.

— Será corrutela de *alóbrogo?* (Serpa).

* **alimpante,** s. m. — Guardanapo ou rodilha com que se alimpam à mesa. O mesmo que *andante*.

— Na gíria dos *gànhões* é também conhecido por *cento e vinte*. (De *alimpar)*. (Pavia — Conc. de Móra — Us. em Évora — Borba — Reguengos).

* **almanzêm,** s. m. — *Fig.* — Homem corpulento mas sem grande préstimo.

— Corrutela de *armazém.* (Serpa).

* **almareado,** adj. — Diz-se da pessoa perturbada, com as faculdades pouco lúcidas. — Embaciado, baço (referindo-se a metais). (Beja).

● **almarge,** s. m. — O mesmo que o seguinte.

● **almargem,** s. m. — Lugar para onde se levam as bêstas mortas, ou as que estão doentes e velhas.

*Lançar ao almargem,* abandonar qualquer animal, (bêsta), quando já sem préstimo. (Colhido em Portel — Us. em Viana, Reguengos, Évora, Beja e Serpa).

* **almêcega,** s. f. — Lamaçal; atoleiro, donde os carros saem a custo. O mesmo que *sorvedouro.* (Safára — Conc. de Moura).

* **almeirada,** (ê), s. f. — Porção grande de; quantidade grande de, (especialmente referindo-se a comida).

— «Sempre o rapaz comeu hoje uma *almeirada* de açôrda!» (Portel — Évora).

● **almeirão,** s. m. — (V. *almanzêm).* (Portel).

● 1. **almocréve,** s. m. — Aquele que lavra com uma parelha. (Beja).

● 2. **almocréve,** s. m. — Homem encarregado no monte de tratar do gado. (Aljustrel).

● **almoxarife,** s. m. — Nome por que é conhecido em Évora o funcionário principal do hospital civil. Noutras localidades do Alentejo, tem o nome de fiscal, director, etc.

● **alôjo,** s. m. — O recheio de uma casa; riqueza.

— «O *Custoïdo das Arrobinhas* depois que lhe morreu o pai, ficou com um grande *alôjo*».

* **àlpalhão,** s. m. — O mesmo ou melhor que *àrpalhão.* (Portel).

* **àlpalheirão,** (ê), s. m. — O mesmo que *àlpalhão.*

— Também por extensão o empregam referindo-se a animais indolentes. (Safára — Moura).

* **àltangénio,** s. m. — (V. *altingénio).* (Évora).

* **àltingénio,** s. m. — Altercação; discussão azêda; declaração de acusações.

— «Fêz logo um *altingénio* com o sôgro, cuidando que êle é que tinha avisado a filha». (Reguengos).

* **àltrafíscos,** s. m. pl. — Alfaias agrícolas: *os altrafiscos da lavoura.* (Serpa).

* **alva-de-cão,** s. f. — Excremento de cão. (Mina de S. Domingos — Mértola).

● **alvarenga,** adj. — Amalucado; estouvado; estoira-vêrgas.
— «O rapaz não tem juízo mesmo nenhum, é um *alvarenga!*» (Lavre — Conc. de Montemór).

* **amachouchar,** v. t. — *Fam.* — Afagar, acariciar, acarinhar.
— «Não me *amachouche* tanto .. porque então deixo-me dormir». (Reguengos).

* **ama-da-roupa,** s. f. — *Pop.* — Lavadeira. (Évora — Beja).

* **àmanhão,** adv. — Em vez de *àmanhã.* (S. Sebastião dos Carros — Conc. de Mértola).

* 1. **amanhío,** s. m. — Amanho, concerto; arranjo.
— «Tenho os sapatos no *amanhío* e ainda não estão acabados». — *Fig.* — Curativo, tratamento.
— «Teve que pagar no hospital o *amanhío* que lhe fizeram». (Montemór — Évora).

* 2. **amanhío,** s. m. — Construção principiada.
— «Caíu uma casa, mas não era uma casa já pronta: era só um *amanhío;* lá para o verão é que se havia de acabar». (Colhido em Montemór).

* **amarelos,** s. m. pl. — Objectos de cobre ou latão (tachos, bacias, etc.) O mesmo que *arame.* (Gavião).

● **amarilho,** s. m. — Mineral amarelo existente na Mina de S. Domingos, conc. de Mértola.

* **amarmassado,** adj. — Abafadiço; que não é respirável (falando-se do ar). (Us. nos campos de Évora).

* **amecção,** s. f. — (V. *mecção).* (Dist. de Évora).

● **amendoado,** s. m. — Presente de amêndoas, que se dá por ocasião da Semana Santa. (Beja).

* **amóla,** s. f. — O mesmo que *amolação.* Acto de amolar. — Diz-se também «*hora d'àmóla,* a hora de descanso que na tirada da cortiça, teem os trabalhadores para amolar os machados». (Portel — Évora).

* **amônjo,** s. m. — Por *amôjo;* apojadura. (Portel — Reguengos).

* **amòstar-se,** v. refl. — Apregoar-se. Ser proclamado noivo, à hora da missa, pelo prior da freguesia. (Redondo).

● **amparar,** *(o gado),* v. t. — Evitar; não permitir que êsse mesmo gado destrua uma seara ou qualquer plantação. (Aljustrel).

● **anafado,** adj. — Além de tratado com muitos cuidados e mimos também significa: — vestido com luxo: *logo de manhã a vi sair toda anafada».* (Évora, Montemór e Beja).

* **anáfe,** (?) — Fornalha para cozinha. (Serpa).

● **ancinho,** s. m. — Jôgo de rapazes em que estes ao atirar um pau curvo e a que chamam *ancinho* dizem o seguinte estribilho: «*Ancinho, ancinho... para o teu focinho*». (Portel).

* **andalão,** adj. — Que anda muito. (Mourão).

● **andante,** s. m. — (V. *alimpante*). Assim se diz, por em casa de gente pobre e à mesa, ser utilizado sòmente um guardanapo e êste andar dum para outro lado. (Reguengos, Évora e Móra).

1. **andar.** — Como no Alentejo se faz a conjugação do verbo *andar:*

IMPERF. DO IND.

Eu andæva
tu andævas
êle andæva
nós andævamos
êles andævam.

PERF. DEF. DO IND.

Eu andive
tu andivestes
êle andêve
nós andivemos
êles andiveram.

MAIS QUE PERF. DO IND.

Eu andæva
etc.

IMP. DO CONJ.

Eu andæsse
tu andæsses
etc.

FUTURO DO CONJ.

Eu andær
tu andæres
etc.

— Os outros tempos são regulares. Não menciono a 2.ª pessoa do plural, porque não se emprega no Sul. Represento por *æ* um som intermédio entre *a* e *e*, por assim me parecer a melhor forma de indicar a pronunciação dêste verbo.

— É comum assim no distrito de Portalegre, e já no conc. de Borba, o que mais se aproxima daquele distrito.

2. **andar** *(às cambaritas).* — Loc. v. — Diz-se de quem anda às costas, aos ombros, de outrem. O mesmo que «*às cavalitas*». (Altér).

3. **andar** *(de má resgaslhice).* — Loc. v. — Andar desavindo com alguém: *andam sempre de má resgalhice* uma com a outra...» (Montemór).

* **andavál,** s. m. — *Fig.* — Pessoa magrizela, que mal pode ter-se em pé. — *Adj.* — Enfraquecido; combalido pela doença. (Évora).

* **andær,** v. int. — Por *andar.* (V. conjugação dêste verbo). (Alto Alentejo — Borba).

● **anexins,** s. m. pl. — Objectos pequenos: *brinquedos de crianças e outros anexins.* (Colhido em Évora — Us. em Beja).

* **angonais,** s. m. pl. — Aparelhos com que o animal tira água ao engenho da nora. (Reguengos).

* **animal-de-cabelo,** s. m. — *Pop.* — Brutamontes; homem estúpido. (Altér-do-Chão, Arraiolos).

● **animôso,** adj. — Divertido; folgazão.

— «A *Estrudes* sempre é muito *animosa*».

**aninhado,** adj. — Concertado, arranjado.

— «Se êsse casaco fôsse *aninhado* há mais tempo, não estava agora tão estragado».

— Menciono em separado do v. de que é particípio, por ser mais usado ainda como adj. independente. (Évora — Beja).

● **aninhar,** v. t. — Concertar, arranjar (a roupa).

— «Nestes dias nem tenho podido *aninhar* a minha roupa; assim vai-se-me estragando cada vez mais». (Évora — Beja).

● **anojado,** s. m. — Pessoa que acompanha um morto, emquanto êste se conserva em casa. (Pavía — Móra).

* **apatuscos,** s. m. pl. — Diz-se do fuzil, pederneira e isca.

— Os *apatuscos,* são usados pelos camponeses alentejanos e guardados pelos mesmos na *fuzileira* de cabedal, sempre artisticamente feita. (Portel — Viana).

* **apetiscos,** s. m. pl. — O mesmo que *apatuscos.* (Montemór).

● **apetitoso,** adj. — Um pouco salgado.

— «O jantar não se pode dizer que esteja salgado: está só *apetitoso*». (Colhido em Évora).

* **apertadilho,** s. m. — O mesmo que *apêrto.* Aglomeração de pessoas.

— «Fui à missa, mas à entrada da igreja, havia lá um *apertadilho,* que nem se podia lá entrar». (Portel).

● **aportilhar,** v. int. — *t. caç.* — Passar dum corgo a outro, através das *portelas.* (Serpa).

**aprender** *(ofício).* — *Pop.* — Diz-se que *aprendem ofício* as azeitonas que se tornam *sapateiras.* (V. êste termo). (Évora — Beja).

* **aproveitadeira,** (è), s. f. — O mesmo que *serra* (instrumento). (Baixo Alentejo).

* **aquais,** adv. — Corr. de *quási.*

— Alguns camponeses ainda dizem *acajo.* (Évora).

* **aqui-d'assim,** adv. — O mesmo que *aqui.* (Cibôrro — Montemór).

* **ar-em-cu,** s. m. — O mesmo que *pirilampo.* (Alandroal).

* **àrgenciar,** v. t. — Adquirir com sacrifício; conseguir, alcançar.

— «Tudo que tenho e não tenho, só eu o *àrgenciei*». (Portel).

* **àrgenceio,** s. m. — Acção de *àrgenciar.*

*Pl.* — Ganhos, lucros. (Portel).

* **argórge,** s. m. — O mesmo que *guizo.* (S. Geraldo — Montemór).

* **aringar,** v. int. — Ter cóito. *(Pleb.)* (Serpa).

* **arjóz,** s. m. — Cascavel ou guizo. (Gavião).

* **arneirar,** (ê), v. t. — *t. agríc.* — Trabalhar com *arneiro.* (Portel — Baixo Alentejo).

* **arneiração,** s. f. — *t. agríc.* — Acto de *arneirar.* (Portel — Baixo Alentejo).

● 1. **arneiro,** s. m. — *t. agríc.* — Crivo de zinco, com que na eira limpam o trigo das maiores impurezas.

— Tem de ordinário a forma rectangular. (Portel — Baixo Alentejo).

● 2. **arneiro,** s. m. — Diz-se da peça de roupa cheia de buracos.

— «O casaco cortou-se do bicho; ficou todo num *arneiro*». (Por analogia com o *arneiro* da semente? (Évora — Beja).

● 3. **arneiro,** s. m. — Porção de *cilarcas* que nascem juntas (ou próximas), debaixo do mesmo *arregoão.* (Portel).

* **àrpalhão,** s. m. — *Pop.* — Homem corpulento mas sem grande préstimo. (Portel — Mértola).

* **arquibanço,** s. m. — Conjunto de coisas velhas, tais como: mobílias, caixotes, etc. (Colhido em Montemór).

● **arquitecto,** s. m. — *t. deprec.* — Pessoa ou animal muito fraco, débil.

— «O pinto não morreu, mas está tão fraquinho! Anda alí aquele *arquitecto* que mal se pode ter em pé». (Colhido em Montemór onde parece que os arquitectos teem triste cotação quanto a robustez).

* **arranita,** s. f. — *t. deprec.* — Pessoa de pequena estatura. (Serpa).

● **arrasta,** s. f. — Filho pequeno que serve de embaraço à mãe.

— «Morreu-lhe o marido e ficou com uma *arrasta:* como há-de ela governar-se agora?» (Évora).

● **arrear,** v. int. — Incitar os animais de carga com interjeições próprias, à mistura com termos injuriosos para os donos.

— «Arre! burro dum ..., etc.» (Montemór — Évora).

● **arrearía,** s. f. — O mesmo que *carraría* (porção de carros). (Reguengos).

*Pl.* — Adôrnos; arranjos; enfeites (no vestuário). (Serpa).

● **arrebenta-boi,** s. m. — Cogumelo venenoso. (Portel).

* **arrebentadela,** s. f. — *Pop.* — Acto de *arrebentar.*

— Quando um rapaz ou uma rapariga, fica sem o namoro, sendo-lhe tirado por outro ou outra, diz-se que apanhou uma *arrebentadela.* (Móra).

● **arrebentar,** v. int. — *Fig.* — A rapariga que num baile não faz caso do namoro efectivo e dá atenção a outro diz-se que *arrebentou* o primeiro.

— *Arrebentar alguém,* tirar a êsse alguém o namorado ou namorada conforme o sexo.

— «O *Manél da Horta* anda a ver se m'*arrebenta* mas não consegue!». (Móra — Évora — Baixo Alentejo).

● **arrebentão,** s. m. — *Pop.* — (V. *arrebentadela).* (Pavía — Conc. de Móra).

* **arredolar,** v. t. — Amanhar, concertar.

— «Aquelas ceroulas, ainda hei-de ver se consigo *arredolá-las* de qualquer maneira». (Serpa).

● **arregaçar,** v. t. — Tirar a terra de volta das cêpas (videiras). (Reguengos).

* **arregáchinha,** s. f. — *t. deprec.* — (V. *arranita).* (Serpa).

* **arregoão,** s. m. — Montículo de terra soerguido pelo desenvolvimento duma *cilarca.* (De *arregoar).* (Portel).

● **arrelvar,** v. t. — Alqueivar para semear no ano seguinte. (?) (Fronteira).

* **arremetão,** s. m. — Gesto repulsivo; má cara.

— «Também para mim, estás sempre de *arremetão*». (Serpa).

* **arrenca,** s. f. (e der.) — Arranque de cêpas ou desbate de mato. (Dist. de Évora — C. Maior).

* **arrequiz,** s. m. — Pernada de árvore, a que cortam a rama, e que os pastores costumam tanchar no chão, à frente da porta da cabana, servindo para pendurar chocalhos, coleiras, etc. (Safára — Moura).

● **arrimar,** v. t, — Aproximar, chegar; vir.

— «Depois da guerreia nunca mais *arrimou* à minha porta». (Dist. de Évora — Beja — Serpa).

* **arrivéça,** s. f. — O mesmo que *abrigada.* Lugar abrigado onde bate o sol.

— «Hoje está um frio dos diabos, mas ali na cêrca do quartel está uma *arriveça,* mesmo boa». (Cibôrro — Montemór).

● **arrôcho,** s. m. — *Fig.* — Homem de mau génio; ruim: ... *é torto que nem um arrôcho.* (Portel — Reguengos).

* **arrodeio,** s. m. — Corr. de *rodeio.* Subterfúgio. (Dist. de Évora).

* **arruína,** s. f. — Arruaça; motim; algazarra. (Campo Maior — Elvas).

* **àrsoluta,** adj. — Forma pop. de *absoluto.* Diz-se da mulher bulheta e desordeira.

— «É a mulher mais *àrsoluta* que tenho visto...» Êste adj. emprega-se mais na forma f. (Portel).

● **arteiro,** *-a,* adj. — Bonito, simpático; agradável.

— «Aquela rapariga, com aqueles grandes olhos e a boca de lindo desenho, é mesmo *arteira*». (Montemór).

* **arvênzoila,** s. f. — *t. deprec.* — Pessoa delgadinha, débil e fraca: «*aquela arvênzoila resistia lá a um parto!...*» (Serpa).

* **assacalado,** adj. — Afadigado com trabalho; azafamado. (Serpa).

* **assacornado,** adj. — O mesmo que *acarrado* ou *abarracado.* Amadornado.

— «A Rita está agora *assacornada* com a febre». (Serpa).

● **assembleia,** s. f. — Banquete. (Ferreira).

● **assentadura,** s. f. — Ferimento produzido pelos arreios no lombo ou cachaço das bêstas. (Évora).

**assobío** *(quadrado),* s. m. — Silvo produzido com o auxílio de dois dedos colocados na boca. (É muito us. pelos pastores. (Dist. de Évora — Serpa).

* 1. **assovacar,** v. t. — Sufocar; faltar (o ar).

— «Não me apertes que m'*assovacas*...» (Montemór, Évora e Portel).

* 2. **assovacar,** v. t. — Ver com espanto, admiração.

— «Ficou mesmo *assovacado* em frente do automóvel». (Serpa).

● **assovelar,** v. t. — *Fig.* — Costurar mal.

— Diz-se que *assovela* quem não sabe costurar. (Serpa).

* **àssuisse,** s. f. — *Pop.* — Berraria; barulheira; vozearia. (Portel — C. Maior).

* **assupilhado,** adj. — Diz-se de qualquer peça de roupa mal remendada. (V. *supilho).* (Beja).

● **astro,** s. m. — Assim dizem em vez de *céu.*

— «Está o *astro* muito escuro para a gente ir de *abalada*». (Serpa — Portel).

● **atabafar,** v. t. — Fazer ferver o leite. (Portel, Évora, Beja, Moura e Serpa).

* **atalabuzado,** adj. — Borjeço; estúpido; bronco (referindo-se a pessoas). (Serpa).

● **atalaia,** s. f. — Pirâmede de alvenaria. (Serpa).

* **atalhação,** s. f. — Acto de *atalhar.* (Portel — Évora).

● **atalhar,** v. t. — Operação que consiste em cortar o terreno em sentido transversal à charruação. (Reguengos, Viana e Montemór).

● **atalho,** s. m. — (V. *atalhação).* (Reguengos, Viana e Montemór).

**ataque** *(de lua),* s. m. — O mesmo que *enterite infantil.* (Évora).

* **atavário,** s. m. — Fúria; veneta. (Serpa).

* **atemezurado,** adj. — Assustado, espavorido.

— «O homem quando viu cair a mulher para o poço, ficou *atemezurado* de todo...»

— Deve ser corr. de *atemorizado.* (Montemór).

* **atoïçar,** v. t. — Entusiasmar; excitar, incitar. — Espicaçar; atiçar.

— «Não me andes a *atoïçar* porque então vou sem medo nenhum». (C. Maior — Dist. de Évora).

* **atópa,** s. f. — O mesmo que *trepadeira* (ave). (Portel).

* **atouco,** s. m. — Buraco no tronco de algumas árvores (oliveiras, azinheiras, etc.) onde os pássaros muitas vezes vão fazer o ninho.

— Também pronunciam *atóco.* (Portel).

* **aurélio,** s. m. e adj. — Homem parvo; pàteta; alonso.

— «O *Antonho* sempre me saíu um *aurélio* por causa do namôro!...» (Reguengos).

● **avaría,** s. f. — Acto de coragem ou de habilidade; proeza extraordinária.

— «Olhem que grande *avaría* que foi! Isso também eu era capaz de fazer!». (Dist. de Évora — Beja).

* **avarjadôr,** s. m. — Homem que vareja as oliveiras.

— Também pronunciam *varjadôr*. (Elvas — Estremôz).

**aviar,** v. t. — Us. na *loc. v.* — * *aviar o pano,* preparar o farnel para alguém que vai empreender viagem. (Évora — Estremôz).

**azagal,** s. m. — Rapazote que auxilia o pastor. Rapaz que no monte faz os recados. (Cp. *escamél).* (Serpa).

● 1. **azevía,** s. f. — Filhó de forma circular com recheio de mel no centro. (C. Gorda — Beja).

● 2. **azevía,** s. f. — Pastel de grão envolto numa capa de massa frita. (Reguengos — Móra).

* **azumbação,** s. f. — Zumbido nos ouvidos e pêso na cabeça.

— «Estou muito melhor, mas sinto ainda na cabeça uma grande *azumbação*». (Montemór).

* **azurnar,** v. i. — O mesmo que *zurrar.* (Mértola).

Évora, Fevereiro de 1925.

TENENTE POMBINHO JÚNIOR.

# RETALHOS DE UM ADAGIÁRIO

(Continuado do vol. XXIV, páginas 227-256)

---

## LXVIII

### Quem não te conhecer, que te compre

Ou:

### Quem não te conhecer, que te compre, saberá a bêsta [ou a prenda] que leva

Estas formas são presentemente as usuais, e correspondem à hespanhola — *quien no te conoce, que te compre.*

Rolland regista *quem te não conhece, te compre*, mas também insere *quem te conhece, te compre* (s. v. «conhecer» e «comprar») — forma condizente com a do *Anatómico Jocoso*, I, 301: *Quem te conhecer, que te compre.*

O Dic. de Fr. Domingos Vieira, s. v. «conhecer», apresenta *quem te conhecer que te compre*, e *quem te não conhece te compre* — mas prefere a segunda forma.

O adágio resulta de uma anedota, de que conheço duas versões. Segundo uma delas, dois estudantes mal endinheirados encontraram numa estrada um azeiteiro, que conduzia pela arreata um burro carregado de bilhas de azeite.

Um dos estudantes tirou a cabeçada ao animal, colocou-a no seu próprio pescoço, e prosseguiu no passo do homem, emquanto o companheiro se safava com o burro e a carga.

Quando o azeiteiro olhou para trás, viu em vez do burro o estudante, que lhe disse:

— «Ah, senhor! quanto lhe agradeço ter-me dado uma pancada na moleirinha! quebrou-me o encanto que durante tantos anos me fêz jazer burro!»

O azeiteiro pediu desculpa ao estudante de o ter maltratado mais de uma vez, o que lhe foi perdoado.

No dia seguinte, o azeiteiro foi à feira comprar outro burro, e viu ali o animal que lhe tinha pertencido, do qual o outro estudante estava fazendo venda. O azeiteiro, julgando que o homem-burro se tinha transformado outra vez no seu

burro, obteve do estudante licença para dizer um segrêdo ao animal, e, chegando a bôca à orelha dêste, gritou com toda a fôrça: «Quem não te conhecer, que te compre!»

Esta anedota vem narrada por Bluteau, pelo P.e João Baptista de Castro na *Hora de Recreyo*, II, 13, e por Adolfo Coelho, *Contos populares portugueses* (Lisboa, 1879), p. 149.

Segundo outra versão, que em Leiria recolhi da tradição oral, a partida foi feita por dois frades pedintes a um adelo que conduzia um burro carregado de chitas.

O frade que substituiu o animal alegou que andara encantado na figura de burro por causa de um pecadilho, e as palavras do adelo, ao dizer o segrêdo ao animal, foram:

— «Olá! outro pecadilho, meu reverendo?» — e, afastando-se, foi rosnando: — «Quem não te conhecer, que te compre...»

## LXIX

### Quem não tem casa na vila, || em cada bairro é vizinha

Ensina Francisco Coelho de Sousa e S. Paio, nas suas *Prelecções de direito pátrio particular*, 3.ª parte, p. 177, nota (Coimbra, 1794): «Os Romanos dividiam os moradores das terras, ou Municípios, em simples habitadores, ou ádvenas; e em Cidadãos, ou propriamente moradores: êstes os subdividiam em naturais, ou originários; e em voluntários, ou domiciliários: àqueles chamavam por excelência *Civis*, e a êstes *Incola*, como se prova do tít. 1, liv. 50 do *Dig.*, e dos tít. 38 e 39 do liv. 10 do *Cod.* Em Portugal se observa a mesma divisão de simples habitadores, ou estrangeiros, de moradores naturais, ou originários, e voluntários, ou domiciliários. Uns e outros moradores se chamam vizinhos, princ. dêste tít., Blut. verb. vizinhar, *Monarch. Lus.*, tom. 5, p. 158; derivando-se esta palavra do ajuste, e conformidade, que devem ter uns moradores com outros para se servirem comummente, e sofrerem os onus dos Concelhos, e se utilizarem dos seus cómodos. Nos Artigos das sisas se acha repetidas vezes êste termo *vizinhos*, denotando o mesmo que moradores da Vila, ou Termo».

Acêrca do assunto podem ver-se também as *Ord. Filip.*, liv. 2.º, tít. LVI, que se intitula: *Em que modo, e tempo se faz alguém vizinho, para gozar dos privilégios dos vizinhos.*

## LXX

**Quem passou pelo rosmaninho e não cheirou, || da morte de Jesus Cristo se não lembrou**

Assim se diz em Serpa (Alentejo), onde a gente do povo, sempre que encontra a aromática labiada, lhe aspira o perfume com íntima devoção (1).

O rosmaninho tem várias aplicações na terapêutica mística, principalmente contra o quebranto ou mau olhado.

Lá diz Gil Vicente, na *Farça dos Físicos:*

BRAS. — E dar-lhe eu puro vinho?

M. F. — Guarde-vos Deus de mal!
Não, senão água tal...
Entendeis — cosida com rosmaninho (2).

Ouvi no Cadaval, que a virtude do rosmaninho provém de Nossa Senhora ter estendido sôbre êle as roupinhas do Menino Jesus.

O rosmaninho colhido na manhã de S. João livra a casa do raio (3).

POPULAR:

Das flores que há no monte
o rosmaninho é o rei,
puseste-te mal comigo,
choraste, que eu bem o sei.

---

(1) V. *A Tradição*, I, 40.
(2) Apud *A Tradição*, I, 65.
(3) Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 72.

## LXXI

**Quem pelo alecrim [ou pela murta] passou, || e um raminho não apanhou, || do seu amor se não lembrou**

VARIANTES:

*a)* **Quem pelo alecrim passou, || e um raminho não apanhou, || ou não tem amor, ou dêle se não lembrou;** *b)* **Quem pelo alecrim passou, e dêle não colheu, || ou nunca teve amores, ou dêles se esqueceu;** *c)* **Quem pela oliveira passou, || e um raminho não cortou, || do seu amor se não lembrou.**

O alecrim é o arbusto dos namorados, como diz a poesia popular:

*a)* A oliveira é da paz,
que se dá aos bem casados;
a palma dos sacerdotes,
o *alecrim dos namorados.*

*b)* A oliveira é paz
que se dá aos bem casados;
o *alecrim* é ramalhudo
que *se dá aos namorados.*

A. Tomás Pires deu a lume na *Rev. Lus.*, I, 349, uma perlenga de Elvas, em que se lê êste passo:

Esta cantiga é tamanha,
não tem princípio nem fim;
*um raminho de alecrim*
*e que se dá aos namorados.*

*

Talvez por o alecrim ser a «planta dos namorados», a musa popular a cante como *rei das ervas, rei das flores* e *capitão das flores:*

*a)* Ó alecrim, *rei das ervas,*
ó oiro, rei dos metais,
o meu bem é rei dos homem,
não desfazendo nos mais.

*b)* Ó alecrim, *rei das ervas,*
já meu peito foi teu vaso;
já lá tens outros amores,
já de mim não fazes caso.

*c)* Ó alecrim *rei das ervas,*
ó oiro, rei dos metais,
quem dá falas a brejeiros,
o que recebe são ais!

*d)* Alecrim, que és *rei das flores,*
já meu peito foi teu vaso;
tens agora outros amores,
já de mim não fazes caso.

*e)* Veja que cravo lhe entrego
para dar aos seus amores,
pois no jardim não há outro,
é o *capitão das flores.*

*

O alecrim tem diversas virtudes gratas aos namorados. No tratado segundo de uma antiga obra intitulada *Segredos da Natureza* (1), enumeram-se as seguintes: «O alecrim nam

(1) *Segredos da Natureza,* por Jerónimo Cortês (natural da cidade de Valença). Sirvo-me de um exemplar de uma velha edição, cuja era não posso indicar, por lhe faltar o frontispício. Por causa d'essa falta, ignorei por muito tempo o título e o autor do livro, até que os descobri comparando aquele exemplar com duas edições de Lisboa, 1844 e 1879, existentes na Biblioteca Nacional da mesma cidade.

A obra é antiga, pois já a ela se refere D. Francisco Manuel de Melo, na *Feira de Anexins,* parte 3.ª, fábula 2.ª: «Isso (replicaram as Amoras) é abuso de quem nos apregoa,

admitte melancolias, tristezas, tremores, nem desmayos de coração, cujas raizes, ramos, cascas, folhas e flores tem quasi infinitas virtudes... Os sobreditos pós (das flores e folhas do alecrim) trazidos junto ao corpo, e da banda esquerda, impedem a melancolia, e alegrão muito o coração... [1] Quem se costumar a lavar o corpo com agoa, em que se cozer bem o alecrim, e tomar bõa cor, sayba que se conservará com bõa saude, e disposição de moço... Lavando-se o rosto com agoa do alecrim com hum panno de linho, o faz formoso, bello, fresco e lustroso; e se for vinho fervido com o alecrim em lugar de agoa, será muito melhor; em tanto, que não só causará estes effeitos, senão que, usando-se todos os dias, nunca se lhe engelará o rosto, nem se envelhecerá; antes o conservará fresco, e bello, tirando-lhe as nodoas, e panno, se as tiver».

No romance popular *Bernal Francês*, Ana — a esposa adúltera — obedecendo, certamente, à crença nos efeitos miríficos do alecrim, recebe no seu jardim o amante:

Peguei nele nos meus braços,
levei-o para o jardim,
mandei lavar pés e mãos
com águinha de alecrim [2].

*

A crença popular atribue ao alecrim virtudes mágicas e terapêuticas, entre as quais as seguintes: «talhar o ar», queimando-se e recebendo-se os vapores; afugentar o demónio; defumar as casas e as pessoas, livrando-as de feitiços, bruxas e mau olhado.

O alecrim colhido na manhã de S. João, e o cheiro do

---

pois se vossês leram *Segredos da natureza*, souberam que com as verdes se lava o sangue das maduras».

[1] Segundo Gubernatis *(La Mythologie des plantes)* «dans la campagne de Bologne, on prétend que les fleurs de romarin, mises en contact avec la chair, et spécialement avec le coeur, donnent de la gaité».

[2] Apud Teófilo Braga, *Lendas Cristãs*, p. 62.

alecrim queimado, livram a casa do raio (cf. o adágio *onde está o alecrim, não cai coisa ruim).*

O alecrim entra como componente no tratamento de «tirar a lua» às crianças, de que fala Leite de Vasconcellos nas suas *Trad. pop. de Portugal*, § 248 *c*.

São tão eficazes os efeitos do defumadoiro com alecrim, que dêle se serviu Nossa Senhora, segundo uma fórmula de cura, usada em Marco de Canaveses e recolhida também por Leite de Vasconcellos no § 94 da citada obra, e que começa assim:

A Virgem Nossa Senhora
pelo Egito passou;
c'um raminho de alecrim
seu divino filho defumou.

Consiglieri Pedroso *(Superst. pop. portuguesas*, in *Positivismo*, III, 150) cita a crença de ficar desmemoriado aquele que passou pelo alecrim e não apanhou ao menos um raminho.

Da influência do alecrim na conservação da memória, diz o citado livro *Segredos da Natureza:* «Quem lavar, e esfregar a cabeça com agua de alecrim fervido, misturada com hum pouco de vinagre, lançará fora toda a caspa, e o humor, que alli estiver condensado, e fortificará o cabello, e avivar-lhe-ha a memoria».

Se o alecrim tem tantos préstimos, não admira que, como se diz em Vila Nova de Gaia:

Quem pelo alecrim passou
e não cheirou,
se mal estava,
pior ficou [1].

Mas... nem tudo são virtudes, porque, na linguagem simbólica dos vegetais, o alecrim significa «ciúmes», o que, todavia, talvez não deixe de ser uma qualidade benéfica, visto que os ciúmes geram os arrufos, e *os arrufos de namorados são amores dobrados...*

---

[1] Apud Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Portugal*, § 238.

*

* *

A antiguidade consagrava a cada deus uma árvore, a qual, por issso, era também adorada. Assim, Júpiter tinha a azinheira, Apolo o loiro, Minerva a oliveira, Hércules o choupo, etc.

A Vénus consagrava-se a murta (1), que, por êsse motivo, figurava sempre nas festas daquela deusa. Nos banquetes era costume fazer passar a lira com um ramo de murta, de mão em mão, e o conviva que o recebia era obrigado a cantar, por seu turno, versos eróticos.

Representava-se a musa Erato coroada de murta. Um ramo de murta era, entre os Gregos, o emblema dos amantes felizes (2).

Na *Mythologie des plantes*, Gubernatis fala assim do simbolismo amoroso da murta: «M.me Schwarz (Elpis Melaina) a trouvé en Grèce une superstition .. qu'on ne doit passer près du myrte odorant, sans en cueillir une touffe parfumée. Le myrte est symbolique de l'amour érotique. Dans les fêtes de Myrrha, cette mère incestueuse d'Adonis, les femmes mariées se coronnaient de myrte. C'est avec le myrte que les amoureux, en Toscane, font, pendant la carême, le jeu dit *del verde*, symbole de la saison verdoyante, pour se rapeller mutuellement leur amour».

Há, porém, uma nuvem a ensombrar a tradição da murta nos fastos do amor: essa planta aparece a ornamentar os cemitérios, e é também lugubremente cantada pela musa popular:

---

(1) Lê-se em Plínio, liv. XII, cap. I: «*Haec fuere numinum templa, priscoque ritu simplicia rura etiam nunc deo praecellentem arborem dicant .. Arborum genera numinibus suis dicata perpetuo servantur; ut Jovi esculus, Apollini laurus, Minervae olea, Veneri myrtus, Herculi populus*». (Apud *A Bíblia Sagrada*, trad. do P.e António Pereira de Figueiredo, Lisboa, 1852, nota do Deuteronómio, XII, 2).

(2) M. N. Bouillet, *Dictionnaire Universel d'histoire et de géographie*, s. v. «Erato». — João de Mendonça, *Plantas úteis das matas de Portugal* (vol. 145 da «Biblioteca do Povo e das Escolas», 19.ª série), p. 24-25.

*a)* Meu ramo de murta fina,
eu hei de te combater:
*a murta dá-se a quem morre,*
eu por ti quero morrer.

(Beira-Alta) (1).

*b)* Se te mandei um raminho
de murta, e nada mais:
A *murta — é para os mortos,*
se morro, vós me matais (2).

*c)* Apanhei *murta — que é dor,*
da mangerona fiz molhos:
p'ra te ver torço caminhos,
feiticeira dos meus olhos (2).

*

Provávelmente por ser o símbolo da paz, a oliveira, anda também ligada aos assuntos do amor.

Em algumas partes — segundo o testemunho de Leite de Vasconcellos (3) — quando passa um casamento na rua, atira-se aos noivos com ramos de oliveira, o que explica as canções que começam:

A oliveira é da paz,
que se dá aos bem casados,

das quais já transcrevi duas neste artigo.

Gubernatis, na obra citada, diz: que «dans la campagne d'Arpinum (Italie-méridionale) les jeunes filles connaissent le degré d'amour de leurs fiancés à la couleur du ruban dont ils entourent la branche d'olivier qu'ils apportent de l'église à la bien-aimée, le dimanche des palmes».

Na Umbria (Itália) desempenha a oliveira papel profético: nas vésperas dos Reis, ou na Páscoa de Pentecostes, as raparigas, quando querem saber se casam naquele ano, colhem um ramo verde de oliveira, arrancam uma fôlha, que

---

(1) Apud Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Portugal*, § 237.

(2) Idem, *ibidem*, § 244.

(3) *Canções do berço*, Lisboa, 1907, p. 54, nota 2).

humedecem com saliva, e atiram-na ao lume, pronunciando estas palavras:

Si me vuó bene, salta, salticchia,
Si me vuó male, sta fissa, fissa.

Se a fôlha salta por três vezes, ou se, pelo menos, se volta, é bom indício; se, porém, arde sem se mover, é perder de todo a esperança de casamento ([1]).

A oliveira foi incluida pelo povo na sua musa amorosa:

*a)* Se a oliveira falasse,
ela diria o que viu...
debaixo da sua rama
dois amantes encobriu.

(Baixo-Alentejo) ([2]).

*b)* Oliveiras, oliveiras,
ao longe são olivais;
por muito que tu me queiras
eu inda te quero mais.

Crê o povo que na oliveira não cái o raio.

## LXXII

### Quem sabe da tenda é o tendeiro

A palavra «tenda» — embora ainda hoje usada, em terras de pouca importância, para designar o estabelecimento de venda de géneros alimentícios modernamente chamado «mercearia» — não está no adágio restritamente com êsse significado ([3]).

---

([1]) De um artigo intitulado *As plantas do cristianismo* no jornal *O Século*, n.º 4:751 de 14-IV-1895.

([2]) In *A Tradição*, IV, 12.

([3]) Em algumas aldeolas ainda se diz «tenda» ou «loja» do estabelecimento local (às vezes único) onde se vendem em reduzida escala géneros alimentícios, chitas, artigos de capelista e outros artigos miúdos.

O adágio alude também, e principalmente, às antigas *tendas* dos ofícios, hoje oficinas. Tinham tenda os barbeiros, os sapateiros, os tanoeiros, os ferreiros, etc.

Fr. Nicolau de Oliveira, no seu *Livro das Grandezas de Lisboa* (Lisboa, 1620), enumerando os indivíduos das diferentes artes e ofícios que então existiam na capital, fala de cento cinqüenta e três «barbeiros de lanceta que tem tenda».

Soropita (séc. XVI-XVII) fala também das tendas dos barbeiros:

«Outro, ancorado em *tenda de barbeiro*,
Onde as novas do mundo se lentejam,
Namora com achaque de soalheiro» (1).

Fr. Manuel da Esperança, na *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal*, 1.ª parte, 1656, p. 187, diz que pelo ano de 1318 os tanoeiros foram arruar *cõ suas tendas e casas* para os sítios da barroca de S. Francisco, em Lisboa (2).

Em 1483, D. João II mandou remover de junto da Casa da Guiné as *tendas dos ferreiros*, que estavam na Rua da Ferraria (3).

Segundo Júlio de Castilho (4), até ao decreto de 23 de Novembro de 1775 — que gisou a Praça da Figueira em terreno do Hospital de Todos os Santos — o Rocio de Lisboa, então grande centro comercial, era atravancado por muitas barracas, entre as quais umas, de pele, para os sapateiros nómadas que havia na capital, facto a que António Prestes se referiu quando escreveu:

«... muito sapateiro,
que co'uma pel de carneiro
põe *tenda*».

---

(1) *Poesias e prosas inéditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita*, com uma prefacção e notas de Camilo Castelo Branco. Pôrto, 1868, p. 54.

(2) Apud Augusto Vieira da Silva, *Muralhas da Ribeira de Lisboa*, (Lisboa, 1900) p. 197.

(3) Idem, *ibidem*, p. 222.

(4) *Lisboa antiga, Bairro Alto*, p. 301 (Lisboa, 1879).

Diz Castilho que êste passo de Prestes vem algures — no *Auto da Ciosa*, se não se engana.

Do lado meridional da Alfândega de Lisboa (que noutras eras ficava situada no prédio que formava a face norte do actual Largo do Município, e também do oriental) ficavam encostadas ao edifício várias *tendas* e casas, propriedades do rei, que êle aforava. Algumas dessas *tendas*, ocupadas por cardadeiras de algodão, marceiras (1) e enxerqueiras (2), estavam instaladas debaixo dos arcos a que chamavam os Arcos da Alfândega.

Determinou uma postura municipal de 1572, que nenhum oficial mecânico pusesse *tenda* do seu ofício em Lisboa ou em seu termo, sem primeiramente ser examinado pelos examinadores de seu ofício, e sem a carta de exame ser confirmada pela Câmara (3).

Na revista scientífica e literária *O Instituto*, de Coimbra, (vol. 55.°, p. 195) transcreve Sousa Viterbo um alvará de 21 de Junho de 1554, em que D. João III determina: «... ey por bem e me praz que des e façaes dar a Amtonio Sobrynho, seralheiro que tem cuydado de fazer obra pera os meus almazẽs, hũas casas na rua da Feraria, em que se posa bem agasalhar e poer temda de seu oficio».

*Tenda* não significou apenas o estabelecimento de venda ou a oficina, mas também, a arqueta ou caixa em que os bofarinheiros, ou vendedores ambulantes, traziam os objectos do seu comércio, como se vê da *Auto da Feira*, de

---

(1) Loja de «marçaria» era, no século XV, o que hoje dizemos: loja de mercearia, em que se vendem cousas miüdas, como fitas, navalhas, quinquilharias, etc. (*Elucidário*, de Viterbo).

(2) «Carne de enxerqua» a que se vende fora do açougue, e a ôlho, ou talvez de chacina e salmoura (*Elucidário*, de Viterbo).

O *Dic. Contemporâneo*, definindo *enxerca*, diz: «(ant.) Operação que consistia em retalhar a carne das rezes e pô-la a secar ao sol ou ao fumeiro: Carne de *enxerca*. Vender à *enxerca* (ant.), vender a ôlho, (porque a carne de enxerca não se vendia a pêso, mas sim a ôlho)».

(3) J. M. Esteves Pereira, *A indústria portuguesa* (séculos XII a XIX) p. XXXI (Lisboa, 1900).

Gil Vicente, na apresentação de um Diabo: «Entra um Diabo com uma *tendinha* diante de si, como bofarinheiro, e diz...»

Em várias localidades da província ainda hoje se chamam «tendeiros» aos vendedores ambulantes de fazendas, e outros.

## LXXIII

**Quem se aluga pelo S. Miguel, || não sai fora quando quere**

VARIANTES:

*a)* **Quem se vende pelo S. Miguel, || não é senhor de si quando quere;** *b)* **Quem se aluga** [ou se acomoda] **pelo S. Miguel, || não se senta cada vez que quere;** *c)* **Quem se concerta pelo S. Miguel, || não sai de casa cada vez que quere.**

No Alentejo, é pelo S. Miguel (29 de Setembro) que os lavradores ajustam os seus criados de lavoura.

O mesmo acontece no Pôrto, na primeira têrça-feira de Abril e pelo S. Miguel, fechando-se o negócio entre o amo e o criado com o pagamento da cabrita (cf. adiante, neste artigo, a loc. *pagar a cabrita).*

O uso das feiras de criados existe noutros países.

A *Ilustración Española y Americana*, ano XLVIII (Madrid, 1904), p. 68, insere uma gravura que representa o aspecto de uma das tradicionais feiras de criados, na Bretanha, e diz que nesse costume se inspirou também o pintor francês Carlos March, para o seu quadro representativo da feira das criadas em Bouxville (Alsácia), o qual se conserva no Museu de Luxemburgo.

Mais informa a revista, que em Hespanha não é desconhecida aquela espécie de feiras, que ainda não há muitos anos se realizavam em Ibea (Burgos).

Deve aludir a tais feiras o adágio hespanhol: *Quien su rabo alquila, no se sienta cuando quiere.*

## LXXIV

### Quem tem amores não dorme

A êste adágio — talvez por ser referente ao «amor» — dedica o povo muitas canções, de entre as quais respigo as seguintes:

*a)* *Quem tem amores não dorme,*
quem os não tem adormece;
quem os tem ao longe, chora,
quem os tem perto, padece.

*b)* *Quem tem amores não dorme,*
eu também assim fazia;
agora, que já os não tenho,
durmo de noite e de dia.

*c)* Fui-me sentar a dormir
ao pé da água que corre;
a água me respondeu:
— *Quem tem amores, não dorme.*

*d)* Ó! que noite tão serena!
Ó! que céu tão estrelado!
Ó! *quem não tivera amores,*
*que dormira descansado!*

*e)* Lindas fontes tem Coimbra,
Claras águas o Mondego;
isto, *quem tem amores,*
*nem de noite tem sossêgo.*

*f)* A ribeira, quando corre,
no meio faz a zoada;
*quem tem amores não dorme*
o sono da madrugada.

Cantiga galega:

Estrellita d'o luceiro
*quen ten amores non dorme*
senon o sono primeiro [1].

---

[1] F. Rodriguez Marín, *Juan del Pueblo*, Sevilha, 1882, 47. (Apud Leite de Vasconcellos, *Ensaios ethnograficos*, III, 33).

## LXXV

### Quem tem bôca, vai a Roma

### Ou: Quem pregunta, vai a Roma

Os nossos avós, menos distraidos pelos negócios e prazeres do mundo, tinham por costume ir retemperar a sua fé em Roma e Jerusalém. Não havia então caminhos de ferro, nem barcos de vapor. A pé, arrimados a um bordão, pedindo hospitalidade nos conventos, ou simplesmente aos fiéis, reduzidos algumas vezes a mendigar o pão por todo o caminho, levavam meses e anos a cumprir a sua peregrinação.

Franceses: a) *Qui langue a, à Rome va;* b) (séc. XVI) *En demandant, on va à Rome.*

Hespanhóis: a) *Quien lengua ha, a Roma va;* b) (Galego) *O que tén lengua, à Roma chega* (1).

Italianos: a) *Chi lingua ha, a Roma va;* b) *Chi ha lingua in boca, può andare per tutto;* c) (Veneza) *Domandando si va a Roma.*

Angolense: *Úene* (ou *úenda) ni muzûmbu ka jimbirilê.* (Quem tem bôca, não se desencaminha) (2).

Da Lunda: *ŭeda ni mukano, kajibirilepe.* (Andar com bôca, não perder) (3).

Dizem os Chineses: *Kia Kià mèn Keu tong Pekin.* (Quem tem língua, vai a Pequim (4).

---

(1) *Refranes, proverbios y decires gallegos,* na rev. *Galicia.* (La Coruña, 1887).

(2) J. D. Cordeiro da Mata, *Filosofia popular em provérbios angolenses.* (Lisboa, 1891).

(3) H. A. Dias de Carvalho, *Método prático de falar a língua da Lunda* (Lisboa, 1890).

(4) Perny, *Proverbes chinois* (Paris, 1869) Apud Marco Besso, *Roma nei proverbi e nei modi di dire,* p. 11 (Roma, 1889).

## LXXVI

**Quem tolo vai a Santarém, || tolo vem**

VARIANTES:

*a)* **Quem burro vai a Santarém, || burro vai e burro vem;**
*b)* **Quem vai a Santarém, || se burro vai, burro vem;**
*c)* **Asnos vão a Santarém, || se asnos vão, asnos vem.**

Popular:

Deitei o limão correndo,
correndo foi à botica;
anda agora muito em moda:
*quem é tolo, asno se fica.*

Não posso ajuizar, com segurança, do motivo da referência a Santarém como localidade onde se pudessem ir buscar especiais hábitos ou conhecimentos civilizadores.

É certo que Santarém foi berço de príncipes portugueses — entre os quais D. Fernando, o *Infante Santo* —; tem o seu velho Seminário Patriarcal; saíu triunfante de apertados cercos dos Moiros e dos Castelhanos, e tem outras tradições históricas de renome; mas certo é, também, que em nenhum dêstes factos se pode fundamentar a alusão, a não ser quanto ao Seminário, casa que, todavia, várias outras cidades teem.

Alguns adágios estrangeiros adiante registados referem-se a Roma — capital da Itália e do catolicismo, séde da côrte e antiga capital dos Papas; a Paris — a capital do mundo civilizado; a Meca — pátria de Maoemé, berço das tradições mussulmanas, cidade santa, onde todo o fiel mussulmano, deve ir em peregrinação pelo menos uma vez na vida.

Compreendia-se, pois, que o adágio se referisse: a Lisboa — capital da nação e antiga séde da côrte; a Coimbra, como detentora que foi, durante séculos, da única universidade portuguesa, e como capital que foi de Portugal nos primei-

ros tempos da monarquia [1]; a Braga, cidade religiosa por excelência, a *Roma portuguesa* — e noutros tempos a fé era tudo.

A alusão a Santarém — se não obedece exclusivamente à rima, ou se não diz respeito ao Seminário local — poderá, talvez, fundamentar-se em ter sido aquela cidade residência real, pois D. Fernando I ali teve os seus *paços* [2], e esta suposição tem a favorecê-la a referência a *palácio* num antigo adágio hespanhol semelhante ao nosso e adiante registado.

Alemães: a) *Ein Esel bleibt ein Esel und käm er gen Rom* [3]; b) *Eine Gans flog über den Rhein, eine Gans käm wieder heim.*

Dinamarqueses: a) *For en Kat til det yderste Hav, Han dog kun raaber Mjav, Mjav* (leva um gato ao mar mais remoto, e fará sempre miau, miau) [3]; b) *Stick a suggan till Rom, hon kommer sugga till baka* (manda a Roma a porca, e voltará porca) [3].

Franceses: a) (séc. XVI) *Qui beste va à Rome, tel en retourne* [3]; b) (séc. XVIII) *Jamais cheval ni méchant homme, n'amenda pour aller à Rome;* c) *Qui chien s'en va à Rome, mâtin revient.*

Hespanhol: *El que asno fué a Roma, asno se torna.*

Marco Besso, no seu estudo *Roma nei proverbi e nei modi di dire* (Roma, 1889) cita a forma hespanhola do séc. XVII: *Fuyme à Palacio, fue bestia e vine asno,* que se lê assim em Lope de Vega: *Fuime a Palacio, fuy bestia y vine asno* [4].

Fernan Caballero, num conto andaluz intitulado *Las animas,* diz: «Es como aquel que *bárbaro fué á Madrid, y bárbaro volvió á venir*».

Holandeses: a) *Een ezel blijft altijd een ezel, al ging hij ook naar Rome* (um asno fica sempre asno, ainda que vá

---

(1) Cf. adiante, neste artigo, o adágio *aldeã é a galinha, e come-a o de Coimbra.*

(2) V. Pinheiro Chagas, *História de Portugal por uma sociedade de homens de letras,* I, 279.

(3) Marco Besso, *Roma nei proverbi e nei modi di dire,* Roma, 1889.

(4) Apud, quanto a Lope de Vega, Sousa Viterbo, in *Portugália,* I, p. 530, n.º 304.

a Roma) [1]; b) *Zendt men een'ezel naar Paris, men krijgt hem weder, even wijs* [2].

Ingleses: a) *Send a goose to Dover, and a goose will come over;* b) *Send a fool to the market, and a fool he will return again.*

Italiano: *Chi bestia va a Roma, bestia ne torna.*

Marco Besso, no seu trabalho citado na nota 3 da p. 91, insere o adágio persa: *se levares um asno a Meca, asno volta,* igual, no sentido, ao adágio turco registado no Dic. de Larousse, s. v. «loin», e assim traduzido em francês: *Si vous menez un âne loin, et même à la Mecque, il n'en reviendra jamais qu'un âne.*

Rolland, na obra abaixo citada na nota 2, insere um adágio afghan, que traduz assim em inglês: *If an ass goes to Mecca, when he returns he is the same ass* — extraído do livro *Thorburn, Bannu, or our afghan Frontier,* London, 1876.

## LXXVII

### Quem tudo quere, tudo perde

### Ou: Quem muito quere, muito perde

Não é raro ouvir-se ao povo: *Quem todo lo quere, todo lo perde* [3].

Populares:

*a)* Eu desejava saber
se o teu coração se «astreve»;
tôda a vida ouvi dizer:
*quem tudo quer, tudo perde.*

---

[1] Obra citada na nota 3 da p. 91.

[2] Eugène Rolland, *Faune populaire de la France,* Paris, 1877.

[3] Esta forma, na qual aparece ainda o pronome *lo* arcaico, vem registada em Rolland, s. v. «perder», em hespanhol deturpado: *Quem todo lo quiere, todo lo pierde.*

*b)* *Quem tudo quer, tudo perde...*
Se isto tem de acontecer,
O' meu bem! já não te quero,
p'ra não ter que te perder.

*c)* Não vale o ambicioso
a casca de um limão verde;
porque lá diz o ditado:
*quem tudo quer, tudo perde.*

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, na *Rev. Lus.*, I, 72, julga reconhecer êtse adágio no passo da cantiga n.º 750 do Cancioneiro da Vaticana:

E bem entendo que fizo folia,
e dizem verdade, per hũa rem,
«do que muyto quer a pouco devêm» (1).

Alemão: *Wer alles will, bekommt nichts.*

Franceses: a) *Qui trop s'aventure, n'a ni cheval, ni mule;* b) *On risque de perdre en voulant trop gagner.*

Hespanhol: *Quien todo lo quiere, todo lo pierde.*

Ingleses: a) *Venture all, lose all;* b) *Grasp all, lose all.*

Italianos: a) *Chi tutto vuole, nulla ha* (séc. XVIII); b) *Chi tutto vuole, tutto perde;* c) *Chi tutto vuole, di rabbia muore.*

Crioulo de Cabo Verde: *Quên qui tâ q'rê tudo cussa, tâ perdê fêpo* (quem quere tôdas as coisas, perde tudo) (2).

## LXXVIII

### Quem vai ao mar, || perde o logar

### Ou: Quem vai ao vento, || perde o assento

*Êstes adágios — primitivamente rimas infantis — significam que quem larga uma coisa, se arrisca a que outrem dela se aproprie.*

---

(1) De *devir* = *devenir*, isto é, *chegar*, diz a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

(2) Botelho da Costa e Custódio José Duarte, *O crioulo de Cabo Verde*, in *Bol. da Sociedade de Geogràfia de Lisboa*, sèrie n.º 6, p. 325.

Franceses: a) *Qui quitte sa place, la perd;* b) *Qui va à la chasse, perd sa place.*

Adolfo Coelho *(Rev. de etnologia e glottologia*, p. 48) extrái da *Mélusine:*

Qui va à la chasse — Qui revient
perd sa place chasse le coquin.

O Dic. de Larousse, s. v. «Lambert», regista:

*C'est aujourd'hui la Saint-Lambert:*
*Qui quitte sa place, la perd.*

A esta forma contrapõe-se estoutra, também citada naquele local do «Larousse»:

*C'est aujourd'hui la Saint-Laurent:*
*Qui perd sa place, la reprend.*

Hespanhóis: a) *Quien fué à Sevilla, perdió su silla;* b) *(Andaluz).*

*Quien fué à Sevilla* *quien fué à Moron*
*perdió su silla;* *perdió su sillon.*

Italiano: *Chi va al gioco, perde il loco.*

## LXXIX

### Quem vai na cortiçada, || tem alma danada

Êste adágio foi recolhido por Abilio Monteiro, no seu livro *O carácter revelado*, p. 291 (Pôrto, 1908).

A pág. 345 e seguintes, informa o autor do livro que o povo da Maia, como o de outras terras rurais, não vê com bons olhos a união em segundas núpcias, ainda que os nubentes estejam na flor da idade. Daí a costumeira chamada *cortiçada*, isto é, a assuada feita aos noivos desde que são proclamados os primeiros banhos, ou desde que transpira o projecto do casamento, até dias depois de se realizar.

Juntam-se tôdas as noites quarenta, setenta, e mais pessoas, muitas das quais vestindo disfarces, e percorrem os povoados em que habitam os noivos, ora trovejando certa melodia do maestro Lucifer, mediante um *pêle-mêle* de cortiços de barrelas, pratos de fôlha da Flandres, buzinas, assobios e alguns instrumentos músicos, que acompanham o canto de versos e dichotes; ora faiscando através de *faloas*, frases irónicas, cortantes, deprimentes.

As *faloas* são instrumentos de lata, com a forma de corneta e o cumprimento de um metro pouco mais ou menos, feitos para êste fim e cuidadosamente conservados.

Informa, ainda, Abilio Monteiro que na província de Pontevedra (Hespanha) as *faloas* são substituidas por chifres de boi, e que o mesmo *charivari* se faz em algumas regiões da Itália, segundo o que escreve Daniel Concina.

## LXXX

### Quem vê o funcho, e não o come, || é o diabo e não é "home„

Eis algumas das qualidades atribuídas ao «funcho»:

Definição do Dic. de Eduardo Faria: «erva hortense medicinal... Toda a planta é aromática, estimulante e diurética. A sua raíz era uma das cinco raízes aperitivas, e a sua semente uma das quatro sementes quentes maiores e as classificaram entre as carminativas».

Do *Portugal Médico*, de Brás Luís de Abreu, p. 402, § 21: «As unhas, reduzidas a cinzas, e tomadas em cozimento de funcho, he remedio, que dá grande copia de leite ás mulheres; em defumadouro, afugentão o ar pestilento, e os ratos» (1).

Do *Tesouro dos Lavradores*, de Alexandre Dias Ramos (2): «... he util comerse de seus olhos tenros, ou beber-lhe a

---

(1) Apud Dic. de Fr. Domingos Vieira, s. v. «funcho».

(2) O exemplar que consultei não tem frontispício, o que me inibe de citar a edição. As licenças do Santo Ofício são dos anos de 1736 a 1737. Vendia-se na Rua Nova, na loja de João Carvalho.

agua. onde fossem cozidos, porque faz accrescentar o leite, e vale a dita agua contra as dores de rins, e provoca urina, e bebida com vinho, serve aos mordidos de serpentes, e provoca o menstruo; e o çumo bebido com agua fria, tira o fastio, e relaxação do estomago, nas febres. Em algumas partes de Castella, segão o funcho pelo meyo, estando em flor, e o chegão ao fogo, para que com o calor, lance de si uma goma, que para a queixa dos olhos tem mais efficacia, que o çumo, segundo Laguna».

Informa João de Mendonça, no seu livrinho *Plantas úteis dos campos de Portugal* (1): que em algumas localidades da Alemanha usam do funcho para temperar os legumes e o peixe; que a antiga medicina preconizava o seu uso contra a dor sciática e o reumatismo; e que actualmente apenas se aproveita a semente, que é estomacal e excitante.

O funcho era uma das muitas plantas medicinais da Ibéria (2).

## LXXXI

### Quer queira, || quer não queira, || o asno há de ir à feira

*Indica a tenção firme de se fazer uma coisa, a-pesar de todos os obstácalos que possam levantar-se.*

Da colecção de Delicado, s. v. «asno».

Rolland — s. v. «asno» e «querer» — regista: *Que queira, que não queira, o asno há de ir à feira.*

Em Lope de Vega: *Que quiera, que no quiera, el asno ha de ir a la feria* (3).

A um natural da Ilha da Madeira ouvi há muitos anos dizer: *quer Deus queira, quer Deus não queira, o meu asno há de ir à feira* — forma que essa pessoa filiava na seguinte anedota: Um ilheu queria levar o seu burro à feira, para o

---

(1) Vol. 125 da Biblioteca do Povo e das Escolas, p. 40 (3.ª ed., 1905).

(2) V. Leite de Vasconcelos, *Medicina dos Lusitanos*, Lisboa, 1925, p. 17.

(3) Apud Sousa Viterbo, in *Portugália*, I, p. 528, n.º 230.

vender, e dizia ao compadre: *quer Deus queira, quer Deus não queira, o meu asno há-de ir à feira.*

Observou-lhe o compadre: *Se Deus quiser, diga sempre, se Deus quiser* — mas o outro persistia: *quer Deus queira, quer não queira, o meu asno há-de ir à feira.*

Certo dia, o ilheu ia a caminho da feira, com o burro, quando êste repentinamente caiu morto na estrada. O homem, supondo tratar-se de impossibilidade passageira, procurava fazer levantar o burro, ao mesmo tempo que dizia, aflitivamente: *Se Deus quiser... sim, se Deus quiser... Vamos lá... se Deus quiser.*

## LXXXII

### Sabe que nem gaitas

Ou: *a)* **Sabe a gaitas**; *b)* **Sabe como gaitas**

*Diz-se de comida ou bebida que nos sabe muito bem (principalmente de comida) e, por extensão, de tudo o que nos causa gôsto:* «Rica pinga! *Sabe que nem gaita*». (Vieira da Costa, *Família Maldonado).*

Na *Feira de Anexins*, de D. Francisco Manuel de Melo, parte I, dial. 5.°, § 1.°: «Parece que lhes *sabe como gaitas* o choro».

A razão do ditado tem sido diversamente interpretada.

Uma das versões — e a mais geralmente perfilhada — é: A gaita é um instrumento músico, que consiste num pequeno tubo ou canudo com buracos, e ao qual a lampreia se assemelha, pelos buracos que apresenta, motivo por que, noutros tempos, se chamava *gaita* à lampreia. *Sabe que nem gaitas* é, pois, segundo esta versão, o mesmo que *sabe como se se comesse lampreia* — peixe muito saboroso [1] (para os apreciadores, deve entender-se) e que em Portugal se pesca nos

---

[1] O fígado da lampreia, bastante volumoso, é também reputado como apetitoso manjar. Em França corre o provérbio: *Pour un foie de lotte, femme donne sa cotte.*

rios Mondego, Douro, Minho, Lima, Liz, e certamente em outros.

Segundo informa *um caturra*, no jornal *O Futuro*, de Olhão (n.º 835, de 28-II-1909) em muitos prazos de terrenos das margens dos quatro primeiros daqueles rios, os foros constam de certo número de *gaitas*.

Esta versão é admitida por Perestrelo da Câmara, a p. 75 da sua *Colecção de provérbios, adágios*, etc., (Rio de Janeiro, 1848); e, a autorizá-la, temos ainda: *a)* No *Vocabulário* de Blutean: «Gaitas se chamão huns buracos a modo de Fagote, que a Lampreia tem pelo pescoço; & por serem aquellas partes saborosas, derão occasião ao adágio, *Sabe como gaitas*»; *b)* No Dic. de Eduardo Faria: «*Gaita da lampreia*, a parte do pescoço onde ela tem buracos e que é a mais saborosa. Daqui vem a expressão de *saber a gaitas*»; *c)* No Dic. de Fr. Domingos Vieira: «*Gaita da lampreia*, a parte onde tem os órgãos respiratórios e a mais gostosa; daqui vem a locução — *Sabe como gaitas*»; *d)* Segundo o *Dic. Contemporâneo*, «gaitas» são os buracos por onde a lampreia respira.

Cândido de Figueiredo, registando no seu Dic. as expressões *saber a gaitas* e *saber que nem gaitas*, diz: «Em apontamentos de um ilustre oficial de marinha, vi também que antigamente se chamou *gaita* à lampreia e que dali vem o aludido prolóquio. Ignoro o fundamento desta alegação».

Pinto de Carvalho (Tinop) apresenta esta versão, na sua obra *Lisboa de outros tempos*, vol. 2.º, p. 195: «À porta do Passeio estacionava um homem que vendia copos de água dessa fonte [1], e uma mulher que vendia uns canudinhos de doce chamados *gaitas*. Os petizes, e mesmo os adultos relambórios, comiam êsses canudinhos, bebendo, por cima, um ou mais copos da água, o que êles consideravam muitíssimo gostoso. Daí veio o dizer-se, que quando qualquer comida sabe bem ao paladar: — *Sabe que nem gaitas*».

O «Passeio» a que Pinto de Carvalho se refere, era o antigo Passeio Público, de Lisboa, construido pelo Marquês de Pombal após o terremoto de 1755, mais tarde modificado e por fim destruido para se romper a Avenida da Liberdade, na parte ocupada pelo Passeio e que era o que vai da Praça

---

[1] Alude a um chafariz que existia em Lisboa, entre a Praça da Alegria de Baixo, e a de Cima.

dos Restauradores à Rua das Pretas. A venda das *gaitas* à porta do Passeio fazia-se no primeiro quartel do século XIX, segundo Pinto de Carvalho. Tudo isto destrói, pois, a opinião do autor da *Lisboa de outros tempos*, visto que o ditado se usava já no tempo de Bluteau, e, ainda antes, no século XVII, como se vê dos transcritos trechos do *Vocabulário* e da *Feira de Anexins*.

Deve ser às tais *gaitas* doces que José Daniel Rodrigues da Costa se refere no seu *Comboy de mentiras*, n.º 15, p. 4 (relativo a 11 de Agosto de 1801) dizendo: «Sessenta e tres apertos de mão, para ornato de finezas, que *sabem a gaitas*, com seu agro doce no fim».

Cândido de Figueiredo regista no seu Dic. — a-par da versão já acima trancrita — a seguinte: «Li nuns apontamentos de Castilho que na Beira se chamam gaitas as couves, e que daí virá talvez o prolóquio *sabe que nem gaitas*. Nunca lá ouvi o termo nessa acepção, o que aliás não prova que êle não exista».

Finalmente, outra versão — que nem refutação merece, mas que registo para a história do ditado — é a de Castro Lopes, nas suas *Origens de anexins*, p. 52-53 (Lisboa, 1909) e que se resume no seguinte: Em Portugal chamam *gaita* ao chifre de boi. Em festas e romarias da aldeia é costume encher chifres com vinho, e trazê-los a tiracolo; e, assim, *sabe que nem gaita*, poderá ser o mesmo «que sabe tão bem como o vinho contido no chifre, ou *gaita*».

Verdade seja que Castro Lopes tem a absolvê-lo dêste «pecadilho» a declaração de que não contesta nem defende a opinião de Constâncio, de que a frase *sabe que nem gaita* se refere às lampreias, que teem na parte superior do corpo uns buracos que se chamam *gaitas da lampreia* e que é do peixe a parte mais gostosa.

## LXXXIII

### Santa chave, || faz milagre

Foi recolhido da tradição oral de Serpa (Alentejo) por M. Dias Nunes, na *Tradição*, IV, 96.

Alude a certas virtudes da chave do sacrário, como: *a)* Trazida numa fita ao pescoço, livra do fanico e do dia-

bo [1]; *b)* a *chave macha* faz passar acidentes epilépticos [1]; *c)* curam-se os sapinhos do leite (aftas) das crianças, esfregando-os com a chave ou metendo-se esta na bôca da criança [2].

O jornal lisbonense *O Século*, de 25-VII-1914, publicou a seguinte correspondência: «Santarém, 24. — C. — Miguel Palmeiro, de 18 anos, do Outeiro de Cabanas, freguesia de Achete, como noticiamos, foi há dias com sua mãe, Delfina Palmeiro, e um padre a Azóia de Baixo, para que êste mediante uma missa de $50, lhe tirasse uma «alma penada», que uma vez por outra lhe avolumava a barriga e tomava um calcanhar, obrigando-o a rebolões vários, exploração que o povo de Azóia não deixou levar a efeito, correndo dali o padre. A Delfina e o pacóvio do filho vieram hoje a Santarém. Dirigiram-se à igreja do Milagre e conseguiram que um padre lhe metesse na bôca, à laia de barbilho, a chave do sacrário que, certamente, serviu para abrir alguma coisa por onde a «alma» saíu. Pelo menos, lá foram, mãe e filho, nessa crença».

No romance *Sargento-Mor de Vilar*, de Arnaldo Gama, há o seguinte passo, no cap. 8.º do vol. 1.º: «O vozeirão de toda a fradaria ressoou então pelo largo, entoando em cantochão o *Te Deum* anunciado.

— Dije cá, André: o reitor está de capa de asperces?

— Não, home, Calócio!

— Mas dije: antom como 'stá?

— 'Stá de capitom-mor.

— De capitom-mor! Antom nom bale.

— Como nom bale, home, se antes de começar deitarom-le ao pescoço a chabe do sacrário por uma fita benta?

— Ah! dije dessas. Antom sim, antom sim.»

*

A chave, ainda não sendo do sacrário, também tem virtudes. Por exemplo: posta, fria, sôbre a pele, entre as omoplatas, cura a hemorragia nasal (epistaxis) [3]; chave de prata

---

(1) Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Portugal*, § 228.

(2) V. o meu artigo *Tradições populares colhidas no concelho do Cadaval*, in *Rev. Lus.* VI, 100.

(3) *A hemorragia nasal e os seus remédios*, in *Enciclopédia das Famílias*, ano 22, n.º 263, p. 813.

é bom amuleto para curar os sapinhos do leite [1]; qualquer *chave macha* tem a virtude de secar o leite às mulheres, após a criação, andando pendurada ao pescoço e ficando a chave no meio das costas [1]; para a cura da *boqueira* das crianças aplicam sôbre o mal a extremidade de uma *chave macha* [1].

## LXXXIV

### São [ou andam] aos pares, como os frades

*Diz-se de pessoas ou coisas que aparecem aos pares*

Por motivo de ordem disciplinar dos conventos, nenhum frade podia andar fora dêstes, sózinho.

Um decreto de 3-VIII-1691, e outro de 1-IX-1692, mandavam dar o auxílio do braço secular para se prenderem os frades que andassem sem companheiro.

O costume de andarem os frades aos pares é, porém, muito mais antigo. Pelo menos, no cap. X d-*O Monge de Cister* — cuja acção decorre no tempo de D. João I — Herculano põe na bôca do abade de Alcobaça, D. João de Ornelas, estas palavras, referentes a Fr. Vasco: «Pobre moço! Idiota, absolutamente idiota. Escolhi-o por isso para me acompanhar, segundo a santa regra da ordem».

Francês: *Marcher deux à deux, comme Frères Mineurs* [2].

## LXXXV

### São as obras de Santa Engrácia

*Diz-se de uma obra, ou de qualquer outro trabalho começado há muito tempo e nunca acabado.*

Alude à igreja de Santa Engrácia, de Lisboa, fundada aí pelo ano de 1530 pela infanta D. Maria, filha de D. Manuel I.

---

[1] Refere-se ao concelho de Elvas. V. Tomás Pires, *Amuletos*, in *Portagália*, I, 618.

[2] Assim se apelidavam a si próprios, em França os frades franciscanos *(Dic. Universel d'histoire et de géographie*, de Bouillet, s. v. «franciscains».

A respeito da interrupção das obras, corre esta lenda: Na noite de 15 de Janeiro de 1530 foi praticado na igreja do convento junto ao edifício então em construção para a igreja de Santa Engrácia, um desacato, sendo roubadas as partículas consagradas que estavam num cofre de tartaruga cintado de prata.

Na madrugada do dia em que o desacato se praticou, foi prêso por suspeito Simão de Solis, cavaleiro de sangue nobre, que regressava a sua casa, de uma aventura de amor, montado num cavalo cujas patas vinham envolvidas em panos.

Segundo a tradição, êsse cavaleiro namorava uma freira do dito convento. Parece que, para não a comprometer, não quis declarar de onde vinha àquela hora da madrugada, chegando, à fôrça de tormentos, a confessar que fôra êle quem praticara o crime, de que, aliás, estava inocente. A sua lealdade teve como prémio condenarem-no a ser queimado vivo no Campo de Santa Clara, depois de lhe serem cortadas ambas as mãos. No momento, porém, de ir para o suplício, Solis voltou-se para a igreja matriz de Santa Engrácia — então em construção, como já se disse — e exclamou: «morro inocente, e é tão certa à minha inocência como é certo que nunca se hão de acabar aquelas obras, por mais que façam».

Segundo uma das versões referentes ao facto, Solis, quando no cárcere, recebeu da freira dois melões — um inteiro e outro «calado» com uma pequena abertura que se costuma fazer para prova — acompanhado de um bilhete em que se dizia: «o calado é o melhor».

O juiz que proferiu a sentença foi o poeta Gabriel Pereira de Castro, autor da *Ulysseia*. Diz-se que enlouqueceu, passados anos, ao saber que fôra justiçado em Hespanha um Português que confessara à hora da morte ter sido êle o autor do crime atribuído a Simão de Solis.

Em desagravo do desacato instituiu-se uma confraria intitulada *Escravos do Santíssimo Sacramento*, composta de cem principais fidalgos da côrte, que resolveram construir um sumptuoso templo no local do antigo.

Começaram então as obras da nova igreja, as quais, conforme o vaticínio de Solis, nunca foi possível acabar. Sempre um incidente qualquer, imprevisto, as tem vindo suspender [1].

---

[1] A p. 289 do *Alm. de Lembranças*, de 1888, vem nar-

O facto real em que se baseia a lenda vem relatado no processo da Inquisição, e pode ver-se no primeiro volume das *Sentenças manuscritas da Inquisição*, que faz parte da «Colecção Moreira», existente na Biblioteca Nacional de Lisboa (1).

Leite Bastos transcreveu a sentença no seu romance *O crime do corregedor*, in *O Ocidente*, vol. IX.

*

No mesmo sentido da locução de que se trata fala D. Francisco Manuel de Melo das *obras da Sé*, pondo na bôca de Quevedo, no *Hospital de letras*, estas palavras referentes a Lope de Vega: «As obras desse Poeta são como as obras da Sé, que nunca se acabão» (2).

Os Franceses, aludindo à lentidão com que correram as obras da igreja de Notre-Dame, de Paris, diziam, antigamente: *C'est l'oeuvre de Notre-Dame, qui ne finit jamais.*

*Obra del Escurial*, dizem os Hespanhóis, com o mesmo sentido da nossa locução.

## LXXXVI

### S. Jorge, que em cavalo branco andou, || alguma coisa lhe achou

Na lenda semi-histórica — diz Teófilo Braga(3) — S. Jorge aparece nas batalhas montado num cavalo branco.

S. Jorge e um cavalo branco são ideias associadas inseparáveis, e era montado num cavalo daquela côr que a imagem do Santo se encorporava, com o seu estado maior, na procissão de *Corpus-Christi* (4).

---

rada uma lenda alemã, segundo a qual as obras da catedral de Colónia ficaram incompletas por maldição do diabo.

(1) V. Consiglieri Pedroso, prólogo aos seus *Contos populares portugueses.*

(2) *Apólogos dialogais*, 1721, p. 335.

(3) *Povo Português*, II, 165.

(4) Instituira o sumo pontífice Urbano IV, em 1264, universalmente, a procissão do *Corpus-Christi*, e o Mestre de Aviz

A referência do adágio a «cavalo branco» envolve uma ideia de aprêço em que se teem os cavalos dessa côr, que eram muito estimados pelos antigos, entre os quais — segundo Fustel de Conlanges (1) — o branco era a côr sagrada, a que agradava aos deuses.

É assim que vemos montando cavalos brancos os deuses da mitologia, os anjos, os santos, os reis e, em suma, várias sumidades hierárquicas de outros tempos.

Os Maometanos — que admitem o anjo Gabriel como mensageiro do Profeta — figuram-no montado num cavalo branco.

Os carros dos Césares eram tirados por parelhas brancas. Napoleão cobre-se de glória em Marengo e Austerlitz, no seu lendário cavalo branco (2).

Os cavalos brancos figuram às vezes como símbolo da virtude, da pureza, da candura. Assim, conta Fernão Lopes — na *Crónica de D. João I*, p. II, cap. 96 — ao descrever a cerimónia do casamento daquele monarca com D. Filipa de Lencastre: «Elrey saiu d'aquelles paços em sima de hu cavallo branco, em pannos de ouro realmente vestido, e a rainha em outro tal muy nobremente guarnida» (3).

Como sobrevivência de tal simbolismo ainda hoje, entre nós, é tirada por cavalos brancos, nos cortejos nupciais de luxo, a carruagem destinada aos noivos.

A ideia do «cavalo branco» anda também ligada a aparições sobrenaturais.

Por exemplo: *a)* O rei D. Sebastião há-de vir da Ilha

---

determinou, ao ligar-se com a Casa da Inglaterra, que nessa procissão se encorporasse a imagem de S. Jorge, nome que dera ao Castelo de Lisboa, ao restaurá-lo. Data essa deliberação de 1387, em que o rei casou, ordenando também que, daí em diante, o grito de guerra fôsse «Portugal e S. Jorge», para substituir o de «Portugal e S. Tiago», com que, anos antes, os Hespanhóis haviam sido derrotados em Aljubarrota e Atoleiros.

(1) *A cidade antiga* (trad), I, cap. VIII.

(2) Há, até, esta *adivinha* jocosa: *¿De que côr era o cavalo branco de Napoleão?*

(3) Apud Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 252. Na sua obra *Raínhas de Portugal*, Francisco da Fonseca Benevides dá informação condizente.

Errante, numa manhã de nevoeiro, montado num cavalo branco; *b)* O dr. Agostinho Cazala, prègador de Carlos V, garrotado em Hespanha pelo Santo Ofício, prognosticou que no dia seguinte ao do seu suplício passearia pelas ruas de Valhadolid num cavalo branco; e, efectivamente, no dia imediato ao da sua morte, viu-se um cavalo branco montado por invisível cavaleiro correr as ruas daquela cidade, causando isso grande espanto ao povo ([1]); *c)* Em Estombar e Lagoa (Algarve) aparece nas noites de luar a «velha da égua branca», montada numa égua branca, que é o terror da meia-noite em pino. Faz um barulho infernal pelos campos, com tachos e panelas de arame, e solta os bois que ruminam debaixo das alpendradas ([2]).

O cavalo branco tem também predicados de magia.

Os Germanos, como os seus passados Getas e Scitas, tiravam prognóstico do relincho dos cavalos. A cidade sustentava nos bosques e florestas cavalos brancos consagrados ao Sol, livres de todo o trabalho profano. Prendiam-se ao carro sagrado, e o ministro, rei ou chefe da cidade seguia-os para observar os seus rinchos ([3]).

Segundo uma versão de Loures, é prejudicial, a uma pessoa que está em jejum, o encontro de um preto, salvo se essa pessoa vir ao mesmo tempo um cavalo branco (cf. o meu artigo *Deus que o assinalou, algum defeito lhe achou*, pub. na *Rev. Lus.*, XXIII, 107).

Em contraposição, o cavalo preto tem qualquer coisa de infernal.

Plutão, deus dos infernos, era representado pelos antigos sentado num carro puxado por cavalos pretos ([4]).

---

([1]) D. Fernando Garrido, *Hist. das perseguições políticas e religiosas ocorridas em Hespanha e Portugal*, trad. de L. Trindade. (Lisboa, 1881), p. 162.

([2]) Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 158.

([3]) Idem, *ibidem*, II, 165.

([4]) Bouillet, *Dictionnaire Universel d'histoire et de géographie*, s. v. «Pluton».

## LXXXVII

### São sete alfaiates para matar uma aranha

*Locução irónica que se emprega quando vai muita gente para fazer uma coisa que não exige fôrça, perícia, valor nem coragem; ou com que se critica a azáfama de muitas pessoas que se empenham em coisa fácil, e não a conseguem.*

Segundo Adolfo Coelho [1], esta locução é o eco de uma tradição portuguesa, hoje perdida, ao que parece, na sua integridade, mas que tem noutros países da Europa paralelos, em todos os quais se trata de ridicularizar a covardia de um indivíduo, de uma classe, dos habitantes de uma localidade, de um povo, etc.

O mesmo A. cita o conto alemão dos *Sete suabos*, em que os sete valentes vão pelo mundo fora, empunhando todos êles uma única lança, apanhando um grande susto causado pelo zumbido de um besoiro, ou bicho semelhante, e vendo numa lebre que encontraram a dormir com os olhos abertos e as orelhas erguidas, o diabo em pessoa, ou sua mãe, ou seu cunhado. Animando-se mutuamente, os sete valentes avançam, um dêles solta um grito, o animal foge, e reconhecem então que era uma lebre.

Em parte das versões conhecidas de Adolfo Coelho figura em vez da lebre o caracol, que é, como aquela, o tipo da covardia.

Adolfo Coelho cita um conto alemão em que se narra o combate dos alfaiates contra o caracol, êste estende os cornos, e os heróis da agulha tratam de fugir.

A tradição existiu em Hespanha, como parece indicar uma obra satírica do século XV, intitulado *Libro de cetreria de Evangelista*, publicada por A. Paz y Melia, e de que Adolfo Coelho transcreve um trecho.

Adolfo Coelho fala de um divertimento popular que havia no Fundão, e em que uma aranha de arame era levada num andor, avançando contra ela os sete alfaiates, armados de

---

(1) *Notas e paralelos folklóricos*, in *Rev. Lus.*, I, 256.

tesouras, e recitando-se uns versos que aquele autor diz não ter podido obter:

A esclarecer aquele uso, apareceu Armando Silva, na *Rev. Lus.*, II, 84 (ano de 1890), dizendo que a tradição, esquecida então há mais de vinte anos, é a seguinte, alcançada directamente da tradição oral na freguesia de Aldeia Nova do Cabo, a três quilómetros do Fundão: Saíam os sete alfaiates — isto é, sete indivíduos escolhidos para representarem êsse papel — pelas ruas da terra, conduzindo os bancos e os aprestos do ofício, e acompanhados por um carro pequeno, coberto e cheio de hera, — o andor, aonde ia a aranha de arame. Nos sítios em que paravam, sentavam-se nos bancos, a trabalhar ao som das cantigas adiante transcritas; e, quando aparecia a aranha, saindo à frente do carro enfeitado — o *mefedo* — empurrada ou puxada por personagem oculto no carro, os sete alfaiates erguiam-se e arremetiam com as tesouras para a frente, dizendo mais animadamente os versos. Estes eram cantados nos terreiros e nas ruas, à porta das casas das pessoas principais, onde parava a dança, a qual só se realizava em dias mais festejados do calendário popular, como domingo de Páscoa, dia de S. João, etc.

Os versos eram os seguintes, sem se lhes alterar a forma de linguagem popular:

Senhor mestre alfaiate,
que é aquilo q'além vimos?
— Todos dizem qu'é arenha
e nós dela fugimos.

Senhor mestre alfaiate,
mande-nos dar de jantar;
já temos a obra feita,
queremos ir andar.

Venham cá os meus oficiais,
com toda a modoração.
— Acudimos ó nosso mestre
q'está em grande aflição.

Senhor mestre alfaiate,
tendes cara de madama,
tudo é aceitar a obra,
deitar-nos em má fama.

Senhor mestre alfaiate,
nós não temos que fazer;
venha a talhar a obra,
para entrarmos a coser.

Senhor mestre alfaiate,
ninhum de nós tenha medo,
a arenha está metida
no *mefedo*.

Senhor mestre alfaiate,
nós não queremos mais nada;
queremos ver a arenha
q'além está *amorfalhada*.

Senhor mestre alfaiate,
tendes testa de carneiro;
tudo é aceitar a obra
sem nos querer dar dinheiro.

Senhor mestre alfaiate,
todos postos em campanha,
com agulhas e tesoiras,
p'ra matar aquela arenha.

Senhor mestre alfaiate,
o ruzido qu'além vem!
Todos dizem qu'é arenha,
qu'ela pilhada nos tem.

O dr. Mota e Moura, nas *Memórias históricas da vila de Niza*, II, p. 101-104, descreveu assim uma parte das festas dramáticas realizadas naquela vila no ano de 1828: «... na frente os alfaiates, com suas régoas e tesouras, e chegando ao Rocio, e fazendo uma grande roda, começaram a desempenhar o seu papel, que consistia numa engraçada contradança e pantomima em roda de um cortiço... Para ver a dança e gozar o divertimento, foi saindo do cortiço uma enorme e feíssima aranha, que, para estar mais à vontade e contente, se colocou em cima dêle, e aí ficou; mas reparando nela os dançantes, e sendo os alfaiates homens de pouco ânimo e valor, não poderam continuar a dança na presença de tão asqueroso e repugnante hóspede, e trataram de o afugentar; vieram todos com suas régoas e tesouras alçadas, fazendo vários tregeitos e gaifonas, mas o peçonhento bicho, apenas os avistou, refugiou-se no profundo covil, com o que ficaram vexados e corridos os agressores, que imediatamente retiraram a seus lugares; e querendo continuar o folguedo viram de novo o atrevido insecto, que do alto do baluarte os provocava a novo conflito, que seus inimigos empreenderam com igual resultado; mas tanto foram e vieram, que a pobrezinha teve de perecer vítima de uma cilada que lhe armaram, ficando um dos mais corajosos emboscado junto do forte, e cortando-a depois com a tesoura quando ela mais se ufanava e ensoberbecia da sua vitória [1].

*

Segundo Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Portugal*, § 262 *e*, quem quiser fazer arreliar os alfaiates é falar-lhes em aranhas, porque se conta que foram precisos muitos alfaiates com as tesouras abertas para atacar uma que lhes apareceu, e daí provém a locução.

---

[1] Apud Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 420.

*

Quadras populares alusivas à covardia dos alfaiates:

De Coimbra:

Alfaiates não são homens,
nem se lhes podem chamar:
em perdendo uma agulha,
põem-se logo a chorar.

Semeei no meu quintal
o brio dos alfaiates;
nasceu-me uma parreirinha
rodeada de bonifrates.

Aqui d'el-rei, quem acode
ao fogo de Santarém!
Acudam os alfaiates
emquanto os homens não veem! (1)

Da Beira-Alta:

Setecentos alfaiates
para matar uma aranha:

fortes são os alfaiates
que nem isso apanham! (2)

Do Minho:

Vinte cinco mil alfaiates
todos postos em campanha,
com a tesoiras abertas
para matar uma aranha.

Setecentos alfaiates
é tudo: — *farei, farei!*
por matar uma aranha
gritaram: — *aqui d'el-rei!* (3)

Outras:

Setecentos alfaiates
outros tantos cardadores, (4)
para matarem a aranha
foram chamar os pastores.

Quem acode ao rio Douro,
que alaga Santarém!
Acudam os alfaiates,
emquanto os homens não veem!

A pouca energia atribuída aos alfaiates é também objecto do adágio inglês: *A tailor is the ninth part of a man.*

---

(1) Loc. cit. na nota 1 a pág. 106.
(2) Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, (262, *e*).
(3) Idem, *ibidem*.
(4) Os cardadores são também tidos por homens de pouco préstimo. Cf. o adágio: *sete cardadores para um saramago.*

## LXXXVIII

### Sáveis de maio, maleitas de todo o ano

A respeito dêste adágio, lê-se em *La Filosofia vulgar de Ivan de Mal Lara* (1), 1.ª parte, p. 243, a propósito da forma castelhana *sino te quieres casar, come saualo por san Ian:* «... El saualo (segun dizen los Medicos de nuestra tierra) es humido, y frio, pescado viscoso, y gruesso, no liviano de digerir... pues siendo pescado dañoso, desde Março en adelante, y assi dize el refran Portugués (segun diremos en los refranes de otras lenguas) Saual de Mayo, maleytas para todo o anno. Es malo para los que se casan en fin de Verano, y que comiençan las calores del Estio, por la debilitation del estomago, y el trabajo corporal del matrimónio requiere buenos manjares nutritiuos, y de mejor complesion que el saualo flematico...»

## LXXXIX

### Se a bicha visse, || e o alicante ouvisse, || não havia ninguém vivo no mundo

VARIANTES:

*a)* **Se o alicranço visse, || e a bicha ouvisse, || não havia ninguém qne no mundo existisse;** *b)* **Se a cabra-cega visse, || e o escorpião ouvisse, || não havia ninguém que resistisse.**

As duas primeiras formas são alentejanas e veem, respectivamente, n-*A Tradição*, IV, 15, e nas *Trad. pop. alentejanas*, de A. Tomás Pires, in *Rev. Lus.*, XII, 89. A terceira é da Beira e foi recolhida por Leite de Vasconcelos in *Rev. Lus.*, VIII, 232.

Pela denominação de *bicha*, é conhecida nas aldeias a «cobra» (cf. *Dic. Contemporâneo*; s. v. «bicha»).

O *alicante* — como diz Leite de Vasconcelos, na *Rev. Lus.*, VIII, 232 — é originàriamente, palavra hespanhola, que signi-

(1) En Madrid, por Juan de la Cuesta, año 1618.

fica, segundo os dicionários hespanhóis, «espécie de culebra», «espécie de víbora», correspondendo-lhe a palavra portuguesa *licanço* ou *licranço*.

Nota Leite de Vasconcelos, no local citado, que alguns autores teem confundido inexactamente *licanço* ou *licranço*, com *alacrau* ou *lacrau* (1).

Efectivamente, na linguagem popular de Vila Real, *alicranço*, *licranço* ou *licanço*, é uma pequena cobra que o povo julga cega (2); e em Barcelos, *liscranço* é uma víbora venenosa (2). Mas certo é, também, que em Baião o *lacrau* é conhecido por *leicranço*, *licranço*, *alicranço*, *licreu* e *alicreu* (cf. adiante, neste artigo, o adágio: *Ferradela liscanço, não tem hora de descanso)*.

O dic. de Vieira define *licranço:* «pequena cobra de côr parda escura, muito dura; reputa-se cega».

O *escorpião*, segundo diz Leite de Vasconcelos no local citado, é o *lacrau*.

*Cabra-cega*, desconheço o que seja, na acepção em que figura na variante b).

Franceses: a) *Si anva* (orvet) *voyait, si sourd entendait, homme sus terre ne vivrait* (Alta Bretanha); b) *Si taupe voyait, si sourd entendait, homme sus terre ne resterait* (Idem) (3); c) *Si bœuf savait, si sourd entendait, si taupe voyait, homme sur terre ne vivrait* (Idem) (4); d) *Si taupe voyait, si sourd* (salamandre) *entendait, le monde finirait* (5).

Hespanhóis: (Andaluzia) *Si la bíbora biera, y el alaclan* (alacrán) *oyera, no hubiera hombre que ar campo saliera* (6).

---

(1) O *Dic. Contemporâneo* define *licranço:* «nome vulgar do lacrau».

(2) A. Gomes Pereira, *Trad. pop. e linguagem de Vila Real*, in *Rev. Lus.*, XII, 93.

(3) Paul Sébillot, *Littérature orale de la Haute-Bretagne*, Paris, 1881.

(4) Paul Sébillot, *Traditions et superstitions de la Haute-Bretagne*. Diz o autor desta obra, no tômo II, que «les sourds et les taupes sont les deux plus mauvaises bêtes de la terre». («Sourd» é a salamandra).

(5) Rolland, *Faune Populaire de la France*.

(6) F. Rodriguez Marín, *Comparaciones populares recogidas en Osuna*, in *El Folk Lore Andaluz* (1882-83).

## XC

### Se a inveja fôsse tinha, que pez lhe bastaria

Vem nas colecções de Delicado e Rolland.

A alusão ao pez explica-se pela aplicação desta resina no doloroso tratamento a que antigamente se sujeitavam os doentes de tinha.

Na secção de «reservados», da Biblioteca Nacional de Lisboa, há um livro, em castelhano e em caracteres góticos, intitulado *Lilio de Medicina*, de Bernardo Gordonio. Foi impresso em Toledo, à custa de Juan de Villaquiran, impressor de livros, e de Gonçalo de Avila, mercador de livros, e acabou de se imprimir aos 29 de Abril de 1513.

A pág. XLVII prescrevem-se vários tratamentos da tinha, entre os quais um ungüento em que entra o pez líquido, e que o livro manda aplicar assim: «Pero en los tiñosos con pez naual se pude fazer vna cofia q̃ põga en la cabeça; e q̃ muchas vezes la renueuen e q̃ten del todo, e lauẽ la cabeça cõ su horina propia e cõ lexia fecha de la ceniza de las caxcaras delas auellanas».

Em França ainda nos princípios do século XIX se usava aquele processo de cura, ao qual o *Dictionnaire de Médicine* (¹), de P. H. Nysten, p. 730, se refere nestes termos: «L'arrachement des cheveux par la calotte agglutinative est encore souvent nécessaire pour guérir la teigne, malgré les douleurs vives que produit ce procédé vraiment barbare».

No *Diário de Notícias*, de Lisboa, de 12-II-923, vem um artigo intitulado *Senhoras de barbas na cara*, assinado por M.me Carvalho, no qual, a propósito de depilatórios contra os pelos dos rostos femininos, se fala assim de um processo semelhante ao anterior: «Os mouros, ou antes as mouras, essas não estão com meias medidas. Cobrem a parte que desejam tornar tão lisa como a face de um eunuco, com uma camada de cola. E quando esta se encontra sêca, arrancam-na dum repelão, levando os pelos, é certo, mas ficando muitas

---

(¹) Transcrevo da 4.ª ed. (Paris, 1824), em cujo prólogo os editores fazem referência à 1.ª ed., de 1806.

vezes em carne viva. As dançarinas usam a-miúde dêste processo, que não tem nada de agradável, para tirarem os cabelos dos sovacos, substituindo a cola pelo colodium iodado, aplicado em camadas sucessivas».

## XCI

**Se fordes a Roma, sêde Romano**

Ou:

**Se fores a Roma, sê Romano**

Na *Eufrosina*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, acto II, scena 1.ª: *Quando fores a Roma, fala Romano.*

Numa composição do poeta António Ferreira (séc. XVI):

. . . . . «he lei antiga
*Romano em Roma, Francês c'os Franceses* (1).

Leite de Vasconcellos ouviu no Pôrto, a um Andaluz:

En la Francia, soy francês; en Aragon, aragonês;
en Valencia, valenciano; en Catalan, catalano (2).

E ouviu a um soldado, de Elvas:

Fui a Hespanha, vim Hespanhol,
fui a França, vim Francês;
fui à Índia, Índio vim;
agora sou Português.

Franceses: a) *Il faut vivre à Rome, comme à Rome;* b) *Il faut faire à Rome comme les Romains;* c) *À Rome comme à Rome;* d) (séc. XVIII) *Il faut vivre à Rome selon les coustumes romaines* (3).

---

(1) Carta IV, do tômo II dos *Poemas Lusitanos.*

(2) *Ensaios etnográficos*, II, 223.

(3) Marco Besso, *Roma nei proverbi e nei modi di dire*, Roma, 1889, p. 36.

Hespanhóis: a) *Cuando a Roma fueres, haz como vieres;* b) *En tu villa como en tu villa, y en Sevilla como en Sevilla.*

Holandês: *Die naar Rome toe wil gaan, moet ook Romes manieren verstaan* (quem quiser ir a Roma, deve primeiramente conhecer os costumes de Roma) (1).

Ingleses: a) *When you are in Rome, you must do as they do in Rome;* b) *When you are at Rome, do as Rome does.*

Italiano: *Bisogna vivere a Roma, coi costumi di Roma.*

Latinos: a) *Si fueris Romae, Romano vivito more; si fueris alibi, vivito sicut ibi* (2); b) *Cum fueris Romae, Romano vivito more* (3); c) *Si fueris Roma, Romano vivito more* (3).

Cf. os adágios: a) *Na terra de bom viver, faze o que vires fazer;* b) *Na terra onde fores ter, faze como vires fazer.*

## CXII

### Se queres bem casar, || casa com teu igual

VARIANTES:

*a)* **Casar e compadrar, || cada um com seu igual;** *b)* **Viver e casar, || cada qual com seu igual**

Provavelmente por êrro de revisão, Rolland (ed. de 1841) s. v. «casar», regista: *Casar e comprar, cada um com seu igual.*

Num manuscrito dos princípios do séc. XVIII (códice n.º 1:147 da Tôrre do Tombo, p. 23): *Nenhũ se deue cazar, senão com seu igual.*

Estes adágios não se referem sómente à categoria social dos noivos, mas, também, às suas idades. Segundo estas, se podem realizar três castas de casamentos, conforme diz D. Francisco Manuel de Melo, na sua *Carta de guiá de casados:* casamento de Deus, «o do mancebo com a moça»; casamento do Diabo, «o da velha com o mancebo»; e casamento da morte, «o da moça com o velho».

---

(1) Obra cit. na nota 3 a p. 113, p. 36.

(2) Marco Besso, *Roma nei proverbi e nei modi di dire*, Roma, 1889, p. 36.

(3) Bento Pereira.

Quanto à categoria social dos noivos, o povo exprime a moral dos adágios nestas quadras:

*a)* Altos muros, abaixai,
não queirais tanto subir;
quem altos amores toma,
em baixo vem a cair.

*b)* A oliveira pequena
que azeite pode dar?
Sou filha de um homem pobre,
que amores posso tomar?

Hespanhóis: a) *Si quieres bien casar, casa con tu igual;* b) *Casar y compadrar, cada cual con su igual.*

Italiano (Sicília): *Cui bonu si voli maritari, si mariti cu li so'pari* (1).

Latino: *Si vis apte nubere, nube pari.* (Bento Pereira),

## CXIII

### Se soubesse a mulher a virtude da arruda, || buscá-la-ia de noite, à lua

Êste adágio alude, em especial, às virtudes da arruda restritamente proveitosas à mulher, e, principalmente, às que teem influência no bom êxito dos partos.

No vol. VIII da *Biblioteca de las tradiciones populares Españolas* (2) lê-se a respeito de crenças das Astúrias: «Cogiendo ruda, cociéndola y dando el agua al hombre à quien quiera atraerse una mujer, se asegura para siempre de su cariño».

Segundo Gubernatis, in *La mythologie des plantes,* a Lua, raínha das ervas, preside não sómente à vegetação, mas também à concepção e ao nascimento; os partos estão, pois, sob a sua influência.

Por isso, diz uma copla popular asturiana, semelhante ao adágio na filosofia e, em parte, com êle condizente na forma:

Si supiera la casada
para qué sirve la ruda,
trasnochara y madrugara
à cogerla con la luna (3).

---

(1) Pitrè, *Proverbi Siciliani.*

(2) Madrid, 1884, num artigo de L. Giner Arivau, intitulado *Contribuición al folk-lore de Asturias.* — *Folk-lore de Proaza.*

(3) Vem no artigo citado na nota antecedente.

Acêrca da acção da Lua nos partos felizes, diz ainda Gubernatis, na obra citada: «Une strophe indienne appelle la lune *la gardienne de l'ambroisie*... on lui accorde une influence spéciale sur les mois et les accouchements de la femme... La déesse romaine Lucina (la lune), veillait sur les accouchements...»

Gubernatis chama à arruda «herbe chère aux femmes».

A medicina scientífica considera a arruda como um dos medicamentos chamados «emmenagogos», ou agentes que teem acção estimulante sôbre o útero e a propriedade de promoverem ou restabelecerem o fluxo menstrual (1).

*

Na terapêutica do povo, a arruda é contraveneno eficaz contra a mordedura da serpente, a qual não ousa aproximar-se-lhe (2).

Teófilo Braga (3) liga ao solstício de inverno a crença de que «no dia de Natal, à meia-noite, deve sair-se para o campo a apanhar arruda, alecrim, salva e era terrestre. A arruda ferve-se em azeite para dar fomentações, e das outras plantas faz-se o chá para tomar quando se está doente».

Segundo o livro *Segredos da Natureza* (4), Avicena escreveu «que arruda comida mitiga os ardores da carne no homem; e na mulher pelo contrário, porque os aviva com excesso».

A propósito da virtude das plantas, diz Leite de Vasconcellos (*Trad. pop. de Portugal*, p. 123, nota) que se lê no Rig-Veda (vers. 91, sec. 8, leit. v, da trad. fr.): «Les plantes chassent la maladie loin de notre corps etc.»

*

As crenças populares portuguesas, e as de outros países, atribuem à arruda — como a outras plantas (5) — toda a casta

---

(1) Vid. Pedro Chernoviz, *Dicionário de medicina popular*, 3.ª ed. portuguesa, Paris, 1862, 2.ª ed., p. 130.

(2) *Nouveau Dictionnaire des langues Françoise et Portugaise*, par le Prêtre Joseph Marques. Lisbonne, MDCCLVIII.

(3) *Povo Português*, II, 54. Cf. também Consiglieri Pedroso, *Superst. pop. portuguesas*, in *O Positivismo*, 3.º, p. 150.

(4) Ed. já citada neste artigo, na nota 1 ao adágio LXXI.

(5) Há grande número de plantas que o povo consi-

de virtudes mágicas, e, assim, o uso da arruda é freqüente nas práticas exorcísticas e nas benzeduras populares, principalmente para afugentar o Demónio, os espíritos e as feiticeiras, e contra o mau olhado, usando-se também como amuleto.

No concelho de Elvas penduram nos tetos das casas molhos de arruda hortense, por ocasião de epidemias, como preservativo contra o mal. Para o mesmo efeito metem êsses molhos nas tranqueiras das portas. Usam também a arruda numa bolsinha ao pescoço, para se livrarem de feitiços (1).

Contra as feiticeiras é bom trazer uma pedra de ara, com aipo, arruda, loureiro, oliveira e erva de inveja, tudo numa saquinha (2).

Segundo uma versão do Cadaval, a arruda dá fortuna em casa, mas só às pessoas da família; com ela vai-se a fortuna da casa. Quando não se possa encontrar a arruda, arranje-se ao menos uma haste, e meta-se entre a peuga e a perna.

Esfregar o sobrado com arruda, afugenta as bruxas.

Em Canelas (Penafiel) as tecedeiras penduram arruda e trovisco nos teares, para não vir alguma *dada* (malefício) às teias (3).

De algumas das citadas virtudes da arruda, e ainda de outras, diz Bluteau, no *Vocabulário*, I, 570: «Tôda a casta de arruda é atenuante, incisiva, boa contra veneno, e mordeduras de cães danados, abate os vapores, fortifica o cérebro. Antigamente metendo umas folhas de arruda agreste, e duas pernas de noz em um figo agreste, o comiam, para se preservarem da peste. Nas portas se penduram folhas dela, para defensa de feitiços; também dizem, que seu fumo é excelente nas casas, e berços das crianças, para as preservar de quebranto, e as curar, estando já abaladas, e enfermas dêle».

---

dera com poder mágico, como a mandrágora, a figueira baforeira, o aipo, o trovisco, a erva da fortuna, a arruda, o alecrim (cf., neste artigo, o adágio n.º LXXI), o mentrasto, o orgevão (cf. adiante, neste artigo, o adágio — *Não te laves com orgevão, que te crescerão os cabelos até ao chão)*, o sabugueiro, o loureiro, a oliveira, o alho, etc.

(1) A. Tomás Pires, *Amuletos*, in *Portugalia*, I, 621.

(2) Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Portugal*, § 251 *c*.

(3) Leite de Vasconcellos, in *Rev. Lus.*, I, 307.

Lembra ainda outra qualidade de arruda a quadra popular:

Eu queria cantar alto,
mas a voz não me ajuda;
vou esfregar a garganta
com um raminho de arruda.

*

Gubernatis, na obra citada, indica as seguintes superstições àcêrca da arruda, na Itália: «En Bologne... on croit qu'elle facilite les couches... A Venise, la rue dans une maison passe pour un gage de bonheur... avec elle s'en va la bonne fortune de la maison... Dans les Abruzzes la rue fournit un talisman contre les sorcières. En Toscane les bonnes femmes recommendent la rue contre le mauvais œil. Un proverbe de la terre d'Otrante dit que la rue guérit tous les maux:

La ruta
ogni male stuta.

*

Os fariseus pagavam a dízimo da hortelã e da arruda (ervas aromáticas) (1).

*

Consta que na noite de S. João o Diabo arde pela flor do trevo; outros dizem que do mesmo modo pela da arruda. Uma ou outra, se alguém a apanhar antes do Diabo, tem certo um grande tesouro, se o puder vencer, pois êle segue o achador e investe-o na primeira encruzilhada. Se êste sai vencedor da luta, então pode negociar com o Diabo e pedir-lhe em troca da flor as riquezas que quiser, que êle lh'as dará (2).

*

Em Hernan Nuñez, *Refranes: Si supiesse la muger las virtudes de la ruda, buscalla ya de noche a la luna.*

---

(1) Obra cit. na nota 2 a p. 116.

(2) De um artigo intitulado *O trevo de quatro fôlhas*, pub. na *Enciclopédia das Famílias*, 12.º ano, p. 604. Da acção da arruda fala o antigo adágio — *Eu sou o tom, que o diabo foge de onde eu som. — E eu sou a arruda, que sou em tua ajuda.*

## CXIV

### Sem dizer "água vai!„

*Inesperadamente; sem o mais pequeno aviso ou prevenção; sem dar cavaco a ninguém:* «Um pai velho, que volta para casa *sem dizer água vai!*» (Castilho, *Volta inesperada).* — «Com que então, chega-se aqui, arranja-se logo noivo, e muito caladinha, *sem dizer água vai?*» (Vieira da Costa, *Entre montanhas).*

*Água vai!* era o aviso que em Lisboa, e outras cidades, se fazia das 10 ou 11 horas da noite em diante, ao despejarem-se das janelas e das portas, para a rua, as matérias fecais e mais imundícies durante o dia acumuladas nas habitações.

O uso preventivo de *água vai* é, pelo menos, quinhentístico, segundo informa Júlio de Castilho na sua *Lisboa Antiga*, v, 158, onde vem transcrito êste verso de Simão Machado, na comédia *Cêrco Diu:*

O peloiro quando sai
não vai dizendo água vai.

*

A fórmula *água vai!* era regulamentar. Assim, uma postura municipal de Coimbra, referida por Júlio de Castilho, na ob. cit., v, 168, proibia muito especialmente que se deitasse água à rua sem se dizer duas vezes — *água vai!*

Uma postura municipal de Elvas, de 1617, prescrevia: «Ordenarão que nenhuma pesoa lance Agua da Janela nem da porta para Rua sem primeiro dezer Agua vai de maneira que não dei com ella em algeim e quem ho comtrario fizer pagará cem Rés p.ª ho Rendeiro, etc.» (1).

---

(1) L.º 1.º das *Posturas* de Elvas, de 1617. Arq. Mun. armário n.º 9. (Apud A. Tomás Pires, in *O Elvense*, de 1-VIII-86).

Pelo que toca a Lisboa, Pereira e Sousa *(Classes dos crimes*, Lisboa, 1816, p. 172) cita os editais do Senado, de 27 de Maio, e Junho de 1803, de 14 de Outubro de 1809 e de 14 de Dezembro de 1815, que puniam com prisão e pena pecuniária os que lançassem águas ou lixos na rua, desde as 10 horas da noite até às 5 horas da manhã, «sem dar as três vozes, com separação».

Da citada obra de Júlio de Castilho (Bairro-Alto, cap. XXIII) recorto a seguinte informação àcêrca do *água vai*, na capital: «Desde a libertação dos escravos, e mesmo desde alguns anos antes, tornaram-se em Lisboa as ruas perfeitos tremedais; falta-me o termo próprio, e ainda bem! Lisboa... ficou recoberta de um tapete infamíssimo, que não rescendia certamente a essência *bouquet*, nem a *jockey-club*. Nós mesmos ainda na nossa mocidade assistimos a êsse escândalo do bom gôsto e do olfacto, a êsse alardo miserando de incúria nacional. Então suspirou-se pelos passados tempos, pelas pretas e pelos carretões! As posturas das câmaras (isto é que tem graça) pactuaram com o uso, e obrigaram a população a apurar a voz num falsete adorável dizendo «água vai!» O *água vai* entrou na linguagem e nos costumes... Há uma antiga postura de Coimbra que proibia muito explicadamente deitar água à rua sem dizer duas vezes «água vai». Água! como os vocábulos mudam de sentido!... E acrescenta numa nota, com toda a gravidade, o articulista do velho jornal de 1819, onde apanhei isto: É esta a prática das cidades bem policiadas» (1).

---

(1) No mesmo capítulo da obra de Júlio de Castilho se refere a informação de Fr. Nicolau de Santa Maria, de que no seu tempo as ruas de Lisboa eram limpas duas vezes por semana, por uns chamados *carretões das imundícias;* e acrescenta-se que mais tarde, antes do terramoto, o despejo se fazia por meio de pretas *(calhandreiras)* que o iam deitar à praia em aparelhos apropriados, que o povo chamava *calhandros*, e que eram uns boiões especiais. Depois da libertação dos escravos é que veio o *água vai*. Diz Júlio de Castilho que aí por 1839, ainda as negras *calhandreiras* iam despejar no canto

*

Às vezes faziam-se os despejos sem se observar a prevenção. Uma anedota, referente a Bocage, conta que, achando-se o poeta numa situação muito naturalística, recebera sôbre o dorso um balde de água chilra, que lhe despejara uma criada, a quem êle apostrofou neste chistoso improviso:

Ó menina do toucado,
já que tem a mão tão certa,
venha buscar a oferta
que ficou do baptizado.

*

Popular (Alentejo).

Quando passo à tua porta
sempre dizes — água vai!...
Se me molhas o capote,
a multa paga-a teu pai [1].

*

Também se usou em Hespanha o *água vai*. Num artigo de Filipe Perez y Gonzalez, intitulado *las menegildas de antaño*, e publicado in *La Ilustración Española y Americana*, ano XLVII, p. 250, comenta-se um passo da comédia *Hombre pobre todo es trazas*, de Calderon, e diz-se que êsse passo «allude à ser la hora en que las criadas vertian à la calle vasos mal olientes al ironico aviso, más de una vez maliciosamente tardío, de «Agua va!».

---

da Praia do Corpo Santo, no sítio ocupado hoje por edificações do Arsenal de Marinha.

[1] Recolhida por A. Tomás Pires, in *Sentinela da Fronteira*, n.º 311, de 1-v-84.

## CXV

**"Senhoria„ de Itália, e "dom„ de Hespanha, || não valem uma castanha**

VARIANTES:

*a)* **"Senhoria„ de Itália, "conde„ de França, e "dom„ de Hespanha, || não valem uma castanha;** *b)* **"Dom„ de Hespanha e "excelência„ de Portugal, || não valem um real.**

Francês (séc. XVI):

Un señor en Espagne,
un maistre en haute Bretagne,
un Monsieur en la Franche Gaule,
un Fidargo en Portugalle,
un Évesque en Italie,
un Comte en Germanie,
c'est une pauvre compagnie [1].

## CXVI

**Sôbre azeitonas, quem quer bebe**

Êste adágio anda referido num velho facto da nossa história: Quando, no cêrco de Mourão, em 1657, Joane Mendes de Vasconcelos repreendia o sargento-mor João de Amorim, por ter assaltado, aliás com êxito, as muralhas daquela praça, *sem ter ordem e sem ter escadas,* o sargento-mor respondeu serenamente, «É verdade, sem ter escadas; olhem que grande façanha seria se eu as tivesse! *Sôbre azeitonas, quem quer bebe*».

Assim refere Pinheiro Chagas, na sua *História de Portugal por uma sociedade de homens de letras,* VI, 176.

---

[1] Le Roux de Lincy, *Le livre des proverbes français.* (Apud Marco Besso, *Roma nei proverbi e nei modi di dire,* Roma, 1889, p. 66).

## CXVII

### Ter corda de enforcado

*Ser feliz; ter sorte ao jôgo, nos negócios ou nas empresas*

Os antigos atribuiam maravilhosas propriedades terapêuticas à corda que tivesse servido ao suplício ou suicídio de um enforcado. Na idade média, além destas virtudes curativas, soberanas contra os mais diversos males, reconhecia-se à corda de enforcado o dom de proporcionar todos os lances favoráveis do jôgo à pessoa que dela tivesse um pedaço na algibeira, e o de preservar contra todas as castástrofes. Também se guardava em casa.

As Ordenações Manuelinas (1521) liv. 5.º, tít. 33, proïbiam que se trouxesse dente ou baraço de enforcado [1], proïbição que também se encontra nas *Constituïções* do arcebispado de Évora, impressas em Lisboa no ano de 1534, constituïção 1.ª do tít. 25, que se intitula — *Dos feiticeiros, benzedeiros e agoireiros* [2]. O preceito foi mantido nas Ordenações Filipinas (1603), liv. 5.º, tít. 3.º, § 2.º.

As Ordenações Afonsinas (1446), liv. 5.º, tít. 75, § 4.º, falam da «corda de enforcado» para — depois de aludirem a uma lei de D. Afonso III, segundo a qual o Mordomo havia a corda com que uma mulher se enforcasse numa árvore — determinarem: «E vista per nós a dita Ley, declarando em ella dizemos, que se alguũ se enforcar ou per outra guisa matar por sanha, nojo, ou rancor que aja, nom averemos per sua morte cousa alguma de seus beẽs nem herança, senom soomente o baraço, ou a arma, com que elle se matar».

Da superstição acêrca das virtudes da «corda de enforcado» diz Alphonse Mariette, na sua obra *French and English idioms and proverbs, with critical and historical notes* (Paris, 1896), vol. I, p. 106: «It would be difficult to give a satisfactory explanation of te popular notion which ascribes luck

---

(1) Apud Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 116 e 138.

(2) V. Alexandre Herculano, *Crenças populares portuguesas*, in *O Panorama*, IV (1840), p. 138.

to a suicide's rope. But it is a fact that many people still adhere to that old prejudice, and, for my part, I happen to know several ladies, mostly from Eastern Europe, who always carry a small piece of *corde de pendu* in their purse, for the sake of the good luck it is supposed to confer. Indeed, a Hungarian lady once insisted on presenting me with an authentic fragment of such a cord, but I must say that I never felt the good effect of that lugubrious talisman. Perhaps the faith was wanting in me. As an instance of the eagerness with which the superstition still prevails, we read that but a few years ago, a machinist employed at the Grand Opera having hanged himself in the basement, some of the ladies of the theatre hastened to the spot, and before a magistrate had had time to arrive, they contrived to carry away the whole of the fatal rope, for division among themselves!»

Franceses: a) *Avoir de la corde de pendu;* b) *Il a de la corde de pendu dans sa poche.*

Hespanhol: *Tener corda de ahorcado.*

## CXVIII

### Aldeã é a galinha, || e come-a o de Coimbra

«O de Coimbra», diz o adágio, querendo significar «a côrte, a nobreza».

Lisboa só no reinado de D. Afonso III principiou a figurar como capital da monarquia, título que desde D. Afonso I pertencia a Coimbra, ainda que os reis andassem freqüentemente residindo por outras cidades e vilas ([1]).

Hernan Nuñez, nos *Refranes*, insere o adágio castelhano *aldeana es la gallina, y comela el de Seuilla*, sendo para notar que — semelhantemente ao que sucede com a forma portuguesa — Sevilha foi capital no tempo de Fernando III (séc. XIII) e, depois, quási sempre a residência dos reis de Hespanha, até Filipe II.

Francês: *La poule est au pauvre, et le riche la mange.*

---

([1]) V. Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal por uma sociedade de homens de letras*, I, 75.

## CXIX

### Ferradela (1) de liscanço, (2) não tem hora de descanso

Recolhido por A. Gomes Pereira, *Trad. pop. de Vila Real*, in *Rev. Lus.*, x, 221.

Em Baião, onde o *lacrau* é também conhecido por *leicranço, licranço, alicranço, licreu* e *alicreu*, há êste verso popular:

Ferradela de sorropião,
procura caixão.
Ferradela de alicranço,
não tem descanço.
Ferradela de lozarra,
procura a cova.

*Sorropião* é um verme parecido com a lombriga, que dizem ser mais venenoso ou peçonhento que o *alicranço*.

*Lozarra*, diz o povo que é um bichito pequeno, mas tão venenoso e peçonhento que, se um boi o come, por ir entre a erva com que o pensam, morre logo (3).

## C

### Não te laves com orgevão, || que te crescerão os cabelos até o chão

Vem entre os adágios portugueses, nos *Refranes*, de Herdan Nuñez.

*Orgevão* é o mesmo que urgibão, orgivão, verberão e verbena.

---

(1) Mordedura.

(2) Lacrau ou escorpião.

(3) Álvaro de Azeredo, *Apontamentos sôbre a linguagem popular de Baião*, in *Rev. Lus.*, x, 197.

Das virtudes desta planta, diz o Dic. de Bescherelle, s. v. «verveine»:

«Les vertus qu'on lui attribuait antrefois, lui avaient valu le nom de *herbe à tous les maux*... Chez les Romains et les anciens Gaulois, c'etait une plante sacrée, employée dans les cérémonies religieuses et les conjurations magiques».

Na medicina mágica popular, o *orgevão* — como a arruda, o mentrasto e muitas outras plantas aromáticas — ainda hoje é específico para os casos em que o histerismo e o estado febril são *ar mau* ou bruxedo.

## CI

## Pagar a cabrita

Do significado desta locução, conheço as seguintes versões:

Em Taboaço, Carrazeda de Anciães, etc., quem vai a primeira vez a uma terra, deve *pagar a patenta* (patente) ou *a cabrita*, isto é, deve pagar vinho, doce, etc., a qualquer amigo, e meter na bôca um seixinho, para memória.

Em Rio de Moinhos, ao pé de Vizeu, cada pessoa que vai a primeira vez à romaria da Senhora da Lapa de Longe, não só, em certo sítio da jornada, mete um seixinho na bôca, mas deita uma pedra ao pé de outras mais que estão em monte, e *paga a cabrita*, ou *patenta* aos companheiros ([1]).

Em S. Tiago de Custoias (concelho de Bouças — Pôrto), efectua-se no dia 1 de Novembro a feira de criados. Aí vêem os lavradores das convizinhanças contratar criados de lavoura para os cinco meses de invêrno, contracto que, depois de feito verbalmente, se vai ratificar com a *cabrita* em uma das tabernas do lugar. Quem *paga a cabrita* é o criado ou o patrão,

---

([1]) V. Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Portugal*, § 214.

Na Estremadura também a pessoa que vai pela primeira vez a uma terra deve *meter um seixinho na bôca* e, ainda, *pagar a patente*, obsequiando os companheiros de viagem com comida e bebida, ou só com bebida.

êste as mais das vezes, e a *cabrita* consiste na posta e vinho, de companhia, sendo aquela de carne ou peixe. Tudo o mais que se comer em seguida, já não é *cabrita* (1).

O jornal *O Nacional*, do Pôrto, de 8-IV-908, noticiando a realização da feira de moços de lavoura na Corujeira, diz que, «como fecho de muitas transacções, não faltou a velha *cabrita*, ou seja a caneca de vinho paga pelo amo ao seu novo servo».

O que compra uma junta de bois na feira, paga uma conveniente quantidade de vinho a todos os que entrarem na transacção, quer como partes principais, quer secundárias (2).

Loures, Novembro de 1926.

JOSÉ MARIA ADRIÃO.

(1) José Augusto Vieira, *Minho Pitoresco*, II, 669.

(2) V. Leite de Vasconcellos, ob. cit. na nota 1 de p. 126, § 324 *j)*.

# Uma versão portuguesa da historia natural das aves do sec. XIV

Entre os poucos trabalhos relativos ás sciencias naturaes escritos durante a Idade Média encontram-se os bestiários, nome com que eram conhecidas as obras em que se descreviam os animaes e os seus costumes, mas de modo fantástico e misturado com considerações religiosas.

Da parte relativa ás aves temos um belo códice em latim, hoje depositado na Torre do Tombo, mas não se havia ainda encontrado nenhuma versão portuguesa de tal cousa. Sucedeu, porém, que ha anos o Dr. Jorge de Faria comprou em Vila de Conde pouco mais de duzentas folhas soltas de pergaminho, escritas dos dois lados e em duas colunas em letra minúscula do sec. XIV. Conscio do valor da compra que fizera, emprestou-o á Biblioteca Nacional, e aí copiou quem assina estas linhas as oito folhas, que constituem o trabalho sobre as aves.

As dimensões são $0^m,300 \times 0^m,220$. Cada coluna tem 36 linhas. As folhas estão muito maltratadas, mas como o estrago se deu apenas nas margens não escritas, o texto póde ser lido sem grandes omissões.

Os títulos dos capitulos estão escritos a tinta vermelha e as letras capitaes são mais ou menos ornadas e de cor azul e vermelha. Nem as iluminuras, nem as letras coloridas mostram vestigios de terem tido qualquer ornato dourado.

O autor da obra é desconhecido e apenas no começo se diz que o autor incluiu no seu trabalho a descrição da pomba, feita pelo seu irmão fr. Ramiro, a pedido do qual escreveu o tratado do referido anonimo. Ramiro é nome raro em Portugal nos sec. XIII-XIV, não havendo, porém, dúvida de que é retintamente peninsular, posto que de origem germânica.

Além da pomba, descrevem-se o *açor* a *tortor*, o galo, a ema, a andorinha e a cegonha, o passaro, o pardal, o noitibó, o pavão e a aguia.

Por esta lista se conhece a pequena extensão do que se salvou.

No processo de transcrição foram desenvolvidas todas as

abreviaturas, conservando-se rigorosamente a ortografia do original.

É esta uma obra mais a ajuntar á literatura portuguesa medieval, que já era abundante em traduções do latim.

PEDRO DE AZEVEDO.

A

(1. a) da cousa que quer saber quando a fegura daues. En aqueste liuro mais me trabalho eu de prazer aos simplezes e aos rudes ca de dar e dacrecentar sabença ááqueles que letrados e doctores son e deytar de min aguas de sabença e de grandes entendimentos come de vaso cheo. ca diz a escritura que aquele que ensina o ssabedor per sas parauoas deyta de sy aguas come de vaso que esta cheo. E por tãto eu que este liuro traslado de latin en lenguagen non curo poer en ele os desuayrados sisos e desuayrados entendimentos que os Doctores da Theolegia poseron. en espoendo as outuridades da escritura santa. Ca esto pertéece ááqueles que queren séér leterados en Theolegia e poden mais fazer noio ca prazer mais solamente possemos como dito he. as propriedades que as aues e algũas outras animalhas am. E assemelhalasemos aos custumes que os homẽes am. E primeiramente falaremos das uertudes e das naturezas que as póónbas am.

En desuayrados logares achey desuayradas propriedades e naturezas que a póónba ha. E por tanto me trabalhey meu irmão ffrey Ramiro que as posesse en aquesta obra que eu fiz a teu Rogo.

A primeira natureza da póónba he. que en logo de cantar geme. Ca a alma fiel e simplez que se entende pela póónba. geme e faz chanto polos pecados que fez de seu grado e de seu prazer. A segunda propriedade he ca non ha fel. ca o que bóó e fiel he. non tem a amargura nen sanha nen queyxume sen .... contra nenhũu homen. A terceira propriedade .... has am. ca se beyian muyto a meu(1. b)-di. Ca aqueles que bóós son sempre sse deleytan e lhis praz dauer paz. A quarta propriedade que as póónbas an he. que uoã muytas e en conpanha. ca o que bóó he sempre se paga da bõa conpanha pera aprender sempre deles bóós custumes e bõas façanhas. A quinta propriedade he. ca non uiue per

prea doutras aues come açor e o falcõ. Ca o que bóó he non se paga de dizer mal de nengũu priando lhi e tolhendo lhi sa fama per que uiue. A sesta propriedade he ca sempre escolhe os melhores grãos pera comer. Ca o que bõo he. quando muytas cousas ouue sempre guarda e escolhe as melhores de que se possa aiudar quando lhi for mester. A sseptima propriedade he ca non come os corpos das animalhas mortas que chaman cááurinhas. Ca os que bóós son. non se deleytan nos sabores e deseios da carne. A oytaua propriedade he. ca faz seu ninho na pedra fééstrada. ca o que bóó he faz sa folgança e pouca asperança nas chagas de nosso senhor Ihesu Christo ca pela pedra fééstrada entendemos Ihesu Christo chagado assi como diz a escritura. A nona propriedade he que se asseenta sobrelas aguas pera uéér pela sóónbra o açor. ou outra aue qualquer que lhi possa enpéécer e que ante que lhi enpeesca. lhi possa fogir. Ca o que bóó he pagasse destudar pelas escrituras sanctas pera conhocer os enganos do enmijgo e conhocendóós. que se sabha guardar. A decima propriedade he a natureza da póónba. que cria dous filhos perque entendemos amor de deus. e o amor do proximo. Ca o que bõo he estes dous amores deue sempre aauer consigo. ca sen eles non se pode saluar. E porende aquele que ouuer aquestes bẽes a que assemelhamos as naturezas da póónba pode tomar áás perque uoe ao çeo contemplando (1 v. a) e cuydando os bẽes que lhi deus faze. e os maos de que o guardou. e a lediça perdurauil que lhe dara, en que regnara con ele pera todo o sempre ia mais.

## Aqui sse segue do açor manso e brauo

Duas son as maneyras do açor. hũu he manso e outro he brauo. pero en desuayrados tenpos. Aquele que primeiramente foy brauo. esse méésmo é depois manso. O brauo sol a tomar as aues mansas. e o manso sol a tomar as aues brauas. O brauo come logo as aues que toma. E o manso as que toma. leyxa as pera seu senhor. E depois o seu senhor abre as e da ao açor os corações delas a comer. E as outras cousas que as aues no uentre tragen con o esterco. deytá ás a longe. ca se dentro ficasse o esterco apodrentaria as carnes das aues e fariá ás feder. Pelo açor brauo que come logo as aues que toma. entendemos o homen maao que se não queda de destroir os

bõos feitos e os bõos cuydos que os homéés bóós e simplezes fazen e cuydan. Mays polo açor manso. entendemos o prelado bõo e de bõa alma. ca assi como o açor manso toma aues brauas e matáás assi o homén bóó per seu (1 v. b) exemplo ou per sa preegaçõ tira os segraes pera seruiço de deus. e depois mata os ca os faz morrer aos deleytos e aos sabores da carne per muytos tormentos que dan a ssa carne. E assi como o senhor do açor abre as aues que el matou e da lhi a comer os coraçoés delas. assi nostro senhor poderoso que he senhor dos açores e dos que os tragẽ abre os seus uentres. ca lhes tolhe os deleytos e os sabores da carne mostrando lhis pela santa escritura quantos perigoos e quantas mortes lhis poden ende nacer se os quiseren seguir. Dissemos ainda que o que trage o açor manso tira os coraçoes áás aues. e da lhe los a comer. Ca o que manso e dondo e obediente a deus he. tira de ssi per confisson todolos mááos cuydos en que consentio e nunca depois tornou a eles. Dissemos ainda que o que trage o açor manso deyta as tripas das aues que toma con o esterco a longe pera non apodrecer o corpo da aue se en ela ficasse. Ca aquele que obediente e dondo he áá Eigreia deue deytar de seu coraçõ os pecados que fez pera se non nenbrar deles per razon dalgũu deleyto ou de prazer que ẽ eles queira auer. ca a rrenenbrança do pecado con aquel deleyto que homén hj recebe faz feder e auorrecer a alma ááquel que a no corpo meteu. Dissemos ainda que aquele que toma as aues con o açor manso trage as áá mesa de seu senhor. ca polo bõo exemplo que o dondo e o obediente da de ssy. os pecadores e os mááos que de deus andam arredados e em cuia fazenda trauan e põe e posfaçã todos aqueles que os conhocen uẽe a fazer peendença de seus pecados e só .... sa de nostro senhor. ca son quinhoeyros .....

(2. a) do mudou em melhor deue apoer duas peyóós aos péés da sa alma que chama a escritura os deseios que da uoontade saẽ. Ca assi como o corpo uay pelo homẽ hu quer. Assi ááalma pelo cuydo e pelo deseio uay hu lhi semelha. E por esso deue lhi homén apoer duas peyóós per que possa retéér e reffrear que nen cuyde nen deseie aquelas cousas onde lhi pode dano nacer. Hũa peyóó he o temor do Juyzo que auera quando apareceren todolos seus feitos publicos e ascondudos. A outra peyóó he a dóór do tormento que lhi daran polo mal que fez e polo ben que podera fazer. dementre tenpo oúúe. e nõno quis fazer.

## Aqui segue do Auessadre do açor

Vessadre põe ao açor de que o legan quando o põe na alcandara. E por que este vessadre he hũa correya que fazen de coyro da animalha morta entendemos per el. o morteficamento .... ymento dos .... do deleyto da carne .... a sséér legado. e da hũu bóó religioso ... regra dalguu ... pela ...

.....

(2. b) que ben uen áá mão enuian pera tomar algũa aue. tolhen lhi o vessadre e guardan lho. Assi o rreligioso depois que senten del que he ben obediente e que tornara sempre a ssa ordin con proueyto quandóó pode procurar. quandóó enuiã pera gaanhar algũa cousa tenporal pera mantéér seus frades. soltan lho uessadre ca o leixan en sa uóóntade pera ir hu quer que melhor poder procurar a prol do seu Moesteiro. Mais quando tornar meten lho uessadre que ante tragia. ca torna a ssa uóóntade so mãão de ser mayor assi como ante pera non fazer nenhũa cousa de ssa uóóntade sen mandado de seu mayor.

## Aqui segue dos cascauéés do açor

Cascauéés põe aynda ao açor pera amedorentar as aues a que o lançan que as possa mais aginha tomar. Ca o rreligioso que dondo e obediente he a ssa ordin quando ha bõa letradura e bõa fama. que son dous cascauéés que tinen e soã muy longe ca per ..... conhoçudo de bóós e .... pela sabença que ha e pela ..... eges e os cristãos (2 v. a) máãos tira os e tira os dos estados maaos en que uiuen e trage os aa mesa de seu senhor. ca os fez quinhoejros de todos aqueles bẽes que se fazen na Eigreia de deus.

## Aqui sse segue o tractado da tortor

Natura da tortor he que se paga dandar per logares sóós e apartados. E pero aas uegadas uay aos ortos e aos logares pera colher algũus graos de sementes onde uiua. E porque pola tortor entendemos aquel que esta en pééndença. ca per

o rrolar que ela faz entendemos o gimido que o pecador da polos pecados que fez. e o dóó que ende recebe no seu coraçon. E por esso se aparta nos logares desertos e sóós perque entendemos a claustra en que se enserran os religiosos pera fugiren aos prazeres do mundo e poderen melhor chorar os seus pecados e teeren sas almas mais assessegadas e mais firmes no Amor de deus. E pelos graos das sementes que uen as uegadas a tortor colher ..... ssa uiuer .... doutores que ..... (2 v. b) per que entendemos os liuros en que aquela sabença iaz scrita assi como os graos das sementes iazen espariudos pelos ortos e pelos agros E per tal sabença que o rreligioso acha e aprende nos liuros dos doctores. recebe conforto e uida. ca aprende en como passe as tribulações e as tenptações quando lhi uéérem e en como sabha amar seu deus e seu proximo. Dizen aynda que a tortor faz seu ninho en logares muy seguros e de gram prazer. ca o faz nas aruores dos ramos muyto espessos. En aqueste ninho pon seus ouos de que saen a seu tenpo seus filhos. Pela aruor entendemos a cruz en que prendeu morte polos pecadores o filho de deus. Polo ninho entendemos a ssahude e a saluaçon das nossas almas. Pelos ouos entendemos a esperança da saluaçon e da saude que atendemos. E pelos filhos que dos ouos saen entendemos o amor do nosso deus e de nosso proximo que deuen aauer todos aqueles entenden saluaçon das almas pela morte do filho de deus que na cruz recebeu. E porende amigos demandemos o ninho da tortor e demandemos os ovos que seen no ninho, e o ninho que séé na aruor. ca deuemos poer no livro da cruz toda a esperança da nossa saude e da nossa saluaçon. e se esto de coraçon demandarmos lograremos os filhos que saen dos ouos ca amaremos deus e nossos proximos. e assi conprimos todos os preceptos e todos os mandados que son escritos na ley de deus e nos seus prophetas. Disseron .... os sabedores que a tortor depois que perde o conpanheyro nunca mais pousa en ramo uerde mais ... a aruor en que ... seu ninho .... semelha .....

.....

(3. a) os santos o galo ao préégador que se moue per entendimento. pelas préégações que faz. E por esto diz a sancta escritura en hũu liuro que dizem Job. quen deu ao galo entendimento? Come se dissesse as obras que o galo faz por que son tan certas que nunca sse erran. assi come se fossen feytas dalgũa creatura que entendimento ouuesse. ffaz a escri-

tura de manda pera dar a entender que o galo aia entendimento. mais porque as obras que faz nuncá ás erra e tan certas son come se as fezesse algũa creatura que entendimento ouuesse. E certáá cousa he que toda esto ha o galo de deus cuio entendimento obrã todalas creaturas que entendimento am. e aquelas ainda que sse non mouen se non per sas uertudes naturaes que am. ca todo conhocer e todo mouer non pode séér sen deus. E porque as obras do galo que ditas son. semelhansse con as obras do préégador. portanto pelo galo entendemos o préégador. Ca assi como o galo e en certas horas e desuayradas da noyte da sas uozes desuayradas assi como dito he assi o preegador deue a ffazer departimento antras .... dos pecadores a que preega. e outra preegaçon deue a fazer ao fornigador. E outra .... E outra aaqueles que se deleytan .... E assy segundo .... desuayradas. deue fazer .... E assy como o galo quando he ia preto de luz .... a meude e mais .... assi como dito ....

(3. b) do dia do Juyzo come das pẽas do Inferno como dezia quando preegava aaqueles que en desuayrados pecados mortaes uiuiam. Mais deue lhis a dizer cousas saborosas e deleytosas dos bẽẽs e da gloria que atenden. e esto deue a fazer tan a meudi. quanto entender que se mais achegan aa quel que he luz verdadeyra que alumea todo los homées que no mundo sõ. E assi como o galo quando quer cantar sacude as áás e fer se cõ elas e espertasse mais. assy o bóó préégador ante que préégue primeiramente sa faz pera uiuer ben e santamente per bóós custumes e per boas obras assi quando ele repréénder os outros en sa préégaçõ dobras. ou de custumes. nõ lhi possã dizer. o que o apostolo sã Paulo diz dos preegadores maaos naquel logo en que dizen «porque ensinas en ta préégaçõ que non furten pois tu furtar queres». e assi lhi pode dizer cada hũu. porque préégas aos outros que uiuan ben. pois tu mal uiuer queres? E assi o preegador se fer primeiramente con sas áás ante que préégue. ca sse esforça e sauiua pera fazer sempre ben. e pera dar bõo exemplo de ssy sempre aaqueles a que préega. assi que quando eles uiren que o préégador mete en obra o que preega. eles se espertan e sauiuan pera correger os seus erros. e pera fazer aquelas bõas obras que lheles uirõ fazer. e depois préégar. Mais onde auera o préégador tan grande entendimento se lho deus nõ der? ca assi dizen os santos en uão trabalha a lengua do préégador. se dentro non for cõ ele a graça do saluador ....

ainda dizer que son alguus .... lavrar de seu ... pelo galo ... non obran ... assi ... que de .... as áás pera sse .... (3 v. a) espertaren pera fazer boas obras nem pera fazerenas fazer aos outros. mais aman si meesmos e deleytansse nos prazeres do mundo. Aquestes non demostran as horas de noyte a sseus suieytos assi como faz o galo aaqueles en cuia vila uiue ca nã acusan os pecados daqueles por cuias almas deuen dar razon a nostro senhor. nen se trabalhan de saber seus estados. e as uidas que fazen e se sse mãefestan e se sse comungan se al non hũa vez no ano assi como manda o direito. E por tanto peyores sõ que os galos. ca os galos fazen seu officio con uerdade. e estes cõ infinta e con falsidade.

## Aqui se começa o tractado da Ema

A Ema he hũa aue. que porque ha. pena pouca e o corpo grande, nõ se pode. per uoar alçar muyto de terra. assi como o açor. ou o girofalco que an os corpos pequenos e as penas muytas E .... o áár aiudá os pera uoaren muyto ..... ca ho o co... ca Aprende pela .... Ipocritas que fazen .... o sson caa entend .... (3 v. b) fazen. non he verdadeyra. ca non he bõa por que non concorda con as bõas obras que mostra. E outrossi a Ema faz senbrante que pode uoar pela pena que trage. e non pode. ca a pena he pouca e o corpo he grande e pesado. e por tanto tan pouca pena non pode sostéér no áár tan grande corpo. ca a pena he pouca e rara e passáá ligeyramente o áár e por esso non a pode sofrer. Mais as outras aues que an a pena muyta e espessa e o aar non a pode passar e an os corpos leues. soffre as o áár en sy e uoam sobrele. tan ben assi aqueles que bóós son e fazen obras firmes e raygadas en deus e por deus nonas pode passar o uento da uáá gloria que entendemos pelo áár. Mais ante sse assenhoran dele e preçano pouco e meteno so seus péées o que non podem fazer. aqueles que as sas obras fazen pela gloria do mundo e non por amor de deus. ca tanto he o ssenhorio que o uento da gloria uáá toma sobreles. que os mete so ssy. Ca as penas que tragen perque entendemos as obras que fazen. son raras e mal fundadas. e por esso non se poden sostéér no áár perque se entende o uento da gloria uáá. Mais decen affondo, ca táães obras non poden muyto durar .... to non han. Diseron ....

leixa os ouos que por .... que fiquen frios e sen caentura .... escaeceu e logo ... anos saen de .....

(4. a) bóós custumes. Disseron aynda que ... uoan alto pera poder melhor uéér as terras a que queren yr. ca o prelado quanto faz melhor e mais alta vida. tanto melhor pode uééer e melhor correger a uida dos seus soieytos. Disseron aynda que aquela Grua que he cabdel das outras quando algũu perigóó uéé. Bráada pera se guardaren as outras daquel perigóó e quando enrouquece entra outra en seu logar. E per esto entendemos que o prelado deue a sséér cabdel dos outros seus soieytos indo ante eles per uida. e per bóós custumes deue mostrar e prééegar a carreyra das bõas obras ááqueles que son seus soieytos. E assi como quando a Grua perque sse as outras Guyan enrouquece entra outra en seu lugar. Assi o prelado quando he necio e non sabe prééegar a parauoa de deus. ou per algũa n.... ou per outro enbargo qualquer .... outro en seu logar ..... o que ele non conpria ..... aynda que grandes noytes aquela .... e pera dormirem mais se .... a noite per uelar e da .... noyte en que uele .... que ha de uelar p.... de terra .... se poder .... quando caer .... se úée algũu peri.....

(4 v. b) nas casas criam. e non son ousados contra nenhũa outra aue que mansa non seia. Ca aqueles que son moles e fracos contra as tentações Assi como de suso dissemos: trabalhan se denganar os simplizes e os bauecas pera trazelos daqueles máaos custumes que eles am. E assi como o mioto non sse coyta muyto en uoar. mais uoa pouco e pouco a sseu sabor. assi aquestes luxuriosos que sse entenden pelo mioto trabalhan se denganar per parauoas doces e mansas os que achan simplizes e bauecas. e per seus .... ousinhares. tornanos de tan máaos custumes como eles son. E porque o mioto sempre sse deleyta en comer as cáaurinhas das animalhas que acha. porende os luxuriosos que sse per eles entenden. sempre sse deleytan nos prazeres e nos sabores da carne. Dizen aynda que o mioto ... muyto alti ameudi derredor das cozinhas e dos açougues pera prear algũ ... rua se a lançaren fora ou se a .... mal parada ..... emos. os goosos que no .... seus ventres. e de taes diz o ...ilo que o seu uentre he seu de ..... cousa que tanto ho.... E uos que estas proprias .... podedes entender ... que non ha razon. ensina os homẽes ... razon e entendimento nõ se guardaren .... feytos uiis .... e reflecer .....

B

(5. a) **Aqui se ssegue o tractado da Andorinha**

D.... sancto Isidro que o ..... nouo toma ..... na terra. mais uoando .... E por que o bráádo da andorinha se ....ado de queyxume dalguen que uiue .... porende pela andorinha entendemos ..... como a ..... na terra ..... peendença ..... eleytos ter..... alçasse pera os ..... cuyda. e eles deseia .... Disseron aynda que áán .... brááda muyto. ca o que .... peendença faz. deleytasse .... en que sse queyxa a nostro senhor .... que lhi .... ou por que lhi .... fezera ou por .... e do purgatorio .... disseron .... ou uoa .....

(5. b) conprir todas aquelas cousas que lhis mandan os seus prelados assi grandes come pequenos come meyáás. Disseron aynda que ha gram cuydado e conhocimento pera fazer seu ninho e pera criar seus filhos. pelo ninho que faz tan firme e con tan gram cuydado. entendemos a esperança firme e bem fundada que ha o que faz uerdadeyra peendença na fe da payxon e da morte de nosso senhor Ihesu Christo. E pela gram femença que ha en criar seus filhos. entendemos que o que esta en uerdadeyra peendença deue sempre dar con gram femença tal exemplo de ssy. per que os outros que o uiren louuen deus e façan taes obras quaes el faz. Disserõ aynda da andorinha que ha conhocimento natural pera fazer seu ninho en logares firmes assi .... casas e non en logares que ligeyramente possa caer. nen en logar muyto alto en que lhi o uento ligeyramente poderia enpéécer. e per esto entendemos que os que fazen verdadeyra pééndença. non se deleytan nos bẽes daqueste mundo que se passan ligeyramente. mais nos bẽes da gloria do parayso que sempre duran e os que os an no nos poden perder per soberuha. nen per uento de uáá gloria. assi como perden os ninhos as aues que os poen muy alti. pelos uentos que os derriban ligeyramente. Disseron aynda da andorinha .... he .... ca nen hũa outra aue .....

(5 v. a) terras onde se partio. porque son ia caentes. E esto he o que diz o propheta Isayas en pessoa de nostro senhor. queyxando sse do seu pobóó de Israel hu diz a tortor

e áándorinha e a Cegóónha conhoceron o tenpo da sua uijnda. e o pobóó de Israel nõ conhoceu mjn. E per esto entendemos que o que estaa en uerdadeyra pééndença que sse entende pela andorinha que passa o mar. ca deseia a ssayr e a flogir aas amarguras e aas toruas daqueste mundo e uay demandar logares en que uiua en amor de deus e de seu proximo. dementre dura o ffrio e a .... na das tenpestades e das ..... E quando quedar a ..... per que sse entenden as tenptações e as ..... nacen pelos homens do mundo ..... sa consciencia folgada e assessegada en que uiuen con amor de deus e crece cada dia de uertude en uertude pelas obras que faz. ata que sse uay pera a gloria do parayso pera que foy feito hu non ha frio nen Inuerno, mais uerááo que sempre dura non ha y torua nen door, nen gimido nen ..... nen enueia nen ..... amor e prazer que sempre .... e conprimento de todo .... ca todos aqueles que hy .... dese.....
.....

(5 v. b) **Aqui sse começa o tractado da cegonha**

D.....ores que .... entende ..... mas e tanto he ..... do Inferno .... a tremer ..... do Inuerno ..... ca aquestes que regen a uida ..... e ensinan aos .... aqueles que se .... e mesurados .... o uerão .... sempre .....

C

(6. a) poderio dos mááos princepes como possan enpeecer os pobóós. Mais deus todo poderoso que faz brita estes cedros do Libano, ca brita os ricos deste mundo, deles per poderio deles per uendita. Britalos ha per poderio. quandóós fara tan homildosos come o bezerro do Libano. E no monte do Libano criam os bezerrros pera os sacrificios. E por tanto esto quer dizer que deus per seu poderio. britara alguus rricos, ca tanto lhis dara da uertude domildade pera mortiuigar e britar sa carne que se fosse mester morrerian por Ihesu Christo come el morreu por eles na cruz. Er britara os outros con uingança. quando dara sentença de morte sobreles perque uáán ao fogo do Inferno. Diz o outor que o cedro quandóó talhan. que pro-

ueyta pera muytas cousas. Ben assi o ffilho de deus que he nosso cedro quando foy corto per testemõihos falsos. e per açoutes e pelos clauos con que foy pregado na cruz. e pela lançada do seu lado muyto nos foy muy proufeytoso. ca remijo o mundo todo pela sa morte. e pelo seu sanguy precioso. Ca diz el assi no euangelho. quando o gráao do triigo semean na terra. se morto non for senlheyro ficara e nunca dara fruyto. E sse for morto, muyto fruyto fara. Esto diz el de sy medês. Poys entom he o cedro talhado, quando Ihesu Christo foy morto. A morte do filho de deus, a muytos deu gran proueyto. El deceu aos Infernos. E ao tercer dia Resuscitou se de morte a uida. sobio aos céos. En esto deu esperança a todolos .... gostan. que an de séér todos resuscitados .... te a uida. Que prestaria aos homéés santos ... éeste mundo he soffreren ...

.....

(6. b) se non ouuessen esperança de resurgir. E que prestaria ao homen de resurgir. se certo non fosse que auia de séér nunca ia mortal. e uiuer sen coyta nenhũa por im perpetuum? Ben assy segundo semelhança o cedro que deus chantou na sa fé quandóó do mundo tira leua o pera os ceos hu todos an gran proueyto. E diz o outor que se o cedro que deus non chantou for talhado sééra de gran proueyto per que entendemos o pecador que non fazia nenhũu bóó fruyto no mundo. quando deus brita e talha per algũa coyta. soffre depois muy ben o carrego da péendença na Eigreia de deus. E esto se faz quando deus brita o cedro. o soberuhoso pelo seu poderio. Este deus brita este cedro, o pecador uingando sse del entonce o queyma no fogo perdurauil do inferno.

*In domino confido quomodo dicitis anime méé transmigra in monte sicut passer.* Aqui fala o propheta David dos hereges que dizen que son menbros da Eigreia. E sson menbros podres e trabalhan pera tirar os bóós fiéés pera ssi dizendo que eles teen o caminho de Ihesu Christo e non os outros. E poren o propheta ensina os fiéés de deus, como respondan aos ereges e diz assy. Confio en deus, que he monte alçado, sobre todolos outros montes. Pois como dizedes uos áá mha alma e me conselhades. que me torne áá uossa seyta. Se o eu fazer. séérey tal come o passaro que he cousa leue e non he estauil. Pelo nome deste passaro que he en si cousa leue e non estauil entendemos a linhaldade ..... húú homen. Pera uos .... os montes per sober .... tendemos a

alteza da ..... nono ..... en que uos non (6 v. a) créédes que el me fez e me criou e mi deu logar hu folgue. E poren diz o outor assy falando destes ereges que enton uoa e passa o erege ao monte quando o que estaua en homildade se leuanta contra deus per soberuha. Er podemos dizer en outra guysa que per este passaro entendemos cada hũu erege e infiel. Pelo monte que he alto entendemos a alteza do entendimento do erege soberuhoso. E diz que se alguum enpeça en este monte brita a naue que tanto quer dizer que enton uoa o passaro acima deste monte quando o erege nega a omildosa encarnaçom do filho de deus. e nega que Ihesu Christo non he deus e homen. E por tanto o propheta responde aos ereges que son contra a ffe de Christo, e diz que se non partira desta fe. ca el en deus confia. ca diz que non confia en seu poderio nen toma nenhũa gloria nas requezas suas pero que seian muytas porque son caion e áázo de pecado de soberuha que muyto auorrece a deus.

Diz o propheta Dauid que o passaro achou casa en que morasse. Este passaro espiritualmente demostra a rrazon e o bóó entendimento do homen que he fundado en uertudes de fe e dasperança, e de caridade. Este entendimento tal demanda casa en que more e acha aquela casa que nunca foy feyta per mão domen e parayso. E poren diz o filho de deus no euangelho assy: Na casa do meu padre muytas moradas ha. A passara que soya uóár de Ramo en Ramo agora uoa ca das matas peráá casa. Porque en ..... andauan enuoltos .... do mundo .....gora ..... alma e a .... que homen da ..... (6 v. b) ro que era ante coberto de penas leues perque entendemos o homen que era metudo nos cuydados do mundo hora anda ia conprido e coberto de penas de uertudes e dos preceptos de deus. Pois este sobe aos céés e pon hy o seu ninho. Deus da materia de que sse faça o ninho. O filho de deus padre uestio sse do ffeo da carne nossa quando encarnou na uirgen Maria e assy o ninho he posto en alto logar quando o filho de deus enquanto homen pos o seu corpo sobre todolos santos e angos. Onde todo aquel que pon todo seu coraçon e sa asperança nas chagas e na payxon do filho de deus. este faz o seu ninho nos turacos de pedra, ca esta pedra he ihesu Christo. Este Ihesu Christo he chamado o alto cedro do Libano semelhauil ao ysope en que os passaros os seus fiéés fazen os seus ninhos.

*Uigilaui et factus sum sicut passer, solitarius entecto.* Diz aqui a glosa sobreste uesso. que o passaro arteyro uoa de ramo a ramo en alto. por tal que non caya no laço. Ben assy o homen sabedor uoa per alteza de uirtudes que non possa caer nos laços do dyabóó. E chaman lhi solitario o hũu per razon da uertude da caridade que ha. que faz de muytas cousas hũa. vigiey et séé tal feito come o passaro senlheyro na casa. Entom acha o passaro logar pera ficar na casa de deus e da sa ffe. quando aquel que primeyramente era mouediço e non estauil na fe de deus non queda de uigiar como ou como non caae o açor tanto quer dizer e demostrar que cada hũu .... a uigiar .....
(7. a) gos sééde temperados e uigiade, ca o dyabóó uosso enmiigo cerca uos come o leon cerca a mata pera catar que comha, se podera comer as uossas almas sééde fortes contra el per fe.

*Anima nostra sicut passer erepta est de laqueo uenantium laqueus contrictus est et nos liberati sumus.* Diz o outor deste liuro que he áálma nossa semelhauil áá passara quando nas obras que ela obra quer usar deyxemplo darteyrice. Quando a nossa consijra en si e uéésse muyto a meudi de tal uista e de tal consiiraçõ come esta. o coraçon do homen preuisto. fazesse sabedor e arteyro que se guarde do laço que lhi põe e armã, na carreyra. Onde diz ó outor que son tres laços. o primeyro laço dos caçadores diz que he a temptaçon enganosa do diabóó. O ssegundo laço he o engano sotil dos ereges. O terceyro laço he o prazer e o sabor máão que os homẽs an e toman. na uida carnal. Estes laços deles son postos nos semedeyros. deles nas carreyras deles nos canpos. Pelos semedeyros entendemos a uida muyto estreyta. Pela carreyra entendemos a uida meos estreyta. Pelo canpo entendemos a uida do mundo muy solta. Pela uida muyto estreyta ... os bóós religiosos. Pela mays estreita andan os casados. Pela descarreyrada andan os fornigadores. E poren enton cae o passaro no laço quando o diabóó ha poderio sobrela alma do homen ou quando os homẽes an prazer no prazer e no sabor desta uida que he carnal. ou .... o erege en a ... algúú .... enton he ... alma .....
(7. b) na pera deus. Onde esto non se faz pelo nosso poderio, mais pela graça de deus. E por tanto diz o propheta que toda a nossa aiuda he no nome de deus. Diz a glosa sobreste uesso.

*Anima nostra etc.* Diz que áálma nossa hora he tal come o passaro. ca segundo come o passaro esquiua o laço quanto pode. ben assi a nossa alma e os santos. fugen ao prazer do mundo. que he tal come o laço. E portanto diz que o laço era tan duro come o ferro britado he. non diz roto come a estopa quebra. Aqui sse mostra a fforteleza do bóó e da boa. E por tanto diz e nos liures somos. ca toda a nossa uida he no nome de deus. que nenguu non pode uencer que fez o ceo e a terra e todalas cousas que eles son.

Diz no euangelho o ffilho de deus que dous pardaes que os an por hũa mealha e por cinque pardaes dam por hũu dipondio. Per estes pardaes entendo os homẽs que non son estauis e andan uagueiando polo mundo. O dipondio tanto ual come duas mealhas e cada hũu deles he de pequeno peso. Onde enton son uendudos os passaros polo dipondio, e pola mealha. quando os pecadores se uenden e se soiugam ao diabóó. pera séérem atormentados no fogo do Inferno perdurauil por estas cousas tenporaes que se passan e que sse uã aginha e que son de pequeno ualor. E pero diz no auangelho que hũu destes passaros non escaesce a deus. ca uerdadeyramente a misericordia daquel que nos Remijo. sempre está aparelhada pera receber os pecadores pera péendença. E por tanto diz .... auangelho. Mais sodes uos e nan aquele ..... estes passaros. Esto disse ..... seus disciples ca os Iustos mais .... os pecadores onde quando (7 v. a) os iustos dan e leixan as sas uóóntades e quanto no mundo an. polo amor de deus. enton posuyran no parayso as cousas perdurauis que alo son. porque leixaron as cousas do mundo que sse mudan e que se passan. Mais alguus dizen que per estes dous pardaes entenden o corpo e a alma. E pelos. v. pardaes entenden os. v. sisos do corpo que son o uéér, o ouuir, o gostar, o cheyrar, o tanger. Item diz Ihesu Christo dous passaros non nos dan por hũu mealha? E hũu delès non caera sobrela terra sen meu padre? Diz aqui san Iheronimo se animalhas que son de pequeno ualor non ueen a terra que o deus non sabha. Vos que sodes perdurauis non deuedes temer nen douidar que aiades de uiuer sen a prouison e sen a mercee de deus. E por tanto diz o filho de deus no auangelho. Non queyrades temer os que matan o corpo, ca non poden matar as almas dos homẽs.

Mandou Moyses no testamento que se algũu fosse limpho da gaffidade, que offerecesse dous passaros e hũu deles auia de sacrificar o sacerdote en hũu uaso de barro sobrelas aguas uiuas. o outro passaro auia o de tinger do sanguy do passaro sacrificado e deytalo a uoar liuremente. Estes dous passaros son o corpo e a alma do homen. O uaso do barro que quebra toste he a nossa carne catiua. que cedo ha de morrer. As aguas uiuas demostran a sciencia da escritura de deus santa. Ca tal agua come esta nos da beueragen esperitual e nos laua dos pecados. Enton offerecemos nos a deus dous passaros quando lhi damos e consagramos os nossos corpos e as nossas almas daquele que diz que hũu passaro ... (7 v. b) e torcian lhi a cabeça contra as penas e uertiam o sanguy, pero que a cabeça non era partida do pescoço demostranos que assi deuemos nos britar a carne nossa per pééndença e per asteença que todauia non lhi tolhamos a uida. Aquelo que diz que o outro passaro leyxan ir liuremente demostra que depois que nos uencermos as cobijças máás carnaes, enton áálma nossa uoara aos ceeos con penas de bõa contemplaçom.

**Aqui sse segue o tractado da noytiuóó**

Noytiuóó he hũa aue que se paga das tééuras e da escuridade da noyte. Aquesta mora nos paredééyros e nas casas que non son cubertas. Aquesta aue non se paga da luz e uoando de noyte ... comha. E porque nosso senhor Ihesu Christo pagasse dos pecadores perque sse entende as tééuras. Ca deus padre por saluar os pecadores fez seu filho morrer. E porque aynda nosso senhor Ihesu Christo morou antre os iustos que entendemos pelas paredes sen cubertura. Ca ..... nen receberen .... cuberta .... mento .... senhor Ihesu ..

.....

D

(8. a) **Aqui sse começa o tractado do paaon**

O pãao assi como diz santo Isidro. leua o nome do sóó da uoz espantosa que da. Ca pãao lhi dizen. porque faz pauor e espanto aaqueles que o ouuen quando non estan

percebudos e preuistos destes. Dos pãaos diz a escritura santa que os mandaua trager Rey Salomon da Cidade de Tarsis perá á Cidade de Iherusalen. E porque per Tarsis se entenden aqueles que demandan os goúúhos e os prazeres do mundo. E per Iherusalen aqueles que demandan paz das almas e dos corpos. Porende pelos pãaos que tragian de Tarsis a Iherusalen. entendemos os préégadores do auangelho de Ihesu Christo que préégan aos homẽs come sse partan dos goúúhos e dos prazeres do mundo pera poderen uiir áá gloria do parayso en que aueran paz e lediça e prazer pera todo sempre, e sobre todo tempo sen fin e sen termho. Dos pãaos disseron os sabedores que an as carnes tan duras que non poden apodrecer tan aginha come as carnes das outras animalhas que as an moles e adur as pode cozer fogo nen caentura destamago (8. b) de nenhũa animalha por grande que seia. ca as mentes e as uóóntades dos bóós préégadores que a uerdade da fe obram e preegan. nõ nas pode queymar fogo de cobijça nen caentura de luxuria. Disseron ainda que o pãao ha o braado muyto espantoso. ca muyto sse espantan os pecados quando o préégador os ameaça con as pẽas do inferno e do purgatorio ou con a Iustiça de deus que uerra sobreles en este mundo ou no outro pelas maldades en que uiuen. e de que sse non queren partir. Disseron aynda que o Pãao anda simplezmente. ca non mostra nem hũa loucaylha en seu andar. Porende o préégador que se pelo pãao entende assi como dito he. deue mostrar en todas sas obras omildade. Disseron aynda que o Pãao ha. cabeça de Serpente. ca o pegador deue guardar todolos sentidos que deus pos en seu corpo. e o entendimento e a uóóntade pera nunca consentir nem fazer nenhũa cousa que seia contra deus e contra sua alma nen en dano de nengũu. e enton guardara sempre o seu estado. assi como a Serpente guarda sempre a ssa cabeça. Disseron ainda que o Pãao ha algũa das penas das áás ia quanto uermelhas, ca o préégador quando sse alça pelos áás do seu entendimento pera cuydar e contenprar en como o ffilho de deus quis séér homen pera salvar os pecadores. pela morte que por eles soffreu. todo sse banha e deleyta en aquel sanguy que do seu corpo sayo. quis leyxar uerter. E assi per sa ymaginaçon fica todo tinto daquel sanguy. que do seu corpo sayo perque saluou o mundo. (8 v. a) Disseron ainda que o Pãao ha a Coa longa. e en cada hũa pena da coa ha muytos olhos. ca o préégador deue préégar que he uida prestumeyra que deuemos ááuer no outro

mundo he muy longa. ca he sen termho nenhũu e ha muytos olhos. ca pois que en ele formos podemos uéér e entender quantos son os perigóós en que os homens caen dementre en este mundo uiuen se for uóóntade de deus. E pelas cóóres muytas que na Coa do pãao aparecen. entendemos muytas e desuayradas uertudes que os preegadores aueran. naquela uida prestumeyra da gloria do parayso en que uiueram pera todo sempre. Deuedes ainda a entender uos que ouuides a natureza do pãao. que o pãao quando o louuan alça a coa. e por esso dizen os meninhos ao pãao, «faz a rroda faz a rroda», e el enton alça e estende toda sa coa e anda derredor demostrando sse da hũa parte e da outra. ca conhoce per sa uertude natural. que a coa hera a parte do seu corpo que mais fremosa he. E por esto o prelado que de seu officio he tehudo de préégar a parauoa de deus, quando o louuan en sa pessoa algũus alousinhadores alçan as sas mentes e os seus coraçoẽs per uaa gloria e rredondan as sas penas e põo nas per orden que hũa sobrepoia outra. ca cuydan pela uaa gloria a que sse alçaron pelo lousinho que lhi disseron que quanto disseron e fezeron. todo foy dito e feyto muyto ordĩadamente. E por que quando o pãao alça a coa pelo louuor que lhi dizen. aparece a parte prestumeyra do seu corpo desnuada e descoberta muy layda e muy torpe e muyto escarnida. assi o préégador quando sse alça per uáá gloria (8 v. b) pelos lousinhos que lhi disseron aqueles que o ueen ou ouuen que sse deleytan en tal gloria qual recebeu pelo louuor uãao. que os homens del disseron teen no por louco e por uãao e rijn e escarnecen dele, come domen de maao recado e de maao entendimento. E porende faz mester ao pãao que traga a coa amerguda pera cobrir con ela a prestumeyra parte de seu corpo, que he tan layda e tan forte ca o préégador que he doctor dos pobóós a que preega e de que deuen tomar todolos outros exemplos. deue a cobrir todalas sas obras que fezer que disser. da homildade. ca sen homildade non ha cousa que ben possa receber.

## Aqui sse segue o tractado da Aguya

Da aguya disseron os Sabedores que ha a uista muy clara e andando uoando muyto alta sobrelo mar ou sobre outra agua qualquer. dece a tomar os peyxes que uéé andar so a agua. E pero mostran ainda os sabedores que

a uista muyto aguda. disseron que fica os olhos nos Rayos do sol e non nos torna ende tan forte e tan agudo he o lume de ssa uista. E disseron ainda que a (9. a) Aguya para os olhos dos seus filhos. contra os rayos do sol. e se sse enuergonhan deles e non nos poden soffrer. auorrece os e deyta os de ssy. ca os non ten por seus filhos. mais se fican ben os olhos nos Rayos do sol. e non nos tornan deles. ama os e cria os e ten nos por seus filhos. E porende os sanctos pela Aguya que clara uista ha e de tan longo espaço do áár per que anda uoando dece áá terra pera tomar prea en que sse mantenha. entenden os homens de grande entendimento que falaron das cousas celestiaes. que son muyto arredadas das uistas dos homens. e que falaron en co (9. b) mo o filho de deus prendeu carne da uirgen santa Maria que he cousa a que o entendimento natural do homen non pode tanger. E portanto o propheta Ezechiel querendo dar a entender que estado teen na gloria de deus os quatro euangelistas. pos semelhança a cada hũu segundo aquelas cousas que uio de que auiam de falar:

*De como Ezechiel o profeta pos áás quatro euangelistas a cada hũa sa semelhança.*

(9 v. a) En a san Matheus pos semelhança domen. porque antros outros falou mais abertamente da encarnaçon do filho de deus. e escreueu o lĩagen daqueles homens de que auia de nacer.

A ssan Marcos pos semelhança de Leon porque entendeu polo spiritu santo que auia de falar da resureyçõ. perque el appareceu. e da terra assi como el disse depois que resurgio. dado e outorgado me o poder nos ceos e na terra ca assi dizen do Leon que he Rey e senhor das outras animalhas porque he mais esforçado e mais valente ca nenhũa das outras.

A ssan Lucha pos semelhança de Boy. porque antros outros euangelistas falou mais abertamente en como o filho de deus fez sacrifiço de ssy na cruz a deus padre por saluar os homens. E esto he o que deue fazer o sacerdote ca no tenpo antigo fazian sacrifiço dos boys e das outras animalhas polos pecados do pobóó. E depos a morte do filho de Deus. fazen sacrifiço do seu corpo méésmo. outrossi por saluamento dos homens.

A ssan Iohanne euangelista pos semelhança daguya ca entendeu polo spiritu santo que no euangelho de Ihesu Christo en que auia de falar de tres pessoas e dũa substança e de

como a pessoa do filho auia de receber carne e fazerse homen e aparecer antros homens e mostrar pelas obras que fazia que era deus uerdadeyro. e estas cousas eran tan altas que entendimento domen non poderia entender se non fosse alumeado pela graça de deus. ca a aguya a que o semelhou Ezechiel o propheta uoa mais alti e uéé de mais longe ca as outras aues. E assy como ááguya dece do áár en que anda uo(9 v. b)ando muyto alti e uen áá terra per razon da prea en que sse manten. assi aqueles que son de muyto alto entendimento leixan a cuydar nas cousas muyto altas en que sse primeyramente deleytauan pela mengua natural do corpo que an ueen a cuydar en estas cousas tenporaes sen que non poden uiuer. Ou podemos ainda dizer que aqueles que primeyramente cuydarõ na pessoa do filho de deus ante que carne recebesse o entendimento que enton andaua muyto alti. porque cuydauan cousas que eran sobresa uertude. e sobre seu poder. ueeron no abayxar e amerger do cuydo muyto alto en que cuydaua que o filho de deus era ygual a seu padre en poder e en saber e enquerer. e fezerõ no cuydar en como quis séér creatura o que criara todalas cousas e en como tomou carne en que podesse morrer. o que segundo deuijdade non podia morrer. Disseron ainda da aguya que depois que enuelhece encurua xi lhi o bico porque lhi creceu muyto e nouo pode abrir porque o de cima iunta sse con o de ffondo e enbargáá en comer. e por esso fica fraca e magra. e seendo en este estado demanda algũa pedra a que aguce seu bico. e assi cobra o que perdeo. Pela aguya entendemos o homen bóó e de grande entendimento assy como dito he. E pela pedra entendemos Ihesu Christo. ca assi como a casa que se funda sobrelo gram penedo he mais firme ca outra. assi todalas cousas que se fundan sobrelos ditos e sobrelos feitos de nosso senhor Ihesu Christo son mais firmes e mais certas ca nenhũas outras. E porende enton o homen .....

# SILVA ETNOGRÁFICA

## I.—ASSUADAS EM CASAMENTOS

*A Plebe*, periódico de Valença do Minho, em seu número de 23 de Fevereiro de 1918, trazia esta notícia:

—«**Cornetadas.**

Na têrça-feira, à noite, da semana passada, havia aí pelas muralhas [Valença, como se sabe, tem muralhas ainda] um barulho de mil diabos a que vulgarmente se dá o nome de «cornetadas». A causa, ao que nos disseram, foi o facto de se haver casado uma viúva». —

No *Diário de Notícias*, de Lisboa, em o número de 2 de Abril de 1922, lia-se o seguinte:

—«**Dois viúvos que se casam** *ou uma troça de mau gôsto que se transforma numa grave desordem.*

PORTO, 1—Na freguesia da Madalena, Gaia, realizou-se na passada quinta-feira o enlace matrimonial de dois viúvos. À noite, um numeroso grupo de indivíduos daquela freguesia, foram junto da residência dos noivos fazer grande arruaça, improvisando uma ensurdecedora «filarmónica» de caldeiros e panelas, com a qual solenizaram o auspicioso enlace. Comparecendo no local o regedor, conseguiu, ao fim de algum trabalho dispersar os arruaceiros.

Ontem, os mesmos ou outros indivíduos voltaram a repetir a «manifestação», que o regedor substituto, na ausência do efectivo, pretendeu evitar, sendo desobedecido. Em vista da atitude dos díscolos, o regedor substituto foi munir-se de uma espingarda caçadeira e voltou a defrontar-se com aqueles, no momento em que aparecia o regedor efectivo que, sendo igualmente desacatado, deu voz de prisão aos desordeiros que se atiraram a êle e o agrediram valentemente. Nessa ocasião, o regedor substituto, vendo que o serralheiro mecânico Jacinto ..... andava de navalha em punho pretendendo agredir aquela autoridade, descarregou-lhe algumas coronhadas fa-

zendo com que êle largasse a traiçoeira arma. De nada valeu, porém, êsse gesto, pois que o fogueiro José ....., no meio da confusão estabelecida, puxando também de uma navalha, conseguiu vibrar-lhe um golpe, evadindo-se em seguida.

Depois de tôda esta barafunda, compareceu no local a Guarda Republicana que efectuou algumas prisões». —

Estas assuadas vão passando de moda, e já de há muito se realizam apenas em lugares aonde a polícia não costuma ir.

Chamam-lhes, numas terras, *cornetadas* (como em Valença do Minho, Monção, Arcos-de-Valdevez, etc.); noutras, *cortiçadas* (por exemplo em Vila-de-Conde); noutras, *latadas* (no concelho de Viana do Castelo, etc.).

*Cornetadas*, porque um dos principais instrumentos é o *corno*, e bem se percebe a escolha de tal «corneta», tratando-se de casamentos. Nalgumas povoações (Afife, por exemplo), dizem «tocar o corno» a alguém, e não empregam qualquer substantivo para a designação do facto. Também se usam «chocalhos»: «Antigamente, quando casava alguma viúva, iam tocar-lhe chocalhos à porta na noite do casamento» (Alentejo, — *Revista Lusitana*, XI, 259). «É costume, hoje em via de fenecer, o «correr a chocalhada aos viuvos». Ajuntam-se varios rapazes, munem-se de latas, chocalhos, campainhas, e vão durante noites sucessivas «matar o bicho do ouvido» ao viuvo ou viuva que de novo vai casar. Em tempos acompanhavam-nos mesmo á igreja e até se efectuar a celebração do casamento estrondeavam nas latas» (Tábua, dist. de Coimbra, — in *Rev. Lus.*, XX, 234). Cfr. *cencerrada*, abaixo. O emprêgo dos «chocalhos» tem a mesma razão que o «corno».

Como é evidente, muitas vezes são associados os «cornos» e os «chocalhos»: — «Quando casa uma rapariga não virgem ou viuva, põem-lhe á porta, na vespera do casamento, cornos e chocalhos, e por meio duma buzina de chifre dirigem insolencias aos noivos». *(Tradições populares de Barroso*, in *Rev. Lus.*, XIX, 87).

*Cortiçada* provém de *cortiço*. Vê-se que usam, principalmente nas terras onde aquele vocábulo é preferido, o *cortiço* como instrumento... músico.

«Casaram hontem na egreja desta villa [Santo Tirso] um pobre viuvo... com uma mulhersinha bastante edosa...

Os noivos dirigiram-se depois para uma cabana no logar da Carvoeira...; ... á noite pelo estrondo que produziam os cortiços, caixas de folha, buzinas, chocalhos e outros instrumentos tocados com toda a força por grande numero de pessoas...» — *Jornal de Santo Thyrso*, n.º 169, de 30 de Julho de 1885, — apud *Tradições pop. de Santo Tirso*, de A. C. Pires de Lima, II série, Pôrto 1918, pág. 108.

Aqui aparecem os «cortiços», bem que, na terra mencionada, se não use o termo *cortiçada*, ao que me parece, — pois que o Sr. Dr. A. C. Pires de Lima o não aponta. Usa-se, porém, em Vila-de-Conde, como referi já na 2.ª série de *Nótulas ao «Novo Dicionario»* (1), e noutras localidades.

*Latada* provém de *lata*. Chamam *latas*, de um modo geral, a quaisquer vasilhas e panelas feitas de fôlha-de-Flandres (à qual o povo também chama *lata* ou *fôlha*).

Além de *cornetada*, *cortiçada* e *latada* — vocábulos que eu já incluíra na 2.ª série de *Nótulas ao «Novo Dicionário»*, s. v. *cornetada* —, usam-se ainda *assuada*, *caçoada*, *tocata* (Ribeira-de-Penela, Vila-Verde), mas estoutros nomes são mais genéricos, apenas acidentalmente se especializam com tal significado.

Já mencionei os chifres (cornêtas), chocalhos, cortiços e latas, como instrumentos da infernal música; tudo, porém, com que se possa fazer barulho serve, sem excluir autênticos instrumentos musicais — violas, ferrinhos etc. (cf. A. C. Pires de Lima, *Trad. pop. de Santo Tirso*, I s., 111). Nalguns sítios, a musicata é acompanhada de foguetes sem estalo (Vid. *Rev. Lus.*, XXII, 216, artigo também do Sr. Dr. A. C. Pires de Lima).

Na Maia (distrito do Pôrto), cantam:

Velho quer casar, pegue nas contas
velho quer casar, e vá rezar.

Não se devem esquecer os ditos, as injúrias, a algazarra. Para melhor se fazerem ouvir, os manifestantes bradam por canudos, funis etc.

---

(1) Ainda acêrca de outras assuadas, vid. o mesmo trabalho, I série, pág. 111.

Na Maia, aos funis que usam para amplificar a voz, chamam *faloas* (de *falar*). Aí está como o nosso povo já sabia o que era, em português, um *haut-parleur*, antes de tal coisa nos vir de França!...

Estas apupadas realizavam-se — e ainda se realizam, mas com raridade, em sítios pouco povoados, e a furto — contra o casamento de viúvos, de vélhos, de noivos com grande diferença de idade, de mulheres desonestas.

O fundamento é, como se vê, justo; os processos é que são inaceitáveis.

Certo é que, uma vez por outra, as apupadas são mera vingança, como no caso narrado n-*O Primeiro de Janeiro*, de 10 de Outubro de?:

— «BRAGA, 9 — Uma rapariga de Lanhas, concelho de Vila Verde, beneficiada por uma tia com doação de bens para casar com um rapaz de Geme, viu conspirados contra o seu projecto nupcial alguns pretendentes à sua mão, ou invejosos da sorte do noivo. Daí, o conluio de algumas pessoas de Lanhas com um grupo de rapazes de Geme, para lhe businarem o noivo, com tal algazarra e vozearia que o levassem a desistir do intento. Se bem o pensaram, melhor o executaram. Em noites seguidas, estiveram em acção a busina, a corneta e os apupos desbragados»...

Nêste caso, ainda a assuada se relaciona com «casamento», mas, como é bem de ver, tais manifestações realizavam-se muitas vezes com o fim de ridiculizar fôsse o que fôsse, sem qualquer relação com noivados.

A injustiça destas assuadas nunca foi, porém, regra. Elas, pelo ordinário, são inspiradas num espontâneo impulso de bom-senso, de são critério, de justiça enfim.

Também há *latadas* festivas, como as que os estudantes, a revezes, fazem. A. R. Gonçalves Viana, *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, II, 61, recortou do periódico *o Economista*, de 26 de Maio de 1891, a seguinte notícia:

«Coimbra, 21... Prepara-se grande latada para domingo, a classica esturdia com que os estudantes de direito festejam o ponto das aulas».

Outras vezes as *latadas* de estudantes são «troças». A estas

se refere Eça de Queirós, num «Bilhete de Paris» *(Cartas familiares*, 4.ª ed., Pôrto 1922, pág. 221):

«Não sei como procedem os estudantes de S. Paulo, ou do Rio, para celebrar as suas grandes troças officiaes. Em Coimbra é uma enorme multidão armada de tambores, panelas, latas, ferragens, apitos estridentes, buzinas horrendas, que, alta noite, se acerca da casa do «troçado» e rompe bruscamente n'um charivari descommunal, que não cessa, vae mesmo crescendo demoniacamente, até que o «troçado» fuja pelos telhados, ou morra de terror, ou se humilhe e implore absolvição».

Tornemos, agora, ao ponto.

*

Em Espanha, há a *cencerrada*. O *Dicionário enciclopédico de la Lengua española* (Biblioteca ilustrada de Gaspar y Roig), I, Madrid 1853, assim define o vocábulo:

«el ruido desapazible que se hace con cencerros, cuernos e otras cosas, para burlarse de los viudos que contraen nuevas nupcias, de los jóvenes que se casan con viejas o de alguna otra persona cuya conducta quiere ridicularizarse».

Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, I, Madrid 1884, pág. 84-85, vem, a propósito de *cencerradas*, esta circunstanciada notícia:

...«el pueblo andaluz..... ve con malos ojos las segundas nupcias, y los casamientos entre personas ya entradas en años.

«Poco a poco ha ido desterrándose de las ciudades la costumbre de *dar cencerradas* á los viudos y á los viejos que contraen matrimonio; quedando relegada á los pueblos de corto vecindario y á los corrales de vecinos.

«*La cencerrada* se da en la noche del dia de la boda.

«Reúnense para ello los muchachos más alborotadores del barrio y los mozalvetes más revoltosos; y, provistos de cencerros, latas y otros útiles que producen un ruido de todos

los diablos, se dirigen á la calle en que viven los novios, alumbrándose con hachas de viento, y vociferando sin compasion de los oidos del prógimo. Ya á la puerta de la casa de los esposos, se desatan en voces y gritos, con el obligado acompañamiento de cencerros y los demás instrumentos de su música infernal. Cantan coplillas jocosas y satíricas enderezadas á mortificar el amor propio de los cónyuges, á los cuales ponen, como vulgarmente se dice, de vuelta y media; y cuando el cansancio los rinde, se dispersan muy satisfechos de haber desagraviado á Cupido. Porque el pueblo andaluz cree á puño cerrado en que para ir al matrimonio debe de tomarse por el camino del amor, que es el derecho; y sabe que el amor sólo pide posada en los corazones juveniles».

Em França, há, semelhantemente, o *charivari*.

Lê-se na *Revue des traditions populaires*, XXVIII, pág. 360-361 (artigo «Folk-lore de la France méridionale — Hautes-Alpes»):

— «Si un mariage doit avoir lieu entre deux veufs, dès qu'il est connu officiellement, les gens du quartier se réunissent tous les soirs sous les croisées du ou des intéressés en tapant sur des chaudrons, des casseroles, etc., et en faisant un tapage infernal qu'on appelle charivari. Pendant la célébration du mariage, presque toute la population se réunit à la porte de la Mairie, en tapant à qui mieux mieux ou en agitant grelots, sonnettes, etc., etc. Si à l'issue de la cérémonie le marié a la bonne idée d'offrir un pourboire raisonnable à toute cette foule le charivari est terminé, et personne ne bouge plus. Dans le cas contraire, le charivari continue tous les soirs, et on a vu des cas où il durait plusieurs mois.

«On faisait parfois brûler des vieux souliers ou des vieux chapeaux sous les croisées des mariés et on chantait le refrain bien connu:

*Et toi, vieille carcasse,*
*Tu ne veux rien donner*
*Aux enfants du quartier,*
*Il nous faut des pistoles,*
*Ou bien charivari...*

«Ce couplet terminé, la musique commençait.» —

No *Glossaire du patois de Blonay* (Lausana 1910), Louise Odin refere o *charivari* contra raparigas de má nota (Vid. *Archives suisses des trad. pop.*, XVIII, 201).

«In Sent und Schuls — lê-se no citado vol. das *Archives suisses*, pág. 159 — gibt es die sogenannten «mattinadas» oder «bavarella», wenn ein Witwer oder eine Witwe sich wieder verheiraten. Wenn in Sent eine solche Verlobung bekannt gemacht wird, so erscheinen nach einigen Tagen ein oder zwei Jünglinge im Auftrag der Jugendgesellschaft und ein paar Knaben im Namen der Kinder, um die «mattinadas» zu verlangen; das ist eine Gabe von 20, 10 oder 5 Fr. für die Jungendgesellschaft und 10,5 oder 2 Fr. für die Kinder, damit diese einen Ball veranstalten können. Wenn der Witwer den Beitrag verweigert, so erscheinen am Abend die Jünglinge und Knaben mit Glocken, Kuhschellen, Pfannen und Sensen vor dem Haus des Widerspenstigen und läuten ihm die «mattinadas». Auf diese Weise wird derjenige geplagt, der sich den heiligen Bräuchen der Wäter widersetzt. Bezahlt er nun die «mattinadas», so ist es gut, venn nicht, so beginnt am folgenden Abend die Musik von neuem. Und wehe dem, der es versuchte, die Musikanten mit Gewalt zu vertreiben, er würde «in einen Ameisenhaufen stossen». (Artigo *Sitten, Gebräuche und Volksfeste im Unterengadin*, por G. Barblan, de Landquart, — traduzido de *Annalas della Società reto-romantscha*», XIV).

Outras notícias de tais assuadas na Suiça se encontram nas citadas *Archives* (Vid. *Katzenmusik*, procurando pelos índices dos vários volumes).

O que fica dito é suficiente para mostrar a extensão do costume, o qual vem já de tempos muito afastados [1].

Teófilo Braga refere-se, na *História da poesia portuguesa* — *As origens* (3.ª ed., Lisboa 1902, pág. 17-18), aos cantos nupciais, na Idade-média, os quais «eram sempre satíricos e obscenos, quando algum dos noivos era vélho, indo-se fazer-lhe à porta chocalhada ou charivari».

---

[1] Diez, estudando o voc. *charivari*, referiu já o costume de que se trata, em várias regiões, com os respectivos nomes.

O «barulho», vozeando e tocando, é uma exteriorização espontânea, de natural impulso humano, quer de alegria quer de zanga ou apupo. Bastará ver as crianças, os selvagens e ainda a gente mais ou menos civilizada que, muitas vezes, se manifesta ruïdosamente (em espectáculos públicos, assembleias, comícios, manifestações populares, etc.).

O «barulho», como exteriorização de alegria ou de zanga, nasceu, para assim dizer, com o homem.

Ora, logo que se formou o que se pode chamar «opinião popular», o povo entrou de «julgar» pelo «barulho».

As «assuadas» colectivas são a «censura», expansivamente manifestada pela «opinião popular».

A primeira ideia, aliás sã, — higiénica e socialmente, — que se formou a respeito do casamento, foi sem dúvida que êle deveria ser um meio de prolongar capazmente a espécie humana.

Daí a «censura», a assuada ao casamento de vélhos, e ao casamento de viúvos e mulheres desonestas, por um princípio de evidente moralidade, a qual visaria mais os filhos — havidos ou a haver — do que os próprios cônjuges. A propagação da espécie, a constituïção de família, em boas condições, seria o mais importante no casamento.

*

Nas «assuadas» a que me estou particularmente referindo, aparece como instrumento injuriante o chifre (os chocalhos, com igual intenção).

Percebe-se porquê. O povo sentenceia a ser «cornudo» um ou outro cônjuge, — visando, em regra, especialmente o homem.

— Será, porém, a designação de «cornudo», «corno», anterior ao toque de trompa de chifre? Não deve ser.

O chifre é com certeza um instrumento primitivo. O homem cedo topou no chifre oco a possibilidade de com êle buzinar; o chifre foi a sua primeira corneta.

Tal corneta, demais a mais com um som volumoso e de largo âmbito, não faltaria sempre que se fizesse uma ruïdosa apupada.

A freqüência e, sôbre isso, a maior notabilidade das assuadas em casamentos censuráveis, fizeram que se aliasse a ideia de «chifre» à de criatura a quem o cônjuge fôsse

infiel, — pois que em tais casamentos o adultério era de prever.

Assim, em meu juízo, se passaria a considerar «cornudo», «corno», «boi», «cabrão», etc. (tudo em relação com «chifres») o indivíduo a quem a espôsa é infiel ou, com menos reparo, a mulher a quem o marido não guarda fidelidade.

## II. — NOMES DE BARCOS — NOMES E DÍSTICOS DE CARROS

I. A grande maioria dos barcos de pesca tem nomes religiosos. «O mar não é para brincadeiras». Lá diz a cantiga:

A vida do marinheiro
é vida mui triste e dura,
pois tôda a vida trabalha
em cima da sepultura.

E, por isso, os pescadores são gente de fé, de bem com os céus, a que tantas vezes têm de implorar, aflitíssimos, a sua salvação.

Eis alguns nomes de barcos:

*a)* nomes da Virgem:

*Nossa Senhora da Agonia, Nossa Senhora do Rosário, Rainha dos Anjos* [Póvoa-de-Varzim], *Senhora da Boa Viagem, Senhora do Carmo, Senhora da Conceição, Senhora da Encarnação, Senhora da Guia* [por vezes aparece escrito *daguia*], *Senhora das Dores, Senhora de la Salete, Senhora de Monserrate* [Póvoa; assim escrito: *S. de B' Serrate*], *Senhora do Destêrro, Senhora do Resgate, Senhora da Ajuda* [escrito em geral *da Juda*], etc.

*b)* nomes do Senhor:

*Senhor Aparecido* [Póvoa], *Senhor na Prisão* [Póvoa; assim escrito: *S. Naprizão*], *Senhor do Alívio, Senhor de Matosinhos, Senhor dos Milagres*, etc.

*c)* nomes de santas e santos:

*Santa Ana, Santa Bárbara* [escrito *Barbora*], *Santa Bernardina, Santa Filomena, Santa Maria, Santa Maria Adelaide*, etc.

*S. Brás, S. Francisco, S. João, S. José, S. José esposo de N. Senhora* [Figueira-da-Foz], *S. Manuel, S. Pedro, Santo António, Santo António* com êste segundo letreiro por cima: *cala a bôca*, etc.

Neste grupo incluirei: *Freirinha de Viana*, nome de um barco que vi em Leça-de-Palmeira. A *Freirinha* está no cemitério de Viana-do-Castelo e o povo tem-na por santa.

*d)* outros nomes:

*Anjo da Guarda* [Viana], *Sacramento, Santa Cruz, Coração de Maria, Devoção das Almas, Devoto de S. Torcato* [Póvoa], *Deus te defenda, Deus te guarde, Deus nos acompanhe, Deus nos ajude, Estrela de Israel, Fé em Deus* [em Leça um barco tinha êste nome de um lado e do outro *Sempre se fez*], *Com Deus sempre se fez* [Póvoa], *Guiai-nos, Pensai em Deus, Vá em Graça de Deus* [Póvoa; assim escrito: *Bâ em graça D.*], *Valha-nos Deus, Vamos com Deus, Vamos lá com Deus* [Aveiro], *Vamos com o Senhor, Venha com Deus, Viva Jesus* [Figueira], *3.ª Dor* [Póvoa], *3.ª Dor de Nossa Senhora das Dores* [Figueira], *Nova Aleluia* [Póvoa], etc.

II. Há nomes que elogiam a construção, o garbo ou o andamento do barco, ou que patenteiam a confiança dos pescadores, a sua vontade de trabalhar, a esperança dêles no bom êxito do seu esfôrço, etc.

*Amoravel* [Figueira], *Brilhante estrêla* [id.], *Feiticeira* [id.], *Filha das ondas* [id.], *Flor do Mar, Primavera, Andorinha, Lindo Voador* [Póvoa], *Vencedor, Novo Vencedor, Sempre alcança, O Leão velho* [Aveiro], *Boa Ventura* [Póvoa], *Trabalho e honra* [Figueira], *Logo ao romper do dia* [Póvoa], *Pai dos pobres*, etc.

Pelo contrário, outros nomes há com os quais os pescadores mostram o que mais receiam do mar:

*Maldito canal da Mancha, Tememos a noite, Temo a noite.*

A êstes dois últimos contrapõem-se:

*Luz do Dia, Deus vos salve luz do dia* [Figueira].

Ainda se podem acrescentar nomes que, sendo religiosos, não deixam de elogiar o barco:

*Flor de S. João* e *Flor de Santo António* [Figueira].

III. A Pátria não é esquecida:

*A Pátria*, *Ama a Pátria*, *Filha da Pátria* [Figueira], *Pátria livre* [id.], *Viva a Pátria* [id.], *Portugal*, *Lusitano*, etc.

A Pátria também pode ser amada nos seus homens que, de qualquer maneira, se notabilizaram:

*Guerra Junqueiro*, *Sidónio Pais* [Viana-do-Castelo], etc.

IV. Aparecem bastantes nomes de pessoas (dos donos, de família dêles, de criaturas amigas a quem desejam assim venerar etc.):

*Oliveira & C.ª* [Figueira], *Clara*, *D. Guilherme* [Póvoa], *Ilizabete* [sic[, *Joana Mano 1.ª* [Figueira], *Luísa*, *Maria*, *Rosa*, *Rosinha*, etc.

Acrescentarei *Novo três irmãos* [Póvoa] que faz supor ter havido, antes, o *Três irmãos;* não são expressos nomes, mas alude-se aos proprietários: é uma espécie de «firma».

E também nomes de terras:

*Cidade de Braga* [Póvoa], *Leixões*, *Pôrto alegre*, etc.

V. Não se deixam de ver nomes pinturescos, mas os barcos que os têm são em regra de viajar em águas mansas. Com o mar não se brinca...

*Amigo de Peniche* [Viana-do-Castelo], *Contas do Pôrto* [Diz-se que há «contas do Pôrto» quando todos pagam a despesa, igualmente; com êste nome, há barcos em várias terras], *Bons dias rapaziada* [Figueira], *Filho do dono* [id.], *Não a enojes*, *Não te afliges* [Figueira], etc.

Em Viana-do-Castelo há um barco grande que faz a travessia da foz do Lima, por ocasião dos banhos na praia do

Cabedelo, chamado *Arca de Noé*. O nome foi-lhe pôsto, sem dúvida, em atenção à «grandeza». O nome, tomado à letra, talvez ofendesse os passageiros do barco...

Os nomes dos barcos da Póvoa colhi-os no *Folk-lore Varzino*, de Cândido Landolt, Póvoa-de-Varzim 1915, pág. 182, e nos *Barcos de Pesca*, de Carlos de Passos, Lisboa 1923. São de êste último trabalho os nomes de barcos da Figueira-da-Foz. Os dois de Aveiro, vi-os na *Portugália*, II volume, estampa III, pág. 49. Os nomes que não levam indicação alguma, colhi-os em Leça-de-Palmeira. Muitos veem no trabalho de Carlos de Passos. Em Viana-do-Castelo, os barcos de pesca raro têm nome.

A quási totalidade de nomes registados aparece em mais de um barco, em terras diferentes ou até na mesma terra. Os nomes religiosos, principalmente, repetem-se muitíssimo, como é natural.

*

Resumindo, parece-me que os nomes dos barcos se podem distribuir, como fiz, pelos seguintes grupos:

*a) nomes religiosos.* Na maior parte. E quanto mais para o norte do país, mais predominantes ainda.

*b) nomes em relação com a vida marítima.* Quer os nomes se refiram aos barcos ou à navegação (sob qualquer aspecto), quer se refiram aos pescadores (também sob qualquer aspecto), tudo afinal se inclui na vida marítima.

*c) nomes patrióticos.* Rareantes do sul para o norte.

*d) nomes de pessoas e povoações.*

*e) nomes pinturescos.* Em regra não são de barcos que se aventurem às incertezas do mar, mas de os que só aproveitam as águas mansas. Alguns nem saïrão a foz dos rios, a não ser quando o mar esteja como um lago quieto.

De nomes, que só por excepção aparecem, não cuido.

*

Na *Lusa* (vol. I, pág. 184, e II, pág. 13), publiquei vários dísticos que, nos carros de cavalos — principalmente nos carros chamados «de carreira» — costumavam pintar de um e outro lado do veículo:

*Vencedor limarense* [1], *Quem não entrou ficou, Triunfo da inveja, O Sol quando nasce é para todos, É entrar e pagar, Viste-lo ir, A Tentadora, Primavera, Nossa Senhora me acompanhe, Entrar e andar.*

Êstes do distrito de Viana-do-Castelo.

Agora, de Aveiro:

*Vamos com Deus, De vagar se vai ao longe, Viajante por dinheiro.*

Tais carros já mal aparecem. Vão desaparecendo perante a invasão das caminhetas (assim como o povo fêz de *camion, caminhão*, parece-me que de *camionette* se poderá fazer *caminheta)*. As caminhetas, que fazem «carreiras», também apresentam letreiros, mas êstes já não têm o pinturesco dos carros de cavalos; são em geral dísticos... civilizados:

*A Vencedora, A Competidora, A Triunfante de S. Martinho da Gandara, A Abençoada* (Gaia), *A Fãozende* (de Fão), *A Darquense* (por ser de Darque), *Sport limarense* (de Ponte-de-Lima).

A febre desportiva, que, em Portugal como lá fora, actualmente é intensíssima, não podia deixar de reflectir-se nos letreiros. Há a caminheta *Sport limarense*, o *Restaurante Sport*, a *Padaria Sport*...

Demais, as tabuletas das lojas vão-se tornando, por igual maneira, de ũm modernismo desinteressante.

Só em aldeias, onde o progresso pouco entrou ainda, é que se verão, em lojas, tabuletas e letreiros exteriores, ou interiores, com dizeres curiosos. Ou então nas feiras populares, como na *Feira de Agôsto*, de Lisboa; aí colhi, em 1915, diversos letreiros bem interessantes, que já publiquei na *Lusa* (vol. IV, pág. 115).

*

Com o solo firme não há as apreensões que há com o mar incerto.

---

[1] *Limarense* ou *pontelimense* (de Ponte-de-Lima). A êstes vocábulos me refiro na *Gente Minhota*, de Braga, vol. I, pág. 102 (n.º 7 da Revista).

Nos barcos, os nomes e dísticos são, na maior parte, religiosos.

Nos carros, são ordinàriamente pinturescos — ou apregoando a excelência do veículo ou convidando o público a entrar nêle. Por isso, evidentemente, nasce a «luta da competência», salientada bem nalguns letreiros.

## III. — O PROBLEMA DE JOSEFO E A ETNOGRAFIA

Há um livro curioso de G. Maupin, e cujo título é, na capa, *La Mathématique — Opinions et Curiosités — 1.re Série — XVI, XVII, XVIII Siècles*, e, no rosto, *Opinions et curiosités — touchant — la mathématique — d'après — les ouvrages français des XVIe, XVIIe et XVIIIe siècles.* Faz parte da «Bibliothèque Générale des Sciences».

O capítulo v (pág. 20) do livro é sôbre: *Ruse de l'historien juif Josèphe. — Quadrature du cercle,* — transcrevendo-se o que acêrca de isso escreveu o *P. Jean Leuréchon*, em 1624.

A quadratura do círculo não nos interessa agora. Retranscreverei, portanto, a parte do capítulo relativa ao ardil matemático de Josefo.

Eis o texto, fielmente reproduzido, — entendendo-se que as notas são de G. Maupin (Paris 1898, pág. 20-23):

### CHAPITRE V

### Ruse de l'historien juif Josèphe. — Quadrature du cercle

(Le P. Jean Leuréchon, 1624).

*Disposer autant d'hommes, ou d'autre chose qu'on voudra, en telle sorte que rejettant toujours d'ordre le 6, 9, 10 ou le quantiesme qu'on voudra jusques à un certain nombre, restent seulement ceus qu'ils vous plaira* (1).

«On propose ordinairement le cas en cette façon: 15 Chrestiens et 15 Turcs se trouvent sur mer dans un mesme

(1) [A nota de Maupin, que devia ir aqui, vai adeante, àparte].

navire, et s'estant eslevé une terrible tourmente, le Pilote dit qu'il est nécessaire de jetter dans la mer la moitié des personnes qui sont en la nef, pour descharger le vaisseau et sauver le reste. Or cela ne se peut faire que par sort, et partant on est d'accord, que se rangeant tous par ordre et comptans de 9 en 9, on jette chaque neufiesme dans la mer, jusques à ce que de trainte qu'ils sont, il n'en demeure que 15. Mais le Pilote estant Chrestien veut sauver les Chrestiens. Comment est-ce donc qu'il les pourra disposer, à fin que le sort tombe sur tous les Turcs, et que pas un Chrétien ne se trouve en la 9. place. La solution ordinaire est comprise dans ce vers:

Populeam virgam mater Regina serebat (1),

ou bien en cet autre:

Mort tu ne failliras pas — en me livrant le trespas» (2).

«Car, prenant garde aux voyelles, et faisant valoir A. 1; E, 2; I, 3; O, 4; U, 5, la première voyelle O montre qu'il faut mettre au commencement 4 Chrestiens de suite; la 2. U, 5 Turcs en suyvant; la 3. E, 2 Chrestiens, et puis la 4. A, 1 Turc, et ainsi du reste, rangeant alternativement le nombre des Chrestiens et des Turcs, selon que les voyelles font cognoistre».

«Voire, mais la question proposée de la sorte est trop contrainte, veu qu'elle se peut estendre à toute sorte de nombre et peut de beaucoup servir aux Capitaines, Magistrats et Maistres, qui ont plusieurs personnes à punir et voudroient seulement chastier les plus discoles, en dismant ou prenant le 20., le 100. comme nous lisons avoir esté souvent pratiqué par les Anciens Romains. Voulant donc appliquer cet artifice à toute sorte de nombre, soit qu'il faille rejetter le 9, 10, 4 ou 3, soit que l'on propose 30, 40, 50 personnes ou plus ou

---

(1) C'est-à-dire: «La vénérable Mère des cieux tressait une branche de peuplier».

(2) Ozanam, qui donne cette même recette (il sépare seulement le vers en deux antres), explique qu'on prend une voyelle dans chaque syllabe. Ainsi dans *fail* on doit considérer seulement la voyelle *a*.

moins, faudra ainsi procéder. Prenez autant d'unitez qu'il y aura de personnes, et les disposez en ordre en vostre particulier: comme par exemple soient 24 homes proposez, et que de ce nombre il n'en faille oster ou rejetter que 6 en contant de 8 en 8. Prenez 24 unitez ou écrivez 24 zero, et commençant à conter par la première de ces unitez marquez la huictiesme, continuant de là à conter, marquez tousjours de mesme chasque huictiesme, jusques à ce que vous en ayez marqué 6: vous verrez en quelle place il faudra disposer les 6 personnes que vous désirez oster ou rejetter, et ainsi des autres. Il est croyable que Joseph, autheur de l'Histoire Judaïque, évita le danger de la mort par l'artifice de ce problème. Car Hegesippe, autheur digne de foy, rapporte au ch. 18 du liv. 5 de la destruction de Jerusalem que la ville de Jotapata estant emportée de vive force par Vespasian, Joseph qui en estoit Gouverneur, suivy d'une troupe de 40 Soldats se cacha en une grotte dans laquelle, comme ils mouroient de faim et cependant aymoient mieux mourir que de tomber entre les mains de Vespasian, ils se fussent résolus à une sanglante et mutuelle boucherie, n'eust esté que Joseph leur persuada de tirer par sort, afin qu'on tuast d'ordre selon que le sort tomberoit sur chacun. Or, puisque nous voyons que Joseph a survescu à cet acte, il est probable qu'il se servit de cette industrie à disposer les Soldats, faisant que de 40 personnes qu'ils estoient chaque troisième seroit tué, et luy se mettant en la 19. ou la 30. place, il pouvoit enfin demeurer sauf, avec un second auquel il osta la vie, on persuada aysement de se rendre aux Romains».

D. H. P. E. M. (1)

«Il semble que ce problème, qui est le 23 du docte Bachet, n'ait pas esté bien entendu par l'autheur de ce livre. Car, puisque Joseph se sauva (comme il dit), suivy de 40 soldats, il

(1) *Denis Henrion, professeur en mathématiques* qui a publié lui-même plusieurs ouvrages: Usage du compas de proportion (plusieurs éditions, quatrième de 1631). — Usage du mécomètre (1630). — Il était Français, ingénieur distingué du prince d'Orange; il est mort vers 1640. [Entende-se que o texto de aqui para baixo é comentário de Denis Henrion. Vid. a nota de Maupin que, a seguir a esta transcrição, faço].

y avoit 41 personnes, tellement que tuant toujours le troisiesme, il faut nécessairement que Joseph se fust mis en la 16. ou 31 place. Et supposé qu'il n'y eust eu que 40 personnes, comme veut nostredit autheur, il eust fallu que Joseph et son second eussent esté ès 13. et 28. place, et non pas ès 16. et 30. comme pourront aisement recognoistre ceus qui voudront prendre la peine de ranger d'ordre 40 zéro, et trancher tousjours le 3. jusqu'à ce qu'il n'en demeure que deux».

Convém ainda, por esclarecedora, ler a nota que G. Maupin apõe ao enunciado do problema:

«Le problème est traité dans un volume in-8.° de *Récréations mathématiques* dû, semble-t-il, au P. Jean *Leuréchon*. L'ouvrage paraît avoir eu une très grande vogue: nous en avons eu entre les mains trois éditions, publiées deux à Roueu, une à Paris, 1629, 1630, 1659, et renfermant, outre le texte primitif, des notes de *D. Henrion* et *Claude Mydorge*. L'édition de 1659 est «sixième et dernière». M. Laisant a eu l'obligeance en outre de nous communiquer des extraits d'un livre provenant de la bibliothèque de Lucas, publié sans nom d'auteur, Lyon, 1669, qui est encore évidemment le même ouvrage.

Hégésippe vivait à une époque incertaine, si même une erreur de copiste n'a pas faire écrire ainsi le nom de Josèphe lui-même, — Josèphe (37-100?) soutint contre Vespasien et Titus un siège de 47 jours dans la ville de Jotapata: il se sauva ensuite dans une grotte avec quelques soldats.

Comparer ce que disent de ce problème *Ozanam* et *Bachet* (1581-1638): les deux éditions des *Problèmes plaisants et déléctables* sont de 1612 et 1624, et la question que nous reproduisons y a été à peu près copiée par le P. Leuréchon. (Ozanam, *Recr. math.*, t. I, p. 246, édition de 1725).

Le *P. Leuréchon*, jésuite, confesseur de Charles IV de Lorraine, vivait de 1591? à 1670. Son livre (d'après la *Biographie)* a eu une première édition à Paris, 1624, une dernière à Lyon, 1680.

*Mydorge* (1585-1647) était un ami de Descartes, pour lequel il dépensa cent mille écus à fabriquer des verres de miroirs» [1].

---

[1] Pág. 20-21.

*

Foi o meu amigo Dr. Augusto Martins que me chamou a atenção para êste livro e para o texto que transcrevi.

E, de passo, o Dr. Augusto Martins pregunta-me se não deverá filiar-se no problema exposto o *jôgo das escondidalhas* usado pelos rapazes da terra dêle (Maia).

Eis o jôgo:

Começam os rapazes por escolher o «capitão». Êste dispõe os restantes rapazes numa linha, todos de cara para êle. Depois, o «capitão» vai apontando, a seguir, cada um e dizendo (cada linha corresponde a um jogador):

| | | |
|---|---|---|
| Nabé, | capitão, | saia |
| zoré, | ziribi, | mór |
| capiti, | ziribão, | ó cristão. |

O jogador a que toca a última expressão *[ó cristão]* sai e esconde-se. O capitão volta a fazer o mesmo, começando no rapaz que se segue ao que se foi esconder. E assim por deante até ficar só um. Por fim, o capitão repete a fórmula entre êle próprio e o que restou. O que não ficar livre tenta, depois, encontrar e agarrar os que se esconderam. De êstes, os que lograrem voltar ao ponto de onde saíram, sem ser apanhados, ficam salvos. Aquêle que for apanhado terá de levar às cavaleiras o jogador, que andava à cata dos escondidos, até ao lugar de onde saíra, e será êle o novo *capitão*.

Êste jôgo é uma variante do *jôgo das escondidas*, muito usado. Entra na categoria dos jogos em que se emprega uma «fórmula eliminatória» para, por sorte, se apartar um ou mais jogadores.

Jogos dêstes não provéem, certamente, do problema de Josefo. Em circunstâncias tam sérias como aquelas em que se viram os soldados, companheiros de Josefo, não deveriam ser aceites *inovações*. A maneira de eliminar, fazendo intervir a sorte por meio de fórmulas, devia ser já conhecida e corrente. As palavras é que poderiam variar.

Josefo não faria mais do que servir-se de tal maneira eliminatória que não causaria desconfianças, mas ludibriando os parceiros por intervenção do cálculo que foi exposto acima.

As últimas palavras da fórmula da Maia são *saia mouro ou cristão*. Sobrevivência das lutas entre cristãos e mouros ou

turcos (para o povo, *mouro* ou *turco* é tudo um), como se vê também muitíssimo no teatro popular.

## IV. — VERSOS DE "BOAS-FESTAS,,

Já na *Lusa* (IV, 117) me referi ao costume de *dar as «boas-festas»* e *pedir a consoada* por meio de versos impressos.

Os versos ou são feitos pelo interessado ou por indivíduos mais ou menos entendidos a quem êle recorre.

Dão assim as «boas-festas» e pedem a «consoada» os carteiros, boletineiros, vendedores ou distribuidores dos jornais, os operários ou empregados das oficinas (de que se é freguês), etc.

Na *Lusa (loc. cit.)* publiquei a poesia de um carteiro de aldeia, — poesia feita por êle próprio e reproduzida textualmente, pois que o «original» me veio ter às mãos.

Publicarei agora mais algumas poesias dêste género.

1. De um engraxador:

### BOAS-FESTAS

Neste viver desgraçado,
Em que a vida é cruel,
Vem um pobre escorraçado
Mendigar para o farnel.

Limpo botas e sapatos,
É a minha profissão;
Tapo todos os buracos,
Fica tudo na perfeição.

Não pode levar a mal
Com a minha exigência,
De na festa do Natal
Cumprimentar V. Ex.ª.

*Raimundo engraxador.*

2. De um funileiro:

### BOAS-FESTAS

Cá está êle, o funileiro,
Que todo o ano deita pingos,
Mas, segundo a nova lei,
Nem mais um aos domingos.

É sempre de costume
Vir a criada apressada:
Deita-me aqui um pingo,
Nesta panela furada?

Sim, senhora, e porque não?
Estou pronto a satisfazer
Porque espero para o Natal,
A consoada receber.

3. De um carteiro:

**BOAS-FESTAS**

É esta árdua missão
De Vos levar as Boas notícias,
Por essas ruas além,
Levando cartas, jornais
E encomendas postais,
Sem se queixar de ninguém.

Quantas vezes no inverno
Por desgraça, ó Deus eterno!
Tremendo, todo molhado,
Volta a casa quási morto
Sem ter um golo do Pôrto
Para ficar mais animado.

E depois, ao outro dia,
Vai seguindo a romaria,
Para não faltar ao dever;
É por isso que ao Araújo
Há muito quem tenha inveja
De tão bons amigos ter.

*O carteiro Araújo.*

4. De um recoveiro (a quem roubaram uma capa por ocasião das festas a Sacadura Cabral e Gago Coutinho, após a travessia do Atlântico pelo ar):

**BOAS-FESTAS**

Meus senhores, o Freitas,
O emissário incansável,
Vem contar-vos (sorte dura!)
Que lhe roubaram a sua capa
Nos festejos do Sacadura.

E para comemorar essa data,
Que para êle foi fatal,
Vem pedir que o ajudem
A comprar outra capa
Agora para o Natal.

5. De um carteiro (que logrou quem lhe fizesse poesia mais complicada):

**BOAS-FESTAS**

Não há verbo mais perfeito
Mais fácil de conjugar
Entre os verbos portugueses
Que o lindo verbo dar.

Tem três letras, meu senhor,
A primeira diz que *dê*,
Com a segunda quem lê
Diz que *dá* seja o que fôr.
O *erre* não tem valor
Mas aqui não é defeito,
Até faz um certo geito
Para entalar a vogal;
Hão-de convir, afinal,
*Não há verbo mais perfeito.*

Eu bem sei que receber,
Apesar do comprimento,
Se conjuga num momento
Com muitíssimo prazer.
E se não vamos a vêr;
Conjuguem *dar* os fregueses,
Quatro, cinco, vinte vezes,
Que eu conj. o mais comprido
Porque ao outro está unido
*Entre os verbos portugueses.*

Dá-se ao pé na contradança,
Dá-se de olho às raparigas,
Ao demónio dão-se figas,
A quem ama dá-se esp'rança.
Dá-se papinha à criança,
Dá-se a consoada ao carteiro,
Dá-se ao fole [na?] falta de ar,
Dão-se agora as boas-festas,
Eis o verbo em coisas destas
*Mais fácil de conjugar.*

*O carteiro Malheiro.*

6. De uma casa comercial (que «saúda a todos», — sem pedir a consoada, é claro):

## SAUDAÇÃO

I

A Casa dos Gonçalves deseja,
Aos *Ex.mos Fregueses* seus,
Boas-Festas e que o ano lhes seja
Portador das venturas dos ceus.

II

Cá na terra só uma tereis:
— Comprar muito por pouco dinheiro,
E em novecentos e desasseis
Só o Gonçalves será barateiro.

III

Saud'á todos com preito egual,
Nas venturas d'um ridente porvir;
De norte a sul de Portugal
Que os meus votos se façam sentir.

IV

E do passado sentido me ufano
Saúdo a todos no primeiro do ano.

Cabanas, 1-1-1916. *Casa dos Gonçalves.*

*

Também é costume fazer «rifas». O custo do bilhete da rifa é a «consoada».

Bilhete de uma dessas rifas:

N.º... Preço $25 centavos

**Sorteio de um elegante par de sapatos de verniz para senhora**

Esta vai por vós, Senhores,
Boas-Festas vimos dar,
Para a noite de Natal
Alguma coisa arranjar.

*Os rapazes da Sapataria da Moda.*

*

No *Boletim de Etnografia*, n.º 2, pág. 33-34, também o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos se refere ao costume de dar as boas-festas e pedir a consoada por meio de versos, transcrevendo duas poesias, uma de um carteiro, e outra de um entregador de jornais.

## V. — LUAR DE JANEIRO

A magnificência do luar de Janeiro está registada pelo povo em cantigas e ditados. Alguns dêstes últimos, reüni-os num dos artigos que, sob o título de *Folhinha popular*, publiquei na *Revista do Minho*, de Espòsende (XX, cols. 34-35).

A observação popular — como tantas vezes sucede — tem fundamento. Lê-se na «Semana astronómica» (Secção do Sr. Frederico Oom), do *Diário de Notícias*, de 5 de Janeiro de 1925:

«Começa o novo ano com noites de luar, sucessivamente mais demorado e luminoso. É o afamado *luar de Janeiro* que, segundo o ditado, *não tem parceiro*. E de facto assim é, não por acaso, nem por crendice popular, mas sim por motivos rigorosamente scientíficos — da mais rigorosa das sciências de observação, qual é a Astronomia.

«Com efeito, neste mês é que a Lua anda mais alta, para as nossas latitudes, visto o Sol andar mais baixo. E essa situação privilegiada do astro das noites fá-lo demorar-se mais tempo acima do horisonte, e também dirigir os seus raios menos obliquamente, dando portanto menores sombras. Juntando-se a estas duas circunstâncias favoráveis, mais a de se acharem agora os arvoredos geralmente despidos de fôlhas, vemos que tudo concorre para tornar *sem parceiro* o encanto das noites de luar nesta quadra... se as nuvens não vierem prejudicar tudo, eternas inimigas, que sempre foram, dos astrónomos.

«Na quinta-feira, 8, a Lua passa no apogeu da sua órbita, isto é, no ponto em que mais distante fica da Terra. Dali em diante passará a aproximar-se de nós, até ao dia 23».

## VI. — O LENÇO [1]

### A) Lenço-da-mão

*Lenço-da-mão, lenço-de-assoar, lenço-da-algibeira* ou *lencinho:* é tudo o mesmo lenço, — no entanto, como às vezes não serve para a gente se assoar, mais próprio é chamar-se-lhe *lenço-da-mão, lenço-da-algibeira* ou *lencinho.*

O *lenço-da-mão* ou *lencinho* é, para assim dizer, um adôrno. Se o usa uma rapariga, trá-lo na mão, na *algibeira* com as pontas de fora, ou metido na cinta, entalado na saia, com as pontas ao dependuro. É branco e, pelo ordinário, com bordados.

Os rapazes trazem-no no bôlso do casaco — bôlso exterior à esquerda e em cima — com as pontas muito de fora. Êles gostam mais de lenços de côr (de uma só côr berrante ou com o predomínio de uma côr destas).

Às vezes, os homens (e também as mulheres) põem-no ao pescoço, com o nó adeante.

Há-os bordados de vária maneira.

---

[1] Extracto de um trabalho em preparação, no qual, quando se publicar definitivamente, serão estampadas as ilustrações necessárias para bom entendimento do texto.

A). São muito curiosos os que têm bordados rústicos, a lã de côres, além de cantigas, dizeres amorosos, nomes próprios, etc.

Dizeres e bordados de alguns dêstes lenços:

*Maria*, com um coração e um ramo de flores;
*Amizade*, com uma borboleta e um vaso de onde saem duas hastes com flores;
*Amor só ati*, com um coração e um ramo de flores;
*Não me deixes*, com uma borboleta e um vaso de flores.

Camilo Castelo Branco, no livro *Coração, cabeça e estomago* (3.ª ed., Lisboa 1907, pág. 219), refere-se a um lenço bordado:

«Abri o embrulho: era um *Agnus-Dei*, encastoado em prata.

O lenço, que o envolvia, tinha no centro um coração com muitos aleijões, atravessado por uma flexa que a caprichosa bordadeira deixava ver em todo o seu comprimento, de modo que parecia uma setta grudada ao coração».

Os ornatos preferidos, nestes bordados, são flores, borboletas, corações... Ao «coração», como tema artístico popular, me referi já, com certo desenvolvimento, na *Lusa*, I, pág. 124-125; ao noticiar uma *Exposição de lavores em Viana-do-Castelo*, no mesmo volume da *Lusa* (págs. 91-93 e 106-108), aludi não só ao «coração» como a outros temas de arte populares (1).

B). Há também lenços *bordados a ponto-de-cruz*, isto é, *marcados*.

Em um dêstes lenços, com *bico* (renda esbicada, na margem) e *entremeios* de renda, lê-se (em cinco quadrados encaixados uns nos outros; cada linha corresponde a um lado do respectivo quadrado):

1. Cuando te berei meu bem.
meu amor minha alegria
alibio do meu pensamento
cuando sera esse dia

2. Este lencinho bem bonit
o foi prenda do meu amor
para eu levar na mao
se domingo a missa for

(1) Sôbre o «coração», vid. *Boletim de Etnografia*, n.º 2, pág. 53, onde são indicados outros trabalhos.

3. Em as vossas mãos menina
eu vejo todo o valor
minhas falas vos convidam
para que sejaes o meu amor.

4. A te a morte [até à morte]
Meu amor
Istrela do norti *[sic]*
Pur ti cuspiro [suspiro]

5. Marso
M. E. D. M.
Anno
1893

Noutro lenço, muito simples, lê-se apenas (também em quadrado):

Quando te derei *[sic]*. meu. bem.
meu. amor. minha. alegria.
alibio. domeu. pen. samento.
quando. sera. esse. dia.

C). Também aparecem lenços bordados no gôsto dos «trabalhos regionais» a que me referi na *Lusa* (I, 91-93 e 106-108).

*

Para os namorados o lencinho tem a sua «linguagem»; com êle fazem «senhas» de amor.

Se há senhas para que se não precisam combinações prévias (como passar o lenço pela bôca e pelo nariz, para o namorador saber se é correspondido, pois que, se o é, a namorada repete a senha), outras há que os namorados combinam, para de longe se entenderem nos pontos principais da sua vida amorosa.

Na literatura de cordel, não faltam *lições* acêrca do assunto. N-*o Correio dos Namorados*, véem os seguintes versos (segundo cópia que me deram):

Amarrotar o lenço quer dizer:
— «Zangada estou consigo».
Dobrá-lo é para dar a perceber:
— «Se me seguir, há p'rigo».

Pegar-lhe pelas pontas significa:
— «Pode-me esperar... atendo-o».
Passá-lo duma mão à outra indica:
— «Consigo não me prendo».

Levá-lo à face esquerda é negativa,
só quer dizer: — «Não, não».
Mas à direita, indica a afirmativa
de um *sim* do coração.

Torcê-lo com vigor é um expressivo:
— «Estou farta de si!
Não quero o coração jamais cativo;
suponha que morri».

Passá-lo pelo rosto: — Alguém nos segue.
Cautela, meu Amor!»
Pegar-lhe pelo meio: — «Não consegue,
não seja maçador».

Levá-lo aos olhos é: — «Sei com desgôsto
que tenho uma rival».
No seio da donzela, o lenço pôsto,
diz: — «Amor conjugal».

Atá-lo quer dizer: — «Firme tenção
do nó do casamento».
E deixá-lo cair é: — «Prevenção!
Que amor é ciumento!»

Encostá-lo na face sôbre a mão,
indica: — «Fico à espera».
E agitá-lo ao calor, quando é verão,
traduz-se: — «Quem me dera!»

Esta poesia não regista uma «linguagem» tradicional, mas inspira-se no tradicional costume de *falar* com o lenço, — costume a que diz respeito a quadra popular:

Menino, se quer saber
como agora se namora,
ponha o lenço na algibeira,
com a pontinha de fora.

ou: Menino, se quer saber
como agora se namora,
é co'o lenço na algibeira
e co'a pontinha de fora.

*

A indústria e o comércio aproveitam o costume popular dos lenços bordados e com cantigas.

Nas lojas-de-modas, aparecem à venda lenços primorosa-

mente bordados à mão, com dizeres, cantigas, ornatos ao sabor popular... E, nas feiras, aparecem muitos lenços de fábrica com cantigas *estampadas*.

### B) Lenço-da-cabeça

O lenço-da-cabeça é quadrado, com ou sem franja; usam-no dobrado em diagonal. Para melhor se compreender a minha exposição, chamarei «laterais» às pontas extrêmas dessa diagonal; às outras duas pontas do lenço, que ficam sobrepostas ([1]), chamarei «ponta posterior».

Maneiras de pôr o lenço (concelho de Viana-do-Castelo) ([2]):

1. Dobrado em diagonal e pousada a dobra, pelo meio, no alto da cabeça; ficando, portanto, as pontas laterais pendentes ou para o peito

2. ou, mais raro, para as costas.

3. Supondo o lenço na posição 1., podem dar um nó simples com as pontas laterais, *apertando-o sob o queixo* ou

4. dar um nó simples e *lasso, à altura do peito.*

5. Supondo o lenço ainda na posição 1., podem trespassar as pontas laterais sob o queixo e atá-las ou no alto da cabeça,

6. ou para a parte posterior da cabeça (sôbre o *picho* do cabelo),

7. ou atrás, sôbre a nuca, ficando o nó por cima da ponta posterior do lenço

8. ou por baixo.

9. Ou trespassam as pontas laterais em cima do queixo, cobrindo-o, e atam-nas na coroa da cabeça.

10. Nas posições 7. e 8., mas especialmente na penúltima, o trespasse das pontas laterais pode ser feito abafando o queixo (a bôca fica tapada ou mal descoberta).

---

([1]) Muitas vezes não se ajustam as duas pontas posteriores, para aparentar um lenço maior.

Na cidade, usam o lenço dobrado apenas em diagonal; nas aldeias, o *cachené* leva uma segunda dobra estreita segundo a diagonal, dobra que (no lenço pôsto) fica para fora.

([2]) Sôbre a maneira de pôr o lenço, vid. *Boletim de Etnografia*, n.º 2, pág. 26-27.

11. Na posição 7., o nó, em vez de ser apertado, pode ser lasso, ficando bamboleante por sôbre a ponta posterior.

12. Pôsto o lenço na posição 1., trespassam, por vezes, as pontas laterais da seguinte maneira: a ponta esquerda fica entre a face direita e o lenço, cingido a ela, e a ponta direita entre a face esquerda e o lenço, que lhe fica encostado.

13. Algumas vezes, pôsto o lenço na posição 1. dobram as pontas para o alto da cabeça, sobrepondo-as.

14. Suponhamos agora o lenço com as pontas caídas para as costas (posição 2.). Usam-no assim, embora raramente, ou trespassam as pontas laterais contra a nuca (e sob a ponta posterior) e vão atá-las no alto da cabeça. É a forma de usar o lenço *à lavradeira* (1).

15. Ou então atam as pontas mais para trás, sôbre o *picho* do cabelo;

16. ou ainda mais para baixo, frouxamente, envolvendo a ponta posterior do lenço.

17. Também podem fazer o mesmo, trespassando as pontas laterais contra a nuca, não por baixo, mas por cima da ponta posterior.

18. Podem, em vez de trespassar as pontas laterais, dar com elas um nó simples à altura da nuca: ou por cima da ponta posterior ou

19. por baixo.

20. Neste último caso, às vezes passam as pontas para diante, cada qual por sôbre o ombro respectivo.

21. Quando o lenço é atado ou trespassado adeante, muitas vezes, depois de o porem, puxam para trás a parte do lenço que está cingida à cabeça, deixando esta a descoberto.

22. Podem, pelo contrário, puxar para a frente (em forma de pala) a parte superior do lenço.

*

O lenço-da-cabeça também pode ser usado no busto:

*a)* Dobrado em diagonal e passado pelos ombros, com as pontas laterais para deante, caídas sôbre o peito, soltas, ou

---

(1) Sôbre o *traje à lavradeira*, vid. o que escrevi no vol. I da *Colecção [do] Diário de Notícias*, Lisboa 1925, pág. 329-337: —*Do traje «à vianesa» em geral e do traje de Afife em especial.*

*b)* com as pontas laterais metidas na *trincha* da saia, sem se cruzarem, ou

*c)* com as pontas laterais atadas, em nó lasso e bambo, caído à frente.

### C) Lenço-do-peito

O lenço-do-peito, maior do que o da cabeça, usa-se trespassado sôbre o peito, e

1. ou as suas pontas laterais são entaladas na *trincha* da saia, nas ilhargas,

2. ou, como é mais usado, são atadas atrás, à altura da cinta.

3. Em Orbacém (concelho de Caminha), usam o lenço estendido por deante do peito: as pontas superiores são atadas por trás do pescoço e as inferiores por trás da cinta. As mulheres encobrem assim o relêvo dos seios (usam camisa e, sôbre ela, o colete *à lavradeira)*.

## VII. — ALIMENTAÇÃO

O preparo da alimentação varia de país para país, e, no mesmo país, há variações regionais, — a ponto de se poder asseverar: *dize-me o que comes, dir-te hei de que terra és...*

O assunto merece, indubitàvelmente, reparo e estudo; apesar disso, pouca atenção se lhe tem prestado.

Publicarei algumas notas, ao correr da pêna, a respeito de culinária tradicional.

### A) PEIXE

**Bacalhau com batatas.** — É um dos pratos mais vulgarès. O bacalhau sêco, depois de demolhado e cortado às postas, é cozido com batatas, em geral partidas pelo meio. Juntam-se, muitas vezes, cebolas, ovos, hortaliça. Quando com o bacalhau se coze também tudo isto, chama-se-lhe *bacalhau com todos os matadores* ou, abreviadamente, *bacalhau com todos*. Também se diz *bacalhoada*.

Serve-se com môlho cru de azeite e vinagre (por vezes acrescentam-lhe colorau, a que vulgarmente chamam *pimentão)* ou com «môlho fervido» (azeite, vinagre, cebola e colorau).

As hortaliças preferidas para o «bacalhau com batatas» são: *troços, grêlos* e *bróculos.*

Os *troços* são de couve-galega. Comem-se pelo Natal, que é quando êles são mais tenros e saborosos. O bacalhau cozido com batatas é prato obrigado na «Ceia de Natal» ou «Consoada», como referi já na *Revista Lusitana* (XV, 101-102) (1) e ainda na *Lusa* (I, 147-149).

A couve-galega é uma variedade *(Acephala)* de *Brassica oleracea*, L. Os bróculos constituem outra variedade *(Botrytis)*; são uma sub-variedade de *Couve-flor*. (Acêrca de *bróculos*, Vid. *Gazeta das Aldeias*, LXII, pág. 189-190). Os *troços* são os «pés» de couve-galega.

*

Nêste cozido, pode-se substituir o bacalhau por pescada ou outros peixes: pargo, sável, faneca, salmão etc.

*

O bacalhau tem grande consumo, entre tôdas as classes sociais. Come-se de muitas maneiras. Além de cozido com batatas, pode-se comer **assado** (acompanhado ou não de batatas cozidas), **frito, albardado, ensopado** ou **guizado,** com arroz **(arroz de bacalhau),** em bôlos **(bôlos, bolinhos** ou **pasteis de bacalhau),** em **pastelão** etc.

Quando é frito, em geral depois de passado por ovos batidos, — as postas chamam-se, em o norte do país, **iscas de bacalhau.**

Em Lisboa, usa-se muito a **desfeita** ou **meia-desfeita,** que é bacalhau cozido com grão-de-bico, a que se junta môlho cru de azeite, vinagre, cebola e salsa. Emprega-se mais a designação *meia-desfeita* que *desfeita; meia-desfeita,* salvo êrro, quere dizer «metade de uma dose de desfeita» (Cfr. *meio-bife),* isto é, metade da porção calculada para *um* freguês.

Nos restaurantes do Pôrto, há pratos especiais de bacalhau: **bacalhau à João do Buraco, b. à Costa-Apita, b. à Gomes de Sá** etc. (dos nomes dos seus... inventores).

## B) CARNE — MIUDOS

**Cozido à portuguesa.** — Consta de carne de vaca (mesmo que seja «de boi», a carne diz-se «de vaca») cozida com tou-

(1) Aí noticio vários pratos especiais usados em o Natal.

cinho, chouriço e batata. Um bom cozido à portuguesa leva também galinha e presunto.

Ao mesmo tempo, serve-se «arroz do fôrno».

**Carne de porco.** — A carne de porco é muito apreciada, sobretudo fresca.

Após a matança do porco, faz-se o **sarrabulho.** Em Viana-do-Castelo, o jantar de sarrabulho consta essencialmente de: *a) arroz de sarrabulho* (arroz, sangue e miúdos do porco, galinha esfiada, chouriça de sangue, cominhos etc.), servido com *cozido* (vaca, presunto, galinha, toucinho, chouriça etc.); *b) rojões; c) lombo de porco assado com batatas* e, nalgumas terras, juntam-lhe castanhas.

Noutras terras (Braga, Barcelos etc.), substituem o arroz por *graúnhos, mílharos* ou *painços* (Anha), grãos de milho triturado, ficando os fragmentos do tamanho de bagos de arroz: são as *papas de sarrabulho.*

No Pôrto, há o conhecido prato de **tripas.**

As orelhas do porco comem-se com feijão branco: **orelheira com feijão branco.** O focinho *(focinheira,* na Beira) e os *chispes* também assim se comem.

Quanto a «enchido», há uma enorme variedade: *chouriça de verde; chouriça de sangue* ou *sanguinha; chouriço de carne* ou *salpicão; pêdro; morcelas, farinheiras* ou *farinhôtos* (Ponte-da-Barca), *alheiras, tabafeias* ou *tabafeiras* ou *atabafeias* de Trás-os-Montes; *bofeiras* da Beira, etc., etc.

Deve notar-se que o mesmo nome não designa, em tôda a parte, a mesma coisa: a *morcela,* por exemplo, é doce em Lamego.

No livro *o Porco e os seus productos* (da Colecção «Pequenas fontes de riqueza»), 2.ª ed., Lisboa 1912, pág. 190 e segs., vem a maneira de preparar: *chouriças* à moda da Beira-Alta; *chouriços de carne* também à moda da Beira-Alta; *chouriços de sangue* à moda de Torres-Novas; *chouriços vermelhos,* a que no Alentejo chamam *linguiças; farinheiras; linguiças* à moda de Trás-os-Montes; *morcela preta; paios* à moda do Alentejo; e *salpicões* à moda de Bragança.

*

**Iscas.** — Falei acima de *iscas de bacalhau.* As afamadas *iscas* de Lisboa são de fígado, com ou sem batatas *(iscas com elas, iscas sem elas,* — como dizem). Estas batatas são

cozidas e banhadas com o môlho de cozinhar o fígado (em sertãs).

No Pôrto vi, sobretudo em feiras e arraiais, fígado frito (com cebolada de vinagre). Os bocados de fígado tinham um palito espetado, pelo qual o comprador pegava nêles: chamavam-lhes, por isso, **espetadas**.

## C) CALDO

É vulgar a gente do povo comer «caldo» a tôdas as refeições.

O **caldo de carne,** entre gente pobre, só em dia de festa. O «caldo de carne», onde se fêz o «cozido à portuguesa», é excelente, substancial: leva hortaliça e feijões (podendo levar massas alimentícias).

O caldo mais ordinário que há é o «de unto». É água onde se desfaz, pela fervura, um pedaço de unto *(banha;* gordura que envolve os rins do porco); por isso vulgarmente se lhe chama também **água de unto.**

O **caldo verde** é de couves (couve-galega) muito *segadas*, azeite e batata. Na Beira dão esta «receita» em ditado: «Sal ao meter, azeite ao ferver». A batata, depois de cozida, é «desfeita».

**Caldo limpo** é a canja de galinha ou vitela (especialmente para doentes).

O **caldo de farinha** é um caldo vulgar a que se ajunta farinha milha.

Ainda há **caldo de gerimu, de castanhas, de vagens, de nabos, de nabiças** etc. Na Beira, fazem caldo **de botelha** (semelhante ao gerimu, mas branca); é o «caldo truluru, ainda bem não está na bôca, já está no c.», definindo-se desta maneira a sua falta de substância.

O caldo de castanhas (castanhas piladas) na Beira leva leite (havendo quem lhe acrescente açúcar e canela); chamam-lhe **caldudo.**

Viana-do-Castelo, 1926.

CLÁUDIO BASTO.

---

*Erratum.* — Na pág. 160, linha 16, saiu *Fãozende*, por *Fãozense.*

# GLOSSARIO DIALECTOLOGICO

## Do concelho dos Arcos de Valdevez (Alto Minho)

(Continuado da *Revista Lusitana*, vol. XXII, pág. 34)

---

## N

**na** — Talvez contracção de *nada*, quando se responde negativamente. *V. vai levar este cêsto a casa de F. Ná, ná, ná... num bou!*

**nação:** *cégo de nação:* cégo de nascença. É substantivo derivado de *nascer* e dá a pronuncia exacta.

> «*Quem é negro de nação,*
> *Não se faz branco com sabão*». (C. B.)

**nadear** — v. i. Talvez navegar, nadar, deslisar. Ouvi um homem dizer, quando o seu carro de bois passava por um bom caminho, que o seu carro *nadiava* bem. Tambem significa *espalhar-se.* Tambem: «*fluctuar;* em um dia em que o vento andava a soprar ora de um lado, ora de outro, ouvi dizer: *O vento hoje anda a nadear*», (C. B.)

**náfego** — adj. Coisa falha de um lado, v. g. uma tábua, um cavalo côxo, etc.

**narigueira** — Peça de couro em que encaba a *mangueira* do malho e que está presa á *pertigueira* por uma correia. (C. B.)

**nêco** — O mesmo que *gala.* (L. L.)

**negrem** — Negrume, côr negra. (C. B.)

**nenho** — adj. Pêco, atado, pouco desembaraçado. Diz-se das pessoas.

**nêto** — A estopa que a fiadeira cospe ao fazer o fio. Veja *Tupêlho* (L. L.)

**netos** — Regos nos campos margeados quando confluem com outros para restabelecer o paralelismo.

**nicha** — Pequeno seio alongado, produzido na madeira e que destila resina. Vulva. Tambem lhe chamam *charca.*

**nico** — Pedaço muito deminuto de qualquer coisa. *É um nico de gente!* Diz-se de uma pessoa de baixa estatura.

**nícola** — *Dar uma nícola.* É da tecnologia do jogo do pião; é dar uma ferroada num pião com outro.

**ninheiro** — Ninho de galinha; pocilga; cama de porcos. Veja *andêz.*

**ninhice** *(nenhice)* — Poquice, bagatela. (C. B.)

**ninhos** — Os sovacos do púbere. (L. L.)

**niquento** — Pêco, nenho. (G. V.)

**nobelar** — Fazer o novêlo. (L. L.)

**nobête** — Peça de pau, no moinho, na qual encaixa o *veio* e por sua vez está encaixada na arvore do rodizio. (C. B.)

**nosêlha** — Graminea cujas raizes são cheias de nós. (Padroso). (C. B.)

**nòssinho** — Pron. Deminutivo de *nosso.* É termo de carinho e amizade, usado em Cabreiro, freguesia sertaneja.

«*Ó nòssinha!* isto é: *ó minha querida, ó minha boa amiga!*» (C. B.)

**nozeira** — Nogueira (Lanhêses, freguesia do conc. de Viana). (C. B.)

**núbia** — Nuvem?

«Diz-se: *É levado das nubias!* por: *é levado da breca.* Ás nuvens, de ordinario, chamam *nubes,* suprimindo a nasalidade, como *barge, romage, home,* etc.» (C. B.)

## O

**òbeira** *(oveira)* — O mesmo que *oveiro* dos dicionarios. (L. L.)

**obriga** — *Dia de obriga:* dia em que os marchantes são obrigados a pôr á venda carne fresca. (C. B.)

**ócle** — Oculo, poço de serviço.

«Em Monção chamam *ocle* á entrada horizontal da mina, e *mina* a um poço vertical para a extracção da terra da galeria». (L. L.)

**ôi** — Ó ou ui! Nesta frase de admiração ou repulsa, usada nas freguesias da montanha: *Crédo, filho ôi!* A gente da ribeira arrelia os habitantes da serra com esta frase.

«Já ouvi na mesma região no sentido de: *o quê? que diz?*» (G. V.)

**ola** — Entra neste rifão: *Ola quebrada não tem compostura.* (L. L.)

Vê-se que significa uma vasilha de barro, como em

latim *olla*. Contudo conheço um *Poço da Ola*, onde decerto tem o sentido dos dicionarios: remoinho.

**olhar** — v. t. *Olhar a galinha:* é propriamente examinar se tem ovo. Quando um homem faz este exame, é escarnecido pelas mulheres, que julgam ser isto da sua exclusiva atribuição. (L. L.)

**ombrar** — Ombrear, ir ombro a ombro com outros ou outras em uma emprêsa. Em uma festa de dois festeiros diz-se que *F. ombrou com F.* para fazerem uma boa festa, gastando ambos igualmente fôrças, trabalho, dinheiro. (C. B.)

**onde quer** — (Locução adverbial). Em qualquer parte, em toda a parte. *Isso encontra-se onde quer!*

**ordume** — O mesmo que *tapume*.

**òrgada** — Ingoa no pescoço e tambem tumor mais ou menos duro, no mesmo sitio, produzida pelas escrofulas. (C. B.)

**orjo** — Cevada. Vem nos dicionarios como termo antigo, mas ainda se usa em Monção. (L. L.)

**ornear** — Aplica-se tambem ao gado bovino quando orneia por fome, por sêde ou por saudade. (L. L.)

**osga** — Aversão.

**ou êle! ou ela!** — Exclamação de indignação admirativa. O primeiro termo é evidentemente a interjeição *ó*.

**oupar** *(upar*, de *upa)* — Impar. *Stá sempre a oupar cum'ó sapo!* Isto é, resiste sempre, engrila-se constantemente, por muito que lhe batam ou o castiguem, fazendo-lhe abater a prôa. (C. B.)

**oura** — Molestia que ataca o trigo, primeiro amarelecendo-o e depois enegrecendo-o. (L. L.)

**ourar, ourar-se** — Dar o ouro necessario a uma rapariga para se enfeitar dèvidamente; colocar em si muitos enfeites de ouro.

**ouriço!** — Terçol. Quando se encontra alguem com esta afecção, pergunta-se-lhe: *A quem o pediste, que não to deu?* Parece uma frase de duplo sentido. «*Queimar o ouriço*». (L. L.)

**ouropeso** — Douradinha, erva de raizes purgativas, tambem chamada «perna de galinha» (C. B.)

**ousiar** — Incutir coragem, tirar uma pessoa o medo a outra, por exemplo, falando alto emquanto, por noite escura, esta tem de atravessar certo sitio solitario, a primeira fica-lhe *ousiando* a distancia.

**outonado** — *(fruto outonado)*. Fruto amadurecido fóra do tempo proprio.

«Tambem se ouve adoutonado». (C. B.)

## P

**pá** — No porco, depois de *desmanchado* (esquartejado) para a salgadeira, distinguem-se os dois presuntos e as duas *pás;* aqueles correspondem aos membros posteriores; estas aos anteriores. No homem tambem ha *pás.*

**pabeal** *(paveal)* — O conjunto de *paveias* de trigo ou centeio que os segadores vão deixando atrás de si. (C. B.)

**pabeias** *(paveias)* — Pequenos feixes de palha.

«Em Monçào, o mesmo que *panada*, isto é, o mólho de tojo formado de 4 rôços. Em Caminha (freg. de Venada) dizem *marrôco*». (L. L.)

**pada** — *(pão de pada, uma pada de pão)* — pão liso de trigo de certa forma. São pequenos pães contiguos e aderentes pelos seus lados, formando carreiras.

**pàdejar** — Agitar a massa de farinha dentro da gamela ou alguidar, até adquirir a fórma esferica, empregando para isso fortes sacudidelas. Veja *Impèlas.* (C. B.)

**padiola** — m. Pacóvio, parvo, simplorio, pedaço d'asno. (C. B.)

**padiolada** — Porção de estrume ou outra coisa qualquer que se transporta em uma padiola.

**pajanco** — Patola, pateta, bajoujo. (C. B.)

**pàjeira** — Pedra lateral dos lagares ou tanques.

**palanca** — Pau curto com que os moleiros atestam a farinha nos foles. Veja *Panca.* (L. L.)

**palanques** — Gramineas que se criam entre o trigo e que sobresaem acima dele, depois de criado, com grandes espigas, brancas depois de maduras e a modo de penachos. (C. B.)

**paleio** — Conversa futil e capciosa.

**palhada** — Ração para o gado cavalar constituida pela mistura de palha de trigo sêca e erva fresca.

**palhão** — Capacho de esparto, tabúa, etc.; especie de saco rigido da mesma natureza para se aquecerem os pés introduzindo-os ali.

**palheira** — Uma haste isolada de trigo, centeio, etc.

**palmeiro** — adj. Da dimensão de 1 palmo. *Truta palmeira.*

**paloucos** — Certo cozinhado em forma de torta, feito com farinha de milho e gorduras de porco e que se serve frito em rodelas.

**pampúlho** — Herva dos campos.

Haste ramificada alternadamente, e atinge $0^m,5$ pl. mi., não sendo roida pelo gado; folhas ora opostas, ora alternadas, sem peciolo, de nervação penada, espatulò-serreadas; familia das sinanteradas, 3.º grupo, radiadas; raizes fibrosas, florões e semi-florões. Não entra em medicina caseira. (L. L.)

**panada** — Pequeno montão de mato ou tojo; o tojo roçado e disposto em *panadas* no monte para secar. Depois é carregado no carro e conduzido á *pilha*.

**panal** — Nos moinhos e azenhas é uma tampa de corrediça que fica superiormente ás mós e tem um orificio ao centro, através do qual o grão cai.

**panasca** — s. m. Homem boçal, imbecil mas inofensivo.

**panca** — Pequeno páu com que os moleiros atestam a farinha nos foles. Veja *Palanca*.

**pancho** — Chichárro. Veja *Cherêlo*.

«Penso que seja termo importado pelos peixeiros ou negociantes de peixe que neste concelho são galegos». (C. B.)

«Peixe do rio Minho». (L. L.)

**panco** — O mesmo que *bouto* neste Glossário. Ouvido em Ponte de Lima. (C. B.)

**pando** — s. m. Fórma deprimida que toma por exemplo o campo agricultado no seu meio, em consequencia de se lavrar sempre em redor.

**panear** — *Panear uma pedra* ou cantaria e torná-la um plano recto em uma das suas faces para cunhal ou ombreira.

**panéla** — Estertor dos moribundos.

**panhão** — Porção de estrume que se póde conter numa gamela, numa enxada ou numa forcada.

**panjulada** — Grande quantidade de uma coisa. Ouve-se especialmente na frase *Panjulada de dinheiro*. (L. L.)

**pantel** — Ratoeira de varinhas encruzadas nas estremidades em forma de pirámide para caçar melros e outros pássaros. (L. L.)

**panxorca** — Certo peixe pequeno com barbatanas avermelhadas, vulgar no rio Vez, pelo menos.

«Também chamam *rêlhos*». (C. B.)

**papamêlos** — O mesmo que *carôchos* ou *cronhos* (Padroso). (C. B.)

**papôchos** — O mesmo que *papamêlos* (Aguiã) (C. B.)

**parança** — *Não ter parança,* não ter sossêgo, andar inquieto.

**paranho** — Fuligem de forno, sarranho.

**paranheira** — Pedra colocada exteriormente em ressalto sôbre a porta do forno, diz-se que para deter um pouco a chama, conservando mais o calor, por quebrar a labareda que sai pela bôca do forno. Por isso também lhe chamam *corta-fôgo.*

«Diz-se também parinheira». (L. L.)

**pardales** — É o plural de pardal em Monção. (L. L.)

**pardêjo** — Pardal

**pardêlho** — Pardal (L. L.)

**pardosco** — adj. Turvo, um pouco escuro, encoberto; v. g. *tempo pardosco.* Tem sentido enfático.

**parede** — É coisa diferente de *muro,* como já o era em latim. Propriamente o muro é encostado à terra, é de suporte; a parede é isolada. Uma casa tem paredes e não tem muros.

**parelhos** — adj. Iguais: *touros parelhos.* Como subst. são *parelhos* duas pedras iguais que numa construção ficam a fazer simetria uma com a outra, especialmente é um *parelho* a pedra que constitue a face interna do cunhal da padieira.

**parentanha** — Parentela.

**páreas** — Secundinas de mulher ou fêmea de animal. (L. L.)

**parmear** — Pôr ou colocar ao meio.

«Também se ouve *Permear*». (C. B.)

**parmelão** — Isto é: *Palmelão.* Chamam assim em Ermêlo ao vento do Sul. O termo é evidentemente importado pelos homens da freguesia, a maior parte dos quais emigra temporariamente para as vizinhanças de Lisboa. (C. B.)

**parranda** — Reunião de gente moça para dançar com musica e descantes. (L. L.)

**parrandada** — O ruido cansado nas parrandas. (L. L.)

**parvoa** — adj. É o feminino de *parvo.*

**pasmão** — Pateta, imbecil.

**passador** — Fieira de ouro de lançar ao pescoço.

**passadouro** — Na terra da Maia, onde recolhi êste termo, equivale ao *Portêlo* dêste Glossário.

**passaginha** — *F. tem uma passaginha;* isto é, possui alguma coisa com que viver, com que pode passar a vida. (C. B.)

**passante** — *Passante aminháum*, depois de amanhã.

**passarela** — O baço do porco. (L. L.)

**passúro** — Pássaro. Como há o deminutivo *passurinho*, supôs-se que devia derivar de um primitivo *passúro*. Ouve-se principalmente aos rapazes. (C. B.)

«Também se diz no femenino com o mesmo acento na 2.ª: passúra». (L. L.)

**pasta** — Pedra cortada quase como o esteio, mas mais larga, usada principalmente em vedações: *parede de pasta*.

**pasteira** — O mesmo que *pasta*. (L. L.)

**patelada** — Grande porção de comidas em um só prato. (L. L.)

**páteo** — Não é um recinto vedado junto à casa de habitação, nem vestíbulo, nem çaguão, mas simples e exclusivamente as escadas de pedra exteriores, que dão entrada para a casa. Com aquelas outras significações há as palavras *terreiro* e *quinteiro*. (C. B.)

**patrazola** — Pacovio, patola, pajanco. (C. B).

**peçoilo** — Doença de pele com borbulhas pelo corpo.

**pé dágua** — Aguaceiro. A linha de agua de uma nascente. (L. L.)

**pécora** — Denominação insultuosa para mulher.

**pé-de-rei** — Distancia que se conta colocando um pé ao comprido contiguamente ao outro atravessado em angulo recto; devia-se deixar fóra de um terreno que o proprietario vedasse com parede ou galeira. Maercofeito com duas pedras em angulo recto. (L. L.)

**pedidor** — Nos bandos precatórios com musica, os quais no Minho tem também o nome de *sturdias*, é o homem que sai do grupo com a salva na mão a pedir a esmola para a festa.

**pedrêz** — Fecho de correr nas portas e janelas. Também adj. v. g. *Cavalo pedrêz nem o vendas nem o dês.*

**pedreiro** — É todo o artífice que trabalha em pedras, quer seja canteiro quer desbastador ou construtor de paredes. O homem que concerta telhados é sempre um caiador.

**pèdrinhas** — Ovos de passaro pequeno.

**peganhar** — Discutir frivolidades com impertinencia, implicar.

**pegulho, pigulho** — Criança miudinha mas atilada. Lembra o italiano *Picolo*.

**peitogueira** — É arcaismo ainda muito usado. (C. B.)

**peixôto** — Veja *Pancho*.

**pejadouro** — Tanto é a tábua ou comporta de abrir a agua nos moinhos, azenhas e *ingenhos*, como a de a desviar ou cortar nas levãdas. A operação respectiva é *Pejar*. Conforme o sistema de fazer chegar a agua á roda motora, assim ela é diferente.

**pejar** — Fechar a agua da azenha.

**pejeira** — Companheira de lobos segundo a lenda. Mulher esfarrapada.

«Diz-se tambem *Pieira*». (F. R.)

**pelacho** — *Andar em pelacho:* andar nú. Tambem se ouve em *coiracho*.

**pelaço** — *Deixa vir meu irmão Março, que te ha de acabar com o pelaço.* (L. L.)

Trata-se plausivelmente do mês de Fevereiro.

**pelar** — Queimar, escaldar e as restantes significações que é facil relacionar com esta. *Pelei a mão. Tome cautela, num se péle!*

**peleira** — Castigo corporal energico, como se tirasse a péle. *Sempre lhe deu ũa peleira...*

**pelejar** — Passar o ferro aquecido de brunir por agua fria uma e mais vezes para que, com o muito calor, não vá estragar a fazenda a que se aplica, Ouvido em Braga a um guarda-soleiro. (C. B.)

**pelem** — subst. Pessoa fraca de saude, delicada. Diz-se particularmente das crianças e quasi sempre no diminutivo: *é mesmo um pelemzinho!*

**pêlo** — *O pêlo da terra:* o conjunto de gramineas miudas que nascem espontaneamente nos terrenos cultivados. *Pêlo da tábua:* a carepa ou aspereza da madeira serrada.

**pelote** — As tábuas de maior espessura que o *fôrro* e menor que o *tabuádo*. (L. L.) No concelho dos Arcos este termo não é conhecido senão com a significação de nú na frase: *estar em pelote.*

**penas** — São as tabuazinhas das rodas hidraulicas.

**peneira** — Catarro, estertor.

**pensar-se** — Reflectir.

**pente** — A saliencia das aduelas pela parte interna desde o javre á extremidade. (L. L.) Significação paralela é a que tem no concelho dos Arcos, onde *pente* é aquela pequena zona na extremidade de uma tabua serrada a meio em duas, zona que marca a parte a que a serra não precisou chegar para separar as duas partes.

**pentealço** — O mesmo que *Pente* na significação supradita.
**pequeira** — Impertinencia, pequice. (C. B.)
**pequem** — Incomodo leve, temporario. Pessoa que tem o costume de demorar outras com conversas enfadonhas. (L. L.)
**pequerricho** — adj. e subst. Pequeno, pequerrucho.
**perdoança** — Concessão feita aos rendeiros de terras quando conduzem a *pensão* a casa dos senhorios, perdoando-se-lhes parte da renda.
**perico** — Pera miuda, pera brava.

«*Rompa-perico:* jôgo de crianças». (L. L.)

**perneira** — Cada uma das duas partes de que se compõe um par de calças ou de ceroulas.
**perócha** — A corôa de uma arvore com toda a *galharia*. (L. L.)
**perpianho** — Parede de silhares estreitos de cantaria.
**pêrtegada** — Pancada com *pêrtego* de malho.
**pertigueira** — Peça de couro onde se prende o pêrtego (pêrtigo) do malho. (C. B.)
**perucha** — Bolazinha de lã ou algodão que por enfeite se coloca na extremidade superior da roca. (L. L.)
**perucho** — Disposição do cabêlo das mulheres, feita com uma trança e segura por ganchos.
**pesadêlo** — Peça do tear.
**pescunhos** — Peças do arado e do fulão.
**pesgar** — Estender pêz sobre uma superficie.
**pespirro** — O orificio, no bico da candeia, por onde se introduz a torcida e se puxa. O pé ou saliencia por onde se péga num têsto de barro. (C. B.)
**pesqueira** — Açude num rio, ainda que não tenha *boqueiros* de pesca.
**pestanas** — Peças falar.
**peste** — *Deitar peste num dito, numa conversa:* dar-lhe malicia, ironia segunda intenção.
**pesunhos** — Patas de cão. Mãos avantajadas de qualquer pessoa.

«Também umas unhas que os cães tem atrás e por cima das patas. Crê-se que os cães que as possuem são refractários à raiva. De *pesunho* formou-se *apesunhado*». (C. B.)

**petadéla** — O mesmo que *apetadela*.
**petar** — As mesmas significações de *apetar*.

«Juntar folhada das devesas». (L. L.) Êste é um dos casos em que parece dar-se um verdadeiro desvio de significação.

**petém** — Pisadura na fruta ou *pito*. Buracos ou depressões feitas nos penedos pelas cunhas de aço com que há anos se extraiam os esteios de pedra; quaisquer outros buracos análogos.

**petim** — Pequeno pão de trigo, estreito e comprido.

**peúga** — Meia sem pés que usam as mulheres da montanha.

**pial** — Poial em todos os sentidos; contraforte das pontes.

**pibête** (pivête) — Criança ou pessoa de pouco corpo, mas viva e esperta.

**pica-chão** — Enxada de pano estreito. (L. L.)

**picadeira** — Peça de engenho de serra.

**picador** — Gatuno de algibeiras.

**picanço** — O acto de roubar das algibeiras. *Fazer um picanço.* Lembra o inglês *pick-pochet.*

**picante** — O mesmo que *picador.*

**picar** — subtraír, roubar das algibeiras.

«O 1.º sacho no milho; o sacho nas cebolas», (C. B.)

Desflorar, no seguinte rifão «*A rapariga deixou quem a criou por quem a picou.* No jogo do *pique*, arremessar o botão à parede para ricochetar. Remexer a superfície da terra na plantação das batatas». (L. L.)

**pichão** — Pombinho *(ch* explosivo).

**pico** — Picão, utensilio de pedreiro (canteiro). Azedia do vinho.

**picóla** — Outra ferramenta de pedreiro; martelo duplo com muitos bicos. (L. L.)

**piçolas** — F. O mesmo que *paloucos* ou *farinhotos.*

**picotaço** — Picadéla, no jogo do pião, dada por um pião no outro. (L. L.)

**picotar** — Desfazer ou esboroar à enxada a *leiva* de terra que o arado virou mas ficou compacta.

**picôto** — Cerro ou cabêço.

«Utensílio agrícola de ferro, espécie de grande garfo de três dentes, o do meio em oposição aos dois laterais, emprega-se com os matos, estrumes etc. Termo de Miranda (freguesia) e Paredes de Coura». (M. P. e C. B.)

Na ribeira chama-se *Gancha.*

**pigarro** — No carro de bois, é um pequeno espeque de pau, que está fixo por baixo do temão, perto da sua estremidade, para que o carro em descanso não pouse no chão.

**pila, pilinha** — Voz apelativa para os galinaceos; a própria galinha ou franga.

«Em Caminha (Venade) dizem *Pibibi*». (L. L.)

**pilha** — Própriamente é o depósito de mato no campo, a estrumeira ageitada. Também se diz: *Pilha de lenha* a meda ou *moreia* feita com o varêdo sêco da póda das árvores e videiras.

**pilharca** — s. f. Castanha pêca no ouriço, só com casca e sem amendoa. Pessoa ou animal muito magro, que só tem péle. (C. B.)

**pilo** — Casaquinho curto.

**pilrête** — Pião feito de um bogalho pequeno com uma hastezinha de pau espetado.

**pim-pim** — Nome de jogo. *Pim-pim de Abedim — Quando o rei por aqui passou — Pela barca da Redonda — A quem tocar que se esconda*! Outros termos do mesmo jogo: *Engrunha, engrunha — Que lá vem a gardunha — Agacha, agacha — Que lá vem a gardacha.* (L. L.)

**pincho** — Empêna de uma casa.

**pinga** — Infiltração de água da chuva no telhado. *O caiador vai ao telhado tirar uma pinga.*

**pingadeira** — Peça ou vassoura do engenho do linho. Constipação. Vaso de loiça vidrada para onde pinga a carne emquanto se assa.

**pingão** — Maltrapilho.

**pingeira** e **pingeleira** — Mulher porca e desenjorcada, desprezivel.

**pingueira** — Gota de água que cai do beiral, considerada isoladamente.

**pingueiro** — Pingo da chuva. Como adj. significa bebado.

**pinguêlo** — Pauzinho (Vila de Conde).

**pinoia** — s. f. Mulher fácil e dépravada.

**pinotes** — *Um pinotes* é uma criança que salta constantemente ou uma pessoa doidivanas. (Calão familiar).

**pintalha** — F. Ramo verde que se coloca como sinal nos campos, quando se está semeando para não cair a semente duas vezes no mesmo sitio.

«Êstes ramos devem ser de trovisco por causa das feiticeiras». (L. L.)

**pinto** — adj. De côres diversas, pintalgado, sarapintado: *galinha pinta; saramela pinta.* Cfr. *Pedrapinta.* (C. B.)

**pióca** — Pequena pia; buraco ou cavidade circular nas pedras e nos penedos. Soajo. (C. B.)

É um diminutivo que corresponde bem ao francês *fossette.*

**piopardo** — Animalejo imaginário com que se enganam os caçadores bisonhos, perguntando-se-lhes se já o viram.
**pioneiro** — Um pé de piorno. (C. B.)
**piorra** — Pião pequeno.
**pipota** — Pipa pequena.
**pique** — Melindre, susceptibilidade. Só ouvi este vocabulo usado no plural: *F. é todo cheio de piques!*
**pisada** — O acto de pisar as uvas no lagar.
**pisco** — Denominação dada aos bois quando são mais ou menos amarelos. *Anda pisco!*

G. V. diz que é propriamente todo o boi barrosão. F. A. que são piscos os bois que tem uma côr pardacenta.
**pitarrada** — Grande quantidade de pintainhos. (C. B.)
**pito** — Podridão interior da fruta. Relacionar-se-ha com *petar?* Significa tambem o orgão sexual femenino.
**piugar** — Seguir. *Andar a piugar alguem.*
**plantaforma** — Espalhafato ou estardalhaço fingido ou para coisa nenhuma; aparencia ou aspecto atraente de um objecto, que no fundo pouco ou nenhum valor tem. *(Plataforma*, etimologia popular). (C. B.)
**pluma** — Agulha ou rama do pinheiro. Ouvi tambem este vocabulo a um velho no sentido de premio ou condecoração.
**pobarêdo** — Povoléu.
**poçada** — Uma *pôça* cheia de agua pelo aspecto da sua quantidade. Diz-se *pôça* e não *póça*, como em Lisboa. *Pôça* é um depósito de agua de rega, com as paredes de terra e portanto desprovida de pedras em volta ou *pàgeiras.*

«No concelho de Caminha (Venade) chamam *prêsa*». (L. L.)
**pocéco** — Poço pequeno.
**poucha** — Pequeno pão de trigo.
**podada** — Trabalho agricola de podar executado por um grupo de homens. (C. B.)
**podão** — Pessoa suja. (C. B.)
**podávinha** — Pequeno pássaro de arribação e que parece dizer: *Poda-a-vinha.* Vem no outono.
**podengo** — (Sopa de —) Pancadaria, tareia. O mesmo que em Lisboa *comida de urso.* (L. L.)
**podinha** — Pequena foice de cesteiro. *Podôa* não é usado; contudo *podinha* (o = u) parece estar por *podoinha.*
**pòdoiro** — Poëdoiro. (C. B.)

**podrico** — Muito fraco; que dificilmente se tem em pé; incapaz de grandes esforços. (C. B.)

**podriqueira** — subst. Incomodo pouco grave mas que demanda cuidados. Também existe como adj. fem. de *podriqueiro*, sinónimo de *podrico*. (C. B.)

**pôia** — *(Pão de —)* É o pão que os forneiros dão de interesse por cada duzia ou meia duzia que se lhes compra de pães de vintem... *olim!*

«Em Ponte de Lima pronunciam *põija (ponja)*». (C. B.)

**pôio** — Monticulo de dejectos da defecação. Também é termo de escárneo aplicado principalmente a crianças e rapazes, significando lorpa, *pasmão*, inútil. (C. B.)

**pôla** — *(Tirar de —)* Cavar uma porção de terra que na vespera ficou por acabar por falta de tempo; também começar a cavada antes de ir para outra (Padroso). A pôla chama-se em Coura *berrega*. (C. B.)

**pólas** — Rebentos de uma árvore junto ao terreno ou no tronco. cfr. *trépos*.

**poldrões** — A mesma significação que o vocábulo anterior. Nos dicionários vem *poldra* que se relaciona.

**politaina** — Erva medicinal que se encontra nos muros velhos. Raiz fusiforme, folhas alternas, lanceoladas de duas nervuras ou três, retonhante em caules que são de um vermelho escuro, cilíndricos e fragilíssimos. (L. L.)

**pomba** — Termo de marceneiro.

É a peça terminal dos cabides de madeira ou *lanceiros* de coluna, constituida por uma pequena tábua recortada e de contornos arredondados, na qual se suspendem os vestidos. A designação provem da semelhança com uma pomba a voar. *Pombas do sarilho*, são certas peças do engenho de serra e do tear.

**ponta** — Pontoada; é termo do jogo do pau: *fazer uma ponta*, isto é, dar uma pontoada.

**ponto** — É termo de carpinteiro; significa a inclinação de um telhado; *ter muito ou pouco ponto*.

**por-em-cheio** — Por completo. *O escrivão recebeu os emolumentos por em cheio*, isto é, totalmente.

**pórca** — Barrote vertical na azenha, através do qual, em um *rasgo* ou sulco apropriado, passa uma extremidade do *travésso* e serve para o guiar ou manter no seu lugar.

**porrão** — Vaso de barro vidrado, baixo, bojudo, de uma

ou duas asas. Serve para guardar o mel, o *pingo* (pingue), etc.

**portêlo** — Entrada de uma bouça ou campo ou passagem constituida por um ou dois degraus na espessura da parede de vedação, para se transpor sem necessidade de abrir cancela.

**portêlo-furtado** — Entrada constituida por três *pasteiras* ao alto, de modo que podendo passar uma pessoa, não passa um animal; também se diz *Portêlo de trespasse.* (L. L.)

Veja *Scaleira* e *Sgana-cão.*

**postícula** — Pedra pequena chata, discoide.

**postouro** — Lugar onde habitualmente se coloca ou guarda um objecto. V. g. *o postouro da chave.*

**pôtras** — São umas excrescencias ou bolsas cheias de pó negro, que se formam na haste do milho.

**poulo** — Terra humida, em geral mais baixa que a circundante e que dá pasto para o gado.

**poupa** — Borla com que se enfeita a extremidade das rocas. Veja *Perucha.* (L. L.)

**pousada** — Medida de feno, cinco mólhos pequenos. Vinte *pousadas* fazem um carro (Gavieira). Cada cinco mólhos de centeio atado, no campo (Portela). (C. B.)

**pousão** — O *pigarro* do carro de bois (Padroso). (C. B.)

Como adj. substantivado significa vagaroso, indolente, pousa-foles, aplicando-se a pessoas.

**pouseiro** — Pachorrento, o mesmo que *pousão.* (C. B.)

**pouso** — Sítio onde a gente se senta e descansa; sítio onde se póde colocar alguma coisa para se aliviar de algum carrêgo.

**précha** — Pequena tábua, fasquia.

**preguiça** — Corda ou guita, com um gancho em uma extremidade; serve nas construções para evitar que uma pedra ao ser guindada vá esbarrando na parede já construida.

**premedeira** — Qualquer peça fixa que exerça acção de carregar, apoiar. Peça de tear.

**prende-papeis** — Pesa-papeis.

**prender** — v. i. Coalhar, falando do leite. (C. B.)

Tenho ouvido aplicado a qualquer substancia em fusão.

**prêsa** — Mão cheia: *uma prêsa de sal.* Cfr. o francês *prise.* Tambem a força prensora dos musculos da mão; daí o dizer-se de alguem que *tem muita prêsa nas mãos.* (C. B.)

**presilhão** — Faixa de fazenda sobre a qual se pregam os botões, v. g. na carcela ou verguilha das calças. (L. L.)

**pringalho** — Trapo, andrajoso; pessoa esfarrapada, andrajosa.

**pro (pru)** — *Por o.* Ex.: Dar um presente *pro* Natal.

**probage** — O rebento da cêpa rente ou quase rente ao chão, que serve para *baixar* (mergulhar) e fazer novo pé. (L. L.)

**próis** — (Termo de calão). O anus. (L. L.)

**provar** — v. intransitivo. Produzir um certo resultado. *Este adubo provou bem.*

**pubereiros** — Outro nome que dão no Couto, lugar de Selim, aos *begieiros.* É uma alteração de *pegureiros.* A troca do *g* por *b* é fenomeno conhecido, como se vê em *godalho* por *bodalho.* (C. B.)

**pucho** — Cão, principalmente quando se chama. Tambem *Puchinho.*

**puéla** — Meretriz (Cabreiro).

**pulear** — v. tr. e intr. Pular: *as crianças, deixá-las pulear à vontade.* Fazer dar um pulo ou talvez dar tratos de polé: *pulear um sapo* é atirar com êle a uma grande altura, colocando-o na extremidade de uma fasquia pousada pelo meio e jogando uma paulada á outra extremidade. Tambem se diz em sentido figurado.

**pulgueira** — Certa planta das terras humidas (Padroso). (C. B.)

**pulha** — O freixo: *O cabo da minha enxada é de pulha.* (L. L.)

**pulhas** — Verrugas, *bentas, barreduras* (Gavieira). (C. B.)

**pulheiro** — Aglomeração de freixos. (L. L.)

**punhão** — Pancada com o punho, sôco.

**putar** — Este verbo aparece no rifão: *Não sirvas a quèm serviu — Não peças a quem pediu — A ladrão não furtes — E a puto não putes!* (L. L.)

**puxador** — Jogador de pau, caceteiro.

## Q

**quadra** — *(Cadra). Homens da quadra;* são os irmãos de uma confraria, os quais se revezam anualmente para transportar ao cemiterio os irmãos falecidos.

**quadramento** — A quadratura por exemplo do alicerce de uma casa. Lê-se *cadramento.*

**queijas** — Duas peças do tear, uma superior, outra inferior, nas quais se engata o pente para bater o fio de tapar

que entrelaça com o de urdir, ao tear. Noutros lugares dizem *queixas.*

**queijo** — Queixo. No singular é a forma que se ouve. (C. B.)

**queilha** — Peça do moinho e da azenha em forma de calha. Recebe a semente que cai da adelha e a conduz á mó.

**quer não!** — Loc. adv. por: não importa! muito embora!

**questão** — Cada uma das paredes laterais da casa em angulo recto com o outão. Estará em vez de *costão*, aumentativo de *costa? Os rocios desta casa são do lado da questão e não do lado do outão* (Soajo). (C. B.)

Na ribeira ouve-se sempre *custão* por *questão* no sentido de litigio, demanda, desavença, briga, disputa.

**queturno** — Coturno; perneira de lã feita á agulha, com que as mulheres do monte (da serra) protegem as pernas do frio. Parece que tambem chamam *peúga.* Nos arredores de Viana tambem se usa.

**quintar** — Aparece como fórma verbal no seguinte adágio do tempo, com referencia ao mês lunar: *Donde quinta, Daí trinta;* quer dizer é o quinto dia da lua que regula o tempo da chuva ou de sol até o fim do mês.

**quinteiro** — Páteo. Cfr. *Rev. Lus.*, VIII, 59.

## R

**rabeliar** — Sentir a impressão do passeio de um bicho ou insecto pelo corpo. *Bê o que me anda aqui a rabeliar!* (L. L.) Decerto por *rabear.*

**rabicocas** — Especie de formigas de rabo (sic) vermelho, que mordem; quando se encontra um ninho destes himenopteros todos se acautelam. (L. L.)

**rabicho** — adj. Sem rabo. *Cão rabicho:* cão ao qual amputaram a cauda.

**rabinja** — Vid. *Impinja.*

**rabiôto** — Graminea que cresce entre o centeio e cuja semente se parece muito com a deste, sendo porém menor. O povo da Varzea (Soajo), onde o termo é empregado, pensa que esta planta é uma degenerescencia do centeio. (C. B.)

**rabo de enguia** — *(Pico de rabo de enguia).* Pico aguçado em fórma de cunha; só serve para encunhar. (L. L.)

**rabunhar** — Arranhar com as unhas; esgaravatar ou roer como o rato ou o gato.

**rabusco** — Rabisco. *Vamos aos rabuscos?* (L. L.)

**racha** — *(Racha de bacalhau).* Lasca arrancada á *peça* (sic), isto é, á folha de bacalhau para se comer crua. Em geral come-se fóra das refeições para fazer lastro a um cópo de vinho. Lasca de pedra para encher os intersticios da alvenaria.

**rachar** — *Rachear*, introduzir as *rachas* nos intersticios de uma parede, em geral com argamassa.

**raçoeiro** — adj. Que come muito e frequentemente; que é de muito comer. *Ser muito ou pouco raçoeiro.*

**radafóes** — Pequena rêde, de fórma de saco, que se encaba na ponta de uma vara e serve para pescar peixe miudo para isca de peixe maior (Soajo). Provavelmente o mesmo que rêde-fóle, do N. D. (C. B.)

Tambem se ouve *redafól*, o primeiro *e* mudo.

**raigôto** — Raïzame vertical de arvore, espesso e forte ou de raizes enoveladas. A 1.ª silaba é ditongo.

«Tambem se ouve *reigoto*». (C. B.)

**rajos** — Rajas, estrias, laivos. (C. B.)

**ralhadeira** — Matraca movida pelo vento para enxotar os pássaros; *taramela* (Soajo). (C. B.)

O termo é de enfase popular.

**ramalheiro** — Ramo verde com folhas, Ás portas das *vendas* de vinho penduram-se *ramalheiros* de louro.

**ramasco** — Ramo pequeno das árvores (Soajo). (C. B.)

**ramisca** — Espécie de cebola brava, cujo bolbo é do tamanho de cabeças de alhos e de que se comem as folhas. Vive nos montes da Gavieira (Serra da Peneda ou Soajo). (C. R.)

**ramo** — *(Entregar o ramo).* Emprega-se esta expressão com referencia à penultima pessoa falecida em uma família; assim, quando morre alguém numa casa, pergunta-se: *Quem lhe entregou o ramo?* quer dizer: qual foi a pessoa que morreu antes dessa? (L. L.)

**rampa** — A relva da berma das estradas de macadam.

**rampeiro** — Homem empregado em refazer e conservar a *rampa* das estradas; cantoneiro.

**ranhêta** — Pessoa, ou melhor, criança que está sempre a rir, que tem sempre a *tacha* arreganhada. (C. B.)

**ranilha** — Nome que dão no concelho de Caminha à doença do *Agáno* e à sua causa. Brinquedo de rapazes constituido por uma cana rachada em 3 partes em uma das suas extremidades, com uma roda dentada, sôbre a qual, de dente em

dente, despede por movimento de rotação, uma dessas três partes, estando as outras fixas pelo eixo da roda. (L. L.)

**rão** — Seixo sôbre o qual trabalha a *agulha* do veio da mó e está embutido no *arrieiro*. É a pronúncia de *rã*. (L. L.)

**rapaconichos** — Nome que dão à *bombix processionária*. Vid. *Carriola*. O povo tem-nos por agoureiros (nas margens do Minho); ano abundante em *rapaconichos* é abundante em *sábles* (sáveis), (L. L.)

**rapadalho** — Lixo miudo que fica depois da limpeza das sementes.

« Resíduos que ficam aderentes às paredes de um vaso ou no fundo dêle, depois de tirado o principal e que é preciso rapar (ou raspar). O último filho que nasce de uma mãe chama o povo o *rapadalho da panela*. (C. B.)

**rapão** — O mesmo que *rasão*. (L. L.)

**rapar** — Atrelar uma junta de bois ao *recadem* de um carro de bois, para o aguentar em rampa ou descida perigosa e ingreme.

**rapazão** — rapagão.

**raposa** — Espécie de *medeiro* de trigo de forma retangular e não redondo (St.ª Cristina). (C. B.)

**raposos** — Filamentos vegetais com o aspecto de longas raizes, que se criam nas minhas escuras de água.

**rapozinho** — adj. Diz se do trigo, do linho, etc., que se desenvolve pouco, ficando pequeno e fraco. (C. B.)

**rasão** — Cilindro de madeira com que se passa sôbre a *rasa* cheia de semente para a *arrasar* ou igualar a superfície.

**rascar** — *(Rascar a asa)*. Namorar. (L. L.)

É o que vulgarmente se diz: *arrastar a asa*, como os galos.

**rasco** — Instrumento ou ferramenta curva, de aço, para fazer a concavidade das colheres de pau. (Soajo) (C. B.)

**rasgo** — Sulco, rebaixo aberto em pedra ou madeira,

**rasquejar** — Arranhar, raspar com as unhas ou produzir um ruído semelhante. (C. B.)

**rastos** — Os aros de ferro das rodas do carro de bois.

**rateiro** — adj. *(Cano rateiro)*. Cano baixo para esgotar terrenos lameirentos.

**rebentão** — Rebentos novos dos vegetais, principalmente os rentes ao solo.

**reberia** — Grande porção de rèbos. Tambem a pronuncia de *revelia*.

**rebimba** — Acto de rebimbar. *Agôra málhum á rebimba!* Diz-se dos malhadores do trigo no mais aceso da lide, quando os dois partidos empregam todo o seu esforço para fazer ecoar a eira ao longe.

**rebimb'ó malho** — Expressão ou frase de comando para que os malhadores deem certo geito ao malho de modo que o *pêrto* (pêrtego) dê no ar uma pancada rapida na *mangueira;* depois por analogia, diz-se quando se quer designar uma acção energicamente exercida. (L. L.)

**rebimbar** — Dar pancadas repetidas e vigorosas na eira que o eco reproduz a distancia. *Rebimba o malho na eira; rebimba o zabumba nas funções* com o competente rodopio do gaiteiro.

**rêbo** — Pequeno calhau.

**reboada** (revoada) — Grande barulho de pouca duração. *Os gaiteiros chegaram, deram uma reboada* (isto é, tocaram uma só vez ou numa unica volta á igreja) *e foram-se embora.* (C. B.) De *reboar?*

**rebolão** — *De-rebolão;* de roldão, rolando pelo chão fóra.

**rebolada** — Acto de atirar com pau ou pedra v. g. a uma arvore carregada de frutos para lhos deitar abaixo; lançar um varapau por uma superficie fóra em movimento rodopiante.

**rebolar** ou **arrebolar** — Arremessar violentamente sobre pessoa ou animal para o ferir, qualquer objecto.

**rebôlo** — *(Malhar ao rebôlo).* Vid. *Macico.* (C. B.)

**rebordar** — Bordejar, circuitando. *As cabras já rebordaram lá para baixo...* ouvi dizer de um rebanho, que abalára de um cabeço ou *têso* pela encosta abaixo.

**rebufo** — *(Um rebufo de vento).* Pé de vento, tufão.

**reça** — Veja *Ressa.*

**recadeira** — Repreensão, reprimenda.

**recadem** — *(Recavem).* Parte traseira ou posterior de qualquer coisa; do carro, do barco e até de um animal.

**rechinado** — adj. Muito sêco, quasi queimado, tostado.

**réco** — subst. Porco. É tambem voz com que se chamam.

**recindir** — Ser ou vir descendido ou descendente. *F. vem recindido dos da Costa.*

**récura** — Récua, grande quantidade de coisas.

**réda-cú** — *(Ir de réda-cú).* Ir recuando, mas voltado para a frente.

**redeira** — Pampanos pendurados das uveiras e carregados de uvas.

**redondo** — adv. Inteiramente, de um golpe ou de uma só vez. *Cortar redondo um páu:* cortá-lo de um só golpe. *F. caiu redondo no chão:* caiu desamparadamente no chão.

**refurtar** — Girar com um objecto, modificando-lhe a posição sem contudo o deslocar. *Refurta-se* por exemplo, um casco de vinho sobre os *malhais*, para o colocar com o batoque para baixo.

**refustar** — Reflectir o sol em qualquer superficie.

**regatão** — Negociante de gado bovino (termo depreciativo). (M. P.)

**reger** — v. i. *F. não rege bem das pernas, da cabeça:* não se segura bem nas pernas, não se move á vontade; não tem juizo são.

«*Não rejo c'o frio:* não posso mover-me, tenho os movimentos tolhidos». (C. B.)

**régino** — Ouvi este termo a um velho no sentido de: antigo senhor de terras com jurisdição.

**regueirada** — Rego cheio, com muita agua. (C. B.)

Tenho-o tambem ouvido empregar em Lisboa por exemplo, com referencia ás crianças de cólo.

**reimoso** — adj. Que esquenta ou irrita o sangue. *Comida reimosa*, rançosa ou salgada. (G. V.)

**reins** — subst. fem. A região lombar, dos rins: a *reins*.

«Deriva imediatamente do latim *renes* e é talvez mais português que rins; diz-se: dóem-me *a' reins*, portanto *reins* é plural. O *s* do artigo suprime-se como em dé'-réis, a'regras, etc.» (C. B.)

«É uma das regiões do corpo, onde se *cortam as bichas*. A receita é untar com leite, nas fontes, nas pás e na cruz *da reins*, esfregando depois até virem borbulhas; raspar em seguida nos mesmos sítios com uma navalha». (L. L.)

**reixa** — Aversão, rancôr. Veja *Inreixar*.

**réla** — Nome porque é mais conhecida a pedra sobre a qual trabalha o veio do *carrinho* nas azenhas e moinhos. É de pedra muito dura (quartzite). Tambem se chama *sóca*.

**reladeira** — Esmagador de uvas.

**relambório** — Grande e intencional elogio dirigido directamente á pessoa que se quer lisongear: *deu-lhe um grande relambório...*

**relampádo** — Cançado de trabalhar ou de fazer alguma coisa. (L. L.)

Em Lisboa é muito empregado *arrelampado* no sentido de surpreendido, estupefacto.

**relhas** — Travessas encaixadas na roda do carro de bois para prenderem as cambas ao meúl. (C. B.)

**rêlho** — O mesmo que *Panchorca.*

**relojo** — *(Relogio).* Dôr surda, mas persistente ou intermitente que subsiste no corpo depois de alguma doença em que se revelou: *Fiquei aqui com um relojo...*

**reloucar** — v. int. Ter amizade de enlouquecer: *Esta mãe relouca pelo filho.*

**remanceira** — Ribanceira (Souto). (C. B.)

**remandiosca** — Arriosca, lôgro, cilada. (C. B).

**remadoira** — Pedaço de madeira (carvalho) pregado ao remo e munido de um buraco para introduzir no tolête; usa-se no rio Minho. (L. L.)

**remessas** — O mesmo que *arremessas.*

**remeter** — Meter, introduzir um objecto, empurrando ou batendo contra uma força contrária. Termo ouvido a carpinteiros. A particula *re* tem aqui a sua significação natural. Vid. *sometes.*

**remichado** — Magro, encolhido, chupado. Usa-se sobretudo no diminutivo por ser mais expressivo: *Que cara tam remichadinha; batatas remichadinhas.* (L. L.)

**remostar** — v. int. Corresponde a um fenómeno da fermentação da uva no lagar, em virtude do qual o vinho adquire um mau gôsto especial; amúo da fermentação por essa causa. *Este vinho sabe a remostado.*

**rendar** — v. int. O segundo sacho que se dá ao milho.

*Sacha-me tarde e renda-me cedo;*
*Depois pagarei-te o que te devo.*
*A quem o sachar, não decrúa;*
*A rendá-lo, súa.* (L. L.)

**render** — v. int, Derramar-se, supurar; diz-se de uma vasilha mal vedada nalguma junta; de uma chaga ou ferida etc. *Este tonel rende pelo jevre* (javre), *pelo duzil... Os olhos rendem-lhe* (por inflamação).

**rendioso** — Que dá que fazer, que rende trabalho. Talvez por *render.*

**reparadeira** — Diz-se das pessoas que reparam muito no que as outras fazem ou dizem.

**repisa** — Saliencia ou ressalto do alicerce ou do ensoleiramento

de uma construção ao nível do terreno, relativamente às paredes que sobem e que também podem ter *repisas* a outras alturas, para diminuir a espessura das paredes.

**repisar** — v. int. Uma parede abrir fendas por se recalcar sôbre os alicerces.

**replisa** — Sarrafo ou tábua lançada oblíquamente a uma coluna ou poste de madeira para evitar a sua queda que arrastaria alguma construção.

**respalda** — Face e camada horisontal de uma parede em construção; lascas de pedra que se apropriam a fazer sucessivos nivelamentos ou *respaldas* nas paredes.

**respaldar** — (uma parede) Dar-lhe uma superfície plana na parte superior ou durante a construção ou ao cabo desta; pôr *respaldas.*

**respalde** — Acto de *respaldar.*

**respicio** — Criança esperta, viva, *arrebitada,* pegulho. (C. B.)

**réssa** — Luz do sol claro e quente. *Sempre hoje está uma réssa...*

**resta** — Restea: *uma restea de cebolas.* O mesmo que *Cambo.*

**restêva** — Erva que cresce como centeio e é cortada ou segada com êle e sacudida de cada manada que se vai juntando Depois de sêca, serve para o gado. Também queimam uma porção dela num local do campo, onde querem fazer a eira para a malha do centeio (Gavieira). (C. B.)

**restilho** — Grade ou pente de pau, com os dentes um pouco raros, por cujos intervalos vão passando os *cadilhos* da urdidura antes desta se enrolar no *orgão* das costas do tear. A *Portugalia* não fala neste instrumento do tear. A palavra liga-se evidentemente o *rastro, rastêlo, rastrilho,* que todos envolvem a ideia de um instrumento com dentes *(Rasticulu* — de *raster).* Tem a configuração de uma pequenina escada de banços, em que um dos lados se tira e torna a pôr. *Restilho* em vez de *rastilho* é usual. (C. B.)

**restolhada** — Ruido com objectos varios em movimento desordenado. Diz-se por exemplo do ruido que faz o javali na sua carreira veloz, quando é perseguido atravez do mato.

**restolhar** — Tirar os torrões ou canuchos da palha de centeio. (B. G.)

**restolheira** — A operação de lavrar e semear depois da séga do centeio ou trigo, na qual estes cereais foram semeados sem sulcos ou antes, *de cambalhão.*

**resulho** — A agulha ou rama de pinheiro. (F. B.) Vid. *Fasco.*

**resumir** — Resumar ou resumbrar. *A pipa resome* (s = z) ou *deixa resumir o vinho.* (C. B.)

**retelhar** — Cobrir novamente um telhado; concertá-lo.

**retempo** — *Ter tempo e retempo:* tempo dobrado.

**retesiar** — Discutir impertinente e frivolamente.

**retopar, retôpo** — *(A retopar, a retôpo).* Em abundancia, a toparem ou encontrarem-se umas coisas com outras ou *comnosco.*

**retrupar** — Tornar a *trupar* ou a marrar; repetir a acção de marrar, falando do gado lanigero. (C. B.)

«Tambem se ouve *retupar*». (L. L.)

**retuir-se** — Esconder-se. (C. B.)

**réua** — Ré, femenino de *reu* (Ponte de Lima). (C. B.)

**revirar** — Voltar, fazer voltar.

**rexoxó** — Descompostura, reprimenda.

**rezadeira** — Veja *Mateus.* (C. B.)

**rigôr** — Fita ou barra de guarnecer uma saia, um casaco.

**riço** — Encrespado, falando do cabêlo ou das pênas das aves. *F. tem o cabêlo riço. Galinha riça. Pita riça.* (C. B.)

**rijão** — *(Rojão).* Miudos fritos de carne de porco fresca. Tambem escorias, escumalhas da forja.

«A chalaça popular aproveita o termo para arreliar com a pergunta: *Vens ao rijão do banco?* aos retardatarios da matança do porco, referindo-se ao dejecto que o suino, no espasmo da morte, deixa sobre o banco (ou carro) em que é estendido á força e ferido». (L. L.)

**rilheira** — Sulco deixado pelo continuo passar da roda dos carros nos caminhos lageados ou na lama.

**rilheiro** — Disposição dada aos mólhos de trigo antes de os pôr no medeiro. Põe-se o trigo em *rilheiros* formando uma roda ou coroa de mólhos, uns sobre os outros, com as espigas para fóra e os pés para a o centro. Conserva-se assim a *compôr* ou secar, até que se põe em medeiro, o qual se faz no centro daquela circunferencia. (Santa Cristina) Cfr. *Relheiro* no Novo Dicionario. (C. B.)

**rioste** — subst. masc. Tesoura horisontal na construção de madeiramentos, de latadas, etc., com barrotes, ferro ou arame. Verga encorpada, grossa. De três sarrafos, que formam um triangulo rectangulo, aquele que corresponde á hipotenusa, é o que serve de *rioste* aos outros dois (os

catetos) quando sobre eles se exerce uma força que tende a uni-los; é termo de carpinteiro.

«Tambem se diz *arrioste* e *arristar*». (C. B.)

**ripada** — Bordoada; um dos muitos termos com que no Minho se designa uma cacetada. Propriamente é pancada com ripa de madeira ou fasquia. Tambem se diz em sentido figurado: repreensão, objurgatoria.

**ripe** — subst. fem. Ripa, fasquia de madeira.

**ripeiro** — Fasquia; vara de estuque serrado.

**ripóla** — Pequena tábua ou fasquia de madeira.

**riscadoiro** — O mesmo que *Sgraviçadoiro*. (L. L.)

**riscar** — Namorar. (L. L.)

**roçada** — Acto de roçar o mato no monte; o grupo de homens que executam esse trabalho.

**rocancinho** — Roca pequena dentro da maior; é mera decoração ou habilidade do fabricante.

**rocanço** — O papo da roca, que consta de dois *sisos* (rodelas) colocados dentro dos *banços*, que são as hastes ou varinhas de madeira em que se ramifica a haste ou *cabo* da roca. (L. L.)

**rôço** — Mato roçado ou em estado de ser roçado. O mato, depois de roçado junta-se em panadas, que ficam no monte algum tempo a secar; cada carro *de conta* leva 40 *panadas*.

«Em Monção chamam *pabeias* às panadas. Cada *pabeia* tem 4 roços». (L. L.)

**rocões** — Pequenas contas de oiro, estriadas, ôcas e alongadas que as mulheres trazem ao pescoço, enfiando-as num cordão. As contas lisas e esféricas são chamadas *contas*.

**ròdeiro** — Pequeno pano de rêde que se estende através do rio, num remanso da corrente. É para as trutas, que ficam presas pelos dentes. (L. L.)

**rodilhão** — Pano grosso de limpeza, das cozinhas, etc.

**rodilos** — São os discos das estremidades do *carrinho* na azenha; isto é, as bases desse cilindro. Nêles se fixam os *alfuzeis*.

**rôdos** — As partes dos tampos das vasilhas das adegas, partes que representam os sectores.

«Também se chamam *meias — luas*». (B. G.)

**rogar** — v. int. Oferecer à venda, apregoar. Rege a prep. *com*.

**rojar** — Fritar com gorduras que se derretam.

**rolda** — *rolda de água*. Porção de água de rega que toca a

cada *consorte* e que é distribuida por turno, à vez, rondando cada terra segundo a sua ordem.

**roldada** — O mesmo que *rolda*. (C. B.)

**romanisco** — Espécie de tecido de precedência vimaranense. Entra no ensalmo de cortar o sol.

**romana** — *(Crista romana)* A crista abatida de alguns galos. (L. L.)

**ropía** — Brio, vaidade, impostura.

**rosca** — Disposição do cabêlo das mulheres obtida por duas tranças que se prendem com ganchos.

**rosetas** — As cabeças dos pregos das rodas dos carros de bois.

**rôso** — adj. *(Monte rôso)*. O monte em que não há penedos, nem árvores ou vegetação alta. É no monte *rôso* que se atira melhor às perdizes. (C. B.)

**róta** — Vala, cova funda. *De róta batida:* a tôda a velocidade.

**rotear** — Cultivar em afolhamento, com sucessão de culturas na mesma terra.

**ruana** — adj. É a cabra malhada ou de côres diversas no pêlo (Cabreiro). (C. B.)

Provirá de *Rouen?*

**ruéla** — Matraca de enxotar os pássaros; taramèla (Sabadim). No plural são as roldanas dos moitões ou *cachos* do tear. (C. B.)

**rufo** — *(Rufo* dos telhados ou de telhas). Fileira dupla ou tripla de telhas que cobrem a saliencia de uma parede; fileira de telhas reforçadas com outras para receberem as pingas de um telhado superior.

«Certas prégas feitas numa peça do vestuário feminino». (L. L.)

**ruge-ruge** — Brinquedo formado de uma nóz atravessada por uma hastezinha de pau, que tem num estremo um volante de barro. Num orifício aberto numa direcção perpendicular àquela haste, passa um fio que se desenrola e enrola na haste, graças á inercia do volante.

**ruinzeiro** — Um tanto ruim. (C. B.)

**rusgata** — O mesmo que *Parranda*. (L. L.)

*(Continúa).*

F. ALVES PEREIRA.

# MEDICINA POPULAR

## (Segundo a tradição de Guimarães)

---

### CAPÍTULO I

### OS SANTOS CURANDEIROS

«Emquanto há saúde, quêdos estão os Santos».

*Sabedoria popular.*

Seja em colmada choça de lavrador cabaneiro, ou no palácio de qualquer afortunado, os Santos da côrte celeste — rezados e rogados com tôdas as veras de instintivo ou consciencioso religiosismo — perpassam e adejam em procissão beatífica, sempre que um *ar* ou *mal* lamba o corpo de alguma infeliz criatura de Deus. É que, nessas marés de aflição, o resplendor dos Santos curandeiros até parece mais estrelejante e luminoso, resplendor feito de milhares de rezas e cânticos que às almas simples dos pedintes lázaros elevam até êles, há centos de anos, humilissimamente, esperançosamente...

= Quem não conhece as primitivas, singelinhas imagens das estampas de Santos festejados, ora ao dependuro em dourados e rebicados caixilhos, nas paredes das cabeceiras dos leitos, ora entalados entre a fita e a copa dos chapelões à volta das soalheirentas romarias? =

= Quem não topa, a cada passo, pelos desertos e feios caminhos das aldeias, ao dobrar de qualquer cotovêlo, encastoados nas pedras dos muros, os *nichos das alminhas*, bentas e respeitadas — cheiinhas da labaredagem do inferno e dos castigos do Suprêmo — almas mordidas de pecado, gemendo e chorando no horror do azeite fervente e dos pingos de chumbo derretido? =

= Quem é que, nas encruzilhadas dos carreiros — é aí que o crime negro faz pousada e espreita — corvo faminto e tigre açulado — o desprecatado viageiro — nunca esbarrou com a pedra musgosa, agoirenta e centenária, dos solitários cruzeiros? =

= Quem não reparou ainda — nas capelinhas agrestes dos montes ou nos templos luxuosos das cidades — num altar mais florido e amimado, numa imagem de Santa ou Santo mais glorificada de jarras e festões e rendas que tôdas as outras? =

= Quem não se admirou ainda diante das tôscas, polícromas, torcidas pinturas dos quadros, pelos corredores das sacristias, em fila todos, exposição curiosa de milagres e graças do Senhor e dos Santos? =

= Quem há por aí com a sensibilidade não tocada por estas provas do amor do povo às cousas santas? =

Ai! a alma, a alma da humanidade, sempre roída do mêdo do sôbrenatural, dos engaranhos, das cousas da outra vida, temendo a adaga afiada e justiceira dos anjos vingadores, é, foi e será sempre a mesma alma!...

A ignorância duns, o fanatismo doutros, o misticismo daqueles, dêstes a fé pura, aí estão as fontes copiosas da superstição, das práticas extravagantes — benzeduras e ensalmos, talhar de tôda e qualquer sorte de males e olhados que picam a saúde da gente que é mesmo um louvar a Deus!

«*De médico e de louco, todos temos um pouco*»: e bem certeiro é o juízo dêste adágio velho! E o povo, então, vai catar na tradição, na lenda, nos calendários e nas folhinhas de ano, a sua sempre novíssima *arte de curar*, arreigada, intangível e inalterável no rolar pojeirento dos séculos. Acima de tudo e de todos os médicos do mundo, o povo tem infinita crença em Deus, que tudo governa e manda, sara ou mata, consoante sua vontade e segundo reza a lei. Lá diz o mesmo povo «*não há males a que Deus não acuda*». Êle sempre em primeiro lugar nos rogos dos amaleitados, dos pecadores lazarentos dêste podre planeta! A seguir a Deus, na escala das Divindades, aparecem Jesus, a Virgem Maria, o Espírito Santo, misericordiosos intercessores, pacientes curadores das chagas do corpo e das da alma. E entre Jesus e Maria, entre a Mãe e o Filho, não há destrinça de fama e santidade: — o povo tem Marias sem fim e Senhores sem conta! E, como se não chegassem ainda, quanta vez se inventa um nome mais, para aumentar o rol litúrgico, conforme a ocasião, o local ou a necessidade!

E vá que, a sério e de consciência o digo, tôda essa fé salva e alimenta o bom povo que, afinal, no rude trilhar desta vida nada mais tem que a sempre infinita misericórdia de

Deus e do Céu para o consolar das pedradas que os afortunados lhe atiram nos desencontrados caminhos do Mundo!

---

Nestas despretenciosas laudas limito sòmente a minha canseira a apontar as modalidades do seu sentimento religioso, no tocante à sua aplicação em cura de achaques; modalidades que umas vezes são razoáveis, dentro das normas do aceitável e do possível, outras são tontas e de tal forma irrisórias, que tocam a zona da estupefacção, quando não a da caricata bobice! Claramente que o estudo profundo dessas maneiras e sortes religiosas muito daria de proveito para a classificação última do temperamento popular, e, adei, da raça. Mas, para tal, me sobra o mêdo e mingúa a sabença! Para outros, não para mim, será o arriscado lance.

---

E vamos lá de visita aos Santos e Santas que o povo de Guimarães chama em seu auxílio quando a chegada sombria de doença, ou mau bocado lhe empana a vida. O povo desta terra, como de resto o de todo Portugal, tem os mesmos moldes de peditório ao céu, ou, quando não, variedades de menos preço, sempre que com outras terras se põe em cotejo; e o que se dá aqui, em Portugal, repete-se lá fora, em todos os países, seria ocioso prová-lo. É Sébillot [1] que diz: — «Il en est de même des divinités supérieures ou sécondaires, qui interviennent dans les légendes des civilisés et des primitifs. Plus un groupe est à un état de civilisation rudimentaire, plus les mythes de cette dernière cathégorie sont nombreux et variés. Il s'enrichit encore de nos jours, et existe toutefois en Europe un cycle considérable...» E, de facto, o que o povo cria e inventa é, por vezes, de *mitologia* — para lhe não chamar outra cousa! — admirável.

---

Êste velho burgo vimaranense, nascido do ímpeto religioso de devota fidalga, a Condessa Mumadona, — que fêz construir, em vida, um convento duplex de frades e freiras,

---

[1] «Folk-Lore: Littérature orale et ethnographie traditionelle».

— como que sustentou êsse hálito de fé através dos séculos, de tôda a forma e por todos os meios.

O convento, dedicado ao Salvador e à Virgem pela nobre dama, erecto em pleno século X, foi o autêntico embrião desta arcaica cidade. À sua volta aparecem os tugúrios como que por milagre — o santíssimo milagre do Trabalho e do Suor! Alargou-se o nascente burgo aos poucos; as famílias reproduziram-se; em seus muros veio acolher-se muita gente da estranja; o círculo começado alastrou, e a *vila* surgiu!

E em roda da auréola de Santa Maria os milagres principiaram a esvoaçar em nevado bando, mercê da grande fé dos devotos burgueses de Vimaranis. De léguas em tôrno, caminhos trilhados em radicadas esperanças, os romeiros demandavam essa divinissima Senhora — mais tarde *da Oliveira* — com milagrosa folhinha a esbordar de santidade.

Foi Guimarães «a terra portugueza predilecta da Virgem» — «com o nome de cidade e terra de Santa Maria dada ao seu território; com as terras e couto de S. João da Ponte, com os territórios de Creixomil, de Moreira, de Vizella, de Matamá, Cahide, Atães, S. Torquato e tantos outros dotados a Santa Maria de Guimarães; com a sua sagrada imagem a ennobrecer o brazão vimaranense e a velar em tres portas das antigas muralhas; com a dedicação da Insigne e Real Collegiada à sua Assumpção; com o juramento da sua Conceição Immaculada em Cabido; com a vetusta sujeição á sua protecção, confirmada em tempo del-rei D. João IV, etc., etc.... com a egreja matriz, doze paroquiais e cincoenta e quatro egrejas e capellas da sua invocação, etc., etc....» (1) fatalmente êste burgo teria de viver sob a pesada influencia de tanta fé e tanta devoção, tornando-se o povo, pela herança, pela própria índole religiosa da têrra, naquilo que devia ser: um povo devoto. Esta nota é bem sintomática: em Guimarães (concelho — estatística de 19 de Maio de 1877) havia 150 confrarias e irmandades, «mais que em todo o resto do districto» (2).

Longe de minha ideia apontar isto por menoscabo ou achincalhamento: antes pelo contrário! *Mas*... tem que se ser observador nestas cousas! Claro que, em tôda a parte, o

---

(1) O abade de Tagilde — «Guimarães e Santa Maria».
(2) Padre Ferreira Caldas — «Guimarães».

povo é, mais ou menos, assim atreito às Cousas Santas: porém êste de Guimarães julgo-o mais que nenhum; assim nasceu, assim tem vivido e, por ancestral desígnio, assim tem de morrer. Tôda a sua simpatia com a Igreja e seus Santos, desde a miraculosíssima fonte de S. Torquato à rôta sandália do Seráfico S. Gualter, entorna-se e vai até às suas práticas caseiras, aos seus ensalmos, às suas rezas clandestinas, às suas, por vezes, parvoïnhas curandeirices, ofendendo a própria religião! *Mas*... comprida vai a estirada dêste devanear sem geito.

---

Diz pitorescamente o Dr. Pedro Vitorino [1] «antes dos especialistas médicos, houve os especialistas Santos». Dêstes vou eu agora tratar, com o *licet* generoso dos primeiros, já que, por amor da arte, tenho de abandoná-los para cuidar sòmente dos Santos especialistas!

---

## CAUTELAS, REZAS, SANTOS ADVOGADOS [2]

### PARTOS; MÃES E FILHOS

— Quando uma mulher tem desejos de conceber, *apega-se* com Santa Marinha da Costa (Guimarães).

— Se a mulher quer ter um filho ou uma filha, à sua escolha, é só *encomendar-se* à Santa Margarida do Castelo (Guimarães).

— Para serem bem sucedidas, na sua *boa-hora*, as grávidas vão assistir às novenas na igrejinha extra-muros da Madre-de-Deus.

---

[1] «Pôrto-Académico», número especial organizado pelos alunos da Faculdade de Medicina, quando do 1.º centenário da Régia Escola de Cirurgia do Pôrto, 1925.

[2] Grande parte dêstes materiais colhi-os no valioso e abundante livro do estudioso etnógrafo vimaranense e meu grande amigo Alberto Braga «Tradições e uzanças populares» de Guimarães, a par dos que pessoalmente amealhei. Pela sua ajuda, além dessa, os meus agradecimentos.

— A respeito de Santa Margarida acima citada, refere o distinto etnógrafo Dr. Leite de Vasconcelos: as mulheres grávidas atiram 3 pedrinhas a uma fresta que existe na parede da sua igreja, sôbre a porta travessa, lado do sul; se alguma das pedrinhas acerta e passa pela fresta, o que vai nascer será rapaz; se não, será rapariga. (« Tradições de Portugal », p. 91).

— A Senhora da Guia (Guimarães) é também auxiliadora dos partos; na sua capela existe ainda, que a vi êste ano, uma curiosa cadeira obstétrica.

— É o Dr. Leite de Vasconcelos que aponta o seguinte, na sua obra já referida, ibidem: para as bandas de Briteiros, as grávidas pedem ao padre da freguesia que vá raspar um pedaço de pedra de Ançã, que existe num monte próximo; as mulheres guardam parte dêsse pó numa saquinha que dependuram ao seio, dando-lhe isso um feliz parto. A saca, depois, entregam-na a S. Simão.

— À saída das secundinas, a mulher rezará três vezes:

Valei-me, Santa Margarida,
que nem estou prenha, nem parida.

— À criança, no seu primeiro banho, fazendo-se-lhe uma cruz no corpo, diz-se:

*Auguinhas* a lavar,
o Senhor a abençoar;
*Auguinhas* a correr,
e o menino a crescer.

É bom deitar objectos de aço na água, talvez para o menino se tornar forte. Também, sendo rapaz, se lança a água do 1.º banho pela janela, para que, mais tarde, vá correr mundo o nascido; sendo rapariga, espeta-se um prego no soalho, atrás da porta, para que fique caseira. Ainda se diz, quando do 1.º banho:

Àgüinha do c. lavado,
livra êste menino do mau olhado!

E enche-se-lhe a bôca com a mesma água!

— Nos arredores de Guimarães há a Fonte Santa ou de S. Gualter, milagrosa para muita doença.

Na véspera de S. João, pela meia-noute, costuma-se banhar nela as crianças doentes, deixando lá as suas camisas.

— Em Santo Adrião de Vizela há uma velhíssima capela, a da Senhora da Tocha, de que falou já em erudito artigo o Dr. Pedro Vitorino, na «Revista de Guimarães». Essa Senhora é advogada das parturientes, e a ela vão importantes «clamores» de Fafe e Armil. Curioso notar aqui a fantasia dêste bom povo: à estátua velha da Senhora chamam Santa Capeluda! Quando estavam em véspera de parto, as Mouras clamavam para a Santa: «Santa Capeluda me valha! Santa Capeluda me valha!» Mas, mal ficavam livres daquele apêrto, punham-se a varrer a casa, gritando:

«Capeluda fóra! Capeluda fora!»

Uso que se chama «resposta de mau pagador» ou de «pobre mal agradecido!»

Diz o Dr. Pedro Vitorino «é advogada das parturientes. Sempre que uma mulher da localidade tem o seu bom sucesso, pela voz festiva do bronze, em repiques seguidos, todos nas imediações o ficam sabendo, costume curioso ao presente ainda inalterável» (1).

— Deve defumar-se a criança, sempre que algum malzinho a tolhe. E fazem assim: deitam brasas num têsto; sôbre elas põe-se alhos, palhas e alecrim (romeiro); a criança é então passada sôbre isso tudo, em cruz, dizendo a praticante, de cada vez:

Assim como Nossa Senhora
defumou seu amado Filho
para êle medrar,
assim eu defumo o meu menino
para êle sarar.

Passam a criança três vezes. Em Trás-os-Montes (Alijó), por exemplo, há uma fórmula idêntica:

Nossa Senhora pelo romeirinho passou,
nove folhinhas lhe tirou,

(1) «Revista de Guimarães», n.º 34.

seu Santíssimo Filho defumou
p'ra cheirar,
e eu, que estou doente,
me defumo p'ra sarar.

Isto di-lo a operadora, pondo adiante do «eu» o nome do defumado.

— Segundo os manuscritos do Abade de Tagilde, indicada por Albe o Braga [1], usa-se a seguinte prática: na freguesia de Briteiros há a sepultura do rei ou abade Wamba (segundo outros, de Santa Leocádia); apanham-se umas ervas do adro e benzem-se na imagem de Santa Leocádia, dizendo-se: «a bênção do Padre, do Filho e do Espírito Santo»; a seguir molham-se na água da pia que existe na igreja, como em tôdas, misturam-se com terra da sepultura referida, cozem-se e com a água dá-se banho a tôda e qualquer *criancinha doente*. E, pela bênção, oferece-se ao pároco um vintém.

— Variante do que refere o Dr. Leite de Vasconcelos, quanto a S. Simão e o pó da pedra de Ançã, cita nos seus manuscritos o Abade de Tagilde [2]: a imagem de S. Simão, que se venerava na capela do seu monte, arruínada já em 1802, conserva-se agora na igreja (Gondomar). Era advogado das mulheres que tinham falta de leite; para o adquirirem, faziam assim: prometiam-lhe qualquer coisa; mandavam em seguida buscar a «terra do Santo» que sai duma pedra guardada na Sacristia; guardavam-na em uma saca, que traziam ao pescoço; alcançando o favor do Santo, pagavam-lhe a promessa e deixavam-lhe a saca.

— Além de todos êstes, há ainda os seguintes Santos advogados:

S. Raimundo Nonato — andamento natural da gravidez.
Santos Mártires de Marrocos — garrotilho.
Santa Águeda — afecções dos seios.
Santa Ana — bom parto.
Santa Marta (Falperra) — males das mulheres. (Presentes de linho que, durante o parto, estiveram sob o travesseiro da parturiente).

---

(1) «Tradições e uzanças populares» de Guimarães.

(2) A. Braga — «Tradições e uzanças populares» de Guimarães.

Santa Clara (no seu convento de Guimarães) — tardança da fala em crianças. (Franguinhos brancos ou ovos — *ofertas brancas).*

Santo Abraão — chôro demasiado das crianças.

S. Francisco de Paula — esterilidade das mulheres.

S. Mamede — falta de leite.

## ERISIPELA

Há, para talhar a *zípela, zípola, erzípola,* etc., várias fórmulas. Entre elas, apontarei:

Pedro Paulo foi a Roma
Jesus Cristo encontrou
e lhe preguntou:
— Ó Pedro Paulo, que vai por lá? —
— Ó meu Senhor,
vai muita *zipela* e *zipelão.*
— Torna atrás e a talharás.
— Com que, Senhor? —
— Com sal, água do mar,
e erva do monte.
Em louvor da Virgem Maria
que tudo me ensinou,
que eu nada sabia.

Faz-se isto com sal, água do mar e erva do monte, como reza a fórmula santa. Deita-se tudo num prato com azeite e 3 perneirinhas de «sempre-verde». Êste ensalmo repete-se 3 vezes, rezando-se, por cada vez, uma Avé-Maria e no final uma Salvé-Raínha.

— Outra reza:

Sempre-verde bem aventurado,
nascido sem ser semeado;
de chuva orvalhado,
de vento abanado,
de sol aterroado:
talha-me êste ruborado
erisipela, erisipelão,
e todos os males que aqui estão.
Poder de Deus e da Virgem-Maria

S. Pedro e S. Paulo milagroso,
e S. Silvestre; tudo o que digo e faço
pelo malzinho te preste,
Nosso Senhor seja o verdadeiro Mestre.

Isto será dito em jejum durante 3 dias, passando à volta do rosto o sempre-verde molhado em azeite.

— Outra ainda:

Pedro-Paulo foi a Roma
muita *erizípela* encontrou;
Pedro-Paulo toma lá,
dá-lhe com sal do mar
e azeite virgem e três pingos
de água fria,
que dela ninguém morreria.
Pela Virgem Maria
que tudo me ensinou,
que eu nada sabia;
em louvor de S. Silvestre:
tudo o que eu faço
tudo lhe preste,
e Nosso Senhor seja o verdadeiro Mestre.

A operação executa-se com sempre-verde molhado de azeite, com água e com sal. Faz-se o sinal da cruz e cruzes à volta do rosto ou da cabeça, 3 dias a eito, em jejum, rezando o Padre Nosso, a Avé-Maria e a Salvé-Raínha, ficando a operada a lavar-se com sempre-verde (água do seu cosimento).

— E ainda outra:

Fole enfarinhado,
que fôste ao tremoinhado [por *tremonhado*],
talha-me êste fole
e êste ruborado.

A cabeça do doente é metida num fole de saco de farinha; faz-se o sinal da cruz; isto 3 vezes em 3 dias seguidos, rezando-se Padre-Nosso, Avé-Maria e Ralvé-Raínha.

— Mas, há mais:

Fole que já fôste encarnado,
agora és enfarinhado;

talha esta erisipela
e êste ruborado
do fogo e da cama
e do lar sagrado,
pelo poder de Deus
e da Virgem Maria,
que me ensinou isto
que eu nada sabia.
Em louvor de S. Silvestre
que o Senhor é o verdadeiro Mestre.

Opera-se como na prática anterior.
— E também:

Sempre-verde encarnado,
que em Belém nasceste
sem ser semeado,
tira do meu corpo
êste fole e êste ruborado,
da cama e do lar
e de todo o lugar.

A. Braga, nas suas «Tradições e uzanças» cita esta quadra popular que alude ao *ruborado:*

Olha para mim direito,
não olhes atravessado:
eu não sou o sempre-verde
que te talha o ruborado!

Que singeleza e profunda comparação nêstes 4 versos! Êste têrmo *ruborado* usa-se aqui, pelo que vejo, designando *erizipela* sómente. Já em Trás-os-Montes assim não acontece: *ruborado* significa coixo ou coixas, isto é, dermatose cujo etiologia, diz o povo, é a peçonha do bicho que passou pelo lugar da pele assinalado. E lá têm a fórmula, que colhi da bôca duma bôa velhinha transmontana:

Eu te talho
coixo, coixão,
de aranha ou aranhão,
de sapo ou sapão,
de cobra ou cobrão,

de bicho de qualquer nação.
eu te corto pela cabeça
pelo rabo e até pelo coração.
Em louvor de S. Ciprião (S. Cipriano)
p'ra trás andes tu,
p'ra diante não.
Em louvor de S. Silvestre
para que tudo por mézinha preste.

Que me perdôem todos o andar a meter-me por alheias províncias! Como advogado da erisipela S. Antão é prodigioso.

### MALES DE CABEÇA

— Há, em S. Martinho de Candoso (Guimarães), um penedo miraculoso para esta casta de achaques. Dizem que nêle se sentara Nossa Senhora, deixando lá impressa a forma do cotovêlo, quando apoiou à sua mão a cabeça, descansando. Tôda a pessoa que lá vá e tome essa pretendida ou advinhada posição da Senhora, ficará sã.

— De resto, nada mais de terapêutica, excepto:

Santa Apolónia — advogada da cabeça, dos dentes e garganta e S. João Baptista — para as dores de cabeça.

Como se vê, as cefaleias são os únicos males de cabeça que êste povo conhece e para os quais lá tem esta singela, e pelo menos não prejudicial, terapêutica fácil. Para as pedradas o advogado é Santo Estêvão; Santa Mónica «endireita o pensamento». Senhora Sant'Ana — dá juízo.

### VERMES INTESTINAIS

Para as «bichas», cá vai a receita usual, tão usual como as ditas:

*Talhar as bichas*

— A praticante dirá:

Santo Elói teve nove filhos; de nove ficaram oito; de oito, sete; de sete, seis; de seis, cinco; de cinco, quatro; de quatro, três; de três, dois; de dois, um; de um... nenhum» e terminará:

«bichas, delidas sejais».

— Ou então, como em Trás-os-Montes, esta reza:

«F. (nome do padecente) tem dez bichas; de dez ficaram nove; de nove, oito; (etc., como na anterior) rematando:

Em louvor de N. Senhora e S. Silvestre
tudo o que eu fizer tudo te preste.
N. Senhora e N. Senhor sejam o verdadeiro Mestre».

— Em Fafe, domínios da antiga e extensa Guimarães, usa-se esta também:

«S. Pedro Denis teve nove minhocas; de nove ficaram oito; de oito, sete; (etc., como atrás citei).

Tendo rezado isto e persignando-se com a mãe da criança, a praticante fará com a mão estendida uma cruz sôbre o doente, dizendo:

«Bichas, bichais,
dentro de uma hora,
delidas sejais!»

— Há mais esta, ainda em Guimarães:

Em jejum a praticante, que, com um carvão de pouco lume (não o mesmo sempre, mas renovado) faz cruz em roda da cabeça do bichoso ou bichosa:

Vim eu da serra da artilharia,
encontrei bicho que me comia e roía:
preguntei à Virgem Maria
o que lhe fazia:
— Talha-as três vezes num dia
que elas te sarariam.
Em louvor de N. Senhora e S. Silvestre,
tudo o que eu te fizer tudo te preste.
N. Senhora e N. Senhor sejam o verdadeiro Mestre.

## DOENÇAS DA PELE

### (Lepra)

Já antes da fundação de Portugal, nestes territórios vimaranenses, a lepra mordia as gentes de tal forma que, desde as disposições testamentárias de documentos dos séculos X, XI, XII, etc., indo ao XV, pouco mais ou menos (1), até às organizações de Gafarias nêste concelho (2), longo tempo ficou memória dela. Houve aqui várias leprozarias, como a de Santo André de Bouças, Santo André de Guimarães, Santa Luzia e a da Rua de Gatos. Algumas referências a «Lázaros» se encontram ainda em pleno século XVI. Nos livros do Arquivo da Câmara Municipal de Guimarães, em um que li, de 1531, se diz a nomeação de Lancerote Rodrigues para «provedor das gafarias dos lazaros desta villa!» (Livro 1.º das Vereações). Êste assunto foi já suficientemente estudado pelo falecido Professor da Faculdade de Medicina do Pôrto Dr. João de Meira no seu já citado opúsculo «Gafarias». Algumas notas inéditas teria a acrescentar-lhe, colhidas quando me preparava para escrever a «*História Médica de Guimarães — desde o princípio da monarquia até hoje*»; mas, a lei tolheu-me, com a morte das teses de doutoramento — que tal seria êsse trabalho — a factura da mesma, que está simplesmente em copiosa e curiosa recolha. Como êste assunto não cabe aqui, gostaria de dizer o que há sôbre lepra actualmente e qual a intervenção, na sua cura, dos santos populares. Infelizmente, é grande ainda o número de leprosos (3). Mas, a-pesar-disso, nada colhi a respeito do seu tratamento por intercessão divina. Nada pude obter acêrca de quaisquer fórmulas e rezas para chamar o poder dos Santos sôbre a lepra, de que são advogados Santa Genoveva e S. Lázaro. Nada mais! Advogados doutras dermatoses: prurido — S. Teotónio; sarna — S. Marino; tinha — S. Guifredo.

---

(1) «Vimaranis Monumenta Historica», coligidos pelo Abade de Tagilde.

(2) «Gafarias» — Assistência pública em Guimarães — Prof. João de Meira — «Gazeta dos Hospitais do Pôrto», n.º 21, 2.º ano.

(3) «O concelho de Guimarães» — Prof. João de Meira — Tese de doutoramento.

## PESTES

Guimarães, como quási tôdas as terras portuguesas, sofreu várias epidemias, pestes e andaços, às vezes tão mortíferos que dizimavam grande número de habitantes. Tal foi a de 1507-09, que com sua foicinha levou tanta gente que «dentro délla não ficou alma vivente», como terrìficamente narra o P.e Torquato de Azevedo nas suas «Memórias ressuscitadas!» É dessa época uma célebre procissão de ladaínhas, que durava 3 dias; o povo dansava e cantava a seguinte oração, uma das mais antigas e curiosas que se conhecem nêste género:

S. Miguel de Creixomil,
dai-nos favas e perrichil.
Castanhinhas temo-las nós.
S. Tiago que de Cristo apóstolo és,
Madalena roga por nós
e rogai a Deus por nós!

Outras pestes violentas nesta terra aninharam, fazendo maiores ou menores estragos, segundo resume o P.e Torquato e o Abade de Tagilde. Os santos intercessores, nessas más horas, eram S. Sebastião e S. Roque, que saíam em procissão; os clamores foram também devotas maneiras de pedir aos Santos o seu amparo. Na igreja do convento de Santa Marinha da Costa existe ainda, carcomida e desprezada, a imagem em madeira de S. Roque, o mesmo que veio em procissão «à vila» quando da peste de 1569, salvo êrro e insuspeitas informações. Lá a vi, no pó da ingratidão e dos tempos! Realmente, só «lembra Santa Bárbara quando troveja!» Também se fêz uma grande procissão, a do Espírito Santo, para aplacar uma peste grande e mortífera, em 1489; era a chamada procissão das «marafonas», e terminou sómente em 1866! Tôdas essas devoções se foram perdendo naturalmente com o avanço da sciência e o progresso da higiene requerida em tais circunstâncias. Claro que nêste capítulo «Pestes», talvez indevidamente, enquadro qualquer andaço ou epidemia, para não dividir em muitas secções êste trabalho, pois houve várias: cólera, peste bubónica, varíola, febre tifóide, sarampo, etc. Mas, repito, os Santos escolhidos são sempre S. Roque e S. Sebastião. Para a especialidade de cólera-mórbus e febre amarela é

S. Borromeu. E vem a pêlo dizer que contra a fome — «epidemia» velha e sempre nova, por desgraça — vem S. Cristóvão, porque, diz-se, êste Santo comia muito. Segundo corre, S. Sebastião foi morto numa guerra na Citânia, conta A. Braga nas suas «Tradições e uzanças» citadas; em Briteiros, na ocasião dos peditórios para o Santo, tôda a gente vai meter a estampa, com o Santo representado, na sua cama; isto livrará do mal de que é advogado S. Sebastião: peste, pestilências.

**BICHOCO (Diarreia infantil)**

A praticante estará em jejum natural. Depois de rezar P. Nosso, A. Maria e S. Raínha, dirá:

— F. (nome do doente) por fonte passei,
Jesus Cristo encontrei
e lhe preguntei:
— que faz ao bicho, bichoco?
— dá de resto, funcho, cinza
e sal de fonte pedral;
se êste bicho há
F. sarará.
Em louvor de S. Tiago
e S. Silvestre, tudo o que eu te faço.

Isto dito e feito durante 3 dias.
— Ou:

Por a fonte atravessei,
Jesus Cristo encontrei
e eu lhe preguntei:
— Senhor, eu que talho?
— Bicho, basalho,
talharei com sal do mar,
e óleo de oliva,
para o que não comerá, nem beberá,
nem cabeça nem rabo terá.

Os preparativos desta reza como na primeira. Colhem-se 3 ou 5 perneirinhas de funcho (o número deve ser ímpar) e deitam-se num prato com azeite e água, fazendo cruzes sôbre tudo enquanto se diz a reza.

## DORES DE DENTES

Advogada: Santa Apolónia, assim como da cabeça e garganta. Há esta reza:

Benza-me Deus e a lua nova
e mais os seus quartos crescentes,
pedi a Santa Apolónia
me livre das dores de dentes.

— Ou ainda:

Benza-me Deus, lua-nova,
quando lá chegarem os sapos e serpentes
bonda então quê me doiam os dentes.

## FARFALHO

Em Trás-os-Montes chama-se «liria». Faz-se o seguinte: Leva-se a criança a uma fonte que nunca seque, mas ao nascer do sol; molha-se na água um lenço de 3 pontas (uma ponta sómente); com ela esfrega-se a língua da criança e diz-se:

És tu a fonte nascida do monte;
quando Nossa Senhora *assubiu* à serra
e quando se assentou, logo nasceu
uma fonte com água dôce e água bela.
Tira o farfalho da bôca e da barbela
a esta criança que não pode mamar,
para se criar.
És tu a fonte que nunca secas,
és tu a fonte nascida do monte.

## MAU OLHADO

O povo assina de «mau olhado» qualquer achaque esquisito que alguém sofre, achaque inesperado ou sem cura, principalmente respeitantes a doenças do sistema nervoso: epilepsia, histerismo, demência e suas formas, coreia. etc. A maneira prática de curar o mal é talbar o «mau olhado que alguém deitou à criatura, por vingança ou inveja» ou «má olhadura». Uma das práticas:

Molha-se o dedo polegar em azeite de lamparina; e diz-se, enquanto se fazem cruzes na testa do «infeliz».

De dous (os olhos) to deu,
três to tiraram
que são o Padre, o Filho e o Espírito Santo.

Rezado isto, defuma-se a habilidosa praticante com alecrim verde. Já atrás referimos (banho do recemnascido) como se faz e diz para o livrar do mau olhado. É vulgar exclamar-se vendo alguém «emplamado», a «cair da bôca aos cães»: «parece que lhe deitaram mau olhado!»

Mas há esta ainda, se bem que para «cortar a inveja»:

Jesus Cristo nasceu,
Jesus Cristo morreu,
Jesus Cristo ressuscitou,
e assim como é verdade,
o Senhor me tire
esta dor, êste mau olhado,
de vivo, de morto,
ou de excomungado,
pelo poder de Deus
e do Senhor S. Tiago.

Diz-se isto 3 vezes, fazendo cruzes (desde a cabeça ao ventre e de ombro, a ombro; por fim, reza-se Salvé Raínha.

## DORMÊNCIAS

Às insensibilidades dos membros, passageiras, por compressão, imobilidade, etc., chama o povo dormências *(pé dormente. mão dormente...)*, ou morte *(pé morto, mão morta)*, e à sensação de picadas chamam *formigueiros*. Quando isso acontece (para o pé) recita-se, fazendo cruz com saliva nessa parte do membro:

Desadormece pé,
que aí vem S. Tomé
com um feixe de tojos
p'ra te queimar os olhos.

— Ou mais simplesmente:

S. Tomé
desadormece o meu pé.

Em Trás-os-Montes diz-se:

Desadormece meu pé
com esta cruz
— de cuspe é —
em louvor de S. Tomé.

## SUORES

— Para a transpiração demasiada das mãos é bom, entrando-se a primeira vez numa igreja, lavá-las na pia de água-benta, e esfregá-las depois no chão ou na parede.

— Para o mesmo, limpar o vapor de água que embacia a parte externa da vidraça do túmulo de S. Torcato, com as mãos. (Julga o povo que é a respiração do Santinho).

## DOENÇAS DOS OLHOS

— Em Santa Leocádia, há a fonte de N. Senhora da Luz com cuja água se curam os males dos olhos, lavando-os.

— Como advogados, há:

Santa Luzia — com festa em Guimarães, na sua capelinha, chamada a festa das «passarinhas» (nessa romaria se vendem sardões, *pássaros*, corações, etc., feitos de massa de pão cobertos de açúcar, enfeitados de papel de côr, pedacinhos de papel lustroso, etc.). Oferecem-lhe ovos e olhos de prata, de ouro, etc.

S. Longuinhos — para a cegueira.

## DOENÇAS DO SISTEMA NERVOSO

— Não é bom dormir na noite de S. João, pois pode-se ficar a dormir todo o ano.

— Contra o pesadelo:

S. Bartolomeu me disse
que me deitasse e dormisse
sem medo da onda
nem do homem da má sombra,

nem do velhaco pesadelo
que tem a mão virada
e a unha revirada [1].

— Como advogados, temos:
Santos Reis Magos — contra as vertígens.
Santo Ildefonso — apoplexia.
Santa Brígida — estupidez *(rudeza de aprender)*.
S. Romão — brecas e raiva.
S. Nazário — histerismo.
S. Servilo — hemiplegias.

RAIVA

— Contra todos os animais danados há esta reza:

Homem encomendado à luz
e à Santa Bela Cruz
e à Santíssima Trindade
e ao Rei da Virgindade
e ao glorioso S. Romão,
que tem o corpo em Roma
e a cabeça em Portugal:
que me livre de cão danado,
por achar, homem morto,
mau encontro; homem vivo
corre perigo; S. Romão
seja comigo.

— Na Colegiada (Tesouro) existe o célebre crâneo santo ou «cabeça santa», miraculoso desde séculos para quem o tocar. Conserva-se encastoado em prata. Foi também remédio para D. João I, que tinha em grande veneração esta Colegiada.

— Contra os animais peçonhentos há o milagroso S. Bento, e ainda contra a raiva o também muito milagroso S. Romão e Santa Quitéria e Irmãs.

---

[1] Martins Sarmento (Folk-lore, «Revista de Guimarães», XXII) e Dr. J. A. Pires de Lima, «A Teratologia nas tradições populares», 1921.

## FEITIÇARIAS, BRUXEDOS, ARES RUINS

Não estudarei aqui pròpriamente as bruxas, mulheres de virtude, corpos-abertos, nem feiticeiros, pois isso fará parte dum capítulo especial que heide publicar. Simplesmente aqui deixo menção de rezas, práticas ou ensalmos, que, introduzindo Santos, sirvam para cura, diagnóstico, prognóstico, etc.

— Segundo a crença, foi S. Cipriano o primeiro bruxo. Cá diz a reza:

Meu S. Cipriano,
meu S. Ciprianinho,
meu feiticeiro,
meu feiticeirinho,
no mar andastes,
etc., etc.

— Como é vulgaríssima, refiro a prática do «talhar o ar», como a ouvi e como a descreve A. Braga no seu livro já várias vezes citado. *(Ter o ar*, é semelhante a ter o *mau olhado;* o *ar* é originado por causa desconhecida, emfim... pelo ar! O *mau olhado*... pelos olhos de outrem!):

Faz-se o sinal da cruz e diz-se: «Fulano, se tens ar, eu to vou talhar: ar da noite, ar do dia, ar do pino do meio-dia, ar do pino da meia-noute, ar da manhã, ar da trindade, ar das estrêlas, ar das portas, ar dos travêssos e janelas; ar das encruzilhadas, ar da feitiçaria, de bruxaria, ar de encanhos e engaranhos, ar de esterpasso, de mal de inveja, ar corrupto moribundo, ar atrevido, ar remido e de espírito requerido; ar de morto, ar de vivo, ar de vivo excomungado, ar de morto excomungado, e de todos os males e ares e males que te empeceram e pelas unhas dos pés te foram botados, para o mar sem fundo sejam degredados».

Isto repete-se 6 vezes! E depois, só uma vez:

«Fulano, se tens ar, eu to vou talhar, em louvor do Apóstolo S. Pedro e S. Tiago, que esta criatura de Deus fique sã e salva como na hora em que foi nado».

E continua:

«Fulano, se tens ar, eu to vou talhar, em louvor da Senhora das Neves e de S. Francisco, que me ajude a cortar tudo isto».

E a seguir ainda:

«Fulano, assim como eu te passo com estas contas de Jerusalém, assim de ti sáiam todos os males e ares e males, de hoje para todo o sempre. Amen».

São, pois, 9 *responsos* (as 6 primeiras repetições e estas 3 últimas fórmulas). No fim de cada responso, reza-se um P. N., uma A. M. e uma S. R. por tôdas as almas do Purgatório, para aliviá-las. E no fim, sinal da cruz.

— Há também esta oração para correr com os males:

Eu virado para o Nascente,
Jesus Cristo para o Poente,
que se vá êste mal
de mim fóra, de repente.
Jesus, com o Santíssimo Nome de Jesus
e as três Pessoas da Santíssima Trindade
que têm poder e podem;
donde êste mal veio
para lá torne.

Antes disto, ferve-se alecrim, molham-se as mãos na água, e corre-se o próprio corpo dos pés à cabeça; a reza é dita virando-se para o Nascente o praticante; finda ela, 3 noites seguidas, lá se vão os males! A água em que se ferve o alecrim chama-se *dizimada*, por isto: enchem-se 9 púcaros na fonte, que se despejam, sendo só aproveitada a do décimo.

— Não é bom estar à janela à hora das Trindades, que pode passar um ar ruim.

— Advogados destas «patologias»:

Senhora das Neves — contra o demónio e coisas ruins.
Senhora do Amparo — idem.
Santas Relíquias — idem.
Santo Anastácio — endemoninhados.
S. Cipriano — idem.

## MALES DO PEITO

### (Tuberculose, resfriamentos, etc.)

— Na frèguesia da Matamá (monte de Santo Antoninho) há um penedo, chamado «pedra do santinho», junto a uma capela. Êste penedo é furado oblíquamente, voltados os orifícios um para a terra, o outro para o céu. É especial esta pedra para o *cansamento do peito*. O doente fará assim: depois de

bafejar nêsse canal, tapam-se os orifícios; assim *prêso o hálito* do doente, foge o mal. Mas a pedra só se torna milagrosa uma vez por ano, quando começa o dia da festa do Santo, ao bater da meia-noite de 1 de Setembro [1].

— Advogados de *queixas* de peito:

Santa Marta — hemoptises; e S. Domingos de Gusmão — resfriamentos do peito.

## PREVISÃO DE DOENÇAS

— Quem passar por 3 covas de água, no dia de S. João, e se não vir reflectido em alguma delas, morrerá em pouco, podendo só durar, em último caso, até ao S. João do ano vindouro.

— Ao passar de entêrro ou *Senhor-fóra* não se deve estar deitado, senão morre-se cêdo.

— E como estas, muitas mais, mas que não se relacionam com santos ou coisas Sagradas.

## VÁRIA

Foi sempre fonte de milagres Nossa Senhora da Oliveira, como já referi, e as inúmeras doenças em que ela aplicava sua benta panacéia: cegueira, mudez, paralisias, aleijões; curava os endemoninhados, os leprosos, os tristes e os loucos; e por aí fóra, nunca acabar de milagre e bondade; é ver o seu Tesouro, riquíssimo e opulento, onde brilham joias inestimáveis, desde o célebre altar de prata, oferecido por D. João I, à cruz processional gótica e aos veludos dos seus paramentos, capas e casulas! Nesse Tesouro existem a «cabeça santa» já citada e o calcâneo do milagroso S. Torcato, encastoado em prata e resguardado em boceta de alto pé, arrancado por um devoto cónego ao corpo do Mártir, em tempos que já lá vão. A água da fonte — hoje extinta — da Senhora da Oliveira abrandava o génio a quem a tomasse, e dava-lhe o gôsto da terra vimaranense, se a pessoa era de fóra dela; daí ser vulgar dizer-se ainda hoje, de quem vem a esta terra e cá fica: «Aquele já bebeu da água da Oliveira!» Os mantos de virtude de Nossa Senhora chegaram a ir a Lisboa para curar D. Afonso V, mas só voltou... um, de dois que foram!

---

(1) Martins Sarmento — «Revista de Guimarães», vol. V.

— Quanto a S. Torcato, de que todos conhecem a popularíssima romaria, uma das maiores e mais típicas do país, a água da sua fonte tem virtudes para muitos males, chegando os romeiros a mergulhar nela o mazelado corpo. A esta romaria cai o *poder do mundo*, daqui e de fora; outra romaria muito da paixão dêste povo, a de S. Bento; outra a da Senhora do Alívio; outra a de Santa Marta; e muitas mais, a que o povo vai, quando não a buscar remédio para seus males ou a cumprir promessas, ao menos por diversão e folgança, que é uma só vez no ano, — pois então!

— Outros santos muito pretendidos: S. Tiago da Costa e a Senhora da Lapinha, já com nome corrido pelo cancioneiro popular, concernente à sua ajuda em doenças; e la está uma falando de *promessa:*

Ó Senhora da Lapinha,
de ao redor de vós andei:
tantos anjos me acompanhem,
como de voltas eu dei.

E esta outra, referindo a cura:

Ó Senhora da Lapinha,
aqui tens o meu serão,
já que por milagre saraste
o meu ditoso irmão.

— Outros santos, que tiveram ou têm procissões, andam na devoção popular: S. Jorge, S. Luís Gonzaga, S. Sebastião, etc., e agora Santa Teresinha do Menino Jesus, com lindo altar ao cuidado de senhoras da terra, muito milagrosa e pretendida. Sem fim o contar destas coisas!

— Segundo o Abade de Tagilde, Nossa Senhora foi muito acolhida e venerada nestes territórios; e entre as várias *senhoras* com capelas e altares e igrejas, a mais usual é a Senhora do Rosário (1); mas tôdas elas milagrosas e amigas de sarar quem devotamente com elas *se pegue.*

— Santo António foi igualmente grande santo em Guimarães. Apontam-se-lhe a rôdos os milagres (2) e no seu

(1) «Guimarães e Santa Maria» — Abade de Tagilde.
(2) «Guimarães e Santo António» — Abade de Tagilde.

convento floresceram também frades — santos varões — alguns com copiosa fôlha taumatúrgica.

— S. Guálter — o 1.º prégador, nestas terras, das suaves doutrinas do grande santo e humilde frade S. Francisco de Assis — deixou abundosa fama de milagroso; a sua fonte, que curava as *maleitas*, as febres, os aleijões, eu sei lá, àinda hoje se procura em véspera de S. João, para a sua virtude curar certos achaques. É aqui o advogado das *maleitas*.

— Parece também milagroso o Senhor de Ínfias. Lá diz a trova:

Ó Senhor de Ínfias
ouvi êste serão,
por vós sarardes
êste nosso irmão.

— Para evitar doenças e achaques, reze-se ao sair de casa, a seguinte oração:

Santo António:
meu corpo que não seja ferido
nem morto, nem minhas
passadas erradas, nem minhas filhas
desestimadas.
Em louvor de S. Gabriel
que faça tudo o que Nosso Senhor lhe pede.

— Houve nesta cidade, e nos seus Paços junto ao Castelo, uma Duquesa Santa — D. Constança de Noronha, mulher do Duque D. Afonso — cuja estátua jacente foi posta em S. Francisco, no altar-mór, rente ao lajedo. Hoje lá está atrás da tribuna da mesma parte da igreja, entre restos de castiçais velhos, teias de aranha e côtos de cera velha! E, artísticamente, é obra de regular valor. A erva que nascia no seu terreno, santa e boa para enfermidades — chamava-se *erva da Duquesa Santa*. — A terra da sua sepultura, trazida em saquinhos ao pescoço, curava ou preservava de *maleitas*, de febres, de fastio. No convento de S. Francisco havia um globo de cristal que ela deixara, e que, levado à presença dos doentes, os curava. Era a chamada *pedra do fastio*.

Além de todos êstes Santos e Santas curandeiros, devem registar-se mais êstes advogados:

S. Lourenço Justiniano — *alporcas do pescoço*.

S. Gonçalo de Amarante — dôres nas pernas (além do seu valor para casar as velhas!)

Senhora de Belem (no convento das Domínicas) — para boas convalescenças.

S. Bento — *ruins* e *dadas* nos peitos.

S. Lesmer — rins.

S. Quintino — zumbidos.

Santo Ovídio — ouvidos.

S. Vicente — varíola.

Santo Inácio — coração.

Santa Tecla — queimaduras.

Santo Apolinário — hérnias inguinais.

S. Libório — cálculos vesicais e uretrites.

Santa Clara — *esquinências*, gaguez e asma.

S. João de Deus — paciência nas moléstias.

S. Brás — garganta (Taipas).

S. Crau — garganta (Tàgilde) — (S. Cláudio).

Santo Amaro — ossos.

S. Lourenço — *cambras* de sangue.

Santo Adrião — orquites e hérnias inguinais (?)

S. Gregório (Papa) — estômago.

S. Bento das Peras — *cravos*, tumores e antrazes (leva-se-lhe em paga sal e ovos; ou cravos, se foram *cravos* o que êle curou.

S. Silvestre — para muitos males, chamado «Mestre» nas orações.

---

Eis-me chegado ao fim desta jornada, tendo deixado assim em nota, o mais completa possível, a intercessão dos Santos na medicina popular. Muita oração, cautela supersticiosa, fórmula e prática existem na farmacologia e patologia populares de tôdas as enfermidades; mas só sublinhei nêste capítulo as que dizem respeito a Santos, a Cristo, à Virgem e ao Espírito Santo, como se viu. As restantes serão para nova fornada, se meu engenho me acudir solícito, e o tempo fizer o favor de dispor-se ao meu desejo.

Pôrto.

LUÍS DE PINA.

# TEXTOS ANTIGOS PORTUGUESES

(Continuado da *Revista Lusitana*, vol. XXII, pág. 138)

---

Tendo o snr. dr. Jorge de Faria, de Vila do Conde, adquirido a posse de dois manuscritos — o de que me vou ocupar e outro que nesta mesma Revista publica o snr. Pedro de Azevedo — no propósito, muito de louvar, que o seu conteúdo se tornasse público e fôsse assim conhecido dos que pelo assunto se interessam, cedeu-os à Biblioteca Nacional de Lisboa por empréstimo, que estou certo a generosidade do seu proprietário converterá em doação, valorizando por um lado ainda mais aquele estabelecimento, contribuindo por outro para que êsses códices se não percam ou deteriorem por completo, se com o tempo vierem a cair em poder de alguém que os não aprecie como merecem. Qual a sua proveniência ignoro, é todavia de presumir que tenham pertencido a algum dos numerosos conventos existentes em Portugal, e que, ao serem extintas as Ordens Religiosas em 1853, hajam ido parar às mãos de algum ou mais particulares, donde finalmente passariam às do seu actual possuidor. O estado em que hoje se encontra um dêles, o mais volumoso e ao qual agora me refiro em especial, é indício claro de que terá andado aos vaivens da sorte, pois lhe faltam as primeiras e últimas fôlhas e os cadernos de que se compõe estão quási todos soltos.

Daquelas, de bom pergaminho, restam ainda 161, medindo cada uma $0,^{m}033 \times 0,^{m}025$ de superfície, da qual $0,^{m}223 \times 0,^{m}017$ pertencem à escrita, distribuida por duas colunas, separadas por pequeno espaço em branco, e contendo cada uma 36 linhas. A diferença entre aquelas duas dimensões é preenchida pelas margens, que ocupam $0,^{m}007$ a inferior, $0,^{m}025$ a superior, $0,^{m}002$ a lateral esquerda e $0,^{m}003$ a lateral direita. A letra é gótica e bastante legível, de côr preta a do contexto, azul e vermelha a inicial e tôda a dos títulos dos capítulos, sendo aquela floreada.

Compreende êle duas obras distintas, uma em três livros, que conteem as «Vidas dos Padres Sanctos que uiueron na cidade de Merida e nas terras que darredor eran que son na prouincia de Lusitanea e... aynda algũas uidas de algũus padres sanctos que uio San Iheronimo andando pelo hermo do Egipto», como declaram as rubricas respectivas, devendo

notar-se, porém, que a 2.ª parte, isto é, algũas vidas etc., só se encontra no 3.º livro; outra que compreende os quatros livros dos *Dialogos de San Gregorio*. Ambas estas obras foram traduzidas do latim; do 3.º livro, porém, informa a rubrica que o acompanha que «foy todo trasladado de grego em ladinho pelos muito honrrados clerigos da eigreja de Roma, dom Payo, clerigo d'avangelho da eigreja de Roma e per dom Johane, clerigo d'epistola dessa meesma eigreja». O livro 1.º dos *Dialogos* é precedido por esta observação: «Aqui sse começa hũu liuro que dizen *Dialago*, que quer dizer paraura de dous, ca *dias* en grego quer dizer en nosso linguagẽ *dous* e *lagos* en grego quer dizer en nosso rimanço *paraura* e por este dialogo quer dizer *paraura de dous*, ca este liuro foy fecto pelo nobre san Gregorio, que ueo do lĩagẽ dos senadores de Roma e foy depois papa dessa meesma cidade, das preguntas que lhi fazia hũu seu clerigo d'auangelho homẽ de muy sancta uida e das respostas que lhi de daua» (1).

Pela letra e linguagem presumo que terá sido escrito aí pelos fins do século XIV ou princípios do XV, pois tem perfeita semelhança com outros códices dêsse tempo e cuja data alguns nos dão a conhecer. Com efeito nêle ocorrem os mesmos fenómenos gráficos e linguísticos que naqueles se nos deparam. Assim o som fricativo que o *g* tem antes de *e* ou *i* é por vezes representado por esta letra e não por *j*, como se vê em *ango*. A confusão entre o *ç* e o *s*, que depois se intensificou mais, aparece já em *çarrada* e *sarrada*. A nasalização das vogais, quer dentro, quer no fim de palavra, é indicada tanto pelo *n* ou *m* como pelo til; por êste último sôbre o *i* ou só ou seguido de *h* vem representado o *nh*: assim *vĩo*, *vĩho*, a par de *vinho*. A contracção, que noutros se observa, dos ditongos *ou* e *eu*, na 3.ª pessoa do singular do pret. perfeito dos verbos da 1.ª e 2.ª conjugação, quando seguidos do pronome enclítico *o* ou *a*, encontra-se por vezes igualmente aqui e a terminação em — *sti* da 2.ª pessoa do mesmo tempo, conhecida doutros, também ocorre aqui.

No intento de dar uma amostra mais da linguagem escrita e falada de certo no tempo indicado e na incerteza se o

---

(1) Observação quási idêntica encontra-se no códice alcobacense $\frac{\text{XXXVI}}{181}$; cf. Anselmo, obra adiante citada, pág. 25 e 26.

Códice a que me estou referindo verá ou não a luz da publicidade, aqui trago dois trechos das duas obras nêle contidas. Segundo o costume por mim geralmente seguido, dou o texto tal qual se encontra no original respectivo, apenas desfazendo as abreviaturas com que uma ou outra palavra se acha escrita. Para facilitar melhor a sua leitura a quem não estiver prático na grafia antiga, separo as palavras, quando juntas, com excepção apenas do pronome *o*, quando precedido de vogal nasal, isto é, depois de 3.ª pessoa plural de verbos e do advérbio *non*, pois em tais casos tanto poderá ler-se *no* como *o*, conforme admitirmos ou não falta de til na vogal que antecede o *n*; substituo pelo apóstrofe a vogal final suprimida antes de outra na palavra seguinte e indico pelos acentos circunflexo e agudo a contracção de que falei, segundo ela se dá em verbos em *-a* ou em *-e*. Ainda mais. Persuadido de que só por lapso é que o copista deixou de lançar o til sôbre vogais que, na qualidade de nasais, o deviam ter, restituo-o aos seguintes vocábulos, em que falta: *saa, no, ordiar, irmaa, irmaos, bees, ciisa, possissoes, boo, boos, manhaa, se, beuesse, beüero, grãos*, etc. É possível que existisse a pronúncia *boo, boos*, isto é, sem nasal, como indica a actual *boa*, mas o achar-se ao lado desta também a forma *bõa* leva-me a crer que o respectivo masculino se pronunciaria igualmente nasalado. Na 3.ª do singular ainda do pretérito do verbo *vir* ocorrem as duas formas *vẽo* e *veo*, que mantive.

Dos *Dialogos de San Gregorio* existem na Biblioteca Nacional três códices, dois em português e um latim, os N.os $\frac{\text{XXXVI}}{181}$, $\frac{\text{XXXVII}}{182}$ e XXXV, que pertenceram ao Mosteiro de Alcobaça; daqueles dois o primeiro está completo, mas ao segundo falta o 1.º livro e parte do 2.º, segundo informa A. Anselmo no seu opúsculo *Os Códices Alcobacenses da Bibl. Nacional*, a pág. 25 e 26. Pela data nêles exarada vê-se que o 2.º dos dois primeiros é um pouco mais antigo do que o outro. Cotejando os dois textos, o que dou aqui e o que se encontra no primeiro daqueles dois códices, verifiquei que a tradução respectiva provém de autores diferentes, pois há nêles divergências, embora não essenciais; apenas naquele donde transcrevi os trechos a seguir falta não só o capítulo com que terminam, o qual pertence exclusivamente ao alcobacense, mas outro ainda que se lhe segue e cujo título é:

*De como o bispo Fortunato ljurou hũa matrona do diaboo.*
Quanto a linguagem, afigura-se-me um pouco mais moderna a dêste último códice.

J. J. NUNES.

*Aqui sse começa a vida e os miragres d'outros bispos muytos e sanctos que ouue em Merida.*

Contarõ muytos homẽs de gram uerdade que naquel tẽpo foron que hũu sancto homẽ fisico de terra de Grecia que ouue nome Paulo ueo da parte d'ouriẽte aa cidade de Merida. Aqueste uiueu muy pobremẽte naquela cidade muyto tẽpo e sobrepoiaua todolos outros cõ que uiuia en sanctidade e en humildade e en muy boo talã e en outras muytas uertudes. E per uoõtade de deus foi depois bispo da cidade de Merida en que uiuia. E de pois que foy ordĩado bispo pela mercee de deus quantas tribulações e descordias e tẽpestades auia na eigreia de Merida do tẽpo do bispo que fora ante ele todas quedarom no seu tẽpo e tornarõ-sse en paz e en cõcordia e em boa andãça.

Aqueste bispo Paulo uiuendo en grande amor cõ os cidadãos de Merida. por tal pastor que lhis deus dera acaeceu que hũa dona de gram sangui que siia casada com o melhor e mais nobre homen da cidade de Merida. ca uiinha da lĩagẽ dos sanadores enfermou pera a morte ca ela era de pouco casada e enprenhou e a creatura morreu no uẽtre e tiinhana cada dia por morta. E o nobre homẽ seu marido, pois prouou todolos fisicos da terra e nõ achou conselho en nẽ huũ deles tornou-sse ao sancto homẽ Paulo de que uos suso falamos porque era fisico e muyto amigo de deus e deytãdo-sse ant'os seus pees rogôo cõ muytas lagrimas que porque era seruo de deus rogasse a nostro senhor por vida de ssa molher. E porque era fisico nõ sse teuesse por desdenhado de poer a maão no uẽtre de ssa molher enferma ca assi poderia entẽder que lhi poderia conprir pera seer sãa. Mas o seruo de deus respondeu e disse:

— Nõ cõuẽ a mĩ que faça o que me tu rogas ca como quer que eu nõ meresca a sseer sacerdote, o corpo de deus offeresco nas mhas maãos cada dia a nostro senhor e por esso mi semelha que as luxaria se as en auol logar posesse e caeria en sanha de nostro senhor.

E disse de pois:

— Nos yremos en nome de deus e uisita-la-emos e ensinaremos os outros fisicos como lhi façã quanto nos soubermos. Mas nos nõ porremos hi nossas maãos.

E porque aquel nobre homen sabia que a ssa molher estaua ia pera morrer e cura de nẽ huũ fisico nõ lhi ualeria se nõ a sua. Rogô-o cõ muytas lagrimas que ele a fosse uisitar e per sa maão fezesse toda boa obra que soubesse fazer e nõ enuiasse ala nẽ huũ outro fisico ca lhi nõ poderiã profeytar. Mais porque el nõ quis cõsentir no rogo que lhi fazia, todolos outros frades deytarõ-sse ant'ele e rogarono que comprisse o rrogo que lhi fazia aquel nobre homen. Entõ disse o sancto homẽ:

— Sey que deus he de muy gram misericordia e se eu for dar a saude aa enferma (e) perdoará a mĩ por que fuy ousado de lhi fazer tal petiçon. Mais nõ duuido que os homẽs maaos posfaçarã de mĩ e aporrã-mi de pois se en ela poser a maão pera me enbargarẽ que nõ possa auer dignidade de bispo.

Entõ responderon todolos outros seus frades e disserõ:

— Nẽ huũ de nos nũca posfaçará de ti por obra de tã gram piedade. Mais uay e acaba agĩha aquelo que deus por sa mercee per ti quiser fazer.

Entõ outorgou-lhis que yria ala, mais pero demandaria ante uoontade de deus qual era sobr'este feyto.

Entõ entrou na eigreia de sancta Olalha e iouue hi huũ dia e hũa noyte sobre la terra nuu, rogãdo a deus que lhi mostrasse sa uoontade sobre aqueste feyto.

E, de pois que entẽdeu sa uoontade, foy aa casa da molher que era enferma e fez hi outra uegada sa oraçõ e pos sas maãos sobre la enferma eno nome de deus e deytou logo a creatura morta que tragia e entregô-a sãa e salua a sseu marido e mãdou-lhi que d'ali en deãte nũca sse chegasse a omẽ que do mũdo fosse ca se nõ en mayor perigoo poderia uiir ca este de que escapara.

Entom ambos prometerõ que aguardariã todas estas cousas que lhis o sancto homẽ mãdana. E uiuyam cõ muy gram prazer porque lhis enuiara nostro senhor o sseu ango que sse amerceara deles. E eles e todolos outros que este feyto sabiã dauam muytas graças e muytos louuores a nostro senhor polo bẽ que del polo sancto homẽ receberõ. Entom derom a meyadade de todalas cousas que auiã ao sancto homẽ e a outra meyadade reteuerõ pera ssi en sa uida, e ordĩaron que de pos

sa morte esta outra meyadade ficasse a esse sancto homẽ entreguemẽte. E porque ele aquela meyadade nõ queria logo receber rogarono tãto aqueles que a merece de deus per el receberõ, e nõ pode estar que se nõ deyxasse uẽcer a sseu rogo. E nõ tã solamẽte por si mais per razon dos pobres a que ele daquela requeza que lhi logo derõ fazia muyta mercee.

E aueo de pois que aquel nobre homẽ de que suso falamos cõ sa molher uiuerõ en castidade e en temor de deus todo tẽpo de sa uida. E a cabo de pouco foron-se pera a gloria do parayso e todo seu patrimonio ficou a ssan Paulo bispo de Merida de que suso falamos e foy o mais rrico homẽ e mais poderoso de toda a prouincia de Lusitania, ca todas as rrequezas do seu bispado nõ erã nemigalha apos as requezas que a ele ficaron daqueles homẽes nobres de que suso falamos.

Este muy sancto bispo uiuendo con seu poboo a muy gram louuor de deus, acaeceu huũ dia que ueerõ mercadores de parte d'Ouriente a Espanha e erã naturaes de Grecia onde ele outrossi era natural. E quando chegaron aa cidade de Merida ueeron ueer o bispo assi como era de custume e el recebé-os muy bẽ e muy ledamẽte, e pois se tornarõ a ssa pousada enuiaron en outro dia ao bispo sas doas muy boas per huũ menĩho de ssa terra que tragiã consigo e auia nome Ffiel.

E de pois que o bispo recebeu aquelas doas cõ gram prazer, pregũtou o menĩho que lhas trouuera de qual reyno e de qual vila era natural e quẽ era seu padre e sa madre. E pelas respostas que lhi deu o menĩho soube por uerdade que era seu sobrĩo, filho de sa irmãa, e leuantou-sse da seeda en que siia e ueo-o abraçar ante todos cum gram prazer e mãdou polos mercadores que lhi enuiaron aquelas doas e rogô-os que lhi dessẽ aquel menĩho e que lhis daria por el quanto lhi demandassen. E eles disseron que o menĩho era forro e engẽnho e que seu padre e sa madre lho deron que ueesse cõ eles pera auerẽ cõ ele prazer, e que nõ poderiã aparecer ante os olhos de seu padre e de sa madre leixando o menĩho en terra tã alongada. E o bispo sancto disse:

— Por uerdade sabede que sse o menĩho aqui nõ fica, uos nõ tornaredes a uossa terra. Mais conselho-uos que tomedes de mĩ quanto auer quiserdes e fique a mĩ o menĩho, e uos yde-uos seguros e cõ paz.

E os mercadores ueẽdo que nõ podiã ir contra uoontade do bispo porque era de gram poder, disserõ-lhi:

— Dy-nos, senhor, por que mostras tã grande amor a omẽ que núca uisti nẽ conhocisti?

E el respondeu e disse:

— Eu sey por certo que este menĩho he meu sobrĩho, filho de mha irmãa, e uos yde-uos cõ deus e saudade — mi muyto mha irmãa que uo-lo deu quẽ ueesse cõ uosco, e dize-de-lhi que eu que o retenho comigo pera auer conforto cõ el en terra tã estrãnha e tã alõgada dela en que eu uiuo.

Entõ enuiou muytas doas boas a ssa irmãa e outrossi aos mercadores deu muy grandes doas e foron-sse pera sa terra ricos e bẽ andantes e cũ gram prazer.

E pois que sse forõ fez o menĩho cercear e offerecẽ-o pera todo sempre pera seruir a nostro senhor en sa eigreia, assi como foy offereçudo Samuel orphã pera seruir de sa meninice en todo tẽpo no tẽplo de nostro senhor. E a poucos de anos tã bẽ profeytou aquel menĩho na leẽda de nostro senhor que todo o offizio [d]a eigreia e toda a escritura sancta, assi de testamẽto uelho come de nouo aprendeu muy compridamẽte. Des aly en deãte trabalhou-se o sancto bispo de ordĩar o seu sobrĩho ata que o ordĩou d'auãgelho. E en aquel estado seendo, tãta foy a graça que recebeu do speritu sancto que per sanctidade e caridade que he amor de deus e per paceença e per humildade e per todalas outras uertudes sobrepoiaua todolos outros clerigos cõ que uiuia e assi sse deixaua amar a deus e aos homẽs que todos deziã que mais semelhaua ango que homẽ.

E depois que passaron muytos anos e ele crecia cada dia de uertude en uẽrtude seu tyo o bispo sancto don Paulo seendo ia muy uelho pose-o en sa seeda e feze-o logo bispo en sa vida e ereeo de todolos seus bẽes e ordĩou en seu testamẽto que se a crerezia de Merida o quisesse receber por bispo ficassen aa eigreia todas aquelas requezas que el ao seu sobrĩo leixaua de pois que seu sobrĩo morresse. E sse o por bispo nõ quisessem receber, esse seu sobrĩo ordĩasse delas segundo sa uoontade e aqueste testamẽto quis el publicar porque entẽdeu pelo speritu sancto que muytos enueiosos se leuantariã de pos sa morte pera embargar aquel seu sobrĩo pera nõ seer bispo. E de mentre uiveu o bispo don Paulo aquele seu sobrĩo seẽdo ia bispo estabeleçudo per ele tã homildosamẽte lhi seruia entom come quando era clerigo d'auãgelho e seu tyo nõ lho quis soffrer mais disse-lhi que guardasse ia sa outoridade pois bispo era e ouuesse cura de seus frades. E esse sancto baron don Paulo apartou-sse dos

outros clerigos e foy-sse pera a eigreia de sancta Olalha, e uiuendo hi en hũa cela muy pequena e muy rafece a gram seruiço de deus e en gram folgança de ssa alma e tirado dos prazeres e das tẽpestades do mũdo, iazendo én essa terra coberta (1) de cĩisa e uestido duũ ciliçio e rogando a deus cada dia polos pecadores do mũdo, cõprio o diuido natural e foy-sse pera a gloria do parayso.

De pola morte deste sancto Paulo homẽ (2) leuãtaron-sse maaos homẽs contra o ben auenturado bispo seu sobrĩo e trabalhauã-sse pera deytareno do bispado per qualquer maneira que podessẽ. E pois que o el entẽdeu tomou todalas cousas que auia e apartou-sse deles e nõ queria seer seu bispo.

E pois que estes maaos homẽs entẽderõ que a eigreia nõ auia possissões en que podessen eles uiuer se el tomasse todo o sseu patrimonio proprio que lhi seu tio leyxara deitarõ-sse ante seus pees e rogarono que fosse seu bispo, e que de pos sa morte que lhi leixasse seu patrimõio assi como o seu tio ordĩhara.

E el nõ per razõ da onrra mais per razon de poder melhor seruir a deus ensinando e encarreyrando os homẽs pera a ssa gloria e dando bõo eyxemplo de ssi ao poboo per parauoa e per obra quis ficar por bispo e foy aquel bispo o mais rrico naquel tẽpo de todos aqueles bispos que entõ auia en Espanha e atãta foy a graça de deus cõ el que todos aqueles que cõ el uiuiam nõ deziã nẽ queriam se nõ o que el dezia e o que el mãdaua e o que el queria.

En tẽpo daqueste glorioso bispo dõ Ffiel seendo el huũ domĩgo no adro con muytos seus subiectos, o arcediago uẽo da eigreia con todolos clerigo reuestidos e pararõ-sse ante ele assi como era de custume pera levareno onrradamẽte aa eigreia que cãtasse sa missa.

E os clerigos do auãgelho hyam ante ele con seus turibulos encençando (3). E de pois que passaran dez passos pelo adro caerõ todalas paredos do adro, que era muyto ancho e polas orações suas e pelos mericimẽtos da gloriosa uirgẽ sancta Olalha, nõ pereceu nẽ se feriu nẽguũ en toda sa conpanha. E pois o bispo don Ffiel esto soube foy a cãtar sa

---

(1) *Sic* por *coberto.*

(2) Talvez lapso do copista em vez de *sancto homẽ Paulo.*

(3) Talvez por *encençandoo.*

missa cõ gram prazer e cõ muyta deuoçõ. E de pois fez fazer as paredes da eigreia que caeron muy mais nobres e melhores que ante eram e a eigreia de sancta Olalha feze-a fazer melhor que ante era. Daqueste glorioso bispo dõ Ffiel disseron muytos que o uirõ estar cantãdo eno coro da eigreia en mêtre era uiuo en companha de muytos sanctos que erã ia no outro mũdo.

Huũ dia acaeceu que este bispo enuiou huũ seu menĩho a huũ logar a que dizẽ Caspasiana que esta aalẽ de Merida dez e sex milhas que fazẽ oyto leguas e mãdou-lhi que se ueesse logo agĩha. E ele foi-sse e por que sse nõ pode naquel dia tornar, ficou en huũ logar ante que chegasse aa cidade, ca a porta da cidade estaua çarrada e nõ pode entrar e de noyte iazendo dormĩdo semelhou-lhi que cãtaron os galos e sobio en seu caualo que tragia ante que fosse meya noyte e ueo atees as portas da cidade, a que chamã porta de põte e estando hi muyto tẽpo por que se leuãtara ante hora, e porque nõ era tẽpo de lhi abrir nẽguũ a porta, aĩda que chamasse alguẽ que lhi abrisse e semelhou-lhi que segasse hũa pouca d'erua que desse a comer a seu caualo ata que ueesse alguẽ que abrisse a porta e entõ poderia andar seu camĩho. E seẽndo tã alta noyte alçou seus olhos e uio muy longe hũa muy grande fugueyra e saya da eigreia de san Ffausto, que estaua da cidade per hũa milha e uiinha-se aa eigreia de sancta Leucrecia. E el estando consiirando que queria seer aquele grande lume que uiia, uio a cabo de pouco hũa grande companha de sanctos ante que uiinha aquel lume e uiinhã pela ponte e chegarõ ata a porta e uio que antre eles andaua aquel seu senhor o bispo san Ffiel de que suso falamos. E porque aqueles sanctos e seu senhor andauã uestidos de uestiduras brancas ficou muyto espantado e fora de ssi como sse morto. E pois uio que todos aqueles sanctos e seu senhor passarõ pela porta, leuãtou-sse e quis ir apos eles, mais achou a porta sarrada come da primeira. Mais quando foy a manhãa e a porta foy aberta entrou dentro na cidade e o bispo sancto Ffiel preguntô-o en que ora sayra daquel logar. E pois que lhi o menĩho disse a ora en que sse leuãtara e a deteença que fezera aa porta estando, o seruo de deus o preguntou se uira algũas cousas. E el disse-lhi todalas cousas que uira. E o sancto homẽ o castigou e o amoestou que de mentre ele uiuesse que nunca dele dissesse aquelas cousas que uira ca lhi poderia ende acaecer alguũ perigoo.

Outra uegada huũ homẽ religioso uio aqueste sancto bispo Ffiel sair de noyte da eigreia de sancta Olalha cõ gram conpanha de sanctos e andar pelas eigreias dos martires que auia na cidade de Merida. E o que vio disse-o a muytos e aa cima uẽo ao sancto bispo e disse-lhi o que del uira de noyte, e el disse-lhi:

— O que tu uisti dissesti-o ia a outri ou nõ?

El respondeu sinprezmẽte e disse que ia o dissera a outros muytos. E o sancto bispo lhi disse:

— Perdoe-ti deus, irmão. Nõ fezesti bẽ. Sey certo que no juyzo do outro mũdo que á de uiir nõ cho cõtarã por culpa mais entãto comũga e dá paz a teus irmãos ca logo te ás d'ir deste mũdo en pero ordĩha agĩha ta fazenda e maẽfesta-te de coraçõ.

Ele pois que se maenfestou e ordĩou seu testamẽto e espediu-sse a seus amigos e a primeira noyte que ueo sayu-lhi a alma do corpo.

*Aqui sse começa en como aqueste bispo passou daqueste mũdo e foy-se ao parayso.*

A huũ baron religioso que auia en custume d'ir sempre aa eigreia e ouuir sempre todalas horas assi de diia come de noyte, semelhou-lhi hũa uegada iazendo en seu leyto de noyte que tãgeron ia o sino aas matĩas, e porẽ leuantou-sse agĩha de seu leyto e foy-sse pera a eigreia de sancta Maria que hora dizẽ sancta Iherusalem e ouuyo marauilhosos cantares e de muy gram sabor e meteu mẽtes no coro e uio gram conpanha de sanctos que hi estauã. E tã grande medo foi o que ouue que sse foy asconder en huũ cãto da eigreia, e ali seendo ouuio como acabarõ todo offiçio da eigreia que naquel têpo auiam de fazer tirado os laudes. E esto foi huũ pouco ante que cantassẽ os gallos. E depoys ueerõ a dizer os laudes aa eigreia de san Ihoane Baptista que estaua iunta cõ aquela eigreia de sancta Maria de que falamos e nõ se partiã se nõ per hũa parede que era antre ambas e duũ telhado era cada hũa delas cuberta. E depois que hi acabarõ os laudes disseron antre ssi:

— Ya cedo sera hora de tãgerẽ aas matĩhas. Ordĩemos aquelo por que nos acá mandaron.

E pois que esto disserõ aparecerõ antre eles muytos aci-

pios [1] negros e muyto espantosos e muy grandes come gigantes, e pela catadura que auiã tornada [2] e pelas vestiduras negras que tragiã podia todo homẽ bẽ entender, ca erã sergẽtes do inferno e tragiã nas mãaos espadas muyto agudas. A estes disserõ os sanctos:

— Yde muyto aginha ao adro da eigreia e entrade na cela en que iaz o bispo sancto don Ffiel e dade-lhi hũa gram ferida en seu corpo en guisa que a alma se parta do corpo e uaa-sse nosco pera nosso senhor Ihesu Christo.

E eles fezerõ o que lhis mandarõ, mais eles quãdo tornarõ disserõ que o nõ feriron ca nõ poderon entrar na sa cela, ca el nõ dormia mais iazia en oraçõ estendudo sobr'essa terra, e o muy boo odor que de ssa cela recodia e que el offerecia a nostro senhor en sa oraçõ nõ nos leixou entrar a el.

E os sanctos lhis mandarõ outra vez:

— Yde e feride-o ca o mandado de nostro [senhor] cõuẽ que sse compra.

E eles forõ e nõ poderõ entrar e tornarõ-se outra vez e disserõ:

— A ssa oraçõ nos embarga que nõ podemos entrar.

E os sanctos disserõ:

— Nõ embarga a oraçõ hu deus alguẽ chama. Mais yde e compride o mãdado de nostro senhor, ca de pois que hũa uegada he dicto nõ sse pode traspassar que se nõ conpra.

Entõ forõ a terceira uegada e per uoõtade de deus entrarõ e tã gram ferida lhi derõ e tã crueuil que deu huũ gram braado cõ gram gimido e cõ gram door assi que o ouuyo o religioso de que suso falamos que estaua no cãto da eigreia ascondudo. E de pois que foy manhãa ueo esse religioso ao bispo sancto e contou-lhi todalas cousas que uio e que ouuyo. E o bispo sancto lhi disse:

— Meu filho, todo o ssey e nõ xi mi asconde rrẽ.

E, de pois que esto disse, caeu en hũa grande enfermidade e sentyo que todolos nẽbros do seu corpo que se partiã hũus dos outros e que se liia todo. E porẽ faze-sse trager aa eigreia de sancta Olalha e aly rogou a deus por seus pecados cõ muytas lagrimas e cõ muyta deuoçõ e deu muytas esmolnas a muytos catiuos e a muytos pobres e as cartas

---

(1) *Sic* por *etiopes*.

(2) Corrija-se em *toruada*.

partidas per a. b. c. que tiinha per razõ de muyto auer que enprestara a muytos coytados en tẽpo que o mester auiam deu-lhas e quitou-lhis todalas diuedas que lhis [1] deuiam.

E hũa molher que lhi deuia grande algo e de que el tiinha hũa carta partida per a. b. c. non podia chegar a el pola gẽte muyta cõ que estaua sempre enbargado e assi tornaua cada dia pera sa casa cõ gram coyta e cõ muytas lagrimas e iazẽdo hũa uegada de noyte dormĩdo, veerõ a ela os preciosos martires sã Lourẽço e san Cibrãao e esteuerõ ante ela e disserõ-lhi:

— Sabes qual he a rrazõ por que nõ podes falar cõ o sancto homẽ nẽ chegar a el?

E ela disse:

— Nono sey.

E eles disseron:

— Tu andas per todalas eigreias dos nossos irmãos que en esta cidade ha e despreças nos e nõ queres visitar as nossas eigreias come as outras.

E ela leuãtou-sse logo, de pois que esto ouuyo, e foy-sse pera as eigreias desses martires e rogô-os cõ muytas lagrimas que lhi perdoassẽ a negligẽcia que ata aqui ouuera. E des aqui adeãte uerria cada dia aas sas eigreias pedir-lhis mercee. E de pois que fez sa oraçõ foy-sse logo pera a eigreia de sancta Olalha hu esse sancto homẽ iazia e pediu-lhi por mercee que se nẽbrasse de como ela era muy pobre.

*Como o bispo Bonifacio partiu o vĩo per muytos vasos e creceu.*

Huum homen de vida sancta e onrrado [2] que auia nome Bonifacio, foy bispo na cidade de Effretõ. Daqueste conta huũ clerigo de missa que foy seu criado muytas marauilhas que fez, e por tãto as homẽ cree por mais uerdadeyras quanto el foy mais presente quando lhas uiia fazer.

A eigreia daqueste bispo era muy pobre ca nõ auia nẽ hũa cousa en que sse podesse mãteer se nõ hũa vinha soo. Acaeceu huũ dia que aquesta vinha foy destroyda per pedra

---

(1) *Sic* por *lhi.*

(2) *Onrrada* diz o códice de Alcobaça.

que ueo sobr'ela en guysa que en hũas pouquetĩhas de videyras ficaron huũs pouquetĩhos d'aazeos d'uuas. E quando o bispo sancto entrou na vinha e uio aquel destroymẽto deu muytas graças a nostro senhor por que sobreza (1) que el auia que sol a sseer guardada d'umildade naqueles que bõos sõ, acrecentou aĩda outra probeza e outra coyta mayor.

E quando ueo o tẽpo que aqueles poucos d'azeos d'uuas que lhi ficarõ amadurecerõ, pos hi huũ vinheyro que lhi guardasse a vinha, e mãdou-lhi que fezesse todo sea poder pera guarda-la bẽ. E pois uio que era tẽpo de colher o vinho mãdou a huũ seu sobrĩo clerigo de missa que auia nome Cõstancio que guardasse bẽ todalas cubas que no seu bispado auia e todalas outras taalhas en que soyam a colher vinho e que as pegasse muy bẽ pera teer o vinho mais são.

E quando seu sobrĩo que era procurador do bispado esto ouuyo cuydou que seu tio ensandecera por que mãdaua guysar assi todalas cubas que auia, e nõ tiinha de que as encher, mais pero nõ lhi quis demãdar porque mãdaua guysar tãtas cubas pera vĩho que nõ tiinha, mais comprio todo seu mãdado assi como soya a fazer no melhor tẽpo do vinho que el nũca ouuera. Entõ o homen de deus entrou na vinha e colheo aqueles poucos d'azeos d'uuas que hi achou e trouue-os pera o lagar, e mandou que sse fossẽ todos ende, tirado ende huũ menĩho pequeno que hi ficou. Aaqueste menĩho pequeno mãdou o bispo que entrasse no lagar e que pisasse aquelas poucas daquelas huuas que hi deytaron. E pois o menĩho fez o que lhi mãdaron, colheu o bispo en huũ vaso aquele pouquetinho de vĩo que das huuas sayo, e en cada hũa cuba e en cada hũa da taalhas deitou daquel pouquetĩo daquel vinho que tiinha no vaso en guysa que adur parecia aquelo que el hi deytara. E pois que esto feze, mãdou chamar os pobres pera compartir cõ eles o vinho que no lagar ficara. E entõ pola ssa bõa uoõtade que ouue pera cõpartir com os pobres, creceu o vinho tãto no lagar que cada huũ dos pobres que ali foron chamados ouue seu cãtaro cheo daquele vĩho que lhi deron no lagar. E pois entẽdeu que os pobres auiã ia sa parte mãdou ao menĩho que sse partisse do lagar e sarrou a adega e seelô-a de seu seelo e foy-sse logo pera a eigreia,

---

(1) Aliás: *por que ela era a mayor requeza*, como se lê no mesmo.

e a tercer dia chamou o clerigo de missa seu sobrĩo Cõstãcio. E pois fez sa oraçon abrio a adega e as cubas e as taalhas en que muy pouquetĩho de vĩho deytara achõ-as todas cheas de vĩho de tal guysa que trasuertia o vĩo per cima das cubas e das taalhas. E tãto crecia o vĩho que sse uertera per terra se o bispo mais tardara. E entõ mãdou o bispo a Cõstãcio seu sobrĩo clerigo de missa que demẽtre ele uiuesse, nũca este miragre contasse a nẽ huũ homen que do mũdo fosse, ca temia o sancto bispo que se os homẽs soubessẽ aquelo que acaecera, tãta uãa gloria lhi creceria en seu coraçõ quanto louuor lhi dessẽ os homẽs aa de ffora. En aquesto que lhi mãdaua fazer aynda, seguya o ẽxemplo de nostro senhor Ihesu Christo que querendo trager os homẽs a carreira d'omildade mãdou aos seus discipolos que alguũs miragres daqueles que lhi uiiam fazer, nono dissessẽ a nẽguũ, ata que el resurgisse de morte.

*Pedro disse*

E entõ disse o seu clerigo dõ Pedro:

— A materia de que falamos demãda que te pregũte por que o nosso remiidor quando alumeou os dous cegos mãdou que o nõ dissessẽ a nẽguũ. E pero eles o apregoarõ per toda a terra, e assi aparece que o ffilho de deus nosso senhor Ihesu Christo que he compridamẽte deus e homen e á tã gram poder come o padre e como o esperito sancto, e he hũa das tres pessoas da triindade algũa cousa quer que sse faça que sse nõ pode comprir, ca o miragre que sse fez naquestes cegos quis que fosse calado e non fosse sabudo, pero nõ sse pode asconder.

*Gregorio*

E san Gregorio respõdeu:

— Todalas cousas que o nosso remiidor fez per seu corpo mortal que ouue, foron exemplo a nos de o seguir segundo nosso poder. Onde por que o miragre que fez quãdo os cegos alumeou quis que iouuesse ascondudo e pero nõ sse pode asconder. Per esto ensinou os seus sanctos que nos grandes feytos e muyt'altos que fezerẽ, aiam uoontade de os asconderẽ. ca per esto aparecerá e seerã mais omildosos e nõ auerã a gloria do mũdo que aueriã se o soubessẽ. E por que pelos

feytos dos bõos recebẽ gram proueyto os outros homẽs que no mũdo uiuẽ ca corregẽ per i as sas fazẽdas e enderẽçã hi os seus estados, por esto praz a nostro senhor que os seus bõos fectos seiã descobertos contra sa uoontade. Onde Pedro nõ quis nostro senhor que sse fezesse algũa cousa e nõ sse pode fazer, mais quis dar a entẽder per seu exemplo que deuẽ os seus discipolos querer os seus bõos fectos asconder, e cõtra sas uoontades, por proueyto dos outros se deuẽ a descobrir. Ca a omildade grande he do homẽ bõo que queyra que os seus bõos fectos seiã ascondudos, e esto deuẽ a querer e proueyto grande he, dos outros que seiã sabudos aĩda que eles nõ queyram.

E disse o seu clerigo don Pedro:

— Muyto mi praz senhor o que dizes.

*Como o bispo Bonifacio disse que o iograr auia de morrer logo.*

E san Gregorio disse:

— Por que, Pedro, fezemos de suso renẽbrãça do sancto bispo Bonifacio, digamos algũas poucas cousas que me nẽbram del. Acaeceu huũ têpo que ueo a ffesta de san Paulo martir, e o bispo Bonifacio auia de cãtar a missa. Huũ nobre homẽ moraua en aquel lagar que auia nome Ffortunado, e rogou o bispo muyto afficadamẽte que depois que cãtasse a missa na eigreia do martir de que falamos que quisesse entrar en sa casa pera lhi dar a ssa beẽçõ e por sa bondade que comesse cõ el. E o sancto bispo nõ pode negar o que lhi Ffortunado demãdou cõ grande amor de deus. E pois fez todo seu officio, ueo-sse pera casa de don Ffortunado, e ante que beẽzessẽ (1) a mesa, ueo huũ iograr cõ hũa bugia e tragia sas cãpãas que lhi fazia tãger. E ãte que nũca beẽzessẽ a mesa fez tãger as cãpãas aa bogia pera sse pagarẽ del que o recebessẽ dentro pera comer. E o sancto bispo pois que o uio tãger as campãas disse con gram desdenhamẽto:

— Ay eu, ay eu, morto he aquel mesquinho, morto he aquel mesquinho. Eu uiim aqui pera comer, e aĩda nõ abri mha boca pera louuar deus, e ia aquele uẽ cõ sa bogia pera

(1) *Beenzesse* no Cod. XXXVI.

tãger sas cãpãas e pera fazer seus escarnhos de que riam os homẽs. Empero disse:

— Yde e por amor de deus dade-lhe que comha e que beua, pero sabe deus que morto he.

E aquel malavẽturado iograr que pois lhi derõ que comesse e que beuesse, e sayndo-sse da casa, caeu huũ seyxo do teyto da casa e deu-lhe na cabeça, e tã maa foy a fferida que o leuarõ logo por morto e en outro dia morreu assi como dissera o sancto bispo. E por tal cousa como esta, Pedro, deue homẽ pẽsar quanto temor e quanta reuerẽça deuẽ a auer aos homẽs sanctos e amigos de deus, ca diz a escritura deles que son tẽplo e casa de deus. E quãdo alguẽ o homẽ sancto moue per a sanha que uẽ, outrẽ se nõ moue pera asanhar, se non aquel en cuio tẽplo e en cuia casa el mora. E por tãto, quanto homẽ mais deue a temer a ira dos bõos e dos amigos de deus, quanto mais certo he que nos seus corações he presente aquel que os pode logo uingar.

*Como o bispo Bonifacio deu o preço do caualo aos pobres, e gaanhou outro tãto depois de nostro senhor pera entrega-lo aaquel a que o tomara.*

*Gregorio*

Contou aĩda sã Gregorio que este sancto bispo Bonifacio ouue huũ seu sobrĩo clerigo de missa, que auia nome Cõstancio, e hũa uegada uẽdeu huũ seu caualo por XII soldos en ouro e pose-os en sa arca que tiinha en casa do bispo e pois sayu ende pera adubar seu proueyto. Acaeceu de pois que ueerõ pobres ao bispo que lhis desse algũa esmolna por amor de deus, mais o seruo de deus porque nõ auia que lhis dar começou-se a coytar e a cuydar, como os pobres se nõ partissẽ del sẽ algũa esmolna. E entõ nẽbrou-sse que seu sobrĩo Cõstãcio uendera huũ caualo e tijnha o preço que ende ouuera en sa arca. E quãdo el non estaua presente achegou-sse o senhor bispo a arca e tomou aqueles XII soldos en ouro que hy achou. E pois chegou Constãcio seu sobrĩho e achou a arca britada e nõ achou o preço do caualo que hi posera, deu grandes vozes e assanhando-sse muy fortemẽte braadaua e dezia:

— Todos aqui uiuẽ e eu soo nõ posso aqui uiuer.

E aos seus braados ueo o bispo e todos aqueles que hi erã presentes con o bispo. E querẽdo-o confortar o sancto bispo per palauras mansas e omildosas, el respondia palauras d'omẽ sanhudo e dezia:

— Todos uiuẽ contigo e eu soo nõ posso cõtigo uiuer. Da-mi meus soldos en ouro que mi tomasti.

E pois aquesto disse entrou o bispo na eigreia de sancta Maria, e teẽdo as maãos alçadas e o mãto tẽdudo, começô-a a rrogar que lhi desse onde podesse amansar a ssanha do clerigo que era tam brauo e tã felon cõtra ele polos dinheiros que lhi tomara. E parando el mẽtes ao manto que tiinha tendudo antr'os braços achou XII soldos en ouro e esplandeciã tã muyto come se naquela ora sayssẽ da frauega. E pois se o bispo sayo da eigreia deytou aqueles soldos d'ouro no regaço daquele seu sobrĩo clerigo de missa que estaua muy felon e disse-lhi:

— Ora ás tu teu auer que demãdasti, mais eu ti digo por certo que depos mha morte nõ seeras bispo desta eigreia pola auareza que mostrasti, en fecto daqueste auer.

E per estas palauras que el disse entenderõ muytos homẽs por uerdade que aquel clerigo seu sobrĩo guardaua aqueles soldos en ouro que depos morte de seu tio gaanhasse o bispado per eles, mais a ssentẽça do bispo sancto valeu mais ante deus, ca aquel bispado que o seu sohrĩo dõ Cõstãcio cuydara auer nũca o ouue.

*Como Bonifacio encheu de vinho o barril dos godos.*

*Gregorio*

Outro tẽpo acaeceu que Bonifacio bispo recebeu por ospedes en sa casa dous homẽs do lĩagẽ dos godos que queriã ir a gram pressa aa cidade de Reuena [1] por cousas que hi auiã de desenbargar, e el lhes deu cõ sa maão huũ barril pequeno de madeyro cheo de vĩho que beuessẽ pela carreyra que os podia abastar a huũ jantar. E pero beuerõ sempre dele ata que chegaron aa cidade de Rauena e ficarõ ẽ essa cidade de Rauena per alguũs dias e beuiam sempre daquele

[1] *Sic* mas abaixo *Rauena.*

vĩho. E pois se tornarõ pera o bispo e que sempre daquel vĩho beuiã, nũca falecia o vĩho do barril que lhis o bispo dera, mais semelhaua que o vĩo nõ se acrecẽtaua do barril, mais que nacia ẽ el.

*Como Bonifacio affegũtou do orto o burgo e a lagarta que en el andaua.*

*Gregorio*

Contou aĩda san Gregorio que noutro dia daquela terra en que moraua aquel sancto bispo, ueo huũ homẽ bõo uelho que contou muytas cousas daquel bispo, que nõ son pera calar. Ca disse que huũ dia entrou o bispo en huũ seu orto e achô-o todo coberto de burgo e de pulgon e de lagarta. E pois entendeu que todalas uerças do seu orto pereciã per aqueles bestos que o comiam disse-lhis:

— Eu uos mando en nome de nosso senhor Ihesu Christo que uos uaades daqui, e nõ mi queyrades comer mhas uerças.

E todos aquelos beschos que na orta andauã e as uerças comiã partirõ-se do orto e nũca ende hi huũ ficou.

*Como Bonifacio furtou o trigo de ssa madre e deu-o aos pobres.*

*Gregorio*

Contou depois san Gregorio que marauilha he de cõtarmos nos estas cousas do bispo Bonifacio que el fez no têpo en que era bispo. Pois el seendo menĩho era tam chegado a nostro senhor per bõa uida e per boõs custumes, que fazia deus por el entõ tã grandes marauilhas como estas de que hora falamos assi conta huũ clerigo uelho que a mĩ ueo. E este clerigo mi cõtou que este Bonifacio seendo menĩho e uiuendo cõ sa madre quando saya da casa e achaua alguũ pobre andãdo nuu, desuestia-se aas uegadas da saya, e daualha e esto lhis fazia ele pera lho agalardoar deus, por cuio amor lho el fazia. E ssa madre o ssoya a trager mal por ende ca dezia que nõ era guysado que pois ele pobre era que as uestiduras que tragia desse aos outros pobres e ficasse desnuado.

Esta sa madre entrou hũa uegada en seu celeyro e achou todo o trigo per que sse auia de gouernar todo o ano dado per seu filho aos pobres que naquela terra auia. E pois que esto uio daua cõ sas palmas e cõ seus punhos en seu rostro e dezia que auia perdudo todo aquelo per que sse auia de mãteer todo o ano. E pois ueo o sseu filho Bonifacio confortô-a per sas palauras quanto pode, e porque ela nõ quis receber nẽ huũ conforto que lhi ele fazia, rogô-a ele que sse saysse do celeiro en que ficarõ ia que poucos grãos de trigo daquel que el dera aos pobres. E pois o menĩho de deus sarrou a porta sobre sssi deytou-sse en sa oraçõ. E a cabo de pouco trouxe sa madre ao celeyro e achô-o tã cheo de trigo como nũca ante fora ca lhi semelhaua que quanto trigo despẽdera per todo o ano que ali o uiia aiuntado e ouue ende gram prazer. E pois a madre de Bonifacio uio este miragre quebrou-lhi o coraçõ por aquelo que fezera e ouue gram deuoçõ e gram prazer no trigo que lhi deus acrecẽtara e disse a seu filho que pois el tã agĩha gaanhaua de nostro senhor as cousas que lhi demadaua que des aqui en deãte desse aos pobres do seu quanto el quisesse dar.

*De como este Bonifacio matou a raposa que comia as galinhas.*

*Gregorio*

Contou ainda sam Gregorio que aquesta madre de sancto Bonifacio criaua suas galinhas em hũu logar apartado daquela casa em que moraua. E hũa raposa suya a uijnr de hũa aldea pera outra que hi staua muy chegada. e comya-lhe as galinhas. E acaeceo huũ dia que o mjnjno Boniffacio stando naquel logar apartado hu as galinhas andauã. ueo a raposa assy como soya e tomou hũa das gãlinhas. E o mjnjno Boniffacio. entrou logo na egreja e lançou-se em sua oraçõ. e disse em grandes uozes:

— Plaz a ti senhor que da criança de mjnha madre. nũca eu possa comer? ey-las galinhas que crya. hũa raposa lhas come.

E de pois que acabou sua oraçõ. sayu-se da egreja e logo aginha a raposa tornou. e pos ant'el a galinha que tragia na boca. e ela cayu em terra morta.

*Pedro*

Dom Pedro seu clerigo disse:

— Entõ gram marauilha he padre que deus quer ouujr os rogos daqueles que ham sperança em el. nas cousas uijs e reffeces.

*Gregorio*

Sam Gregorio [disse]:

— Aquesto Pedro se faz que deus ouça os rogos dos seus seruos nas cousas uijs e refeces. por despensaçom grande da sua piedade. pera dar a entender que como das cousas pequenas. assy deuemos sperar. que nos dara as mayores. E por esso o menjno sancto Bonifacio era simplez e foy exouuido nas cousas uijs e pequenas. que per elas aprendesse quanto auija de cõfyar de deus. quando o por cousas grandes rogasse.

*Pedro*

Dom Pedro seu clerigo disse:

— Muyto me plaz padre do que dizes.

# O CASAMENTO EM BARBACENA

Constitue acontecimento festivo o casamento popular na minha aldeia.

Quer seja entre famílias das mais gradas e bemquistas da terra, quer entre trabalhadores humildes, é sempre motivo de alegre curiosidade e de burlescos comentários em tôda a povoação.

Vou referir-me, apenas, ao casamento modesto da gente de campo, por ser êste o que tem feição mais típica e acentuádamente regional.

Procurarei, tanto quanto possível, dar a esta notícia o cunho caracterizádamente alentejano, sacudido embora daquela monotonia que está naturalmente ligada a tudo que se prende com o Alentejo.

Para isso, na altura própria e com a oportunidade precisa, usarei dos termos mais populares em voga na minha terra, de entre êstes, ainda, os mais originais, alguns sòmente conhecidos na região de Elvas e outros proficientemente já cuidados pelo ilustre folclorista elvense António Tomás Pires.

*

* *

O casamento ou *bôda* na provincia, na maioria dos casos, é para os rapazes um acto imediato, quási conseqüente do cumprimento do serviço militar. Normalmente, os pais não consentem que os filhos casem *antes das sortes* ou emquanto *estiverem nas correias* (1).

O casamento, aliás como em qualquer outra região, é precedido, evidentemente, do namôro durante um período mais ou menos longo, com diferentes fases, por vezes engraçadas, que tentarei aqui reproduzir, por não desejar omiti-las.

Dividirei, pois êste trabalho em três capítulos principais: — namôro, casamento e função.

---

(1) *Estar nas correias* é estar prestando o serviço militar.

## I — Do namôro:

O *arranjar uma rapariga* é o primeiro e talvez mais difícil passo para o casamento.

O caminho da fonte, os ranchos no campo e os bailaricos, são assaz propícios a êsse fim, que, entre gente de aldeia, não é dos empreendimentos mais fáceis, em boa verdade.

Digo *gente de aldeia* ou *gente de campo* e não *gente salôia* porque o vocábulo *salôio* é absolutamente desconhecido na região a que pertenço.

Um rapaz que *ande com o sentido numa rapariga*, e pretenda enamorar-se dela, começa por lhe *puxor fala*, isto é, dirige-lhe algumas palavras possívelmente amaveis.

Se ela não responde e finge não ouvir ou não compreender, a negativa é formal e perentória, sendo escusada nova insistência sob pena de irreverendíssima descompostura.

É por isso que o povo, sempre experimentado, tem êste dicto:

Se êle puxa fala
e ela se cala,
a coisa 'está *mala*...

O fracasso do nosso «D. Juan» torna-se notório e muito falado. Tôda a gente, então, fica sabendo que fulana *deu um cabaço* a fulano.

O mesmo se diz quando um namorado deixa o outro. Em Lisboa dir-se-ia «correr-lhe com a sorte», na minha aldeia, porém, chama-se a isso «dar um cabaço».

Na «Triste Viuvinha», moda de roda muito conhecida, lá aparece o *cabaço* a dar a nota alegre desta dança: — «quando um rapaz ou rapariga que está no centro pregunta a um dos da roda se quere casar e êste lhe responde negativamente», todos zombam e a roda segue sempre a cantar:

Já *levastes* um cabaço,
Dois ou três hás de levar;
É bem feito que não *há-des* achar
não *há-des* achar
com quem casar [1].

---

[1] Nesta quintilha notam-se algumas tendências da lin-

Numa função, ou *balho*, arranjar uma rapariga é exclusivo dos bons *balhadores* ou dos bons *cantadores*.

Uns e outros, pelas suas reconhecidas habilidades, costumam tirar partido de entre as *môças* mais *catitas* duma função.

Rapaz que dance com desenvoltura «Os dois passinhos», «Os três passinhos» e outras músicas predilectas de afamados tocadores de gaita, ou que cante ao desafio quadras da sua autoria, bonitas e bem dirigidas, e que saiba dar sentimento nas cantigas *pelo divino*, pode sem receio de cabaço escolher a mais *guapa* das môças de uma função, porque tôdas elas se rendem à vaidade de namoriscar um bom *valseador* ou uma rica *garganta de prata* (1).

Isto sem falar na preponderancia do tocador de «harmonium» que *leva as lampas* a todos!... Êste é olhado como criatura superior, e tem direito a uma cadeira para se sentar durante o baile.

Mais adiante, quando tratar da função, desenvolverei, pormenorizadamente, algumas fases engraçadas dêstes divertimentos que são os únicos da *mocidade* da minha aldeia.

Ainda na mesma quintilha nós vemos as duas formas: *hás-de* e *há-des* que o povo emprega distintamente, como tenho observado, conforme a palavra seguinte começa por consoante ou por vogal. Por ex.: «*has de trazer-me o livro*» e «*ha-des àmanhã trazer-me o livro*», etc.

Por agora basta referir como nos bailes algumas vezes se arranjam e concertam os namoricos.

Se um rapaz anda com o sentido numa môça que esteja na função, em geral, antes de entrar no *balho* espera cá fora da porta que ela cante, e, logo a seguir, quási à queima-

---

guagem popular. Assim: *levastes* por *levaste*, que nêste caso se justifica pela necessidade de uma sílaba métrica. Esta tendência para acrescentar na 2.ª pessoa do sing. do prefeito nota-se também noutras terras. Em Lisboa tenho ouvido a muito boa gente: fizestes, mostrastes, etc. É um caso de analogia com a 2.ª pessoa dos outros tempos.

(1) *Cantar pelo divino* diz-se das cantigas em que se fala muito em Cristo, Nossa Senhora e mais santos. *Guapa* é influência da vizinha Espanha. *Garganta de prata* chama-se a quem tem boa voz e canta bem.

-roupa, atira para dentro com uma cantiga ou *chapota* como esta, ou semelhante:

Mesm'agora aqui *chiguê*,
Mais cedo nã' pude vir;
Mas inda *chiguê* a tempo, ai...
Das tuas vozes ouvir...

ou ainda como esta:

Tenh'andad'a correr mundo,
De correr venho cansado;
Graças a Deus qu'eu ouvi, ai...
*Tê* cantar tã' bem trinado.

A seta atingiu o alvo. Na função há segredinhos e risadinhas para a môça que se põe muito vermelha quando é rapariga acanhada.

A seguir todos aguardam a resolução dela, que não tem outro remédio senão responder ao imprevisto trovador com uma quadra que pode ser um assentimento ou uma repulsa.

No primeiro caso o apaixonado dirige-lhe, ainda, outras cantigas de amor ou de agradecimento, e daí a momentos está no meio da função, muito *lempeiro*, a *pedir licença* (1).

Chama-se *pedir licença* à permissão solicitada ao *par* de uma môça por um rapaz que com ela deseja também dançar (2).

Êste pedido é feito nos termos: — «dê lá licença» ou «dá lá licença», conforme o grau de intimidade entre o rapaz que anda dançando e o que quer dançar.

No sul da Beira, há outra maneira de fazer êste pedido, na verdade menos correcta, e que é: — «ó camarada, dê lá uma buchinha». Na região de Estremôz também se usa: — «dê lá vazão, ó colega».

Deve notar-se que *pedir licença* num baile, pràticamente,

---

(1) *Lempeiro* usa-se no sentido de *desembaraçado* e de *atrevido*; por *lampeiro*.

(2) *Par* não só designa o par dançante, como também qualquer das pessoas que dançam. Assim, o rapaz é o *par* da môça com quem anda dançando, e esta é o *par* do rapaz.

é mais uma imposição do que pròpriamente um pedido. Nenhum rapaz pode recusar-se a ceder a môça com quem anda dançando a outro que venha pedir licença, ainda que tenha começado a dançar com ela naquele instante.

Logo que tenha ouvido o «dê lá licença», é da praxe, ceder imediatamente a môça, *sem mais aquelas*, e entregar ao novo par da rapariga o lencinho que ela trouxe de casa para que os rapazes, com o suor das mãos, não lhe manchem a blusa. Desta maneira, a môça, bem como o seu lencinho, vão passando de mão em mão.

Qualquer rapariga, sem ser muito formosa, chega a dançar com vinte ou trinta pares, até mesmo desconhecidos, durante uma moda de «harmónium» ou de gaita!...

Ocasiões há em que são dois e três rapazes a *pedir licença* ao mesmo tempo, pondo em sérios embaraços o par dançante, que não sabe qual dêles foi o primeiro a chegar, e por conseguinte qual terá direito à môça.

Muitas vèzes, isto dá origem a complicada discussão, que termina quási sempre com meia dúzia de *orelhadas* e duas ou três *fueiradas* entre os contendores, depois do dono da casa, prudentemente, os ter pôsto no *ôlho da rua!...*

Voltando ao namorico encetado pela troca de cantigas, acompanhêmo-lo até um provável casamento, para assim atingirmos o alvo que nos propuzemos.

Feia a declaração amorosa pela forma referida, os recemnamorados passam depois a encontrar-se no caminho da fonte, às quartas e sábados pela tardinha, fingindo sempre ser por mero acaso.

Ao princípio com pouca demora. Um comprimento, apenas, ou breve troca de palavras.

Semanas depois, passam já horas esquecidas em amável colóquio, ela com um enorme cântaro cheio de água equilibrado na cabeça, e êle, por que é a hora de largar o trabalho, encosta-se a qualquer ferramenta que traga ou ao *gravato*, se se fôr pastôr [1].

---

[1] *Gravato* (ou garavato) é uma vara com o comprimeneo de 2 metros, aproximàdamente, com um gancho de ferro num dos extremos, que os pastores usam para segurar uma ovelha pelas pernas e apanhá-la no meio do rebanho.

Passado mais algum tempo, começa êle a *arrimar* à porta da namorada falando com ela ao postigo, tôdas as noites [1].

Vem uma noite de chuva, e sería deshumano deixar um pobre coração apaixonado à mercê das goteiras importunas que em bicas enfileiradas despejam água de muitos telhados. Então, por um acto de justificada generosidade, a porta abre-se para o rapaz se abrigar. O idílio continua, mas já dentro de casa.

Aberta a porta, aberto o precedente. Podem vir noites lindas e *esgazeadas*, luarentas e espelhadas, que para os namorados é bem mais agradável conversar da banda de dentro da porta do que ao postigo [2].

Também por acaso *calha* sempre haver duas cadeiras ali ao pé dêles que utilizam passados alguns dias.

O namorico vai tomando vulto. O rapaz é muito sério e *coisa parece que sempre se arranja*...

A mãe que já passou pelo mesmo e que está contente com o namorado da filha, por ser rapaz de *bonitas falas* e de quem ninguem tem nada que dizer, vai passando os serões ao lume, com as contas na mão a fingir que reza, para melhor *cócar* as conversas do seu futuro genro de mistura com algumas *bolêtas* assadas que foi metendo no borralho.

É praxe muito antiga estar aberta a porta da rúa sempre que os namorados conversam do lado de dentro. Êste hábito explica-se por que estando a família da casa quási sempre para o lado da chaminé, os namorados ficarão sob a vigilancia directa das pessôas que passam em frente da porta.

É como que uma satisfação às linguas do mundo, que não perdoariam a gravidade de um namorico atrás da porta, com esta fechada.

É, ainda, por esta razão que aos namorados, quando conversam já dentro de casa, lhes são destinadas duas cadeiras das que ficam mais em frente da porta, para aí se sentarem.

Quem, à noite, passar por qualquer rua da minha aldeia, verá, a cada porta aberta, um casalinho que arrulha discrètamente dentro de casa.

---

(1) *Arrimar*, emprega-se no sentido de *aproximar*, *chegar*, etc.

(2) *Noites esgazeadas*, são as noites límpidas, sem névoa, com muitas estrêlas a brilhar.

Mas, o inverno dum rigor aliás propício mimoseia os namorados com uma noite fria de neve!... A rapariga começa com uma tosse profunda a pôr em sobressalto tôda a família...

A mãe, que sabe que ela é fraquinha, que a sua idade exige cuidados, que, por causa da anemia, anda ela a tomar uma *chenita* de *mel-coado* tôdas as semanas que a *mana* Maria Espanhola sabe arranjar, receia que a sua filha, coitadinha, se constipe e lhe venha algum *catarral* (1).

Então, num gesto generoso de carinho, diz aos namorados:

— Vá, cheguem-se aqui p'r'o lume... que está um frio de morte.

E os pombinhos lá vão aproximando-se cada vez mais da família, do lar, do casamento, emfim!...

As conversas tomam então carácter mais familiar; e, agora, já são todos os da casa que nelas interveem.

Umas noites por outras, ao namorado, que chega ainda a horas de ceia, é oferecida uma tigela de café com *marrucate* e *queijo-mole* trazido há pouco da *baralha* onde estava a escorrer (2).

Combinações várias e sonhados projectos, sempre optimistas, eis o assunto dos seus serões.

E agora o rapaz, que expõe as suas ideias, realizáveis num futuro mais ou menos próximo: — que já tem muitas ovelhas no *pubilhal* e que, talvez, vá vendê-las ao S. Tiago; que já está farto da vida de pastor e antes quere ser *ganhão;* que para o S. Mateus se vai *acomodar* num lavrador que dê boas *comedias;* que depois de casar, com o dinheiro das ovelhas e dos *malatos* há-de pôr uma *venda* à mulher, num bom sítio

---

(1) *Chenita* — medida antiga equivalente a *meio quartilho*. *Mel-coado* — mistura de mel com limalha de ferro (aço) muito batido até ficar em ponto de castelo, que as raparigas anémicas tomam. *Mana* — tratamento correspondente a *snr.ª* Ex.: Mana Maria, mano António que corresponde a snr.ª Maria e snr. António. *Catarral* — pneumonia.

(2) *Marrucate* — pão *trigueiro* (escuro). *Queijo mole* — queijo fresco. *Baralha* — grade de canas onde os queijos acabados de fazer são postos a escorrer.

por môr da frèguesia; etc., mil e um projectos que muito *cativam* a família da sua namorada... (1).

Como esta é muito *metida em si* e para salvar a situação, o elogio dela é feito pela mãe: — que a sua filha, não é por ela estar presente, mas tem umas mãos de prata; tudo que se põe a fazer, *fáze-o* com perfeição; que já tem o enxoval quási todo e que só lhe falta comprar um jogo de *planganas* além dos *trástes;* que é muito arranjadeira e que há-de dar uma boa dona de sua casa; que põe um remendo e sabe passajar uma camisa como poucas; que não é como essas *tricalheiras* que p'ra aí andam que nem sequer sabem fazer uma açôrda; etc. etc., uma confirmação absoluta do ditado:

«Quem acha bonita a noiva?
A mãe, que a quere casar...»

Assim se passa algum tempo até que o dia do casamento seja aprazado.

Mas, uma bela noite, fugindo ao sentencioso provérbio — «Quem casa não pensa e quem pensa não casa» — o nosso rapaz que não quere pensar, decide-se e, inopinadamente, propõe:

— Convinha-me que o *casório* fôsse lá p'r'ó S. Miguel...

Ao que a futura sogra, prazenteira, atalha imediatamente com algumas reflexões, aliás, assisadas. Faz-lhe então ver, — que as despesas da boda são muito custosas, que em o S. Miguel fechando as asas o trabalho afalcua e a malta *ganhoal* é quási tôda despedida e que é preciso lembrar-se que o inverno é comprido como o diacho... melhor seria aí pelo S. João, que há fartura e estão as eiras cheias de medas de pão...

Finalmente, é *marcado* o dia da boda a contento de todos. O pedido da noiva, em geral um mês antes do casamento, é feito pelos padrinhos.

---

(1) *Pubilhal* — rebanho que os pastores têm conjuntamente com os dos patrões. Deve ser alteração de *pegulhal* (de *pecus*). *Acomodar-se* — contratar-se para trabalhar. *Comedías* — géneros que os patrões fornecem aos criados, semanalmente. *Malato* — borrêgo ou carneiro de um ano. *Venda* — loja, estabelecimento ou taberna. *Cativar* — prender com alegria.

Para êste acto tinham êles, antigamente, uma indumentária especial e que era a capa à espanhola com bandas de sêda e peluche de côres garridas. Era também com as mesmas capas que os padrinhos se apresentavam no dia do casamento para acompanharem os noivos à Igrêja.

Actualmente êsse hábito está pôsto de parte. As capas fôram substituídas pelo capote alentejano, e só para o pedido da noiva.

## II — Do casamento:

«Das festas, as vésperas...» usa-se muito dizer. Rialmente a véspera do casamento é o dia de maior *lida*. Tanto em casa do noivo como em casa da noiva, anda tudo numa *fôna pegada!...*

Se há gôstos, também há arrelias; e, não são pequenas, muitas vezes. Quando a amassadura de biscoitos não finta, há prantos de mau agoiro. Por mais que o alguidar dos bôlos se aproxime do lume e se lhe enrolem cobertores não se consegue que a massa levante e desmanche a cruz. Esta demora na fintura dos bôlos é indício de mau preságio para os noivos e por isso a mãe do rapaz anda esbulhada em lágrimas.

Também o pai da noiva, velhote desembaraçado, ganadeiro desde criança, anda arreliado e a *prèguejar*, porque fôra para o quintal esfolar a badana e rompeu as tripas das rès com a ponta afiada da navalha!...

Na casa destinada à residência dos noivos reünem-se muitas raparigas amigas para fazer a *cama da noiva* e compôrem o novo ninho.

A noiva nêste dia está proïbida pelas suas amigas de fazer qualquer coisa; além disso, ela pouco aparece porque já tem os frisados feitos e embrulhados em papeluchos.

Limita-se, apenas, a tirar da arca as roupas necessárias e que desde tenra idade vinha fazendo e arrecadando para o seu enxoval. Tudo tinha passado pelas suas mãos; tudo tinha trabalho seu!... Desde as baínhas enviesadas dos lençóis às letras torcidas e *ramiadas* das toalhas de *pano de linho*, nota-se ainda a indecisão dos pontos de criança, pontos incertos de aprendiza, mas que o seu coração já soube guiar através da rudeza inocente das suas ilusões!...

Raparigas da minha terra, como eu vos admiro!... Quan-

tas privações, quantos sacrifícios e canseiras, durante a vossa mocidade, para conseguirdes encher uma arca com o enxoval todo passado pelas vossas mãos, feito aos poucos, durante as folgas dos trabalhos do campo!

Devo dizer que na minha terra é costume ser posta tôda a casa pela família da noiva. O noivo apenas manda para a nova morada alguns *géneros* e um taboleiro enorme com uma *conta* ou *conta e meia* de pão de trigo, incluindo a *pôia* que a forneira não quís tirar, em atenção a ser esta a primeira amassadura dos noivos (1).

São, pois, as raparigas que, com as suas economias, compram quási todos os utensílios, mobiliário e roupas, ajudadas também pelos pais na altura do casamento.

Na verdade, elas começam logo aos 12 ou 13 anos a entrar nos ranchos e a trabalhar no campo para ganharem para si.

Pelas mondas, metidas nos trigais verdejantes, acocoradas durante um dia à cata das ervas ruins, à chuva e ao frio, passam os mêses de Março e Abril, *por môr de* 30 ou 40 *menl réis*, que é quanto ganham e empregam em meia duzia de metros de pano-crú.

Vêm as ceifas; e, todos os dias logo às duas da madrugada, toca a levantar ao som dos búzios das *mã-ligeiras*. Com as suas sáias-calções, pandeiro, pandeirêta e castanholas, elas lá vão cantando para o campo do lavrador, onde chegam inda de noite (2). Emquanto não amanhece, deitam-se sôbre o restôlho, junto dos rilheiros por causa da *marzia*, a acabar de dormir, o sono interrompido...

É, pois, com os míseros escudos *forradas* nos ranchos, em troca de um trabalho extenuante, que as raparigas vão fazendo o seu ninho, a pouco e pouco, comprando cada ano sua coisa.

Por isso, não é sem razão que elas se orgulham de mostrar a sua casa a tôda a gente na véspera do casamento.

Na noite dêste dia, a porta aberta para quem queira ir vêr a *cama da noiva*, como vulgarmente se diz.

É uma romaria de curiosos e curiosas que *vão dar fé* do que os noivos *argenciaram* para a sua casa.

---

(1) Uma *conta* dé pão, são 20 pães. *Pôia*, é o pão ou pães que a mulher do fôrno tira como paga do seu trabalho.

(2) *Mã-ligeira* ou *mão-ligeira* — alteração de manajeira.

Centenares de mulheres, bisbilhoteiras de profissão, passam por aquela modesta exposição de excentricidades, não lhes escapando a mais pequenina falta, que depois comentam a seu modo, nos mais libertinos pontos de reünião, como seja o Tanque da Vila.

O Tanque da Vila, ou lavadoiro público, é o centro da má-lingua da minha aldeia.

Ai! da noiva que não souber conduzir-se conforme as praxes mandam e os costumes aconselham!... Naquele foco de maledicência e de roupa suja sairá tôda a história da sua vida, com muitos *quês* e *porquês* de invenção mèramente caluniosa.

Ali se discute e põe em dúvida se a noiva, só com o seu dinheiro, seria capaz de pôr aquele grande *casão!*... Que ela quis comparar-se às ricas por que leva catre branco com maçanêtas amarelas e que até no lavatório pôs duas toalhas, uma azul e outra côr-de-rosa, como se fôsse alguma *lavradôra*... que o *arame* que estava na cantareira, não era dela, mas sim da sogra, que lho emprestou só para vista e não lho deu... que as panelas que tinha na *grilanda* já estavam servidicas... que a impostorona só teve dinheiro para os bonitos, e se calhar ainda não pagou a *trempe mais a tazana* ao mestre João Silvério... e um «nunca acabar» de outros impropérios mais injuriosos.

O Tanque da Vila é, pois, o ponto de reünião das *vateiras* da má língua, que todos os dias ali vão lavar umas fraldas dos filhos, sòmente como pretexto de levar e trazer novidades.

Retomando o rumo da descrição que temos em vista, vamos encontrar agora os convidados de cada um dos noivos a reünirem-se nas casas respectivas, porque vai sair a bôda, (ou porque vai *ser* a bôda).

O noivo, ladeado pelos dois padrinhos e seguido pelo seu acompanhamento, dirige-se para casa da noiva, onde os convidados desta se encontram já reünidos. Sem muitas cerimónias todos entram e a casa enche-se.

A noiva já vestida e pronta não aparece por emquanto. Está com a madrinha, a sós, no *sótão* (1). É a hora, como é costume, em que a madrinha vai dar os conselhos à noiva e lhe vai dizendo, com *ares* de pessoa experimentada:

---

(1) *Sótão* é a designação que se dá ao quarto de dormir.

— «Afilhada, repara bem nos meus conselhos; — o casar é azêdo como o vinagre; os homens todos são o mesmo, têm altas e baixas, ora estão dum lado, ora estão do outro; se êles dizem que a pedra é *assabão* não se lhes diz que não... etc., etc.»

Cumprida esta praxe, saem ambas do sótão. A noiva vai pedir a bênção à mãe, despede-se dela e lá vai chorosa, lavadinha em lágrimas, a caminho do Registo.

Ai, de ti, pobre noiva, se não chorasses!... Amanhã no Tanque da Vila lá estarias a contas com as línguas compridas dos *zaranvalhões!*... (1).

Põe-se o cortejo em marcha e segue tudo a pé. À frente, a noiva com um véu muito armado no alto da cabeça, sôbre os frisados feitos na véspera; do seu lado esquerdo a madrinha de mantilha à espanhola, muito espalhada sôbre o peito e apanhada por um broche de ouro.

Esta leva também a telintar-lhe no pescoço um rico *afogadoiro*, que lhe comprou o marido, que é eguariço, quando vendeu uma égua fôrra na feira da vila.

As duas com o passo morosamente cadenciado e sem saber o que hão de fazer às mãos, terminam por as cruzar sôbre a barriga.

Mais atrás segue o noivo no meio dos dois padrinhos e cada um dêstes leva uma enorme bôlsa de damasco amarelo cheia de amêndoas para depois do casamento deitarem à garotada, durante o trajecto para a casa dos noivos.

O cortejo, em marcha de procissão, lá vai seguindo pela rua fora misturado com a rapaziada que pula de contente pelas amêndoas dos padrinhos.

Finalmente, chega à «Loja Nova», que é a Mercearia do meu amigo João António da Ponte, ajudante quási encartado do Registo Civil, bom rapaz na verdade, mas a quem a solenidade do acto não impede de interrompê-lo para ir *aviar* duas onças de açúcar ou meio côvado de riscado a uma frèguesa que já disse que não espera mais e se vai embora.

Casados à face da lei e da mercearia, seguem agora os noivos e o seu acompanhamento para a Matriz onde o padre, já pouco satisfeito, está esperando há duas boas horas.

Logo a seguir à cerimónia religiosa o primeiro acto dos noivos, mesmo na Igreja, é pedir a bênção aos sogros, fazendo

---

(1) *Zaranvalhão* — mulher pouco apurada no vestir.

uma pequena genuflexão na frente dêles e proferindo o «*a cá su bença*», abreviatura popular da expressão: — *dê-me a sua bênção* ou *dei-te-me a sua bênção.*

Seguem-se os comprimentos de parabens da parte dos convidados e novamente o cortejo se prepara para sair, depois dos padrinhos pagarem ao padre e ao sacristão os seus honorários.

Uma vez na rua, os sinos repicam e os padrinhos abrindo as guelas às bolsas de damasco, vão semeando amêndoas e rebuçados por todos os lados. Começa a batalha para os rapazes que saltam uns sôbre os outros e correm sôfregamente dum lado para o outro na perseguição das amêndoas escapadas das mãos dos padrinhos.

Nessa faina desenfreada os rapazes vão sempre gritando: «inho, inho, amêndoas do padrinho». Se estas não são com abundância, fazem então grande alarido, dizendo que são «padrinhos de capa-rôta».

Já algumas vezes tem sucedido, quando os padrinhos espalham as amêndoas para a frente, enovelarem-se os rapazes por cima uns dos outros, embaraçando a noiva e a madrinha e chegando a deixá-las cair. Por isso a madrinha tem um trabalhão a enxotar os garotos da frente e já disse a um que se o apanha lhe torce os *ganêtes* (1).

O cortejo dirige-se para casa dos noivos onde está já preparado o *alcance* ou *copo de água*, mas, predominando em boa verdade o copo de vinho.

Mal chega a casa, o noivo tem de ir em primeiro lugar oferecer a nova morada à sogra, a quem pede a bênção como fez na igreja ao sogro, convidando-a para ir ao *alcance* comer um bôlo e acompanhando-a em seguida. Vai depois oferecer a casa e fazer igual convite às restantes pessoas da família da noiva que não tenham ido ao casamento (2).

---

(1) *Ganête* — isto é, gasganète.

(2) Sôbre o têrmo *alcance* deve notar-se o seguinte: Antigamente, e julgo que ainda hoje no Baixo-Alentejo, era costume depois do casamento na igreja, sairem dois do acompanhamento, montarem a cavalo e irem a tôda a pressa dar a notícia de estarem já casados os noivos para receberem as *alviçaras* da família. Isto quando os casamentos eram de famílias que habitavam nos *montes*, distantes da igreja da frèguesia. As *alviçaras* eram os licores e os bôlos que os mesmos

E assim anda o pobre noivo a acompanhar gente para o alcance durante uma ou duas horas.

Os sinos continuam repicando, porque os padrinhos *convidaram* bem o sacristão. É sabido que, quando os sinos tocam pouco, o sineiro não ficou satisfeito com a gorjeta [1].

À noitinha, em casa dos pais do noivo põe-se a mesa para uma suculenta ceia a que assistem todos os convidados.

As ceias de boda teem sempre um «menu» caraterístico, invariàvelmente o mesmo em todos os casamentos: — Sopa de macarrão, a seguir o tradicional ensopado de boda com bastante queimor, por causa do vinho, depois couve com morcela, magrão, cacholeira e mais carne de porco, e, para terminar, o assado da badana, bem tostadinho no forno da Maria a Toucinha...

Há do branco e do tinto à escolha e a fartar!... As garrafas esvaziam-se sem se dar por isso, e são logo substituídas... Os efeitos não se fazem esperar... Fala-se muito agora e a boa disposição aumenta a *olhos vistos*... Um dos mais faladores entornou um copo de vinho na toalha e desculpa-se dizendo que *são alegrias*.

Com as *bânzaras* cheias, todos pretendem render homenagem aos donos da casa. Começam então as saüdes e os dichotes aos noivos.

As saüdes são feitas numa quadra em que o primeiro verso é sempre: «Eu bebo êste copo de vinho...»

Não deixarei de transcrever aqui a saüde de um convidado:

«Eu bebo êste copo de vinho
Com tôda a *sastifação;*
Vivam os donos desta casa
E os que foram dar a mão...»

---

traziam ao acompanhamento e tomavam onde se encontrassem. Ainda hoje diz de uma pessoa que passa com pressa: «parece que vai buscar as alvíçaras» ou «parece que vai no alcance de alguém» (no encalço). Talvez que esta designação *alcance* venha das primeiras bebidas que o acompanhamento tomava depois do casamento, que era em qualquer altura do caminho, em que os alviçareiros o *alcançassem* ou encontrassem.

[1] *Convidar* — como verbo intransitivo, dar gorjeta, ou dar um convite.

Ainda outra saüde de um tio da noiva, muito *casamenteiro*, que já não diz coisa com coisa, e a quem a mulher lá de longe já fêz sinal para não beber mais:

«Eu bebo êste copo de vinho,
Rapaz não tenhas *arreceio*,
Se não lhe puderes dar pão de trigo
Dá-lhe só pão de centeio...»

E a série de saüdes continua, procurando cada um dar à sua quadra a melhor inspiração.

Depois de *bem comidos* e as *bazelgas* bem avinhadas, é oferecida por um dos padrinhos uma *roda* de charutos.

As raparigas começam a sair para se irem vestir para a *função;* e os rapazes vão dar uma volta para passarem pela fonte e falarem às namoradas.

Ficam só os casados que se encarregam de esvaziar as últimas garrafas.

## III — Da função:

É a *função* a parte do casamento que maior interesse desperta entre a mocidade.

Os bailes das bodas são sempre *balhos de porta aberta*, isto é, são públicos, podendo entrar todos os rapazes que queiram, até sem serem convidados. Há também *balhos à porta fechada*, que são os dos *mestres* ou os dos *casacas*.

Emquanto não vem o tocador, cantam as raparigas, e assim começa a função com as *saias novas* que são as modas da ocasião. *Saias* ou modas são a parte pròpriamente musical, à qual se adapta a letra das cantigas.

Esta designação de *saias* aparece confirmada na seguinte quadra:

Estas é que são as *saias;*
Estas mesmas é que são;
Foram cantadas e *balhadas*
Em a noite de S. João.

As raparigas, quando não se recordam das *saias novas*, pedem umas às outras que «dêem o *estilo*». Então, a que tiver melhor ouvido, em voz baixa, dá às outras o *arrequeve;*

isto é, entôa as primeiras notas da música, o que nós chamaríamos «dar o lamiré».

As primeiras cantigas são dedicadas aos noivos ou alusivas ao casamento. Assim:

Fulano já estás casado,
Já o laço te apanhou;
*Queira Deus* que sempre digas, ai...
Se bem 'stive, melhor 'stou...

Uma *chapota* de um rapaz que tem pensado muito acêrca do casamento e por isso não casa:

Êle julga que o casar
Não é mais que o dar da mão;
Se *manter* mulher e filhos, ai...
Há-de achar que é *pensão*...

Cantiga dirigida à noiva por uma rapariga que não tem rapaz, mas *dando-se ares* de conformada:

Casada, quem te casou,
Que tão mal o entendia?
Solteira, sempre brilhou,
Casada, perde a valia...

E, em alta grita, continuam as cantigas que se ouvem a grande distância. Os rapazes que *andam à fama* da função acodem logo aos magotes.

Um cantador afamado que acaba de chegar, como tem confiança na casa, começa a ser exigente:

Se querem que eu cante bem,
Dêem-me um copo de vinho
Por que o vinho é coisa santa
E faz o cantar miüdininho...

A cantiga teve a sua graça, e o rapaz é chamado para o sótão onde está o charão dos bôlos, sendo-lhe oferecido vinho e biscoitos. Êle aproveita a oportunidade para dar os parabéns aos noivos, bebendo à sua sãúde.

Logo que chega o tocador de «harmónium», é convidado também a ir ao sótão para o mesmo fim.

A função anima-se. As môças são já *mais que muitas!...* Os rapazes que a princípio estavam *arredios*, a pouco e pouco vão-se *chegando ao rêgo...* (1).

Uma môça que tem estado aborrecida por não ter visto ainda o namorado, quando lhe vêm dizer que êle *está de atalaia* à porta, obriga-o a entrar na função, com esta cantiga:

Onde estará meu amor,
Raminho de *bule em bule?...*
Já são tantas as *soidades*, ai
Que não há quem as ature...

O namorado, vendo-se descoberto, responde com outra cantiga:

Não me dão p'ra aqui notícia
Duma rosa que cantou?
Que lhe quero *precurar*, ai
Em que jardim se criou?...

A resposta é então dada por uma amiga da namorada:

A rosa que aqui cantou
É uma branca açucena;
Foi nascida e baptizada
Na vila de Barbacena...

Estas quadras, que o povo canta na rude inspiração do seu amor e sentimentos, são, por vezes, de curiosidade

---

(1) *Môça, môças* — A forma feminina dêste vocábulo é a única forma substantiva usada na região de Elvas e só com a significação de raparigas que estão num baile. Fora desta acepção não se usa.

Ninguém diz: *um rancho de môças* ou *um grupo de môças*, mas sim — Um rancho de raparigas e um grupo de raparigas. Contudo, quando se fala de um baile, diz-se: *a função tem muitas môças* ou *ainda não vieram as môças para a função*. Isto não quere dizer que se desconheçam as formas *moço* e *moços*, que se empregam como sinónimos de *novo* e *novas*. Ex.: «O filho mais moço de Fulano», «Êste é mais moço que aquele», «Das môças desta função é Fulana a mais môça».

digna de estudo e atenção. Simplicidade alegremente cadenciada; metrificação rigorosíssima, e, a acentuação bem poderia servir de modêlo a alguns dos muitíssimos poetas que, por aí fora, inundam os mostradores das livrarias!...

As funções dos casamentos, em geral, são sempre em casa dos pais das noivas.

Algumas vezes para evitar os abusos das «licenças» o dono da casa estabelece que só se pede licença no princípio de cada moda, como se faz nos *balhos dos finos*.

Quando o tocador tem a namorada na função, vai dançar com ela ao mesmo tempo que toca. Para isso, tem a rapariga de se encaixar entre o rapaz e o harmónium, como se estivesse a receber um grande abraço, mas com o fole do instrumento a fazer-lhe cócegas nas costas e a manchar-lhe a *marinheira*.

Há sempre notas discordantes nestas funções. Quando não são as rivalidades entre os pretendentes da mesma môça, são as provocações dos que estão na rua.

Às vezes aparece um cantador à porta e vendo que não há *fôrma para o seu pé*, com ares arrogantes, canta qualquer cantiga a achincalhar os da função, como esta:

De correr venho cansado,
À fama dêste barulho;
Julgava eu que era bolêta
E encontrei só cascabulho...

As môças não gostaram muito da graça; e, uma ou outra ainda se atreve a dizer: «Lá, oh! o alarve... Ora o brutana...»

Mas, logo a seguir, um outro cá da rua, arreliado por que uma môça lhe deu um cabaço, canta outra chapota ainda mais provocante:

Inda hoje eu não comi
Senão pão com azeitonas;
Graças a Deus que *chegui*
À função das *manjaronas*...

A cantiga produziu grande indignação da parte das raparigas, porque «manjarona» na minha terra, é termo depreciativo e sinónimo de *mostrenga*.

Entre os namorados há um que é pimpão e que se arma em cavaleiro medieval, querendo sair para a rua afim de castigar o atrevido.

As raparigas, para evitar alguma desgraça, agarram-se a êle e não o deixam sair.

O dono da casa, que não está habituado a deitar-se tarde, aproveita êste magnífico ensejo para pôr tudo na rua e acabar o baile.

Então, chega ao meio da casa e em tom patriarcal, diz: — «Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo; acabou-se a função».

São estas as palavras sacramentais com que se dão por terminados os bailes.

Depois de proferido o «louvado» pelo dono ou dona da casa, ninguém mais poderá dançar.

Barbacena.

MANUEL RODRIGUES DE CARVALHO.

# ALVALADE

Em três publicações minhas, de há muitos anos, eu tive a infeliz idea de querer intrometer-me em domínio estranho aos meus estudos árabes. Fi-lo para explicar certo facto fonético, em nomes da nossa toponímia, que a língua árabe teria desviado da evolução românica. Ninguém tomou a sério a minha pretensão; e o silêncio dos mestres na matéria foi para mim a sua condenação. Ùltimamente, no vol. 24, p. 193-8, desta *Revista*, o Sr. Dr. Joaquim da Silveira deu-se ao trabalho de demonstrar a minha sem-razão em termos, todavia, muito para agradecer. Não é por isso que escrevo esta nota, mas porque algumas afirmações do meu contraditor aí feitas me não parecem exactas.

Pretendera eu: 1.º que *Alvalade* provinha do latim *palatiu-* através da forma arabizada *albalat*, dada com aquele sentido nos autores árabes; 2.º que *Beja* vinha do nome latino da cidade *Pace-* (Augusta-); 3.º em ambos os casos, a admitir-se a minha explicação, *ti-* e *ce-* teriam ainda no princípio do séc. VIII o valor primitivo de explosivas e não de fricativas que depois tiveram; 4.º a confirmar isto acrescia a forma árabe da *Gallaecia*, *Jallequia*.

Estou hoje convencido de que eu não tinha razão e que a explicação fonética dos nomes indicados tem de ser outra.

Para *Beja*, o caso está arrumado: esta forma provém, sem dúvida, da intermédia *Paca*, que deve ter existido antes do séc. VIII, como propôs o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos.

Para *albalat* tenho eu agora uma solução satisfatória, porque a forma árabe deve ser de cêrca do séc. VIII e ter vindo do Oriente.

Mas para *Jallequia* não tenho explicação alguma, já que a outra é inadmissível. Tratando-se de uma região de que os Árabes só tomaram conhecimento quando invadiram a Península, o seu nome em árabe deve ser contemporâneo da invasão: mas como tem de ser posta de parte a pronúncia *Gallequia*, eu não sei resolver o caso, nem o Sr. Dr. J. da Silveira se ocupou dêle.

Voltemos a *albalat*. No léxico árabe *balāt* tem três sentidos: 1.º lágea, pavimento liso de pedra ou tijolo; 2.º palácio

real; 3.° nave (de templo: igreja ou mesquita). O primeiro é o único de raiz árabe (Lane, *Arabic-English Lexicon*, I, p. 249); os outros dois são importados. Com a significação de «palácio real» é, na verdade, a palavra latina *palatiu-* (Dozy, *Supplément aux dictionnaires arabes*, I, p. III), mas por intermédio do grego: o vocábulo passou ao grego bizantino na forma παλατιον (Du Cange, *Glossarium ad scriptores mediae et infimae Graecitatis*, I, col. 1082) e dêle ao árabe. No terceiro sentido é o baixo-latim *baletu-* (Dozy, *Supplément...*, I, p. III, e Edrici, *Description de l'Afrique et de l'Espagne*, p. 274, pelo mesmo autor e De Goeje).

Só nos importa agora a segunda significação do vocábulo. Se, como creio, êle tem a origem indicada, já existiria, pois, no léxico árabe quando os Árabes conquistaram a Península, ou terá entrado nele por êsse tempo. Como é sabido, foi com os Gregos da Síria e do Egito que êles estiveram primeiro em contacto desde o séc. VII. Posto assim o problema, fica prejudicada a afirmação de que os mais antigos documentos ou autores em que êle aparece remontam apenas ao séc. XI. Demais, não possuindo a língua árabe ainda dicionário histórico, nada se pode por isso asseverar de seguro a êsse respeito: é precário o argumento que se baseia em factos incompletamente averiguados, porque o vocábulo pode ter ocorrido em autor anterior a êsse século e não ter sido ainda recolhido. Os próprios documentos cristãos parecem provar a sua antiguidade de facto; o cronicão de Afonso III, de Leão, atribuído ao séc. IX, falando do palácio do rei diz: «... a Caldeis *Uallat* Ruderici est vocitatus» (Fernández Guerra, *Caida y ruina del imperio visigótico español*, p. 42 n. Citação do Sr. Dr. J. da Silveira). Seja ou não dêsse século, êste passo mostra a vulgaridade do vocábulo; e é nas regiões onde até mais tarde permaneceram os Árabes que existem os *Alvalade*.

Para reforçar a sua dúvida, relativamente à minha explicação, o Sr. Dr. J. da Silveira vai afirmando que a letra do alfabeto árabe, a 16.ª, que representa o *t* de *albalat* «está longe de corresponder fielmente a esta explosiva na pronúncia», mas: *a)* que «ela tem antes um valor bastante semelhante ao *th* inglês»; — *b)* que Simonet diz que a pronúncia dela se aproxima ora do *t*, ora do *z* castelhano, como sucede, v. g., em *firmetha*, transcrição aljamiada do vocábulo espanhol *firmeza*; — *c)* que, segundo o mesmo autor, o nome próprio *Al-Balat*, dado por Ibne Alcatibe no séc. XIV a uma

granja dos arredores de Granada, corresponde a *El-Palaz* em escrituras cristãs dos séc. XV e XVI; — *d)* que o vocábulo português e castelhano *masmorra (mazmorra)*, «onde o *z* é o sucessor legítimo do *ttá*», é contraprova dos factos afirmados. Assim, no seu entender, êstes factos «infirmam o pretendido valor explosivo de *ti-* seguido de vogal ainda no séc. VIII e tornam inverosímil» o meu étimo de *Alvalade;* e, todavia, continua êle, «na maioria dos casos» a pronúncia do *ttá* aproxima-se «da do nosso *t* e por êste está representado em numerosas palavras portuguesas». Esta segunda afirmação, verdadeira, invalida a primeira, evidentemente; mas há mais: tôdas as afirmações anteriores são inexactas.

Assim: *a)* o *th* inglês, dental, quer de *thing*, quer de *that*, corresponde respectivamente às letras 4.ª e 9.ª do alfabeto árabe; mas a 16.ª letra dêste alfabeto, que deu o *t* de *albalat*, tem o valor de palatal (próximo do *t* inglês, alveolar, de *but);* — *b)* Simonet translitera sempre, na verdade, essa letra por *th*, como muitos outros arabistas, sem lhe dar correspondência com o *th* inglês; mas ela nunca tem o valor de z = ç, como êle pretende, porque o exemplo dado, único, é uma má leitura, ou má escrita, por confusão desta letra com a 14.ª, as quais se difereçam só por uma linha vertical a mais naquela. Dei-me à tarefa de percorrer todo o glossário de Simonet, para saber como se transcrevem em caracteres árabes os vocábulos neste caso, e achei que *z (ç)* é representado ora pela 12.ª letra, ora pela 14.ª, como *fuerza*, *garza*, etc., e nunca pela 16.ª. Nas aljamias castelhana e portuguesa é sempre assim também; — *c)* Simonet não identifica *Al-Balat* e *El-Palaz*, mas simplesmente aproxima êstes nomes dubitativamente: «quizás...» diz êle; — *d)* o vocábulo *masmorra* não prova nada. O seu étimo é realmente *matmora* em que o *t* é igual ao *t* de *albalat;* êle deu *matamorra* em português — que se pode ler em Góis *(Crónica de D. Manuel*, III, cap. 74) — e *mazmorra* em castelhano por evolução românica, como, por exemplo, em *bizma* de *epithema* (Pidal, *Manual de gramática histórica española*, p. 83), donde passou ao português, como hei-de provar em estudo que estou preparando.

Inutilizada a minha explicação por aquelas suas considerações, o Sr. Dr. J. da Silveira vê, todavia, o étimo de *Alvalade* no mesmo vocábulo, na forma espanhola *balate*, com significação derivada da clássica («lágea, pavimento liso de pedra ou tijolo»), que dei já. Êste é de fundo árabe e não

importado, como disse (Lane, I, p. 249). Firma-se para isso em Eguilaz *(Glosario de las palabras españolas... de origen oriental*, s. v. *balate)* e suas fontes, o qual define assim o vocábulo: «senda ou vereda estreita nos extremos das herdades, que lhes serve de linda e franqueia a passagem de uma a outra».

O autor espanhol abona-se com êste passo das *Ordenações de Granada:* «.. muchas personas toman en el campo para ensanchar sus heredades parte dè los caminos y balates y azequias». A definição da Academia espanhola é: «suelo allanado, bordo exterior de las acequias». Eguilaz cita duas fontes importantes para o significado do termo árabe, a saber, a *História de Alepo* e o *Vocabulista in arabico* publicado por Schiaparelli. Conforme a primeira, *balat* é sinónimo de *racif*, e segundo o *Vocabulista* a significação dêste vocábulo árabe é *strata;* e, na verdade, neste vocábulo *strata*, isto é, *calzada*, como a seguir se diz, dá-se essa mesma significação; e, por outro lado, o mesmo *Vocabulista*, no vocábulo *via*, dá, depois de muitos nomes que têm essa significação, também, só no fim da lista, *balão* (e não *balăt*, que é o termo usado na *História de Alepo)*. Daqui inferiu o Sr. Dr. J. da Silveira a sua definição de *balat:* «a via, estrada, calçada», que ficou, segundo êle, como designação locativa de vários lugares por onde passava «a via militar romana e mais tarde a estrada real».

A inferência parece-me inexacta. Não é êste o termo usado para designar «a estrada, a via». No vocábulo *via* do *Vocabulista* dizem-se quais são, e só num sentido particular aparece *balat* para significar *strata* no sentido de *calzada*, mas não *via* no seu sentido geral. (Todavia, Dozy no *Supplément*, I, p. 111, deixou-se induzir em êrro, e dá a *balăt* a significação de *route, chemin*, que não é a do vocábulo castelhano *balat*, nem a da *História de Alepo)*. Do mesmo modo, Pedro de Alcalá, dando a significação de *racif*, diz *calzada camino*, isto é, *calzada* no sentido de *camino*, como no *Vocabulista* vem *strata* no sentido de *calzada*. Na verdade, *racif*, além do significado de *recife*, tem dois outros: o de *represa* num rio, um açude, por exemplo, e também por extensão o *leito alteado* de um caminho (Dozy, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*, p. 198-9. No primeiro sentido posso citar o famoso dique do Guadalquivir em Córdova, em frente da catedral, ainda hoje chamado «Arre-

cife». Ibne Háncal diz dêle: «O caminho chamado recife». Cf. Edrici, p. 306).

Assim nem *racif*, nem o seu sinónimo *balat* significaram nunca *via*, *estrada*, como tão pouco o castelhano *balate* tem êsse significado. Por isso, concluindo, eu mantenho, até melhor opinião, a minha etimologia de *Alvalade*, com o correctivo que fiz.

DAVID LOPES.

# BARROSO

---

BARROSO é a região não vinhateira, situada ao norte da província de Trás-os-Montes, fronteiriça com a Galiza, que a espreita através da Serra do Larouco: região que na opinião mais geral abrange os concelhos de Montalegre e Boticas.

## 1. As nossas primeiras neves do Natal

*Ano de nevão, ano de pão,* ditado dos velhos, e é bem certo. As neves matam os ratos e mais bichice, tôda essa família de roedores que destroem as nossas sementeiras, e além disso conservam o calor e humidade à terra, evitando que os ventos secos do norte a dissequem e tornem inapta para produzir e fertilizar. Demais ela tem de vir, e se vem lá pelo Abril e Maio dentro, leva o *demo* os *pães,* que acamados pelo pêso não mais se levantam; ao passo que vindo no seu tempo atrasam os centeios fazendo com que as colheitas não temporejem. Graças a Deus que êste ano também não faltou. É um gôsto ver campos e montes tudo coberto com o seu manto branco, tão branco que até faz escurecer a vista aos pequenos animais, a ponto de podermos caçar lebres e coelhos à mocada. Ora vejam lá se nós nos enfadamos com ela. Nós cá nos avimos. Reparem nesses da cidade que tudo têm, mas para conseguirem neve ou gêlo vêem-se na necessidade de inventar máquinas para as fabricar. O que não é muito agradável é apanhá-la pelas orelhas, e muito menos ainda andar com ela às costas, como acontece sempre que nos agarra no monte e voltamos a casa carregados com as *croças.* Em alguns anos começa a nevar aí pelos fins de Santos, princípios de Natal e durante todo o Inverno alternam-se com a chuva aguaceiros e com os lindos dias de sol que geralmente vêm depois das grandes nevadas.

Neve no campo,
Sol na eira;
Lenha ao canto,
Pão na masseira.

Que prazer imenso não sentimos quando detrás do *'strefogueiro do lar* a vemos cair em enormes farrapos por entre os vidros defumados da cozinha! É que aprendemos a ser previdentes com a formiga e não só enceleiramos para nós, mas também para os nossos bons gados. O palheiro está atulhado de feno, palha, *fananco*, ramos secos de vidoeiro, *fentos* e ainda de *conhos* aos fachucos. Já contamos com o Inverno e não nos afligimos quando chove ou neva dois ou três meses consecutivos. Durante êstes dias monótonos em que a neve cobre campos e montes, os homens vão à caça, se a neve não é muito grossa e principalmente cuidam do penso do gado e e da rês. As mulheres estão sempre em casa, excepto as carreteiras da água, que não descansam emquanto não enchem os cântaros e canecos todos. As outras *carmeiam* lã, tecem, costuram e tratam do arranjo da casa e da engorda dos cevados, que dentro em pouco estão a deixar lugar aos leitões. Os rapazes, que geralmente andam na escola oficial ou aprendem com o *Senhor mestre 'scola*, juntam-se no cruzeiro da povoação e jogam a neve à bolada uns contra os outros.

Finalmente vem o Natal. Os pastores do gado e da rês têm o cuidado de trazer neste dia, isto é, na véspera do dia de Natal três pauzinhos de carvalho recentemente cortados, destinados a arderem durante a ceia e no dia seguinte durante as três missas. Êstes pauzinhos, que passam a chamar-se o *pau de Natal*, ficam com a mèzinha de afastar os trabalhos e as tempestades, pondo-os a arder juntamente com os ramos exóticos de laranjeira, alfazema e alecrim, benzidos no domingo de Ramos, e tangendo ao mesmo tempo o sino em que o fundidor gravou uma inscrição de Santa Bárbara: Santa Bárbara bendita, afastai de nós os raios e tempestades. O pau de Natal serve ainda para fazer os defumadoiros quando alguém teve um mêdo, ou para defumar as cortes e os próprios animais, — não vá andar neles algum *zarelho!*

Na véspera de Natal tôda a gente jejua não só por respeito ao antigo jejum preceituado pela Igreja, mas também para se fazer vontade para a ceia. Reüne-se a família tôda desde o filho mais velho, que é muitas vezes abade ou reitor numa freguesia não muito distante, até o mais novo, que caíu na sorte e anda portanto na tropa. Os mais pobres ou *cabaneiros* compram para êste dia bacalhau ou comem os miúdos dos porcos que cada um dos lavradores lhes dá por ocasião da matança. Êstes põem de parte a carne de porco e preferem

geralmente o polvo. Antes de começar a ceia, evoca-se a lembrança de alguém que faltou ou passou águas além. Dos primeiros diz-se: Deus lhes fale co'alma. Dos segundos: Nosso Senhor lhes dê boa sorte. Termina a ceia pela acção de graças que o *patrão* inicia por estas palavras: rezemos em louvor do Altíssimo Senhor que nos deu para hojê, nos dê para todo o sempre. Amen. Padre Nosso. — Durante o serão os mais pequenos jogam os pinhões *ao par ou pernilha*, os grandes falam de coisas alegres.

## 2. Um serão de Natal

Na lareira o brazume reanimador de uma fogueira de canhotos ou torgos. Lá fora apenas se ouve o latir contínuo dos cães, que vigilantemente cumprem o seu dever à porta do curral, arremetendo contra as abantesmas, sombras indistintas que a escuridão desenha ao canto das ruas tortuosas e mal alinhadas. O vento também causa não pequeno *'sterragido*. Sentado a um canto do escano, ao pé do candieiro de petróleo, que alumia com a sua luz baça o ambiente da cozinha, um venerável ancião tagarela animadamente, À volta da lareira a família tôda escuta atentamente, fazendo os respectivos ápartes.

Porém agora o vento deixara de soprar e dera lugar *às moscas brancas*. A neve cai silenciosamente em enormes farrapos, e dentro em pouco atingirá uma espessura regular. A fogueira é atiçada pela combustão de novo pasto que nela é lançado pela mão pronta daquele que mais perto do canto da lenha se sentára. A conversação continua animada.

— Mas então vocês não se recordam de ouvir o que dizia o nosso tio Pedro, que Deus haja!? Nos tempos antigos também houve grandes calamidades. Contava êle que quando era pequenino, recordava-se inda muito bem de ser levado ao colo do avô pela Fecha abaixo, fugindo aos Franceses que por Chaves tinham entrado em Portugal pela terceira vez. Caminhavam sôbre Braga pela estrada velha que se estende ao longo da serra das Alturas e que dizem ser do tempo dos romanos, assim como a ponte Pedrinha. Ora os soldados da retaguarda por um lado mal vigiados e por outro cheios de fome, vinham aqui pelas aldeias mais próximas e cometiam tôda a espécie de malvadez. Cá o nosso *povo* também teve a

visita dos tais Francesinhos. Sempre vos digo que foi um *supto* que tôda a gente se *espantou*. Muitos chegaram até a esconder os presuntos que não podiam levar consigo debaixo do *palhuço* das beiras. Cá na povoação ficaram só alguns velhos, e êstes por recusarem fugir. O nosso tio também cá ficou. A um canto da rua, encostado à muleta, esperava êle a chegada de alguns dos invasores que já andavam pelas vizinhanças. Surgira o primeiro. Levanta cautelosamente a muleta e descarrega com tôda a fôrça de que foi capaz uma forte bordoada na cabeça do cavaleiro francês, que meio tonto e cego pelo sangue que lhe escorria do golpe, não viu o seu agressor que com a falta da muleta havia caído também por terra. Ora *veis* aí está como um velho vence, talvez, um valente soldado. Contava também que perto das Alturas os soldados de Napoleão roubaram um boi tourão que pelo *broar* se lhes denunciara num lameiro próximo, e que foram assá-lo dependurado em um carvalho que com êle assaram também. Ora um tio Valadares de Vilarinho que fôra surpreendido no meio da lenha, logo que os apanhou saboreando as carnes semi-cruas do boizinho que, inteiro, assaram, fugiu-lhes com a pele. Ora toma! Foi perseguido por largo tempo, mas a sua habilidade e profundo conhecimento dos atalhos e *carreiros*, fizeram perder aos inimigos a esperança de vingarem o seu atrevimento.

Muitas outras coisas se contaram ainda.

Finalmente o lume começava a fraquejar, e o sono já era mal geral. Lá fora a neve continuava a cair. O serão foi dado por findo.

## 3. O dia de Ano Novo

Muito cedo ainda já pela povoação se ouvem vozes de pessoas e mugidos de *fazendas* que saem para o monte. Neste dia os gados vão para os lameiros mais próximos, e as fazendas para as *tenças* ou *tapadas* junto da povoação — a Corredoura — à semelhança do que se faz no dia de S. João e de S. Pedro. É o dia de Ano Novo. É preciso sair muito cedo porque o último a levantar-se ou a sair para o monte, fica com a *peeira*. Ao recolherem das fazendas os pastores espreitam a melhor oportunidade de entrar com o seu rebanho. Nem atrás, nem à frente; o meio é o melhor lugar.

## 4. Reis

A noite é serena, e no céu brilham fulgurantes as estrêlas. A geada caindo sôbre a neve forma uma dura crusta e nos beirais compridos candieiros cristalinos em que o luar espelha seus raios. São horas de ceia. Pelo espaço ressoam vozes, interrompidas de vez em quando e terminando sempre num tom saüdoso:

Somos de longes terras
Não podemos demorar:
Se nos querem dar os Reis
Não nos stejam a detatar.

As castanhas e chouriças são recebidas na carapuça por algum dos rapazes *lestro e dino*. Com o produto paga-se a missa do dia e fazem-se as despesas da função.

## 5. Uma romaria

É no comêço do mês das malhadas. No cimo do monte, junto à ermida e na encruzilhada dos caminhos perto do povoado, tremula ao vento no alto de um comprido mastro uma bandeirola branca e vermelha. Ao alvorocer e à hora de crepúsculo os écos acordam ao longe corgas abaixo o som repetido dos morteiros festivos. À porta da venda ou taberna e na porta da capela ou igreja, na povoação, está afixado o programa que anuncia a *grande festividade do Senhor Salvador do Mundo*. Suspende-se o malho e o gadanho. Homens e gados repousam da fadiga de tantos trabalhos consecutivos, para juntos irem fazer a romariã. Uns vão cumprir uma, duas, ou três novenas com o seu gado e com a rês em volta do santuário. Aquele prometeu fazer uma dezena com as suas duas vaquinhas, levando uma delas um ou dois alqueires de centeio atado à *laia* de *molhelha* entre os cornos do bondoso animal. Outro prometeu *amortalhar* a sua melhor vaca e oferecê-la ao Santinho, e o bom animal também toma parte na procissão, levado pelo dono atrás do andor principal, segurado por uma simples fita. O gado foi livre do unheiro e a rês da morrinha, que tanto mal causam no rebanho. Uns vestem a mortalha e vão debaixo do andor do *Santo*. Os homens

que foram livres da sorte prometem pegar a um dos andores ou à vara do pendão grande. Alguns dão três ou quatro voltas de joelhos ao redor da ermida, encostados ao cajado. Há quem prometa pesar-se a centeio ou milho, oferendo o produto ao *Santo*, que é advogado das doenças ruins.

Freqüentemente a gente do povo confunde *Senhor Salvador* com *S. Salvador* e chamam-lhe indistintamente uma e outra coisa. Não raro a crença popular canoniza prèviamente pessoas que morreram com fama de santidade, como acontece com o P.e Manuel de Zimão e a Santinha de Vidago, inventando tambem a existência de corpos incorrutos no adro da capela ou no cemitério antigo. Nuns vê predestinados, noutros excomungados pelo Papa, e avisos de Deus.

Estamos, pois, nas vésperas da festa, isto é, no dia do arraial. Pelos fins da semana vêm chegando os armadores do Arco, os fogueteiros de Ribas e na tarde de sábado o das *luminárias* de Salto e as músicas do Minho. As bandas percorrem as ruas da povoação parando à porta das casas principais, bebendo uma boa *pinga* da Costa de Anelhe, à saúde do homenageado. Os da aldeia formam logo a sua opinião acêrca da melhor música, se a de Limões, se a de Fermil. A melhor é a que faz arrepiar os cabelos de entusiasmo, a que trás cornetins mais repenicados. Como o santuário fica lá em riba no monte, as músicas cedo deixam a povoação para se irem refazer e preparar para o debate daquela noite.

Daqui e de além vêm chegando magotes de pessoas cantando a cana-verde ao desafio; môças e rapazes, dançam o malhão, logo que chegam ao arraial. Cada povo forma o seu grupo. À entrada já os esperam os cabos de polícia que lhes fazem largar os paus aos homens, apalpando-lhe os bolsos, — não vão trazer alguma pistola para armar barulho. Senhor Salvador do mundo nos acuda! A cada grupo chama-se *ronda*, que é aumentado ainda pelos tocadores de *harmónico* (harmónio), pelos ferrinhos e pandeiretas. Os grupos não se separam mais. A noite inteira cantam e bailam no terreiro e à volta da capelinha, indo juntos também beber um cântaro de vinho à tasca mais afamada. Canta-se aqui e além, neste e naquele grupo a cana-verde ao desafio, havendo cantadores de profissão afamados. A Margarida de Codeçoso, o *Jarbaz* de Salto, etc. As danças mais usadas são: o malhão, o vira, a moda galega e o regadinho, introduzido há poucos anos ainda. Com o raiar da

aurora queima-se o último fogo prêso, e todos se afastam por entre os outeiros, cada *moucho ao seu souto*. Pela manhãzinha vêm chegando os romeiros do dia. Uns vêm cumprir promessas, outros vêm atraídos pela fama do Santo e nomeada do orador — o P.e *Pirze* da Vila da Ponte. Os intentos dêstes são mais piedosos. Recolhida a procissão, comem-se as merendas, sentados em grupos por debaixo dos carvalhos e castanheiros seculares, e com a noite tudo volta ao seu habitual repouso.

## 6. Um entêrro importante

Uma, duas, três, carreiras de sino. «Quem morreria?! — Oh! sim, foi o tio Antonho de Além, qu'inda onte arrecebeu os derradeiros sacramentos. Probe home. Deus le fale co'alma». Tôda a aldeia ficou avisada de que havia uma pessoa mais *sôbre terra*. Os rapazes não deixam descansar o sino nem um só momento a não ser que os *doridos* implorem piedade. Dado o sinal de finados, uma carreira para crianças, duas para as mulheres e três para os homens, ouvida a qual tôda a gente se descobre e reza pelo eterno repouso do morto, e decorrido o tempo suficiente para que seja vestido e colocado no caixão, tôda a aldeia vai à sua câmara ardente rezar-lhe alguns PP. Nossos e apresentar à família os seus pêsames dizendo: «Que havemos de fazer? é portal que todos temos de tapar».

Durante a noite o cadáver é vigiado por turnos de vizinhos de tôda a aldeia, que passam a aquecer-se na cozinha de vez em quando, se é no inverno. Na sala ou sobrado onde está depositado o morto reina o mais profundo silêncio. Junto da lareira narra-se em tom piedoso a vida do defunto, interpretando bem todos os actos da sua vida. Quem bom quiser ser, venha a morte e deixe-se morrer.

Já foram despedidos vizinhos para tôda a parte indo uns acordar os abades aos seus presbitérios, outros dar parte à justiça e outros ainda participar o falecimento aos parentes e amigos. Se morreu da parte de manhã, o enterramento faz-se já no dia seguinte, se de tarde, fica para o dia posterior. Durante o acompanhamento, a que não falta nem uma só pessoa, as mulheres com as suas capuchas e os homens encapotados em saragoça, o féretro pára no cruzeiro da aldeia para o P.e António do Couto cantar o *memento*, um

comovente falsete. Na igreja ou capela os padres cantam a cantochão pausado o ofício e a missa exequial e no seu decorrer algumas mulherzinhas vão beijar os sapatos do defunto e no fim todos deitam umas mãos-cheias de terra sôbre o caixão, — não vá o morto vir a êste mundo amedrontar os vivos! Como o finado era rico, é servido na casa da família um lauto jantar ao padre e amigos da família, e ao povo da aldeia e de fora é servido vinho e bacalhau às postas.

ANTÓNIO GONÇALVES DE MORAIS.

# ENQUISAS ONOMATOLÓGICAS

**(Vid. «Revista Lusitana», XXI, 316-336)**

---

II (conclusão)

A lista alfabética de nomes começada a publicar, com o n.º II, na *Revista Lusitana*, XXI, 320, devia ser continuada noutro ou noutros volumes, para o que eu já tinha muitos materiais, de *Jerormo* a *Zonáras*, que chegaram a estar na tipografia; como porém, por dificuldades materiais de que o tipógrafo me deu conhecimento, não chegaram a publicar-se, e eu ùltimamente resolvi incluí-los no vol. III dos meus *Opúsculos*, que vai aparecer a lume na Imprensa da Universidade de Coimbra, resolvi suspender a publicação do capítulo II das *Enquisas onomatológicas*, ao qual a presente notícia serve de remate.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

# MISCELANEA

---

## A palavra "ZEVRO,,

Qual era o animal que nos nossos textos medievais aparece a cada passo sob a designação de *zevro?*

O problema, que tem tido várias soluções, voltou a ser posto ùltimamente na Academia das Sciências pelo Sr. Dr. José Joaquim Nunes, que explica o vocábulo por uma evolução de *cervo* e identifica aquele animal com o veado, ao passo que o Sr. Esteves Pereira entende que a palavra *zevro* designa o bode.

Outros, como a Sr.ª D. Carolina Michaëlis, sustentam que se trata da zebra africana, trazida para a Península com a denominação muçulmana e utilizada como cavalo de montar.

Numa carta publicada no *Diário de Notícias* sugeri, fundado principalmente numa nova etimologia *(giber)*, que se trataria dum bovídeo portador de corcova, talvez o bisonte. Reconheço porém hoje que se não trata dum bovídeo, mas sim dum eqüídeo.

Comecei a duvidar da minha hipótese, sem todavia a engeitar, desde o dia em que a Sr.ª D. Carolina Michaëlis, numa carta recheada de erudição, me chamou a atenção para certas cantigas de escárneo do *Cancioneiro da Vaticana* em que aparecem cavaleiros *zevrões*. Êstes e outros textos que a eminente filóloga me indicava abalaram muito a confiança que eu depositava na minha hipótese, porquanto me parecia estranho, embora não absurdo, que os tais cavaleiros montassem em bois. Mas não me julguei por isso obrigado a acompanhar a Sr.ª D. Carolina Michaëlis na sua conclusão em favor da identificação do zevro com a zebra africana.

Entende com efeito a ilustre Senhora que se trata de animais que os Berberes trouxeram de África e que durante o império árabe serviram de cavalo de montar.

Salvo o devido respeito, nunca me compenetrei — *et pour cause* — de que o zebro de que falam a cada passo os nossos forais, fôsse um animal exótico, importado com os Berberes para servir como montada de luxo. Permaneci, pelo con-

trário, convencido de que se tratava dum animal selvagem abundante na Península ou pelo menos em parte dela. Tinha porém de concluir, em face dos textos apontados pela Sr.ª D. Carolina Michaëlis, que ou havia dois animais distintos com o mesmo nome, o que não é natural, ou o tal animal bravio podia ser domesticado e utilizado como montada.

Que animal seria? E donde lhe vinha o nome de zebro? Outra vez e sempre o mistério!

Nesta perplexidade me mantive até que tive a felicidade de encontrar uma coisa que em vão procurara: um texto da época, em que o animal então conhecido por zevro figurasse com outra designação menos enigmática. Êsse texto existe, como vou mostrar, e é mesmo mais que provável que existam muitos outros no mesmo género, os quais virão decerto confirmar a minha nova, e desta vez mais fundada, opinião. Refiro-me à carta municipal de Cuenca, que cumpre aproximar dos costumes de Alarcón, adaptação castelhana daquele texto latino. Escusado encarecer o valor dêste confronto, dado que o foral latino é dos fins do século XII e a adaptação castelhana dos fins do séc. XIII ou princípios do séc. XIV. A edição de que me servi foi «El Fuero de Zorita» do Prof. Rafael de Ureña, Madrid, 1911.

Pois bem: as palavras «De cuero de buey o de *ezabra*, 1 dinero» correspondem às seguintes, decisivas, da carta latina: «De corio bovis vel *onagri*, unum denarium». *Onagro* era pois sem sombra de dúvida o mesmo que *zebro*. Zebro era um burro selvagem, explicando-se assim a analogia do nome com o da zebra africana, cuja origem aliás desconheço.

Diz-nos com efeito qualquer bom tratado de zoologia que ainda hoje existem na Ásia e na África animais da família dos eqüídeos, estreitamente aparentados com as zebras embora com a pele menos listada, ou mesmo desprovida dessa singularidade: um dêles tem mesmo o nome scientífico de *equus onager*.

Em face disto, tudo se esclarece: compreende-se que o zebro fôsse, uma vez domesticado, utilizado como cavalo de montar, mas confirma-se ao mesmo tempo que era um animal bravio da fauna peninsular.

Quanto ao mais, novamente apelo para os zoólogos; a êles compete, com efeito, dizer se o eqüídeo em questão seria uma verdadeira zebra, se um onagro como os que hoje existem na

Ásia e na África, ou qual emfim o parentesco que teria com êstes animais.

Também seria para desejar que, pelo seu lado, os filólogos dissessem qual a origem da palavra, que, além das formas mais conhecidas, tinha também as formas *ezebro* e *ezabra*. Seria termo trazido pelos berberes com a dominação muçulmana? Seria vocábulo anterior à dominação romana e aparentado com outros do norte de África, aplicados a animais semelhantes? Talvez o conhecimento dos dialectos berberes lance alguma luz sôbre o assunto, cujo interesse é mais vasto do que muita gente supõe.

Eu, que não sou filólogo nem zoólogo, limito-me a apresentar mais êstes dados, aguardando que outros mais autorizados se pronunciem.

PAULO MERÊA.

---

## Alameda

### (Nota sematológica)

O ser um derivado de origem especial a palavra com que vulgarmente se designa uma rua de árvores em geral, faz que muitos a encarem como tendo primeiro tido a acepção, igualmente especial, de «rua de álamos», de que depois, por generalização, se afastaria. Trata-se de uma interpretação meramente intuitiva, que julgamos poder refutar nesta despretenciosa nota, destinada também a indagar as origens da acepção mais moderna de *alameda*.

*Alameda* significa pròpriamente: lugar onde crescem álamos; arvoredo de álamos; sendo um derivado de *álamo* por meio do sufixo *-eda*, que exprime: lugar plantado, arvoredo: com o que além de *alameda* está de acôrdo *olmeda*, como o estariam também, quando fizeram parte da língua comum, os seguintes topónimos: *Aveleda (A)*, *Brunheda*, *Carvalheda*, *Cerzeda*, *Freixeda*, *Loureda*, *Reboreda*, bem como êst'outros pertencentes à toponímia espanhola, ainda mais fértil do que a portuguesa em derivados da mesma espécie: *Aliseda*, *Cañeda*, *Cereceda* (correspondente à *Cerzeda* portuguesa), *Fregeneda* (correspondente a *Freixeda)*, *Lloreda* (nas Astúrias; correspon-

dente a *Loureda), Olmeda, Pineda, Robleda Sanceda*, etc. (1). O significado principal de *alameda* tem subsistido até os nossos dias, e pode alternar com o de «rua de árvores», porque neste a ideia de *álamo* não é sentida, como se exemplifica pela expressão «alameda de álamos». O emprêgo de *alameda* na acepção de «rua de álamos» teria dado em resultado a desaparição do sentido originário, porque uma mesma palavra não podia dar dos álamos duas representações opostas: uma que os reproduzisse em perspectiva; outra que os fixasse em massa. Sendo até possível que, de haver-se mantido *alameda* com esta significação, durante certo tempo, os demais vocábulos da mesma série, pela influência que uma palavra exerce sôbre outras da mesma derivação e análogo emprêgo, tivessem também perdido as suas primitivas acepções, passando a significar como *alamedas*, ruas das respectivas árvores contidas em seus nomes (2). Mas o que sobretudo nos importa é determinar porque é que a noção de «rua de árvores» passou a exprimir-se por aquela palavra. Para isso devemos partir de que, as primeiras ruas de árvores que os peninsulares viram, foram as naturalmente formadas pelas margens arborizadas dos rios. Porém, de tôdas as árvores que medram no solo da Península, a que mais abunda junto dos rios é o álamo, com a diferença de que, emquanto em Portugal compartilha com outras espécies o frescor das ribeiras, em Lião e Castela, pode dizer-se que é êle só a disfrutá-lo; e de Lião e Castela é que deve ter vindo o termo *alameda* (3). Ora, nessas

---

(1) O sufixo *-eda*, exprime também por vezes, lugar onde abunda uma coisa ou cheio de algo, como se infere de *Carrazeda* (em Portugal) e de *Barreda* e *(H)Ontaneda* (em Espanha); ou simplesmente a ideia de reünião, como *Peneda*, que na língua comum deve ter precedido *penedia*.

(2) Hoje mesmo, entre pessoas cultas, não raro se encontra quem, por uma espécie de hipercorrecção semântica, pense que *olmeda* deveria significar «rua de olmos».

(3) Se alameda fôsse vocábulo do português, decerto não deixaria de estar representado na sua toponímia, como o está, e exuberantemente, na toponímia espanhol. Na *Chorographia* de J. J. Baptista, apenas se encontra um *Alamela*, resultante, indubitàvelmente, da fusão do artigo ao nome *Lamela*, que na mesma obra ocorre várias vezes e que é uma variante

regiões *alameda* outra coisa não é que a nesga de álamos que o rio vai deixando a cada povoação ribeirinha: portanto a imagem visual da alameda tem como traço predominante o sulco aberto pelo rio na espessura; sendo pois fácil que qualquer agrupamento de árvores que lembrasse essa imagem, passasse a ter, por meio de um processo de comparação seguido da perda da noção de referência, a designação de *alameda*. Em resumo: *alameda*, no sentido de «rua de árvores», resultou de uma criação de ordem metafórica e não de uma generalização inconsciente.

SANTOS AGERO.

---

## Etimologias (1)

### 1. Esposade.

Nome de povoações do distrito do Pôrto. No séc. XIII *Sposadi*, no XI *Esposadi*, no X *Sposati*. O étimo está evidentemente no lat. sponsatus, de sponsare, isto é, *(villa)* sponsati. Com quanto não encontrasse ainda *sponsatus* como cognome romano, encontrei *Sponsa*, como tal, por exemplo, no *Corpus*, X, 2811: *Oppiae L. f. Sponsae* «a Oppia Sponsa, filha de Lucio» (no Museu de Nápoles).

---

de *Lameira*. A forma portuguesa de *alameda* deve ter sido *ameda*, logo de comêço substituída por *amedo*; ou porque ao génio da língua agradasse mais a forma masculina, ou porque se quisesse evitar a confusão com *meda*, o certo é que, emquanto na citada *Chorographia*, só se nos depara uma *Ameda*, tanto a toponímia de Portugal como a da Galiza abundam em *Amedos*.

(1) Quando eu não documentar os nomes medievais, que cito, entenda-se que estão documentados no *Onomantica* de Cortesão. O referir para nomes modernas formas antigas (medievais), não significa que elas se apliquem a uma mesma povoação. Querer identificar as povoações modernas com as antigas seria muito útil, mas muito fatigante, e em todo o caso nem sempre possível. A mim importam-me aqui principalmente as palavras em si próprias.

2. **Estremonde.**

Nome de uma povoação do distrito de Braga. De Trasmundi (sc. *villa)*. Em documentos medievais aparece várias vezes *Trasmundus, Trasmondo*, etc. Tanto na toponímia medieval, como na moderna oscilam *-mondo* e *-mundo* em nomes d'esta espécie. O étimo está em duas palavras germânicas: thrasan «brigar» e *munds «apoio»: vid. Meyer-Lübke, *Alportug. Personennamen*, I, 50 e 71.

3. **Estromil.**

Nome de uma povoação do distrito de Braga. No séc. XIII *Stromir*, de Trasmiri (sc. *villa)*. No séc. X há o nome de homem * *Trasmiro*, com patronímicos: *Trasmirizi, Trasmiriz*. Origem germânica. Acêrca de *tras-* vid. o § antecedente; *-mirus* está por *mêrs* «grande», «conhecido»: cf. Meyer-Lübke, *op. cit.*, p. 69, e Schönfeld, *Wb. der altgerm. Person. u. Völkernam.*, p. 168.

4. **Garei.**

Nome de povoações no distrito de Braga. No séc. XI já *Egarei* a par de *Egaredi*, sc. *villa*. Há *Egaredo*, como nome de pessoa no séc. X. Origem germânica bem clara no segundo elemento, isto é, em *-redo* ou *-redi* (rèths «conselho», em M.-Lübke, *ob. cit.*, I, 72) mais obscura no primeiro *(ibidem*, p. 24). — Cf. já P. de Azevedo nesta *Revista*, VI 51.

5. **insimprar.**

Acêrca da significação d'êste verbo vid. supra, p. 56. O étimo creio estar em simpulum, vaso, espécie de gadanha, d'onde se fêz eclesiàsticamente *in-simp'lare.

6. **Mèdelo.**

Nome de um território no concelho de Lamego. Na *Hist. ecclesiast. de Lamego* de D. Joaquim de Azevedo mencionam-se as seguintes formas antigas do nome d'aquele território: *Amedello*, séc. XIV (p. 49), *Ameedelo*, séc. XIII (p. 115); *Amadelo*, 1293, p. 45, certamente por *Ameedelo*. Também nas Inquirições de D. Afonso III, ainda inéditas, Tôrre do Tombo, fls. 145 v. do liv. 1.º: *Ameedelo*. Cf. nas Inquirições de

D. Afonso II, parte impressa: Sancto Martino de *Ameedelo*, no Minho, p. 49, 133, 194, 242; e Sancta Christina de *Ameedela*. igualmente no Minho, *ibidem*, p. 330. Estas duas formas, a masculina e a feminina, são deminutivas, respectivamente, de *Ameedo* (séc. XIII) e **Ameeda*. — Na matriz do concelho de Mesãofrio encontrei *Medello*, como nome de um sítio da frèguesia de Cidadelhe; se o primeiro *e* soa *è*, temos aqui outro exemplo de *Mèdelo*.

Palavras da mesma família são: *ameal* ou *amial* em português e galego. No *Diccionar. de la Acad. gallega* arquivam-se: *amenal* e *ameneiro* como sinónimos respectivamente de *amial* ou *amieiral* e *amieiro;* também no mesmo *Diccionario* se arquiva *amieira* de um texto antigo. A toponímia galega tem *Amenairal*, *Amenal*, *Amenedo*, *Ameneiral*, *Ameneiro*, *Ameneiros*, a par de *Ameal*, *Amieiral*, *Amieiro*, *Amieiros*, e bem assim *Amido* (várias vezes), que explico por **amenido*. As formas com *n* intervocálico são bastante notáveis, e mereciam estudo especial.

Tanto estas formas com o nosso *Ameedelo*, que faz pressupôr como forma anterior **Amẽedelo*, confirmam o étimo amoena (sc. *arbos)* proposto pelo meu colega J. J. Nunes no *Bolet. da Cl. de letras da Acad. das Sciênc.*, XIII, 137, com a significação de «amieiro». Em apoio d'esse étimo citou êle as formas medievais *Amenedo* e *Amenitello;* às quais posso ainda juntar: *Amenale*, nas Inquirições de 1258, I, 550, e *Menidello*, séc. XI, *Aminitello*, *Aminidelo*, do mesmo século; Cortesão arquiva *Amiidelo*, que está por *Amĩidelo*. A estas quatro últimas formas pertence o moderno MINDELO. *Ameendo*, séc. XIII, está por **amenedo;* cf. *Meixendo* no *Arch. Portug.*, XXII, 30.

### 7. Seide = Ceide.

Há S. Paio *de Seide* e S. Miguel *de Seide* no Minho. O segundo d'estes lugares ficou famoso na nossa história literária por aí ter residido e falecido o romancista Camilo Castelo-Branco.

*Seide*, porém, é grafia errónea, em vez de *Ceide*, pois o étimo está em Ceidi, ou *Ceide*, formas que se lêem em documentos dos séculos XI e X: «ipsa corte inter *corte de Ceidi*», «de alia parte corte *de Ceidi*». *Dipl. et Chart.*, p. 167. Na mesma colecção, p. 25, assina como testemunha de um testamento *Ceide presbiter*. Certamente é o mesmo indivíduo que

assina *Zeide presbiter test(is)* a p. 74. Variante é *Zaid* e *Zaide*; cf. o feminino *Zaida*, esposa ou concubina de Afonso VI de Lião & Castela, filha de Ibne Abade, rei árabe de Sevilha (vid. Fortunato de Almeida, *Hist. de Portug.*, I, 130).

Em Hespanha também há *Villa Ceide*, *Villa Zeide* ou *Zeid*, e *Villa Zahid*, séc. XI: em Pidal, *Orígenes del españ.*, p. 86.

A nossa toponímia moderna tem SEIDOS, por *Ceidos*, que é talvez um nominativo medieval (se fôsse plural de *Ceide*, acabaria em *-es)*; tem SEIDES, por *Ceides*, correspondente ao medieval *Ceidiz*; tem SEIDÕES, que corresponde ao medieval *Ceidões* (escrito *Ceidoes)* em Cortesão, e *Ceidones*, séc. XI; cf. *Ceidoniz*, no mesmo século.

A S. Miguel de Seide ou Ceide, residência de Camilo, dá-se nas Inquirições de D. Afonso II, p. 255, alatinadamente o nome de *Sancto Michaele de Ceide*; não pode pois haver prova mais cabal de que deve escrever-se *Ceide*, em vez do usual *Seide*.

8. **Vegião ou Vigião.**

Nome de uma quinta na frèguesia de Freigil, concelho de Rèsende.

De *Vigilani, genetivo esteriotipado do nome próprio gótico *Vígela* ou *Végila*, que aparece em documentos nossos dos séc. X e XI, a par de *Veila* e *Veilaz*. Em documentos hespanhois medievais também *Vigila*, *Vegila*, *Veila*: vid. *Orígenes del españ.* de Pidal, p. 88, e nota 3, o qual escreveu sôbre êsse assunto um artigo na *Miscellanea Rajna*, Florença 1911, p. 41 ss., o qual porém não consegui ainda ler.

Cf. *Aldão*, *Requião*, etc.

J. L. DE V.

---

## Uma carta do Cavaleiro de Oliveira riquíssima de locuções populares

Na colecção das Cartas de Francisco Xavier de Oliveira, publicadas em Amsterdam em 1741 e reproduzidas em Lisboa, na tipografia de Silva, em 1855, vem uma — a X, do tomo I — que é riquíssima de expressões populares da época. Encima essa Carta a seguinte dedicatória: *Ao Reverendissimo*

*Padre Dom Joseph Augusto, para se fazer por ella huma tradução Italiana.* Foi escrita em Viena de Áustria em 4 de Março de 1736, a instâncias da pessoa a quem é endereçada, e com o intuito de pôr à prova a capacidade de um «presumido Estrangeyrote, que promete tradusir em Italiano todo e qualquer discurso que se fizer em Portuguez». As P.e D. José Augusto, italiano, diz o Cavaleiro de Oliveira: «Creia V. M. que o seu compatriota se ha-de ver em tremuras com este papel, porque não só he impossivel que o tradusa, porem incrivel que o entenda».

Como a carta em si pouquíssimo interesse hoje tenha, limitamo-nos a trasladar dela as frases que se nos afiguram populares e correntes no tempo de Francisco Xavier de Oliveira, para quem o escrevê-la foi, na própria confissão do autor, coisa das mais dificultosas.

Ao Padre italiano D. José Augusto diz nas primeiras linhas dela o Cavaleiro de Oliveira: «Só o gosto de obedecer-lhe poderia fazer lembrar-me dos termos chullos, extravagantes e significativos com que em Portugal nos explicamos».

As frases populares que Francisco Xavier de Oliveira nos apresenta, são, pela ordem como vêm dispostas na sua Carta, as seguintes:

1) Dar trella a V. M...
2) Queymar a minha paciencia...
3) Ainda está em ver-ve-lo-hemos...
4) Passarão-me por alto...
5) Lá vão os esdruxulos com o Demo...
6) He o mesmo que pôr-me cachorros na cabeça...
7) He o mesmo que mostrar o lagarto da Penha a quem já o vio...
8) Hum pardal de bico amarello...
9) Fazendo-me raivar anda sofrendo gaifonas...
10) Quem me não ganha de mão...
11) Mas que me ganha por unha...
12) Deyxemos historias da Carochinha...
13) Ahi troce a porca o rabo...
14) Alguma Brucha Feyticeira está dando figas ao meu entendimento...
15) Ando daqui para alli dando tratos ao meu juizo...
16) Que tenha dous dedos de proposito...
17) Nem huma nem outra couza he peyxe podre...

18) Para servir a V. M. mais que seja de narizes...
19) Se levantárão todos nos bicos dos pés...
20) Tem o mono pregado na sua mesma cara...
21) Ás trez o diabo as fez...
22) Cazada do bico dos pés até á cabeça com o...
23) Chegando-lhe a roupa ao couro...
24) Elle se deverte nisso tomando a gaita...
25) Sem embargo de andar com os pés para a cova...
26) Se mete em restia com a mocidade...
27) Se lhe tocão na tecla da velhice, meninas de Montemor vinde abayxo falar-nos...
28) Tão grossa ou tão grosseyra, que se não pode meter em camiza de onze varas...
29) He hum medo para mim e hum coco para as crianças...
30) Parece a morte do adro, ou o mirrado de Santos...
31) Não ha Dama que meta mais a balha...
32) O general lhe coça a borbulha...
33) Foi tal como os seus focinhos...
34) Cada roca tem seu uso, e cada Maria seu parafuso...
35) Não ha panella sem seu testo...
36) Posto a dependura...
37) Parecendo a preguiça do Brazil...
38) Anda sempre fazendo mesurinhas á Serpe...
39) Recuando para traz como o Caranguejo...
40) Alem de poder pregar a mentira na cabeça de um tinhoso...
41) Tem boca de praga...
42) Nos faz estalar de riso...
43) Fazendo-lhes ver a ellas o sete-estrello...
44) A sua cara de choramingas he das caras que defendem as suas pousadas...
45) Elle me deyte alguma pulha...
46) Veyo muito de aza cahida...
47) Anda fazendo aqui carrapato...
48) Quisera fazer hum Calvario...
49) Deyxou de pregar o calote...
50) Oh boca que tal dissestes!...
51) Quem se queyma alhos come...
52) Alli não havia cruz nem agua benta...
53) Alhos misturados com bugalhos...

54) Era huma mão cheya de nada e outra de couza nenhuma...

55) Isto seria muita bulha e tudo nada...

56) Foi huma de todos os Diábos...

57) Arreganhando-me as Damas muito bem os dentes...

58) Por huma unha negra, que estive por me ver em calças pardas...

59) A algazarra que faziam era ainda maior do que aquilo a que chamamos bulha-suja...

60) Via-me metido em barafundas e queria escolar a coleyra...

61) Tirar as barbas de vergonha sem fazer patacoada...

62) Levar as couzas por bem...

63) Foi-me necessario respingar vendo que me mijavão fora dos testos...

64) Pôr de paxorra e deixar passar esta trabuzana...

65) Sem ter pevide na lingoa...

66) Não sou dos que vendem gato por lebre...

67) Deyxando o Sol ás boas noytes pode fazer tremer as passarinhas ás belas deste Paiz...

68) Nos corta como navalhas...

69) Nos traz já de olho...

70) He já nelle manha velha...

71) Vá brincar para o adro...

72) Bem aviado estava eu...

73) As pedras da rua se levantarião...

74) Se me metesse nessa alhada...

75) Vêde a labia...

76) Nos quer dar com o mel pelos beiços...

77) Depois de nos pôr o sal na moleyra...

78) He cheyo como hum ouriço...

79) Tomou seu pouco de fogo...

80) Falando por entre os dentes...

81) Rosnava com as suas palavras, que não cahirão no chão...

82) Está enfeitiçado com...

83) Anda de rixa velha com...

84) He hum mal que vem de longe...

85) Tudo o que diz traz a sua agoa no bico...

86) Não ha que fiar em cão que manqueja...

87) He tão boa caixa de oculos...

88) Faz narizes de cera para tudo...

89) Queria pôr na Praça as minhas culpas...
90) Diga-me V. M., pelas chagas do Duque de Aveyro...
91) Estamos frescos...
92) Pespegou V. M., a modo de osga, mil injurias...
93) Dando uma boa lavagem a...
94) Queriamos jogar ás cristas...
95) Chegando-se a mim com inguirimanços...
96) Depois de fazer a sua costumada caramunha...
97) Se meteo de gorra onde não era chamado...
98) Tenha V. M. mão desse canto...
99) Ponha-se V. S. aqui verá Palmella...
100) Levanta-se ás mayores na minha caza...
101) Cada hum chega a braza á sua Sardinha...
102) Para onde o Frade deyta o capello...
103) Continuando elle a bater o mato...
104) Como aquelles que quando vem buscar lãa os mandão tusquiados...
105) Jogue as escondidas com elle...
106) Fazer gato çapato de...
107) Pôr huma mulher em pratos limpos a sua pouca vergonha...
108) Andem fóra da ordem...
109) Pagar para a cabra...
110) He para mim huma pancada de cego que me faz ver as estrellas ao meyo dia...
111) Ninguem diga desta agoa não beberey...
112) Dar em droga...
113) Antes morte que vergonha...
114) Tambem cospem para o Céo...
115) Tambem dão com os botes na areya...
116) Dar com os narizes em hum sedeyro...
117) He couza que as não poem por portas...
118) He couza que me dá com um páo na paciencia e que me faz perder as estribeiras...
119) He negocio que não deytarey para traz das costas...
120) Antes comerey os dedos do que passar por huma embusteyra...
121) V. M. me quer tirar do bico uma confissão...
122) Ainda que eu corresse Seca, e Meca, e Olivaes de Santarem...
123) Tendo-lhe pegado uma vez pelos calcanhares...

124) He daquellas que me podem infiar pelo fundo de huma agulha...

125) Fui metendo agulhas por alfinetes...

126) Hum discurso da sua parte tão discreto que me vi abarbado para poder tirar nelle o pé do lodo...

127) Lembra-me como se fosse hoje...

128) Fiz-me moita...

129) Me metia em hum chinello...

130) Nunca fui amigo de jogar de lombos...

131) Estava vendo-me e desejando-me e pedindo ás almas santas que...

132) Quando Deos não quer Santos não rógão...

133) Foi batendo o ferro...

134) Eu deyxava malhar como se fosse em ferro frio...

135) Cahindo na ratoeira...

136) Já os Judeos não estavam todos na Rua Nova quando...

137) Dezejey pôr-me em polvoroza...

138) Eu somente para tapar a geyra estive para lho negar...

139) Deytava tudo de pernas arriba...

140) Por não me deyxar hir de unhas abayxo dey de mão a tudo o que me podia deyxar em soço...

141) Tirar para o pego...

142) Me fiz vivo como hum azougue...

143) Esqueceo-me o recado...

144) Fazendo-me mais branco do que huma parede...

145) Tinha dado com toda a minha discrição em Pantana...

146) Vendo-me hir como um passarinho...

147) Vendo-me perdido como um garrayo...

148) Fiz pé atraz...

149) Metendo a mão na algibeyra como quem mete a mão ó ferrolho...

150) He fino como um coral...

151) V. M. he maganão de esguicho...

152) Em nos vendo fora de humas somos costumados a rogar a Deos por outras...

153) São como hum pero...

154) Comecey a deytar carapuças á Serpe...

155) Metendo-se me na cabeça que...

156) Se foi a fé do páo da barca que me salvou, ou se foi alguma varinha de condão que me assistio...

157) Me poz a assar...
158) Deytar os bofes pela boca fóra...
159) A trouche-mouche fui dando conta de mim...
160) Tinha bem para peras...
161) Maos cães o comam...
162) Onde vio mimos tão delicados e bocadinhos tão doces...
163) Má peste lhe caya...
164) Salvo tal lugar...
165) Serve lá de páo e de baçoyra...
166) Lhe não podem chegar aos calcanhares...
167) Se hia pondo em pés de verdade...
168) Quem tem visto tantos Flamengos á meya noyte...
169) Quem aprendeo a jogar a cabra cega...
170) Andar com pés de lãa...
171) Isso he outro cantar...
172) Isso são outros quinhentos em que eu não quero meter-me...
173) Ninguem as calçou que as não borrasse...
174) E os males dos meus burricos me fizerão Alveytar...
175) O gato escaldado da agoa fria ha medo...
176) Não ha espadana sem casquilho...
177) Não tenha recebido seus carollos...
178) Que saya escapulindo...
179) Sem algum gallo na testa...
180) Tenho ouvido dizer a tanta gente Babão...
181) Fiquey muito atado...
182) Não quiz retrucar...
183) Val mais perder por carta de menos...
184) Muitas vezes se quebrão os narizes dando sempre com o C. para a porta...
185) Incapaz de dar com a carga no chão por muito grande que seja...
186) Sendo como as legoas da Alemanha...
187) Fazer fincapé...
188) Que todas as molheres tantas e quantas eram humas taes e quaes...
189) Fazião andar os homens em corropio, os Amantes em dobadoyra, e os maridos em roda viva...
190) Andar como as carapetas...
191) Peguem-lhe com um trapo quente...
192) Está na tinta...

193) Não dando ponto sem nó, para nos discozer os negalhos...

194) Não bolir mais com a maçãa do escaravelho...

195) Quanto mais se meche mais fede...

196) Aquelle das pernas de aranha com nariz de cavalete...

197) Tem feito a muita gente o C. á unha...

198) Tendo muito bom coscorrinho...

199) Como se não tivesse cinco reis de seu...

200) O Senhor Barão unhas de fome...

201) Parecendo hum Santo não he mais que hum pouco de páo carunchoso...

202) Esteve-nos contando pelos dedos as obras que fazia...

203) Dá sempre com o pé na peya...

204) Lambe os dedos a estas finezas...

205) Fazem-me mais divertimento que a Comedia toda junta. .

206) Todo cheyrinho da panella...

207) A modo de quem assobia ás botas...

208) Este páo de cabelleyra..

209) Que vi na minha vida...

210) Se sabe sacodir muito bem...

211) Lá lhe sacudirião o pó...

212) Sem tirte nem guarte...

213) Deita isso para traz do cachaço...

214) Estava curando as suas mazellas...

215) São um cominho á vista destas...

216) Dorme todas as noytes como pedra em poço...

217) Buscar agulha em palheyro...

218) Aqui para nós cóscós...

219) Por suas móssas de páo...

220) He aquelle que acudio com o baracinho logo que lhe derão o Porquinho...

221) Está com as costas quentes...

222) Não sahe fora de noite por não apanhar algum resfriado...

223) Me esteve sempre tirando a terreyro...

224) Tirando-me com a mão do gato muitos toques e remoques...

225) Fazer fogo de palha...

226) A modo de quem se poem em seguro...

227) Se forão hindo como um saco roto...
228) Tambem devia passar pelas hidas pois que tinha entrado nas venidas...
229) Estava como huma vibora...
230) Má como as cobras...
231) Meter á queyma roupa...
232) Á furta-lhe o fato...
233) He muy cabeçudo...
234) Respondi para as suas ilhargas...
235) Veem touros de Palanques...
236) Vi a Deos pelos pés...
237) Com huma das suas palhadas, ou alhadas...
238) Temo que lhe venhão a pôr huma mão atraz outra adiante...
239) Pela alma lhe preste...
240) Der na trilha de fazer...
241) Quem já te vira!

Por ser, como frisamos já, sem interesse o assunto desta Carta do Cavaleiro de Oliveira limitamo-nos a fazer a transcrição das frases populares que a esmaltam, transcrição que reduzimos ao mínimo possível de palavras, sempre que daí não advinha prejuízo para a inteligência das várias locuções e modismos. Procurámos também apresentar independentemente tôdas as frases, só deixando de fazê-lo, quando as locuções se encadeavam, constituindo como que um todo sinonímico, ou quando uma esclarecia o sentido de outra, que lhe servia de continuação. Em todos os casos respeitámos a redacção e grafia do autor.

JOÃO DA SILVA CORREIA.

---

## Notas de Folclorismo minhoto

### A PADA

Em tempos que não vão longe era costume dar uma «pada» e um copo de vinho a quem fôsse «dar ao rol» em dia de funeral.

Emquanto corriam na Igreja os ofícios fúnebres um homem tomava nota em relação — o «rol» — de tôdas as famílias presentes. O representante de cada família chega-

va-se ao homem do «rol» e dizia: «Assente Fulano», recebendo então um copo de vinho e uma ou mais «padas» de vintém. Assim: uma família da frèguesia e não parente do morto, uma «pada» e um copo de vinho; uma de fora da frèguesia duas «padas» e um copo de vinho. Os parentes do morto, duas ou três «padas» conforme o grau de parentesco. O mordomo da cruz, o que levava a bandeira, os que pegavam ao caixão e os que chamavam os padres para o ofício, três «padas». O enterrador, a cozinheira e demais mulheres ocupadas no funeral, quatro «padas».

Logo que alguém morria a parentalha de longe e de perto instalava-se de cama e mesa em casa da família enlutada, donde a necessidade da cozinheira que em geral era uma mulher dentre a parentalha.

Daqui o «dar a pada» e «ir á pada». Dizia-se de alguém já velho ou doente: «breve me darás a pada». Havia quem fôsse à «pada» como ao «teno» ou «pão quente» por gulodice.

A «pada» ficava dispendiosa pois havia famílias que gastavam mais de 10$000 reis o que dava a bonita soma de mais de 500 padas de vintém!

(Serzedelo — Ponte do Lima).

## OBRADA

A mulher que trouxe o caixão é quem vai levar a obrada. Mete numa cesta três vintens em cobre, uma garrafa de vinho e um pão de trigo, deita pela cabeça, formando bioco, uma das saias que leva vestida e chegada ao Arco Cruzeiro da Igreja ajoelha vindo então o mordomo da cruz pegar-lhe na cesta. Não deve olhar para trás até lhe tomarem a cesta, senão vem a morte buscar o resto da família enlutada, isto é, morrem todos em curto prazo.

Antes de partir para a Igreja a pôr a obrada todos os parentes comem e bebem trigo e vinho em casa do dorido, levando cada um uma pada e pondo um vintém de esmola. Na volta vêm todos por lá jantar.

(Vilar de Murtêda — Viana do Castelo).

No domingo das primeiras obradas uma mulher levava para a Igreja numa cesta fina um garrafão de vinho de cêrca de uma «canada» e tantas padas de vintém quantas as pessoas da família daquele por quem se «punha a obrada»; cobria tudo com alva toalha de linho atada com «listrão» de seda preta, indo dobrada por cima uma mantilha.

Chegada à Igreja, a mulher ajoelhava no Arco Cruzeiro, pousava a cesta ao lado e acendia na mão tantas candeias bentas quantas as pessoas da família enlutada, apagando uma no fim de cada responso. Findos estes levava a cesta à sacristia fazendo dela entrega ao mordomo da cruz que tirava uma pada para si levando o restante a casa do pároco.

A princípio «levava-se cesta» nas «primeiras obradas» e nas de «cabo d'ano». Depois só nas primeiras, hoje em nenhumas.

O garrafão do vinho valia pelo morto. Em casa onde ninguém sobrevivesse a êste só levavam aquele.

(Santa Marta de Portuzelo — Viana do Castelo).

## ORIGEM DA MULHER

As «cantigas ao desafio» na porta da «História sagrada» dizem que Deus fêz a mulher do «rabo» duma raposa. Tirou Deus a costela a Adão e quando ia para fazer a mulher, veio uma raposa e roubou-lha fugindo cõm ela. Correram atrás da matreira e agarraram-na pelo «rabo». Porém êste rebentou e para não correrem mais, resolveu Deus fazer dêle a mulher. Assim explica o povo a «manha» feminina.

(Outeiro — Viana do Castelo).

## PEDIR COM O LOBO E A RAPOSA

Na *Revista das Beiras*, n.os 16-17, vem uma curiosa fotografia de Ramos Paiva: «Esmola para o lobo», com a seguinte nota: «Ainda hoje se conserva nas povoações da serra (da Estrêla) um costume tradicional deveras interessante. Quando os pastores audazes se atrevem a lutar com o lobo, matando-o, percorrem as aldeias mais próximas, mos-

trando a pele cheia de palha, para lhe avolumarem o tamanho, pedindo esmola em acção de graças pelo arrojado feito».

A referida fotografia representa-nos dois pastores, um com o lobo e outro com um saco recebendo esmola à porta duma casa. Para o seu saco entram, nas diferentes casas, batatas, cebolas, milho, trigo, centeio, queijos, etc. No fim vendem a pele.

(Serra da Estrêla).

---

Em Travissais, concelho de Moncorvo, quando adregam matar algum lobo, enchem-lhe também a pele com palha e empoleirado em cima dum burro andam com êle pedindo de porta em porta.

---

Noutras terras, onde o lobo é raríssimo, senão desconhecido, pedem com a raposa.

Na referida frèguesia de Travissais andam com a raposa morta às costas, de porta em porta, a pedir, e recebem ovos, pão, cereais, legumes, etc.

---

Em Vila Nova de Foscôa só pedem com raposas quando as caçam vivas, «a ferros» (em ratoeiras) indo com elas de porta em porta a puxar a um carrinho de madeira. Há grande interesse em apanhá-las pelo Carnaval, sendo êste peditório motivo de grande gáudio popular.

---

Em Outeiro (Viana do Castelo) os caçadores costumam dar a raposa aos pobres, para estes pedirem. A princípio traziam a raposa morta às costas, mas como fôsse pesada, em breve a substituiram só pela cabeça. Como porém esta cheirasse mal findos alguns dias, optaram pelo rabo donde denominar-se o peditório: «pedir com o rabo da raposa».

Fevereiro de 1925.

AFONSO DO PAÇO.

## A "raça„ portuguesa

«A raça portuguesa» é uma destas frases que tomaram assento no vocabulário nacional, raro sendo o dia que com ela não deparamos.

É nos jornais, é em livros das índoles mais diversas, nos discursos dos comícios ou nos mais ou menos académicos, em conversa e até nos documentos oficiais.

Já por várias vezes os entendidos neste assunto como Fonseca Cardoso, Severino Sant'Ana Marques, Leite de Vasconcelos, Costa Ferreira, Mendes Correia, etc., têm feito notar êste êrro fundamental e eu serei mais uma voz que se levanta neste sentido, diferindo das pessoas citadas, na falta de competência para o fazer, mas tendo apenas a originalidade, fortuita de acaso de me servir desta tribuna muito mais divulgadora do que a que lhes servia a êles, apanágio de uma meia dúzia de estudiosos especializados.

E se pela minha pouca autoridade scientífica eu não me imponho aos meus leitores, buscando no entanto as opiniões dos mestres, e apoiado nelas, estou certo que serei escutado como êles merecem.

Não é por puritanismos excessivos de linguagem que aqui venho, nem tão pouco porque a frase me arranhe uma suposta hiperstesia auditiva ou visual; mas é porque todos nós sabemos como a consagração da asneira é fácil num público pouco educado nestes assuntos, e depois de consagrada a forma, não há mais que intervir e... é deixar correr.

O conceito de «raça» em antropologia, foi base de muitas discussões, assentando-se por fim em a caracterizar duma forma bastante larga, de modo a não contradizer as observações dos técnicos.

Chama-se «raça» em antropologia, a um agrupamento de indivíduos, com um certo número de caracteres físicos comuns, transmissíveis por hereditariedade.

Por esta definição, o agrupamento etno-social, constituído pelos portugueses, nunca pode ser considerado como uma «raça».

A constituïção do nosso povo, é «um confuso e intrincado amálgama de povos proto-históricos e históricos, que emigrações sucessivas teriam aportado à Ibéria». (Mendes Correia).

O Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, sem ir até aos tempos pre-históricos, encontra no decorrer da nossa história, vestígios de sucessivas emigrações de mais de doze povos oriundos das mais diversas partes do globo; mas emigrações notáveis que tem influído efectivamente na nossa etnografia, na linguística, etc.

Na nossa população pre-histórica, pelos estudos feitos por Carlos Ribeiro, Paula e Oliveira, Nery Delgado, Costa Ferreira, Mendes Correia e outros (população de que são representantes as dezenas de esqueletos encontrados no vale do Tejo, Mugem), encontraram-se três tipos diferentes: um dolicocéfalo (ou de cabeça sôbre o longo, o mais numeroso), outro sub-braquicéfalo (ou de cabeça sôbre o largo) e outro francamente braquicéfalo.

E fazemos notar que os antropologistas estão concordes em considerar estes primitivos habitantes, como os habitantes autoctones do nosso território, portanto a considerá-los o núcleo inicial da nossa população, onde, como deixamos dito, já não havia a necessária homogeneidade para os podermos agrupar como um tipo rácico puro.

Fonseca Cardoso encontrou na população actual do nosso território, quatro tipos diferentes:

1.º Raça pequena, dolicocéfala. Tipo Baumes-Chaudes, correspondente ao nosso tipo de Mugem; fundo autoctone da população portuguesa.

2.º Raça braquicéfala baixa, nariz ligeiramente achatado (mesorrínia), de origem asiática ou mongoloide.

3.º Raça loura ou nórdica, harmónica, face longa, crânio longo.

4.º Raça semita-fenícia, morena, olhos escuros, cabelo preto, estatura mediana, dolicoide, nariz aquilino.

Costa Ferreira além dêstes tipos que compõem êstes seis milhões de almas, cita:

*a)* Tipo alto, moreno, cabelo e olhos pretos, cabeça e face sôbre o comprido, nariz estreito, pequena capacidade craniana, correspondente ao tipo árabe.

*b)* Tipo alto, moreno, cabeça e face sôbre o comprido, monte saliente.

Mas não é preciso ser antropologista para notar estas diferenças.

Nenhum de nós confunde o tipo árabe do alentejano com o mongoloide de certas regiões do Minho. Todos distinguimos

com facilidade, o tipo alto, moreno, dolicocéfalo, fortemente ocipitalizado, que habita as nossas Beiras, com o tipo nórdico, de que atrás falamos e que se encontra com mais freqüência em vários pontos do Minho.

Visite-se a tão preciosa como esquecida colecção de crâneos portugueses da Faculdade de Sciências de Lisboa, que foi pertença de Ferraz de Macedo, e veja-se a quantidade de tipos étnicos diferentes. O mesmo acontecerá a quem fizer iguais investigações no verdadeiro tesouro que existe na Comissão dos Trabalhos Geológicos.

Em virtude de todos estes factos, como podemos nós pensar sequer na existência de uma «raça portuguesa»?

E não falta, no entanto, quem diga «as qualidades da raça», «a festa da raça», e outros disparates, com o assentimento e a adopção pelas instâncias oficiais, que desta maneira consagram um êrro de palmatória!

Mas o caso é tanto mais grave, quanto é certo que pessoas a quem pela sua categoria scientífica se podem exigir responsabilidades do que dizem ou escrevem, são às vezes as primeiras a cometerem êrro tão crasso.

Há entre nós um ilustre publicista, cujos trabalhos merecem a atenção e o estudo de todos nós e que figuram a par dos bons e a cujo talento presto as devidas homenagens, que publicou um livro intitulado «O valor da raça», livro interessante sôbre muitos aspectos, mas cujos fundamentos antropológicos, em vários pontos não correspondem à verdade averiguada por muitos observadores.

Nesse livro julgumos que a palavra *raça* ou está mal empregada ou se funda numa ideia falsa da constituïção étnica do povo português.

É facto que quási no fim do seu audacioso livro, o autor diz tomar a palavra *raça* «num sentido histórico»; mas não seria melhor reservar à palavra o seu verdadeiro sentido, evitando assim o alastramento dum êrro que pela sua difusão já se nos antolhe de difícil remédio?

Deixemos pois, e de vez, de dizer: *a raça portuguesa* e digamos com propriedade o *povo português*, dando à palavra «povo» a sua verdadeira significação antropológica, isto é: um agrupamento de indivíduos que, embora de raças diferentes, tem uma tradição comum, mantém os mesmos hábitos, a mesma língua e estão ligados por interesses comuns.

E quando nós quisermos ir buscar à tradição as qualida-

des que devem invocar-se para explicar os erros ou os acertos presentes, invoquemos o nosso Portugal apenas como nação, isto é, como valor étnico-social, com o seu significado histórico, a sua situação política no concêrto do mundo, mais ou menos preponderante, conforme às épocas.

Porque de facto, para que um país progrida e seja forte, não é fundamental que seja constituído por uma raça pura. E pelo contrário podemos citar exemplos de raças puras que vivendo livres e constituídas em nações, tendem a extinguir-se. Já Quatrefages dizia: «Ainsi dans l'archipel Sandwich, la race polynésienne, quoique maistresse de son pays, quoique libre et heureuse, sous un gouvernement national, disparait évidemment au contact des Européens».

Os Indios de certas regiões da América do Sul, são outro flagrantíssimo exemplo.

Sob a bandeira de uma mesma pátria podem bater harmònicamente corações enquadrados nos mais diversos tipos somáticos. Assim acontece na Suíça.

Pelo contrário, a raça nórdica de Deniker (raça kimrica de Broca, raça germânica dos Alemães, *Homo Europeus* de Lapouge) encontra-se espalhada por países que têm os mais diversos interêsses, por vezes mesmo antagónicos, tais como a Inglaterra e a Alemanha, onde parte da sua povoação pertence àquela raça.

Do que deixo dito neste artigo não vão também os pessimistas tirar conclusões *à priori* e servirem-se delas para justificarem e fundamentarem os seus fins derrotistas.

O que se passa em Portugal passa-se em mais alta escala nos outros países da Europa.

Portugal é de todos os países «europeus o que tem os seus elementos étnicos mais bem fundidos entre si, a-pesar-de, para a sua população actual, terem contribuído vários tipos étnicos» (Santana Marques); e nisto estão de acôrdo todos os antropologistas nacionais e estrangeiros.

Concluindo, assentaremos, pois, definitivamente, em que *não existe nenhuma raça portuguesa.* Nunca os materiais antropológicos colhidos até hoje, ou mais remotos ou mais recentes, revelaram entre nós, como constituindo uma maioria absoluta dos habitantes dos nossos território, a existência de um tipo físico, único, perdurável com o seguimento das gerações.

O que existe é um povo português, constituído por vários tipos étnicos, mas que apresenta características étnico-sociais

de nacionalidade livre e indestrutível, povo que, apesar do deminuto número dos seus representantes, e de ter sofrido através da história sucessivas imigrações de povos, alguns bem mais poderosos que êle próprio, e tendo tido mesmo, no decorrer dos tempos, períodos de sujeição a outros, nunca perdeu a noção nítida de individualidade social, conquistando sempre, e por todos os meios, a sua hegemonia, tendo fases de um fulgor tal que o mundo lhe era sujeito, e que, a-pesar-de tudo..., é o que se mantém fìsicamente mais *uno* em tôda a Europa.

VÍTOR FONTES.

---

## Destrenger, destringer

No *Dicionário* de Morais e Silva, lê-se:

— «**Destrengár**», v. at. ant. Dispòr, ordenar; *v. g.* destrenga *Deus. Elucidar*, talvez o mesmo que *destranger:* ainda hoje dizem *dispòr*, por vender efeitos». —

*Destrengar* é, sem dúvida, êrro tipográfico.

*Destrenga Deus*, locução eqüivalente a *permita Deus, queira Deus,* deve ter, como estas, o verbo no presente do conjuntivo. Portanto, *destrenger* ou *destrengir*. No *Elucidário*, vem «*destrenger* ou *destrengir*», mencionando *destrenga Deus* e *distringa Deus*, nesse lugar.

*Destrenger* é o mesmo que *estrenger*, que o *Elucidario* também inclue, citando um passo, de 1273, onde se lê *estrenga Deus.*

O vocábulo deve relacionar-se com *stringere.*

No *Dicionário*, de Cândido de Figueiredo, vem *destrenga-Deus*, mas a locução, escrita à moderna, deve ser *destrenja Deus*, lendo-se o *g* por *j*.

CLÁUDIO BASTO.

# BIBLIOGRAFIA

---

**Filología de la lengua gallega,** — por D. José de Santiago y Gómez, *C. de la Real Academia de la Historia, Comendador de la Orden de Alfonso XII*, etc. A edição é da *Tip. de El Eco Franciscano* — Santiago, 1918. Preço, **oito pesetas.**

Quem gosta ou precisa de comprar livros agradece tôdas as indicações bibliográficas, seja de obras recomendáveis pelo seu valor, seja de outras que, sob um título mais ou menos pomposo, acoitam erros grosseiros ou futilidades.

O livro, se é inútil, para o pobre é sempre prejudicial, pois o dinheiro gasto na compra dêle não é fàcilmente substituído. Eis a razão que me leva a escrever estas linhas; não vá outro estudioso cair no lôgro em que eu, desprevenido, caí.

Precisando eu de estudar o idioma galego, pedi informes acêrca das obras a êle refentes que se encontrassem à venda no mercado espanhol. De uma das melhores livrarias de Barcelona indicaram-me, como obra útil para o meu desígnio, aquela cujo título fica indicado acima.

Mandei-a vir imediatamente, a-pesar-do custo deveras gravoso para a bôlsa de um estudante como eu.

Pois bem. Da utilidade e valor scientífico dêste livro julgará o leitor pelas transcrições que seguem:

«... el portugués, hijo del gallego». (P. 73).

«Las escrituras y documentos portugueses de los siglos XV y XVI aparecen escritos em gallego, y la dicción popular reproduce esos galleguismos de que se conservam particularidades fonéticas aun en este siglo XX, en las extensas provincias del Miño y de la Beira, donde, más que portugués, se habla un subdialecto gallego». (P. 83).

«La causa principal para que el dialecto portugués adoptase la fonética francesa está en que esta lengua francesa antigua es muy semejante a la gallega, y los elementos francos que colonizaron las tierras que la conquista arrebataba a los árabes, influyeron de un modo definitivo en la separación y formación de un dialecto diverso del gallego por los soni-

dos nasales que tanto afean el portugués, o mejor dicho el dialecto lisbonense». (P. 84).

«Las vocales nasales no existen en fonética gallega, ni en los dialectos portugueses de Entre Douro e Miño; la nasalidad del portugués, debido al dialecto lisbonense, es una corrupción que en esta lengua introdujeron los galicismos de la época de la casa de Borgoña». (P. 91-92).

«... el portugués, que es el gallego literario moderno». (P. 116).

Agora algumas etimologias.

Confronte-se:

*a)* «La voz gallega *meiga* viene del céltico *meic* (bruja); la *c* se convertió muchas veces en *g*». (P. 36); e

*a')* «La tónica *a* de muchas palavras latinas, sin menester de una metátesis de la letra *i*, por propria virtualidad se cambió en el diptongo *ei*, como de *magus*, *fascis*, *saxum*, el gallego hizo *meiga*, *feixe*, *seixo*». (P. 99).

*b)* «El artículo gallego *o*, *a*, *os*, *as*, es muy particular, casi anti-latino, acaso derive de *elo*, *ela*, *elos*, *elas;* e esto demostraria que los artículos de las lenguas romances están formados por contracciones, alteraciones y modificaciones del pronombre latino *ille*, *illa*». (P. 120); e

*b')* «El artículo gallego *o* para el masculino, y *a* para el femenino singular, no es sino el determinativo demostrativo latino *hic*, *haec*, *hoc*, que en el ablativo del singular (caso de que el gallego tomó todos los nombres) hace *hoc*, *hac:* sirviéndose de este determinativo que después, con leve alteración y por evitar el sonido áspero de la consoannte *c*, se convirtió en *ho*, *ha*, y finalmente *o*, *a*.

«Confirma esta opinión, que en los más antiguos documentos de la escritura vulgar se hallan los dos artículos con la forma *ho*, *ha*, que acusa el origen expuesto». (P. 122).

*c)* «... *nocte* (ablat. de *nox),* noite; ... *lacte* (ablat. de *lac),* leite»; (p. 102); e

*c')* «... leite, de *lactem;* noite, de *noctem»;* (p. 107).

---

«Los vocablos gallegos son generalmente tomados de la forma que reciben en el ablativo del singular los nombres latinos, y no del que tienen en el nominativo, excepto los que

provienen de nombres de la primera declinación, los cuales pueden venir del ablativo o del nominativo, por ser idénticas las terminaciones de estos dos casos». (P. 127).

«No nos ocuparemos de los derivados gentílicos y patronímicos, cuyas desinencias genéricas *anus, enus, ensis,* provienen de la raíz latina *ens — entis,* que denota el *ser,* ente». (P. 130).

«... bodega, del latín bárbaro *pothea;* ... coser, del latín bárbaro *cusire;* ... migalla, de *micula;* ... feira viene de *forum,* y boy de *bovium*». (P. 137).

«La sílaba *na,* en gótico, en la primera persona, hace *mina (ñ),* por lo qué es lógico que el pronombre possessivo gallego *miña* se deriva de la voz gótica o suéyica *(mina),* compuesto del pronombre *mi* y de la sílaba *na. Miña* está en conexión con *min,* genitivo de *eu*». (P. 65).

«Con la desinencia *azo -a* se forma gran número de aumentativos: *doctorazo, maestrazo, ricazo,* etc. Esta forma tiene origen del verbo *ago -is*». (P. 172).

«La desinencia *-cetus* corresponde la gallega *-udo: linajudo, cabezudo, membrudo.*

La desinência *-ade* proviene de los nombres latinos de la tercera declaración acabados en *as,* como *bonitas, pietas,* que hacen en el ablativo del singular *bonitate, pietate.* Esta desinencia procede de la raíz *ago -is* o del nombre *actus*: de esto termina *bondade, piedade; soedade* viene del nombre *so* (solo)»; (p. 173).

«La desinencia *ario, aria* de la latina *arius — a — um,* parece formar-se de la raíz *aro -as,* que significa labrar la tierra; envuelve idea de obra, movimiento, creación, producción, extensión, grandeza e intención. Ejemplos: *campanario, voluntario, operario,* tributário». (P. 173-174).

«La fácil mudanza de la *c* em *t,* por ser letras casi semejantes, convirtió las disinencias del deminutivo *co* y *ca* en *to, ta, te,* con lo que el gallego tiene: *granito, pícolo, follato, pícote, trompeta, cruceta, carreta, maleta* (del latín bárbaro *maleta,* deminutivo de *mala), castillete, pobrete, camarote, illote;* de *fogo, foguete,* y así otros». (P. 175).

«... *aquil* o *aquel, aquela, aquelo* o *aquilo,* variaciones subdialectais de Galicia del mismo pronombre y que se formó de un compuesto del adverbio *hāc,* cuya *c* en su sonido fuerte se convirtió en *qu;* y combinado con el ablativo de singular del artículo latino *ille,* que con la supresión de la *o* final dió

por resultado el vocablo *aquil;* por manera que su forma latina es *hic ille, haec illa, hoc illud,* todos de la tercera persona». (P. 187).

«El determinativo relativo *cal,* es lo mismo que el conjuntivo latino *qui,* acaso resulte compuesto de *qui* más el determinativo *ille,* formando *qui ille,* que en el ablativo de singular hace *quo illo, qua illa,* y por alteración produjo el castellano *cual,* y en gàllego, perdiendo la *u,* resultó *cal*». (P. 188).

«*Mais,* más; este adverbio tiene en gallego origen suévico, por cuanto en la forma gótica ha perdido una gutural, como se reconosce en el adverbio *ma-is,* que en latín es *plus,* de la comparación con la palabra congénere latina *magis.* El sufijo abreviado como positivo, lo mismo en gótico que en latín, es *is.*

«El latín no tiene el vocablo *mais* y su significación es *plus,* forma que adoptaron algunas lenguas neo-latinas, y es por lo tanto erróneo forzar su etimologia en *magis:* mientras en gótico existe dicho adverbio *mais* con el significado gallego, y se consideran en gótico como acusativos neutros los comparativos adverbiales, tales como *mais, haubís;* los comparativos adverbiales en gótico son en *is*». (P. 232).

«*Contra:* lo mismo es gallega que latina, compónese del antecedente *cum* convertido en *con* y de la sílaba *tra,* formada de la raíz *tr,* designativa de golpe o movimiento que tiende a atravesar.

«*Tr:* es una onomatopeya, un ruído bucal, por el que el órgano trata de dar a imagen del movimiento que se hace para injertar materialmente un cuerpo entre otros dos cuerpos. *Tra,* formando la radical del nombre latino *trabs,* la tranca de la puerta, denota claramente la viga que se pone atravesada a la puerta: de aqui las ideas de posición frontera, oposición, contrariedad, etc.» (P. 237).

«*Tras, trans:* proviene del latín *trans,* cuya forma original conserva en composición com varios nombres y verbos. Parece componerse de la dicción *tra,* designación del golpe que atraviesa, y de la desinencia *ns,* sincopada del participio activo *iens,* del verbo *eo -is,* queriendo denotar cosa que va, camina, después de atravesado algún espacio». (P. 241).

*

Como se vê dos excertos que fiz, o Sr. Santiago y Gómez, levado por excessiva afeição ao idioma galego, desvia-se do caminho de recta imparcialidade que deve caracterizar um scientista.

Quando todos os mestres da filologia reconhecem que o português é, como o castelhano, um idioma românico, teima Santiago y Gómez em chamar sub-dialecto galego ao português falado na Beira e no Minho e dialecto lisbonense ao português meridional. E o critério distintivo destas duas variedades da nossa língua é, para êle, a ausência de sons nasais nos dialectos portugueses de Entre Douro e Minho!

Ora: 1.º — Está provado à evidência que o português e o galego são co-dialectos resultantes da evolução que, na faixa ocidental da península hispânica, teve o latim vulgar falado pelas tropas de Roma e pelo povo que adoptou a civilização desta. Tiveram estes dois idiomas, é certo, um estádio comum, vivendo indiferenciados durante um período ainda não delimitado com precisão. Não se pode, porém, chamar a essa linguagem simplesmente *galego*, como não se pode chamar-lhe *português*, visto que era falada tanto na Galiza como no Portugal de então. Designe-se, pois, por *galego-português*.

É dêsse tempo a transformação das consoantes latinas *cl* e *pl* em *ch*, ex.: *chamar* ← *clamare* (castelhano *llamar)*, *chorar* ← *plorare* (cast. *llorar)*; a manutenção do *f-* latino, ex.: *falar* ← *fabulare* (cast. *hablar)*; a queda do *-l-* e do *-n-*, ex.: *dor* ← *dolore-* (cast. *dolor)*, *lua* ← *lúna-* (cast. *luna)*; etc., etc.

Mas a independência política de Portugal veio afirmar melhor a separação que naturalmente se daria na evolução posterior do galego-português. E enquanto o idioma português seguia ovante como língua literária duma nação autónoma e até colonizadora, o seu irmão galego ficou acorrentado ao castelhano, sofrendo as prepotências dêste que, como língua oficial, o vai sofucando lentamente.

Com que direito, portanto, altera Santiago y Gómez as relações existentes entre os idiomas galego e português, atribuindo àquele a paternidade dêste, quando ambos êles são irmãos?

Provàvelmente, com o mesmo direito que o faz afirmar que «la lengua latina revive em la gallega más que en ninguna otra de las lenguas neo-latinas» *(ob. cit.*, p. 17).

Todavia não é com títulos falsos que se consegue exalçar qualquer idiama. Pelo contrário, a falsidade dêles, quando posta a nu, induz-nos a duvidar até dos verdadeiros.

De modo que Santiago y Gómez, supondo prestar serviços ao idioma galego, ocasiona-lhe apenas prejuízos.

E, contudo, esta língua não precisa de pedir a outras enfeites para se alindar. Bastariam as obras da saüdosa poetisa Rosalia de Castro para provar que, mau grado a afirmação de Santiago y Gómez, há um galego literário moderno que não é o português.

Apesar das afinidades existentes entre estas duas línguas, rebentos do mesmo tronco, há diferenças características que tornam impossível a confusão entre um Português e um Galego, para quem os ouvir falar. Eis algumas das que mais ressaltam no galego:

Pronúncia do fonema *x* (correspondente ao nosso *j*), cuja prolação se efectua colocando a língua em posição intermediária entre as que empregamos para proferir o *j* de *já* e o *x* *xó*; prolação do *c* palatal, semelhante ao castelhano; uso freqüentíssimo das enclíticas *che* e *lle*, como partículas expletivas; emprêgo habitual de palavras em que *u* corresponde a *b*, *c*, *p* latinos seguidos de consoante (v. g.: *ouservar*, *aución*, *efeuto*, *conceuto*); guturalização do *n* do artigo indefinido feminino (ortografado *unha(s)*, mas proferido *ũha(s)* com *h* levemente aspirado ou equivalente a *g* muito ténue); emprêgo de terminações verbais características: *collin* (português *colhi*), *respondiche* (port. *respondeste*), *diceredes* (port. *direis*), *foron* ou *fono* (port. *foram*), etc., etc.

2.º — A afirmação de que nos dialectos portugueses de Entre Douro e Minho não existem sons nasais é tão falsa como a de que as escrituras e documentos portugueses dos séculos XV e XVI aparecem escritos em galego. (Porque não cita especificadamente ou não transcreve Santiago y Gómez quaisquer dêsses documentos, para comprovar a veracidade daquela asserção?)

Nunca vi referências, em qualquer estudo dialectológico. à falta de sons nasais nos dialectos setentrionais portugueses; e a minha própria observação revelou-me a existência duma gama bastante rica de sons nasais, até no falar de povoações preferidas pelos emigrantes galegos que vêm periòdicamente procurar trabalho agrícola nas terras de Portugal.

Quanto à atribuïção da origem dos sons nasais à acção

dos elementos francos vindos para Portugal na época da casa de Borgonha, parece-me que tal afirmação não pode assim fazer-se de ânimo leve.

Deveria primeiramente provar-se: *a)* que, na península hispânica, os sons nasais só aparecem em lugares outrora habitados ou freqüentemente visitados por aqueles elementos; *b)* que, na mesma península, existem ou existiram aqueles sons em todos os lugares colonizados definitiva ou temporàriamente pelos mesmos elementos étnicos.

Convém notar que, se isto se provasse, a Galiza não poderia, como dá a entender Santigo y Gómez, ser totalmente excluída da influência da gente francesa, conhecida, como é, a entrega do condado da Galiza por Afonso VI de Leão e Castela a Raimundo de Borgonha e a celebridade da antiga romaria ou peregrinação a Santiago de Compostela. E embora, diga-se de passagem, haja quem afirme a existência de sons nasais no galego, não sou eu quem vá atribuí-la à acção dos fidalgos franceses que por lá andaram. O próprio Santiago y Gómez diz que, a *bó, mañá, ladró, us* do sub-dialecto meridional galego, correspondem *bon, mañán, ladrón, uns* do sub-dialecto setentrional.

Não deve causar-nos estranheza esta incoerência em quem, como se pode verificar nas transcrições que fiz, apresenta como étimo: *a)* de *meiga*, o celtico *meic* e o latim *magus; b)* do artigo definido, o lat. *hic, haec, hoc* (no ablativo, *ho, ha)* e o lat. *ille, illa;* e *c)* de *leite, noite*, ora os ablativos lat. *lacte, nocte*, ora os acusativos *lactem* (analógico), *noctem.*

E que dizer da sua contumácia em afirmar que o caso originário latino, donde derivaram os nomes galegos, foi o ablativo, quando actualmente é noção assente que foi o acusativo o caso representativo de todos os outros, que foram desaparecendo a pouco e pouco, o qual, depois de perder o *-m*, serviu com raras excepções, de étimo a todos os nomes de origem latina?

Posto isto, dispenso-me de comentários às restantes etimologias fantasiosas que ficam transcritas, entre as quais avultam, como verdadeiramente irrisórias, as de *tras, trans* e *contra.*

Apenas a de *aquil* ou *aquel*, etc., mereceria algumas palavras, se êste artigo não fôsse já demasiado iongo. Limito-me, pois, a lembrar que o étimo comummente aceite é o

lat. *eccu- ille*, embora haja também quem se lembrasse de propor *atque;* mas *hic ille*, em 1918, só o Sr. D. José de Santiago y Gómez.

Ervedosa do Douro.

CELESTINO MONTEIRO SOARES DE AZEVEDO.

---

J.-J. NUNES. — **Compêndio de gramática histórica portuguesa (Fonética-Morfologia).** Lisbonne (Teixeira), 1919, in-8, VIII-474 p.

Avec une délicatesse et une modestie charmantes, M. J.-J. Nunes présente une grammaire historique du portugais, pleine d'une bonne doctrine et riche de faits précis, qui montre combien, malgré les difficultés dont souffre un pays petit et pauvre, la science linguistique est cultivée en Portugal. M. Nunes est judicieux, bien informé et son livre ne rendra pas seulement service aux étudiants de son pays auxquels il le destine.

Tout en ayant son jugement propre sur les choses, M. Nunes n'a pas essayé de renouveler la doctrine. Il s'est, proposé seulement de faire un livre correct et au courant, et il y a réussi. A le lire, on a l'impression que les exposés de cette sorte devraient faire un départ plus net qu'on ne le fait d'ordinaire entre deux ordres de faits: d'une part, les tendances générales du développement phonétique et morphologique qui caractérisent telle ou telle langue, de l'autre, les particularités auxquelles un grand nombre de mots doivent leur aspect propre.

On aimerait à voir mettre en évidence les traits qui donnent au portugais un aspect si particulier, surtout la débilité singulière des consonnes qui fait que *personales* aboutit à *pessoais*, pour ne prendre que cet exemple. On n'aperçoit pas assez que le développement du portugais est une partie de celui des parlers ibériques; le fait que la péninsule hispanique a fourni deux grandes langues littéraires, le castillan et le portugais, n'empêche pas que, pour le romaniste, il y a au fond un ensemble hispanique. Les traits originaux des par-

lers occidentaux, et en particulier du portugais, ne peuvent ressortir que si l'on considère toujours cet ensemble. En étudiant un parler roman ou un groupe de parlers romans ou une langue littéraire romane, il importe beaucoup de ne pas sauter tout d'un coup du latin à la langne cansidérée.

Mais, d'autre part, les mots ont chacun leur histoire propre, et presque chacun pose des problèmes curieux. Ainsi M. Nunes enseigne que le traitement de *al-* devant consonne est le même que celui de la diphtongue *au-*; c'est un phénomène hispanique: **altru* donne esp. *otro*, port. *outro*, comme *causa* donne esp. *cosa*, port. *cousa*. Mais l'adejectif «haut» fait exception: esp. port. *alto*. Dans les deux grandes langues, le traitement phonétique serait le même, et des noms propres conservent en effet esp. *oto*, port. *outo*. Le rétablissement de *al-* est artificiel; il serait curieux d'en chercher la raison. On sait que le fr. *haut* a reçu le *h-* du mot germanique correspondant. Il doit y avoir là, entre autres choses, une recherche d'expression. Et c'est sans doute aussi une recherche d'expression, de caractère tout autre du reste, qui a entrainé le passage de *conspuere* à *escupir* dont l'espagnol a l'équivalant. — Si l'*l* initiale de l'article *lo*, *la* s'est amui en galicien-portugais, cela ne tient pas nécessairement à ce que le traitement de la position intervocalique aurait été généralisé; cela peut s'expliquer aussi par le fait que le mot était accessoire et très faiblement prononcé; son initiale, débile par nature comme toute consonne portugaise, aura subi l'un de ces affaiblissements qu'on observe souvent dans les mots de ce genre.

Par les faits portugais curieux que signale le livre, on notera le passage de *ou* à *oi*, *touro* passant à *toiro*, *dous* à *dois* (qui est la forme usuelle), etc, Il y a là une différenciation comparable à celle qu'on observe en ancien arménien ou **ou* a donné *oy*, et qui pouvait sembler surprenante.

M. Nunes est attentif et sûr. Comment a-t-il pu penser à expliquer port. *algur* par *alicubi* (cf. fr. *ailleurs* et lat. *aliorsum*?)

A. Meillet.

(Do *Bulletin de la Soc. de Linguistique*, XXII, I, 87-88).

---

**O poeta Melodino,** por José Pereira Tavares, Pôrto, 1921, 304 p.

O ilustrado professor de Aveiro, Sr. Dr. José Tavares propôs-se o cometimento meritório e não fácil duma edição das obras poéticas mais representativas de D. Francisco Manuel de Melo. Juntou-lhe, no fim, algumas orações académicas, e, quanto a nós, bem avisadamente o fêz, porque essas insulsas alocuções, sôbre serem documentação literária das mais curiosas, são prova do quanto os mais sólidos espíritos do tempo sacrificavam à moda elegante do culteranismo. Não se trata manifestamente duma edição completa, de absoluto rigor filológico e esmerado aspecto gráfico; é antes um subsídio prestimoso para o ensino da literatura nos liceus, onde a falta de edições dos clássicos, que o Regulamento, com letra morta, procurou um dia remediar (art. n.º 163.º do decreto n.º 7:558), se faz tanto sentir, que é absolutamente impossível conduzir um curso de história literária no estado actual vergonhosíssimo destas coisas. Já em 1893, na *História da Literatura Portuguesa*, § n.º 12, Carolina Michaëlis lamentava a falta duma boa colecção de clássicos e a ausência quási total de edições críticas. De então para cá, esta situação não se modificou muito sensìvelmente. Honra seja pois aos que, como o prof. José Tavares, desentulham da poeirada dos arquivos os nossos bons autores.

Da modéstia dos recursos gráficos da presente edição é típica prova a falta do *u* com til em *ũa*, *algũa* (p. 31), cujo significado filológico é desnecessário encarecer. visto como essa pronúncia ainda hoje é corrente em certas regiões do Norte, mormente nas do Pôrto e Guimarães. O prof. Tavares acompanha o livro de notas explicativas. O texto de D. Francisco Manuel é um alfôbre riquíssimo de folk-lore e linguagem popular. Pena é que não tenha aparecido quem fizesse um estudo bem documentado e rigorosamente scientífico dessa linguagem de tão saboroso arcaismo, por vezes. O seu comentário lingüístiéo é naturalmente sóbrio, limitando-se as mais das vezes à simples sinonímia; quere parecer-nos porém que nos cursos de letras se podia dar já mais abundante notícia filológica de termos como: *bragas*, *comunal*, *antojo*, *prasmo*, *sestro*, *reproche*, etc. e muitos outros, alguns dos quais nem sequer são citados. A análise que segue incide sôbre uma ou outra explicação do comentador, dada em nota.

*Pág.* 34. — No verso *E um milhão de milhões de saudade*, diz inadvertidamente que *saüdade* tem aqui três sílabas.

*Pág.* 72. — Diz que *senga* significa *inteligente*. Não é êste o sinónimo, mas sim *experimentada, prudente, sabída*. Dava isto margem a uma curiosíssima explicação: **senicu* (de *senex)* > *sengo*, por cruzamento talvez com *Seneca* > *Senega* > (o) Senego > (o) Sengo. Carolina Michaëlis explica esta última etimologia, abonando-se com alguns passos de D. Francisco Manuel e outros, na *Zeitsehrift für rom. Phil.*, VII, 101-105.

*Pág.* 96. — *Desne este maio*. A explicação que dá, corrigindo para *des'neste*, por *desde neste*, carece de fundamento. Esta proposição ainda hoje é vulgar na região de Tôrres Vedras e Cadaval e foi explicada já pelo Dr. Leite de Vasconcelos, nos *Dialectos extremenhos, I. Lingoagem do Peral*. Pôrto, 1885, p. 16, nota 2: *de* + *ex* + *inde* > *desnde* > *desne*.

*Pág.* 104. — Nos versos

> Nom sei, bofás, se te *é* a couto
> que parta o mei mal contigo,

enganou-se no sentido, porque não advertiu que se não trata do verbo *ser*, mas do pronome pessoal *eu, ei, ê*. A forma *ei* aparece até a p. 110, quintilha 80. A transição de *ei* para *ê* é corrente em algumas regiões do Sul.

*Pág.* 134. — Substitua-se *Assi ser roje*, por *Assi se roje* (se diz, se murmura). Na edição que o Dr. Mendes dos Remédios fêz do *Auto do Fidalgo Aprendiz*, Coimbra, 1915, p. 25, também se não corrigiu êste êrro evidente.

RODRIGUES LAPA.

---

**A farsa do Alfaiate,** uma das mais antigas peças do teatro português: seu autor ANRRIQUE DA MOTA: agora prefaciada e anotada por J. LEITE DE VASCONCELLOS, Lisboa, Lusitânia, 1924, 52 p., e uma tira com erratas.

I

O Sr. Dr. José Leite de Vasconcellos, dando à estampa a *Farsa do Alfaiate*, classifica-a como uma das mais antigas peças do teatro português e cujo autor é Anrrique da Mota,

o notável poeta satírico do *Cancioneiro Geral*. Foi neste momento da nossa literatura que o Dr. J. Leite de Vasconcelos descobriu a *Farsa*, que trouxe a lume com um prefácio e um epílogo preciosos, além de abundantes e eruditas notas. O mesmo professor lembra que Teófilo Braga extraíu do *Cancionciro* uma composição do conde do Vimioso, apresentando-a como um modêlo de *momo*, classificação considerada menos exacta por Leite de Vasconcelos, e ao mesmo tempo acrescenta que o trabalho de Anrrique ou Henrique da Mota, igualmente incluído no *Cancioneiro Geral*, possue interesse muito superior como obra de teatro com todo o carácter de farsa. Se não é anterior às mais antigas peças dramáticas de Gil Vicente, é contemporânea. Convém observar ainda que há motivos para crêr que ela tenha precedido a obra vicentina e nomeadamente o *Juiz da Beira*, que tem pontos de contacto com a *Farsa do Alfaiate*. E porquê? Porque o *Juiz* representou-se pela primeira vez no ano de 1515 e o *Cancioneiro*, que recolheu a *Farsa*, se estampou em 1516.

O assunto é êste: Manuel, alfaiate, judeu convertido (ou cristão novo), lamenta-se porque perdeu no Bombarral, ou lho furtaram, um cruzado. Ganhara-o costurando dias e noites durante seis meses... Com que desespêro, com que lamúria êle se chora, e protesta e se queixa! A sua fé cristã, quando o ouvimos, leva-nos a suspeitar de que não seja sincera. Êle próprio crê ter nascido em má hora e que «em pior» o baptizaram. Um fidalgo, D. João, encontra espavorido o alfaiate, que lhe narra a sua desventura e por aquele é aconselhado a ir ao templo do Espírito Santo para que, «batendo rijo no peito», suplique da divina bondade que lhe depare a quantia roubada ou perdida. Até aqui a primeira scena, senão melhor o primeiro acto.

A segunda scena é constituída pela oração de Manuel ao Espírito Santo. O alfaiate, orando continua a patentear a pouca solidez da sua fé nova. Transcrevamos, mas com actualização ortográfica:

Ó tu, Senhor Santo Esp'rito,
posto que t'eu não conheça,
de ti, Senhor, me é dito,
que és um Deus infinito
e m'o metem na cabeça;
e dizem que m'ofereça
a ti, em minha paixão,
e, posto que me não cresça
devoção quanta mereça,
não me ponhas culpa, não!

Adivinha-me, adivinha
tu, Senhor, quem me levou
um cruzado que eu tinha
para dar à mulher minha,
que não sei quem m'o furtou.
Dom João me aconselhou
que me viesse eu a ti:
vês-me aqui onde m'estou...

Não me falas? já me vou,
que náo posso estar aqui!

Na terceira scena, ou acto, de regresso do santuário, Manuel Alfaiate encontra-se com João de Belas, que o desfruta, dando-lhe a entender, sem que o outro perceba a troça, que conhece o destino do dinheiro perdido ou furtado:

Tu saberás que eu ouvi
dizer que um homem dissera,
o qual eu não conheci,
que passara por aqui
outro homem (não sei donde era),
e aquele homem soubera
de um seu amigo chegado,
que um dia desta era
um seu filho lhe trouxera...

Manuel não quer ouvir mais nada, e corre à justiça, para que cite o homem inventado por João de Belas.

A quarta scena apresenta-nos o alfaiate perante o juiz, que lhe pede os sinais do homem que buscam. Manuel dá-lhos por êste teor:

Eu não sei onde êle vive,
porém, é de onde êle fôr;
a par dêle não estive,
nem menos não no retive
nem sei onde é morador.
Mas ponho que é lavrador
e foi filho de alguém
e mais tem na sua côr
e também tem mor amor
a si mesmo que a ninguém...

E é filho de mulher,
traz o rosto por diante,
saberá quanto souber
e terá o que tiver,
ou é feio ou é galante.

É mais baixo que gigante
e é maior que pigmeu,
ou é fraco ou é possante,
não é rei nem é infante
ou é cristão ou judeu...

Se mais sinais demandardes,
dar-vo-lo-heis, se quereis;
mas, porém, se bem julgardes
em êste homem condenardes,
grande mercê me fareis...

O juiz repara no desvairamento do cristão novo, que, com a cabeça perdida, não faz idea nenhuma de quem seja o homem cuja existência depreendeu das palavras zombeteiras de João de Belas. Como frisa o Dr. Leite de Vasconcelos, o magistrado é um cristão velho, mais uma razão para fazer pouco do alfaiate, na sentença que profere:

Visto bem por mim, juiz,
êste feito e má acção,
e o que eu sôbre isto fiz
e o que êste homem diz
em sua má conclusão,
digo por boa razão
que, se perdeu o cruzado,
as epístolas de Catão,
que quarenta e oito são,
hão culpa neste pecado...

Mas, porém, porque alegais
sinais com que me embaraçastes,
por êsses mesmos sinais
eu julgo que vós percais
o cruzado que furtastes,
porque assim como o ganhastes
sem temor de Deus nem mêdo,
abofé bem no lograstes:
e não sei como o guardastes
que se não perdeu mais cêdo!

A sátira põe em relêvo o excessivo amor que, segundo a tradição, os hebreus consagram ao dinheiro, mas não se oculta nela a circunstância importante de que o ganham e o poupam, honradamente, trabalhando, como no caso dêste Manuel alfaiate, que perdeu o fruto das canseiras de meio ano de labutar com a agulha... Ao mesmo tempo (e já acima o acentuamos), vinca-se bem o que há de hesitante e de precário na sua fé católica, a que êle atribue a mofina sorte que o persegue:

Tudo é bem empregado
em mim, pois tomei de grado
esta lei nova de graça...

O Dr. J. Leite de Vasconcelos observa, judiciosamente, que a poesia de Anrrique da Mota «deve ser tida por peça dramática, isto é, por farsa», e crê que o demonstra no opúsculo que temos presente. Nas suas eruditíssimas anotações, que acompanham, quási um por um, os duzentos e sessenta versos da poesia (anotações históricas e lingüísticas), identificam-se algumas das personagens a que na farsa se alude, bem como o local da acção e a época em que se teria escrito e, provàvelmente, representado o trabalho do poeta (fins do século XV, princípios do XVI). Se as anotações desta natureza são opulentas e interessantes pelo que têm de elucidativas,

igualmente o são as que se subordinam à epígrafe de «Particularidades arcaicas da linguagem da farsa» quer na gramática, quer no léxico.

Seja-nos lícito fazer uma observação, que não deixa de, em nosso critério, ter interesse. Alguns dos versos da *Farsa* começam pelas adversativas «mas, porém», ligadas. Assim:

Mas, porém, se o Senhor
. . . . . .
Mas, porém, porque alegais
. . . . . .
Mas, porém, espantar-se-hão,

Ora, nos poemas do sertão brasileiro, coligidos, arranjados ou compostos pelo grande poeta Catulo Cearense («O meu Sertão», «Sertão em flor», Poemas bravios), encontramos, freqüentemente, o mesmo modo de dizer. Por exemplo, na «Canção do Marroero»:

Mas, porém, nada há más grande,
más grande que Deus inté.
que uma cornada di chifre
dos óio duma muié...

Até onde a influência portuguesa da poesia entesourada no *Cancioneiro Geral* actuou e permaneceu vivaz entre os indígenas do Bràsil?

Por todos títulos, o descobrimento e o trabalho do Dr. J. Leite de Vasconcelos são dignos do nosso louvor e do nosso reconhecimento. A *Farsa do Alfaiate* e o estudo a que ela forneceu ensejo constituem uma contribuïção de valor inestimável para a literatura e para a história do teatro português nos seus inícios.

AVELINO DE ALMEIDA.

(Do *Diário de Notícias* de 11-v-25).

## II

Julgava-se até há pouco que fôra Gil Vicente — o grande Mestre Gil — quem primeiro teatralizara em Portugal, com larguesa e feitio scénico, a poesia satírica e filosófica dos can-

cioneiros, onde os trovadores cortesãos pululavam vaiando os costumes, os ridículos e as vaidades pagãs. Supunha-se, pelo menos, que fôra êle o único ampliador e renovador dos *mômos* e *arremedilhos* medievos, inspirado quando muito, no *pastoril* de Juan de Encina. Pois o Prof. Dr. Leite de Vasconcelos, investigando no mato cerrado dessas colectâneas do espírito cáustico e galhofeiro dos quatrocentistas, topou com uma poesia dramatizada e teatralizável, na forma simplista da época, incluída no *Cancioneiro de Garcia de Rèsende*, na pior das conjecturas coeva do autor do *Auto da Alma*, mas muito possìvelmente anterior às suas primeiras produções teatrais. É a *Farsa do Alfaiate*. Devia de ter sido feita, por indicações dadas no próprio texto, entre 1496, data da conversão geral dos Cristãos-Novos, e 1506, data da morte de uma das personagens da farsa, o fidalgo do Bombarral D. João de Noronha.

Qual o assunto da vetusta peça? De uma grande singeleza, como seria natural esperar-se, à farsa de Henrique da Mota, não falta, todavia, certa graciosidade e certa elegancia. As décimas em que é composta — décimas de redondilha maior — são em geral bem metrificadas, e chega a haver nelas de quando em quando um lirismo conceituoso, como, por exemplo, quando o protagonista exclama, lamentando como bom judeu, a moeda que lhe roubaram:

Oh! cruzado! minha vida!
para que te conheci?
pois tua triste partida
me causa dor tão crescida
qual eu nunca padeci!

O *cruzado* roubado é o tema da peça, como o é em o *Juiz da Beira* de Gil Vicente, representado em 1525 e, por isso, possìvelmente, inspirado nesta *Farsa do Alfaiate*, salvo a hipótese de esta ter sido composta nos seis primeiros anos do século XV, e de *O Juiz da Beira* se achar já escrita muito anteriormente à sua exibição em público.

A acção é esta. A um cristão-novo, dos conversos de 1496, alfaiate no Bombarral, a cuja clientela pertencia o fidalgo Noronha, roubam um cruzado. Um cruzado! Seis meses de costura! Seis meses de trabalho em acertar panos de gibões e mangas de pelotes. Manuel, o alfaiate, lamenta-se do roubo,

geme, chora, impreca, rebentando de dor. Pensa em lançar-se ao mar, em atirar-se contra os cornos de um toiro e invoca até um lião sanhudo que o abandalhasse. Está possesso de desespêro e chega a pensar que lhe não valeu a pena converter-se à fé de Cristo. Que ganhou êle com isso, se não evitou que o roubassem!? A fé do alfaiate estava ainda incipiente, e não resistia aos empuxões atávicos do amor ao dinheiro. De repente lembra-se de ir queixar-se ao juiz, Contorna a idea, hesita:

Partir-me-ei? não partirei?
Ir-me-ei onde me fôr!
Tornarei? não tornarei?
Se morrer, não viverei?
Ou terei prazer ou dor!

e resolve-se por fim. Vai a sair, mas é neste lance que entra em scena D. João de Noronha. Vendo-o espavorido e alterado de rosto, inquire-o amistosamente. Manuel espantado da ignorância do fidalgo e quiçá ofendido do seu desgôsto não ter já corrido mundo e ser objecto de consternação geral, tenta tergiversar com frases vagas e nubladas pela perturbação.—Onde vais? pergunta D. João. E êle responde:

... não sei se vou se venho;
o que tinha não o tenho,
nem é já em meu poder.

E como a instâncias do fidalgo, que se deixe de rodeios, continue a resistir, o Noronha impede-lhe a saída, e o alfaiate vê-se obrigado a contar-lhe o percalço:

Um cruzado que poupei
em que tanto me revia;
tantas vezes o olhei,
até que não o achei
nem é já onde sohia.

Dir-se-ia tê-lo gasto de tanto o olhar. E acaba por lhe pedir um conselho. O Noronha diz-lhe então que vá ao Santo 'Sp'rito, que lhe grite *mea-culpa* e lhe rogue o milagre de se achar a moeda. Manuel, sem grande convicção, obedece e vai fazer a oração:

Ó tu, Senhor Santo 'Sp'rito,
posto que te eu não conheça,
de ti — Senhor! — me é dito
que és um Deus infinito
e m'o metem em cabeça.

Como a imagem se conserve muda e queda, o alfaiate que lhe impetrara as graças, mais por obediência do que por fé, desiste do peditório. Ao voltar-se depara com João de Belas que ao ver-lhe o carão desoladamente cómico se dispõe a divertir-se com êle, convencendo-o de que sabe quem é o ladrão. Manuel exulta:

— Quem? quem?

E o saloio, maliciosamente, diz-lhe que ouviu dizer que certo homem que ali passara soubera de um seu amigo que um filho dêste lhe contara... E a explicação vai por êste teor. O alfaiate não quere ouvir mais, e entre os frouxos de riso do saloio dirige-se ao juiz:

Senhor Juiz venho cá
com muito grande paixão...

O magistrado — Gonçalo da Mota — ouve-lhe a perlenga queixosa e depois pergunta-lhe quem foi o achador, visto que êle diz conhecê-lo. Logo que o saiba, o *cruzado* voltará ao seu dono. Manuel rejubila, e entra, então, a dar ao juiz os sinais do homem. É uma representação antiga de um efeito cómico, que ainda até há pouco se usava e que, evoluindo, produziu o *Amigo Banana* e os *Juízos do Ano* do *Borda de Água*.

E é filho de mulher,
traz o rosto por diante,
saberá quanto souber,
e terá o que tiver,
ou é feio ou é galante.

É mais baixo que gigante,
e é maior que pigmeu;
ou é fraco ou é possante,
não é rei, nem é infante,
ou é cristão ou judeu.

O juiz atalha-lhe a verborreia e diz que vai pronunciar a sentença. Vistos os autos e as declarações, ficando provado que êle perdeu a moeda por via das «Epístolas de Catão», onde, ao que parece, se julgavam alguns roubos como muitíssimo úteis, e provando-se também que se tentara embaçá-lo

com explicações de sabedoria saloia, é condenado o alfaiate a perder o cruzado de oiro afonsino:

Porque assim como o ganhaste
sem temor de Deus nem mêdo,
abofé, bem o lograste:
e não sei como o guardaste
que se não perdeu mais cêdo.

E a farsa acaba com esta crua filosofia de cristão velho que ainda se admira do alfaiate, por seus pecados, ter gozado a moeda tanto tempo em seu poder.

Pois não se parece êste magistrado com o *Juiz da Beira*, de Gil Vicente? Se tal farsa se exibiu em qualquer sarau da côrte, ou festa pagã, como as de Mestre Gil, é ponto difícil, senão impossível, de averiguar. A tê-lo sido, o scenário constituir-se-ia, quando muito, com a clássica tapeçaria, mas é de prever que nem êsse *encadrement* restritivo se teria utilizado. As figuras entrariam numa «sala de estrado» e falariam dentro de um «quadro» de mera imaginação. As scenas ou actos são cinco, podendo reduzir-se a quatro pela entrada de João de Belas em seguida à saída do fidalgo. Deveriam de passar-se sem interrupção nem mudança de *vista*; à esquerda o *Santuário* do *Santo 'Sp'rito*, à direita o alpendre da casa do magistrado. Para uma representação demonstrativa desta — talvez a primeira — peça teatral portuguesa, que seria interessantíssima de fazer-se (creio que Araújo Pereira o pensa), bastaria pois uma scena de rua — em pleno Bombarral do século XVI — com uma alpendrada no primeiro plano esquerdo, um altar como de *Passo* de procissão à direita baixa, e um fundo de casario e de arvoredo longínquo.

Com respeito à enscenação e marcação os peritos que se pronunciem, mas parece-me que o saloio deveria entrar quando da saída do fidalgo, assistindo à oração de Manuel e preparando «in mente» a partida a pregar.

Quanto ao juiz, naturalizar-se-ia a sua intervenção na acção pondo-o a sair de casa, pelo alpendre, logo que João de Belas acaba de falar. O trajo — a loba negra e a vara — marcará suficientemente a personagem. O saloio, para dar público ao improvisado tribunal, poderia ficar até o final. Era uma nota muda que serviria de comentário à solução dramática, pela expressão fisionómica e pela atitude.

O que nos custa crêr — a nós portugueses de 1925 — é como a perda de um *cruzado*, mesmo sendo a vítima um hebreu, dá ensanchas para uma peça de teatro. Não é fácil de se anular esta idea com a noção da valorização do oiro, visto que o cruzado é ainda da nossa terminologia monetária e se resume a quatro papelinhos amarrotados e sujos.

Tal é, em ligeiro esbôço, a *Farsa do Alfaiate*, cujo autor Henrique da Mota é um dos mais correntios, elegantes e chistosos trovadores do *Cancioneiro de Garcia de Rèsende*.

Deve-se ao Dr. Leite de Vasconcelos a exumação desta relíquia....

MATÓS SEQUEIRA.

(Do *Diário da Tarde* de 14-VIII-25).

---

**A barba em Portugal,** estudo de Etnografia comparativa, por J. LEITE DE VASCONCELLOS, Lisboa, Imprensa Nacional, 1925, XII — 191 páginas.

I

Acaba de sair dos prelos da Imprensa Nacional de Lisboa um livro, que a honra pelo trabalho perfeito de composição tipográfica, e pela boa execução das gravuras, nada menos de 132, que o completam e elucidam.

Tôda a gente que passa pelos mostradores das livrarias, ou aqui folheia as obras, deve de o ter notado, tanto pelo aspecto facial, como pela bizarria do título, ilustrado de mais a mais por um desenho, «quási auto-retrato», do estatuário da Raínha Santa, de Coimbra, Teixeira Lopes.

No meio da *avalanche* de impulso contínuo com que as casas editoriais atiram livros para o mercado, é de notar êste, porque o Dr. Leite de Vasconcellos está num campo especial

. . . . . .

Da copilação dos seus *Ensaios Etnográficos* (quatro volumes) com abundância de informação folklórica, até às *Religiões da Lusitânia*, de três volumes, a *História da Numis-*

*mática em Portugal*, publicada há dois anos no *Arquivo da Universidade de Lisboa*, e agora *A barba em Portugal* — a soma de trabalho na colheita de elementos, de observação e interpretação, apenas tem de comparável a exuberância na bibliografia concernente ao assunto explorado.

*A barba em Portugal* é um título de livro, que à primeira vista nos parece de assunto para rir. E o seu próprio autor, lembrando essa impressão provável no público menos dado a hipocondria, repetiu a observação de H. Leclêrcq: «au point de vue littéraire et au point de vue historique la seule idée d'une histoire de la barbe ne va pas sans quelque ridicule» (p. 51), observações que êste fêz no *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne*, obra sua de colaboração com Cabrol, s. v. «barbe». Leclercq faz porém uma restrição; concorda que não seria o mesmo sob o aspecto arqueológico, porque a importância e a multiplicidade dos monumentos figurados que se prestam ao estudo do uso da barba entre os antigos, é tão grande, que só por si bastaria para reabilitar um assunto, cujas informações de história de arte e de usos teriam infalìvelmente de ser abundantes e consideráveis. Pois até Aulauré escreveu a *Pogonologie ou histoire philosophique de la barbe* (1706)!

E o livro do Dr. Leite de Vasconcelos vem provar quanto êsse assunto se prende com a história de arte, com o tipo antropológico e o carácter de um povo, com seus usos e costumes, reflectidos no simbolismo, na superstição popular e no léxico. — De um argueiro se faz um cavaleiro, — diz o adágio. E o Dr. Leite de Vasconcelos, aplicando-lhe o conto fêz de uma coisa de somenos, como é a barba, — até quando a barba é o símbolo de cara honrada — um estudo curioso, original e completo.

Querem ver? Como principia o livro? — «Dá-se o nome de «barba» à porção do sistema piloso que se observa no indivíduo do sexo masculino, depois de púbere, e lhe cobre mais ou menos os lados do rosto, a superfície exterior dos beiços, o mento, e a parte antero-superior do pescoço» (p. 1). E conclue: «Tanto no que toca ao passado, como ao presente, o estudo da barba é por igual instrutivo. E assim o têm reconhecido inúmeros escritores, do séc. XVI para cá. Se alguns dêsses escritores falaram da barba zombando, pois não falta nela motivo de zombaria, muitos a trataram no estrito campo didático. Ao elemento risível pode também caber por sua vez

interpretação scientífica, isto é, psicológica, histórica, e social» (p. 151).

No «preâmbulo» informa o Dr. Leite de Vasconcelos que êste estudo corresponde ao Livro III, parte 1.ª, série B, cap. 4 da sua *Etnografia Portuguesa* . . . . . .

. . . . . .

Para ver como o assunto é exgotado pela metodização do copioso material reünido, basta observar o esquema dos seis capítulos da obra de que estou falando:

I — A barba antropològicamente;
II — Feitura da barba;
III — Formas e cortes de barba;
IV — A barba no decurso dos tempos;
V — Simbolismo da barba;
VI — A barba no léxico e na literatura.

A prova etnográfica e linguística aparece e reaparece em cada página do livro, denunciando o gôsto do autor e a razão principal da obra. Mas os três últimos capítulos (IV a VI) são os mais acabados e os mais curiosos.

O cap. IV segue o uso da barba no documento arqueológico desde o paleolítico superior (antevisto na arte rupestre dos desenhos de Valtorta, em Castellon), pelo período proto-histórico, pelo romano e visigótico, da Península Ibérica, e daí pelas épocas históricas de Portugal, da Idade-Média até nossos dias; é só por si uma monografia de colaboração arqueológica, histórica, sociológica e artística.

O cap. V colige tôdas as manifestações de simbolismo tradicional da barba: sinal de virilidade e honra; a barba grave da velhice; índice de severidade em filósofos, monges, deuses e reis; córte e arrancamento insultuoso da barba; feiticismo e lenda; episódios históricos ligados com apostas e empenhos das barbas, como os que se passaram com Albuquerque o «terribil» e Castro o «forte».

O sumário do cap. VI define-o: Palavras que indicam indivíduos de barba abundante, ou escassa; ou alcunhas e apelidos. Locuções e sentenças em que entra a palavra *barba* e congéneres. Metáforas primárias e secundárias; metáforas circulatórias. A barba na literatura culta: do séc. XV à actualidade. A barba na literatura popular: provérbios, canções, etc.

A documentação que cimenta todos estes capítulos é grande, e só a pode apreciar quem leia o livro e acompanhe as chamadas à bibliografia paginal.

Corre à antropologia, a Deniker *(Les races et les peuples de la terre)*, R. Martin *(Lehrbuch der Anthropologie)*, E. Frizzi *(Anthropologie)*, à *Revue d'anthropologie* (artigos de Charles Royer e Staland Wake). Serve-se de história da medicina: Dubreuil Chambardel *(La médecine en Touraine au XI siècle)*, Raynaud *(Les médecins au temps de Molière)*, Bouillet *(Précis d'histoire de la médecine)*, e de medicina moderna com Berlioz *(Manuel pratique des maladies de la peau)*, etc. De história: Bordeau *(Histoire de l'habillemente)*, Gaston Paris *(Histoire poétique de Charlemagne)*. De arqueologia: Montelius *(La civilisation primitive en Italie)*, Mortillet *(Musée d'Archeologie)*, Déchelette *(Manuel d'Archéologie)*, Obermayer & Vernet *(Pinturas de Valtorta)*, D. Antonio Vives *(Estudios de Arqueología Cartaginesa)*, Marquardt *(La vie privée des Romains)*, e enciclopédias como o *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne* de Cabrol & Leclercq, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines* de Daremberg & Saglio, a *Encyclopédie* de Pauly & Wissowa, até à *La grande Encyclopédie* e ao *Larousse Ilustré*. E folklore com Hazlit, Menéndez Pidal; linguística, com Hübner, Madwig, Diez, Meyer-Lübke, D. Carolina Michaëlis, Riegler; mitologia, com Gubernatis.

E socorre-se de Macrobio, Herodoto, Estrabão.

A literatura portuguesa antiga fornece-lhe elementos de etnografia: O *Cancioneiro Geral* de Garcia de Rèsende, a *Crónica da Guiné* de Azurara; Bernardim Ribeiro, o simpático Gaspar Frutuoso das *Saudades da Terra*, D. Francisco Manuel de Melo, Soropita, Manuel Bernardes, Martim Afouso de Miranda.

Só na literatura moderna as medicinas de Pires de Lima *(Vocabulário anatómico popular)* e Ricardo Jorge *(O Mal do Bicho)*, as monografias históricas de Gonçalves Cerejeira *(O Renascimento em Portugal)*, Teixera de Aragão *(Moedas de Portugal)*, Sampaio Pimentel, Lopes Fernandes, Artur Lamas, Marques Ferreira, Conde de Sabugosa, P.e Valério Cordeiro, etc.; as obras etnográficas como *Ciganos em Portugal* de Adolfo Coelho, e Adagiários de Antonio Delicado e de Rolland, os dicionários como o *Elucidário* de Viterbo, *O grande dicionário da língua portuguesa*, o *Dicionário das plantas de Portugal* de A. de Vasconcelos; não esquècendo os elemen-

tos preciosos obtidos nas Matrículas da Tôrre do Tombo, nos Registos paroquiais como o de Santa Cruz do Castelo (publicado por E. Prestage & Pedro de Azevedo) e até no *Anuário Comercial.*

. . . . . .

LUÍS CHAVES.

(Da *Epoca* de 30-x-1925).

II

Dr. Leite de Vasconcellos is one of the bestknown ethnologists in Europe. The number of his published works during the last fifty years is formidable, but they have so human a touch that the keen interest which has been brought to their writing infects the reader. He has earned the gratitude of future ages by collecting and publishing a mass of material concerning the habits and traditions of the Portuguese people. Nothing is too minute to escape his observation; and the pages of his *Revista Lusitana*, of which twenty-three yearly volumes have now been published, and of his «Ensaios Etnograficos» and other works are full of fascinating matter which provides abundant contribution to the study of comparative folk-lore. He has brought unwearying patience and insight to his work, in which he has persevered through all the bitter strife and fierce upheaval of the last fifteen years. When all the rage and stridency is over his work will remain.

The present book is an essay in pogonology, originally intended to form a chapter of the great work on Portuguese ethnography which Dr. Leite de Vasconcellos has been preparing for many years; but it expanded in his hands into this volume of nearly two hundred pages. The subject is vast and enthralling, and is treated here under all its aspects. Over a hundred illustrations add to the reader's pleasure. These are of varius centuries and stations, from king to beggar (fig. 18): dukes, bishops, missionaries, fishermen, hermits, soldiers, statesmen, men of letters, judges, doctors, professors — but it is curious that painters and artists should be noticeably absent. Actors are perhaps generally cleanshaven, but there is no reason to prevent the sculptor or the pianist from wearing his hair in all its glory. We are given illustrations of the «great

round beard like a glover's paring knife», the tiny pointed beard, the full beard sweeping to the waist, the mutton-chop *(chuletas)* or «ham» *(presunto)* whiskers, sometimes worn so long that they resemble two beards, one on either side of the face; while several illustrations correspond to Sir Hugh Evans's objection: «I like not when a woman has a great beard». There are portraits of the Jesuit preacher Antonio Vieira with his little stubble beard, of Almeida Garrett, poet and fop, of the Renaissance poet Sá de Miranda (the well-known portrait with a long pointed beard); of the historian João de Barros with a short beard (in old age he is described as having a long white beard), Damião de Goes (whose portrait was painted by Dürer), Albuquerque, and D. João de Castro, Governor and Viceroy of India. Tirso de Molina in one of his plays satirizes an advocate who keeps his clients waiting while, during «fourteen hours», he curls his moustache and beard; but that was in degenerate days, and the same dramatist complains that men are growing effeminate in their dress and manners. Albuquerque and Castro belonged to sterner times, when the beard was still admired as a sign of strength rather than of beauty; and each of them in India pledged the hairs of his beard (that of Albuquerque, who died a generation before Castro, was much the finer) in order to fill the depleted treasury. How magnificently the chins of Chancellors of the Exchequer would blossom out if such customs prevailed to-day!

The Portuguese painter José Malhoa's picture of the village barber is reproduced; and we are reminded that it was, perhaps is, the custom to ask a person about to be shaved if he would have a finger or the walnut to round his cheek to a proper firmeness for the razor's action! Naturally the folk-lore of the subject is not neglected, and a large number of popular quatrains are included in the text. A recent writer in the *Revista de Filologia Española* reminds us that a red beard was popularly regarded as a mark of a Jew or of a heretic, and we find the popular suspicion of this colour very widely extended. Dr. Leite de Vasconcellos quotes various proverbs warning against the treachery of men with black hair and red beards, including the French «A barbe rousse et noirs cheveux ne te fies si tu ne veux». He gives seventeenth-century references to the «Castilian beard», and in his wide researches he even mentions the English game of

Beaver. He does not refer to the *barbas zarras* or *zorras* of the thirteenth-century «Libro de Alexandre». The nearest he comes to this is in the Portuguese words *sarrudo* and *sarrilhão; sarrudo* is only the popular form of *serrado* (a thick beard): whereas the *barba zorra* evidently means greybeard, and may be connected with Basque *zahara* (old).

In his preface Dr. Leite de Vasconcellos laments that his work has been hampered by the poverty of Portuguese libraries. He has travelled over Europe in his ethnographical researches, but he is now no longer a young man and it is most unfortunate that so keen an intellect should be hindered by lack of material. The only remedy is for writers and publishers, when they have books to spare, on beards and other subjects, to remember the Lisbon National Library.

(*The Times Literary Supplement*, Thursday, December, 10, 1925).

# NECROLOGIA

## Teófilo Braga

(† 28 de Janeiro de 1924)

### I. — Como historiador da literatura portuguesa

O falecimento de Teófilo Braga causou funda emoção no acanhado âmbito da sociedade portuguesa, que o considerava, com boas razões, o seu homem mais representativo. Todos o conheciam, sequer de nomeada, e em quási todos havia a íntima consciência do seu valor mental e da estranha fôrça, inquebrantável tenacidade e filosófica independência, que se ocultavam naquela débil figurinha de velho sorridente. É êste, com efeito, o mais alto significado da produção literária que nos legou: uma grande lição de indefessa laboriosidade, já reconhecida, em 1877, por Guilherme Storck. Se vivesse ainda hoje, o insigne camonianista olharia com espanto a série quási interminável de volumes e trabalhos dispersos, que Teófilo Braga publicou desde então sôbre a história da literatura portuguesa.

Será o valor do que escreveu directamente proporcional à extensão? De modo algum. O edifício, que se propôs levar a cabo, não o completou em vida, e uma ou outra pedra do monumento compromete-lhe sèriamente a estabilidade. Mas, ruína que venham a ser, as suas obras ficarão como um alto exemplo, como marcos, vigorosamente indicadores para outros mais afortunados, que lhe sucedam na tarefa. Infelizmente, e é amargo dizê-lo, não se vislumbram ainda continuadores e melhoradores dêsse edifício, e a grande maioria dos seus detractores, que muitos são, não conhecem escritos de Teófilo, senão *de ouvir dizer*. Deve confessar-se que, pelo menos no que respeita às investigações histórico-literárias e aos estudos filológicos, subsidiários daquelas, a actual geração está muito abaixo da que a precedeu, e de que Teófilo fêz parte.

As tendências reflectidas na produção literária de Teófilo Braga, que perduram com obstinada coerência nos seus últimos volumes, são explicadas pelo ambiente intelectual do tempo e das circunstâncias em que primeiramente viveu.

A inquieta geração de 1870, de que era primacial figura, formou-se no convívio das doutrinas positivistas, inauguradas por Comte e continuadas por Sainte-Beuve e Taine, no que toca particularmente às normas da laboração literária e artística. O rigor do determinismo de Comte fascinou T. Braga a ponto de pretender explicar invariável e seguramente os fenómenos literários, segundo cánones da lógica positivista. É curioso ver, a cada passo das suas obras, ainda nas últimas, a transcrição solícita de passos do *Curso de Filosofia Positiva*. Êste afêrro exagerado e fanático a um sistema, tido como infalível, deu como resultado, por vezes, má interpretação da história literária, e viciou, não pouco, alguns dos seus juízos.

Teófilo não considerava a obra literária em si mesma, na sugestão aliciadora da sua própria beleza. Em todo o autor êle evita, ou por falta de sensibilidade e gôsto, ou por preconceito filosófico, a apreciação estética da obra. Reclama-o uma irresistível propensão para o significado social e até político do produto literário, como êle confessa: «O génio de um escritor não se revela completamente pela sua obra, nem esta se aprecia pela beleza a que dá expressão, mas pela simpatia social que desperta».

Para a determinação desta *simpatia social*, expressão um pouco vaga, e de acôrdo com o conceito acima indicado, tem grande importância a série de particularidades biográficas do autor, que são na sua crítica o que os pormenores significativos eram no romance realista. Porisso, já alguém o notou (Fidelino de Figueiredo, *Historia da critica litteraria em Portugal*, Lisboa, 1916, págs. 138-167) no que Teófilo escreveu avultam sobretudo as grandes reconstituïções biográficas. Resultado disto: os autores de vida singela, os místicos, Tomé de Jesus, Amador Arraez, Heitor Pinto, Manuel Bernardes, por grandes que sejam, não têm guarida na sua História da literatura. São as conseqüências últimas do sistema.

Esta concepção de *simpatia social* provoca irresistìvelmente outra, a do *sentimento nacional*. Para T. Braga a história literária dum povo é, em última análise, a *munifestação emotiva do sentimento da nacionalidade*. Os grandes autores são pois estudados e apreciados segundo um critério unilateral, propositadamente nacionalista. Resultado: quási não considera Vieira, porque da sua actividade política nada de bom resultou para a autonomia portuguesa; diz acintosa e injustamente mal de Frei Luís de Sousa, por se ter confor-

mado com a dominação castelhana, dedicando os *Annaes de D. João III* a Filipe IV; D. Francisco Manuel de Melo, de cujo patriotismo primeiro suspeitara, e fôra tão desprezado por êle, só finalmente cai em graça, e é então mimoseado com perto de 300 páginas nos *Seiscentistas*. Em compensação, a Manuel Bernardes, que tem nas suas obras curiosos aspectos da vida social, e é talvez o maior prosador português de todos os tempos, não chega a dedicar uma página.

O século XVII, por isso que, pelo menos superficialmente, representa um eclipse dêsse sentimento nacional e, segundo o seu esquema das épocas literárias, é um período de estéril imitação e predominante influência castelhana, constitue lacuna grave na História de Teófilo. Já em 1893, Carolina Michaëlis o frisou *(Hist. da literat. port.*, § 15). E contudo essa época é curiosíssima e digna de estudo, pela revivescência dos elementos populares, que o quinhentismo intencionalmente desdenhou. Nas bibliotecas públicas e privadas há riquezas inumeráveis, colecções de lirismo e sátira, que conviria publicar, para se fazer inteira luz sôbre essa escola. Ao método crítico de T. Braga se deve o ser tão ignorado êsse período literário, sôbre o qual apenas há, dignos de menção, alguns estudos parcelares, embora valiosos, de Sousa Viterbo.

A grande falha, porém, da sua História ainda é a Idade Média. Tirante o estudo sôbre o *Amadis de Gaula*, que é dos seus melhores trabalhos, mas que também já está velho, tudo o que nos legou sôbre literatura medieval tem de ser reverificado cautelosamente. Faltava a Teófilo a necessária disciplina filológica, que êle sobranceiramente desdenhava, na sua birra sistemática contra os que apelidava de *gramáticos*. As suas edições do *Cancioneiro da Vaticana* e das *Obras* de Cristóvão Falcão, que tiveram críticas primorosas do superior *gramático* que foi Eplfânio, são disso prova manifesta. E tanto êle reconhecia êste lado vulnerável da sua obra, que, por 1921, ao que diz um seu panegirista, o Sr. Prado Coelho *(Teófilo Braga*, Lisboa, 1921, p. 205), tratava de refundir os *Trovadores Portugueses*.

O volume de recapitulação publicado em 1909, a *Edade Media*, tem a recomendá-lo apenas o abonar-se com informações colhidas na grande autoridade, que era Carolina Michaëlis. No mais, é obra infeliz: bibliografia antiquada, e mistura de opiniõest do mais diverso valor; quási nenhum tratamento do período poético curiosíssimo, que vai de 1350

a 1450, e demostra a resistência do espírito literário galego-português, perante a crescente influência de Castela; teimosia, digna de melhor emprêgo, no considerar ainda a valia literária das chamadas cinco relíquias, depois das inteligentes observações de João Pedro Ribeiro, Bellermann, Diez e Carolina Michaëlis, etc.; mas, acima de tudo, êsse livro tem uma negligência grave, que é só por si uma injustiça e um êrro: não trata dos nossos historiadores, passam-lhe despercebidos Fernão Lopes e Azurara. Que páginas ardentes se não podiam escrever sôbre êles, principalmente sôbre Fernão Lopes, considerado pelo romântico Sonthey o maior historiador de todos os tempos!

O que deixamos apontado e o mais que ainda se poderia dizer dos erros e dificiências da sua obra, em nada invalidam a nossa afirmação do princípio: que ela, imperfeita e desordenada como é, ainda não encontrou quem fizesse melhor, se exceptuarmos, para certas épocas, o nome de C. Michaëlis, e tal como está, ainda é um subsídio indispensável e valiosíssimo para quem se dedique a êste género de estudos; e que, nunca é demais repetí-lo, teve o raro valor de chamar pela primeira vez a atenção do mundo culto para os problemas atraentíssimos da nossa literatura.

MANUEL RODRIGUES LAPA.

O cap. II dêste artigo, «Teófilo Braga como etnógrafo», será escrito pelo Dr. Cláudio Basto, e publicado no volume seguinte.

*(Nota da redacção).*

---

## D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos

No dia 16 de Novembro de 1925 faleceu no Pôrto com 75 anos incompletos a distintíssima Senhora, que usou e imortalizou o nome, que encima estas linhas, e em quem se achavam representadas as duas estirpes, que eram o seu orgulho e fizeram a felicidade de tôda a sua vida — a estirpe alemã pelo seu nascimento (1), e a portuguesa pelo seu matrimónio com o notável historiador e crítico de arte, Sr. Joaquim de Vasconcelos (2).

À data da sua morte era professora da Faculdade de

Letras da Universidade de Coimbra, cargo para que foi nomeada em 1911 ([3]) e que desempenhou sempre com a máxima probidade e dedicação, como costumava fazer com tudo quanto lhe incumbiam ou de que se incumbia.

Trabalhando sempre e incansàvelmente desde os treze anos, o que constitue um fenómeno de precocidade, raras vezes igualado, póde calcular-se como a sua obra se apresenta complexa, extensa e o mais variada possível.

As parcas linhas, que vão seguir-se, não se propõem a expôr a vida da operosa Mestra, nem, muito menos, a analisar a galeria tão brilhante dos seus trabalhos; não visam, mesmo a enumerar ou resenhar os livros, as monografias e os artigos espalhados pela sua autora um pouco, digamos, *urbi et orbi*, consoante as ocasiões e as circunstâncias se lhe ofereciam ([4]). Tudo isso está dito e redito, entre outros, pela prestigiosa autoridade que dirige esta *Revista*, Prof. Dr. Leite de Vasconcelos.

As modestas considerações de hoje e dêste lugar dirigem-se ùnicamente a prestar a mais simples, mas também a mais calorosa e sincera homenagem, Àquela que foi uma colaboradora insigne da *Revista Lusitana*, na qual deixou alguns dos seus mais fulgurantes trabalhos ([5]). Quis o Dr. Leite de Vasconcelos por sua extrema bondade que essa nobre atitude de respeito e de gratidão fôsse prestada através do estilo descolorido de quem subscreve estas linhas rápidas e breves, honra insigne que, não podendo declinar-se, penhoradamente cumpre agradecer.

*

Quem se abalançar a abranger em resumido quadro sintético a obra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos não poderá deixar de admirar a sua harmonia e unidade, não obstante verificar, por outro lado, a grande variedade de matérias que ocuparam o seu prodigioso cérebro.

Aquele incansável labor de mais de 60 anos move-se dentro da mais perfeita correlação de ideas, dominando em tudo o método do mais equilibrado e do mais ponderado espírito. Sem convulsões de lógica, sem desvios de orientação e de finalidade, a sua fecunda produtividade ([6]) literária obedece a um ritmo perfeito. Nada lhe altera a serenidade do raciocínio, nem da frase, um e outra admiráveis. Algumas vezes foi combatida no mais alto dos seus sentimentos — injustamente, é

bem de ver, pois nenhuma razão, nem mesmo pretexto algum poderia ter dado aos que a criticavam ou acusavam. Amava o seu país, a grande e sábia Alemanha? Seria monstruoso que o não fizesse. Êsse culto patriótico não embaciava o carinho com que estremecia Portugal, o seu país de adopção, onde criou o seu lar, e o seu espírito se avigorou e robusteceu. Mas nem assim se queixou.

Serenamente viveu, acabou serenamente. Quando se desprendeu da terra o seu espírito, póde dizer-se que estava ainda húmida de tinta a pena, que tantas páginas célebres deixava pelo bom combate da verdade e da sciência.

É tempo, agora que para sempre nos deixou, preguntar-se: que juízo formar da sua obra? que significação e valor é justo dar-se-lhe?

*

O Dr. Leite de Vasconcelos no opúsculo *Carolina Michaëlis de Vasconcelos — Lista dos seus trabalhos*, publicado em 1912, a que já aludi ([7]), facilita a resposta a estas preguntas.

Aí se encontram metòdicamente descritos quantos estudos devemos a D. Carolina, completados desde aquela data pelo autôr destas linhas no *Apêndice* da Conferência que realizou no Pôrto em 15 de Maio de 1926 ([8]). Percorrendo essas listas verifica-se que o primeiro trabalho da distintíssima autora se intitula: *Fonética e notas gramaticais a respeito da redacção espanhola na lenda de Crescência*, que é de 1867 (em alemão), e o último: *Uriel da Costa: notas suplementares relativas à sua vida e sua obra* (in-*Lusitânia*, de 1924). Entre os 57 anos que separam estas monografias desenrola-se a actividade da Escritora, que se desdobra, como já disse, sob uma unidade de ideologia e de método de realizações verdadeiramente admirável, em estudos de *Filologia* e de *História da Literatura*, no mais amplo significado dêstes vocábulos.

Ainda estes dois campos não constituem para ela verdadeiramente senão um só, pois que a propósito do primeiro desenvolvia profusamente aspectos do segundo, e vice-versa. Assim o pensava, assim o realizou. No seu livrinho tão interessante sôbre a *Saudade Portuguesa* fêz a história do vocábulo na língua e na sua evolução através dos tempos. Gostava sempre de documentar a origem dum termo com os textos dos autores e só se contentava quando exauria, ou julgava ter exaurido, essa documentação. Veja-se o que não fêz a pro-

pósito dos *Púcaros de Portugal*, tema na aparência tão banal e a que ela conseguiu dar toda a graça pela riqueza e variedade da exposição.

Esta sua maneira de encarar os problemas filológico-literários encontrou a plena realização na obra-prima, que é a sua corôa de scientista — a edição do *Cancioneiro da Ajuda*. Aí estão, nos dois volumes publicados, todas as qualidades de D. Carolina: sua erudição cultur-histórica assombrosa, o seu espírito de investigadora das maiores minúcias, a sua clareza de método na divisão e sub-divisão dos assuntos, na distinção de pormenores, etc.

Tinha, como filóloga, a orientação dos sábios da sua terra, os criadores da *Wörter und Sachen*. Procedia com o rigor e a lucidez dum experimentalista. A lucidez e a tenacidade. Lembrada talvez do ditado que o *génio é uma longa paciência*. Não tinha pressa e, dir-se há com verdade, nunca sentia cansaço, o que era prodigioso para quem, aparentemente de compleição franzina e delicada, chegava a trabalhar dezóito horas por dia.

E as averiguações e estudos do *Cancioneiro da Ajuda* consumiram-lhe mais dum têrço da existência!

Mais feliz que E. Monaci levou muito mais longe o estudo dos textos arcaicos. Muito mais feliz ainda que o Marquês de Valmar deu à paleo-literatura nacional a contribuïção que aquele não conseguiu dar às *Cantigos do Rei Sábio*.

O que ela ambicionava era *a)* repôr o texto em toda a pureza original; *b)* fazê-lo compreender em todos os sentidos linguístico, literário, artístico, técnico, etc.; *c)* colocá-lo no meio próprio, estudando o ambiente em que eclodira; *d)* averiguar das particularidades da autoria, procedência, etc.

Tão variados propósitos nunca lhe pareciam atingidos. E compreende-se que tal página para nós definitiva do *Cancioneiro da Ajuda*, do *Sá de Miranda* e outros, estivessem cobertos de correcções, de emendas, de esclarecimentos de todo o género.

O que não eram então os seus originais, aqueles estudos, que saíam por assim dizer, do cadinho, em ebulição, ainda na sua quási concepção geratriz? A mais fina e emmaranhada rede, a que tão elegantemente se prestava a sua linda caligrafia.

Exprimiu por escrito, e de viva voz repetidamente, o anseio de fazer 2.ª ed. das *Obras de Sá de Miranda*, o que mais se lhe acentuava depois dos *Novos Estudos*. Entretanto

todos podem admirar até onde foi levada essa monografia exaustiva do Filosofo da Tapada, na qual deu ainda guarida a quantos, nacionais ou estranjeiros, haviam privado com êle, sendo verdadeiramente dignos de apontar-se as notas que consagrou por exemplo, a Diogo Bernardes, a Bernardim Ribeiro, a D. Francisco de Portugal, e a tantos mais. O que não poderia esperar-se dessa refundição, agora que a autora tinha revisto, por assim dizer, a obra Camoneana, a de Bernardim Ribeiro e Falcão, a do Dramaturgo máximo, e, em geral, a de todos os valores do Renascimento e do prè-renascentismo! Os seus cuidados não iam, porém, sòmente para a obra de depuramento que lhe impunham a sua consciência e o fino quilate da sua honestidade produtora. Voltava-se, direi eu, com tristeza, na ante-visão da impossibilidade de realização, para os seus projectos de ineditismo literário — estudos sôbre o texto Vicentino, de que nos deixou a preciosa herança das *Notas;* ensaios sôbre o *Crisfal,* de que temos de nos contentar com as esparsas da edição da *Menina e Môça;* as *Obras do Soropita,* de que a afastou por ventura o seu delicado tacto feminino; o *Palmeirim* e as *Randglossen* que ficariam lamentàvelmente em alemão, etc., etc.

E perda sensível foi também a da publicação das suas *Lições de Filologia,* porque elas completariam as do Mestre Leite de Vasconcelos e assim ficaram, como se encontram, afigura-se-me, inpublicáveis.

Olhando entretanto ao que nos legou e que constitue o riquíssimo espólio que fica ligeiramente apontado, a nossa gratidão obriga-nos a cobrir para sempre de bênçãos a sua memória que para todos os portugueses deve figurar entre a dos maiores beneméritos da Pátria, a qual amou com carinho e serviu com dedicação.

Coimbra. MENDES DOS REMÉDIOS.

---

## NOTAS

(1) Em 15 de Março de 1851, em Berlim.

(2) Em 1876.

(3) Primeiramente colocada em Lisboa não chegou aí a exercer o magistério, apressando-se a pedir por motivos que gentilmente expressou num requerimento a sua transferência

para Coimbra onde, como em Lisboa, foi recebida festivamente.

(4) Apareceram artigos seus, não falando, claro, na Alemanha e em Portugal, em Espanha, Itália, Inglaterra, no Brasil, etc., a maior parte, naturalmente, na lingua alemã ou em português, mas também em espanhol, inglês, etc. D. Carolina conhecia um pouco as línguas clássicas não lhe sendo de todo estranhas algumas orientais, como, pelo menos, o árabe e o hebreu.

(5) Cfr. I — 34, 63, 66, 69, 117, 379: *O Judeu errante em Portugal, Hilo português, Tangro-mangro, Materiais para o estudo do Refraneiro português, Etimologias, A maneira do apiahá;* II — 74, 79, 156, 193: *O Judeu errante em Portugal, Achar menos, Estudos sôbre o Romanceiro popular;* III — 84, 129, 349: *Colocação do adjectivo português, Fragmentos etimológicos, Uma passagem escura do Crisfal;* VI — 1 e seguintes: *Lais de Bretanha;* VII — 1, 230, 241 e seguintes: *Observações sôbre alguns textos líricos da antiga poesia peninsular, «Dizer de alguém cobras e largartos», Nuevas disquisiones acêrca de Juan Alvarez Gato;* VIII — 221: *Tostia;* XI — 1 e 2: *Contribuïções para o futuro dicionàrio etimológico das línguas hispânicas;* XII — 133: *Taibo;* XIII — 3 4 n.º 68: *Mestre Giraldo;* XV — 271: *Sôbre um verso de Gil Vicente;* XVIII — 1: *Notas sôbre a canção perdida «Este es calbi orabi»;* XX — 316: *Trovas etimológicas;* XXI: *O milagre do verbo;* XXII: *Ernesto Monaci;* XXXII: *Glossário do Cancioneiro da Ajuda.*

(6) Cfr. os estudos citados do Dr. Leite de Vasconcelos e do autôr, onde são enumerados 177 trabalhos saídos da sua pena, a que devem juntar-se decerto mais alguns, não falando ainda dos artigos de revistas e Enciclopédias, etc.

(7) Primeiramente aparecido no *Boletim da Segunda Classe,* I, da Academia das Sciências de Lisboa, forma uma separata de 52 páginas.

(8) Publicada na *Biblos,* II, saíu em vol. com o retrato de D. Carolina e o fac-simile duma carta autógrafa, 117 páginas, Coimbra, 1926.

# ÍNDICE DO VOLUME XXV

PÁG.

**História da língua portuguesa** *(Origem e vida externa)* — por J. Leite de Vasconcellos . . . . 5
**Tradições populares** — por João de Vasconcellos . . 29
**Vocabulário alentejano** — por Pombinho Júnior . . 58
**Retalhos de um adagiário** (continuação) — por José Maria Adrião . . . . . 75
**Uma versão portuguesa da história natural das aves do séc. XIV** — por Pedro de Azevedo . . . . 128
**Silva etnográfica** — por Cláudio Basto . . . . . 148
**Glossário dialectológico do concelho dos Arcos de Valdevez** (continuação) — por F. Alves Pereira . 180
**Medicina popular** *(segundo a tradição de Guimarães)* — por Luís de Pina . . . . . 205
**Textos antigos portugueses** (continuação) — por J. J. Nunes . . . . . 231
**O casamento em Barbacena** — por Manuel Rodrigues de Carvalho. . . . . 251
**Alvalade** — por David Lopes . . . . . 270
**Barroso** — por António Gonçalves de Morais . . . 275
**Enquisas onomatológicas,** II (conclusão) — por J. Leite de Vasconcellos . . . . . 283

MISCELANEA:

**A palavra "ZEVRO„** — por Paulo Merêa . . . . 284
**Alameda** *(Nota sematológica)* — por Santos Agero. . 286
**Etimologias** — por J. L. de V.:
1. *Esposade* . . . . . 288
2. *Estremonde* . . . . . 289
3. *Estromil*. . . . . 289
4. *Garei* . . . . . 289
5. *insimprar* . . . . . 289
6. *Mèdelo* . . . . . 289
7. *Seide* = *Ceide* . . . . . 290
8. *Vegião* ou *Vigião* . . . . . 291

**Uma carta do Cavaleiro de Oliveira riquíssima de locuções populares** — por João da Silva Correia. 291

PÁG.

**Notas de folclorismo minhoto** — por Afonso do Paço. 299
**A "raça„ portuguesa** — por Vítor Fontes . . . . 303
**Destrenger, destringer** — por Cláudio Basto . . . 307

BIBLIOGRAFIA:

**Filología de la lengua gallega** de D. José de Santiago y Gómez — por Celestino Monteiro Soares de Azevedo . . . . . 308
**Compêndio de gramática histórica portuguesa (Fonética-Morfologia)** de J. J. Nunes — por A. Meillet. 315
**O poeta Melodino** de José Pereira Tavares — por Rodrigues Lapa . . . . . 317
**A farsa do Alfaiate** de Anrrique da Mota, prefaciada e anotada por J. Leite de Vasconcellos:

I — por Avelino de Almeida . . . . . 318
II — por Matos Sequeira . . . . . 322

**A barba em Portugal** de J. Leite de Vasconcellos:

I — por Luís Chaves . . . . . 327
II — de «The Times Literary Supplement» . 331

NECROLOGIA:

**Teófilo Braga,** I — por Manuel Rodrigues Lapa . . 334
**D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos** — por Mendes dos Remédios . . . . . 337

## ERRATAS

Na notícia do *Poeta Melodino* façam-se as seguintes emendas:

P. 317: *lingüístico; antejo* (em vez de *antojo)*;
P. 318: *Zeitschrift; conto* (em vez de *couto)*.